

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ALCIONE LUCENA DE ALBERTIM

A EXCELÊNCIA GUERREIRA DO HERÓI CLÁSSICO

JOÃO PESSOA, PB

MARÇO, 2012

ALCIONE LUCENA DE ALBERTIM

A EXCELÊNCIA GUERREIRA DO HERÓI CLÁSSICO

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do Grau de Doutor.

Área de Concentração: Linguagens e Cultura

Linha de Pesquisa: Estudos Clássicos

Orientador: Prof. Dr. Juvino Alves Maia Júnior

JOÃO PESSOA, PB

MARÇO 2012

A329e **Albertim, Alcione Lucena de.**

A excelência guerreira do herói clássico / Alcione Lucena de Albertim.-- João Pessoa, 2013.

174f.

Orientador: Juvino Alves Maia Júnior

Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA

1. Eneias - crítica e interpretação. 2. Virgílio - crítica e interpretação. 3. Literatura e cultura. 4. Herói clássico.
5. *Excelência guerreira.*

ALCIONE LUCENA DE ALBERTIM

A EXCELÊNCIA GUERREIRA DO HERÓI CLÁSSICO

Orientador:

Prof. Dr. Juvino Alves Maia Júnior (UFPB)

Examinadores:

Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira (UFPB)

Prof^a. Dr^a. France Yvone Murachco (USP)

Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco (USP)

Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho (USP)

Prof. Dr. Alexandre Maia (UFPE)

Prof. Dr. Arturo Gouveia (UFPB)

Agradecimentos

Agradecemos a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho: professores, colegas, alunos, amigos e familiares!

Resumo

A proposta do presente trabalho é analisar a excelência guerreira do herói clássico, que concerne a *areté*, no mundo grego, e a *virtus*, no mundo latino. O *corpus* a ser pesquisado é a **Eneida**, de Virgílio, no entanto, faremos um estudo prévio acerca do herói clássico, delineando o seu perfil e analisando as características que o compõem. Para isso, estabeleceremos um estudo comparativo acerca do processo de formação daquele que consideramos o primeiro herói, Zeus, e de outros grandes heróis, a saber, Heracles, Aquiles e Eneas, de modo a identificar as semelhanças e as diferenças nas etapas constitutivas desse processo de formação. Tomaremos como subsídio para esse estudo, além da **Eneida**, a **Ilíada**, **O escudo de Heracles**, a **Teogonia**, e **Trabalhos e Dias**. Veremos que a *areté* e a *virtus* exprimem valor semelhante, a excelência guerreira do herói, porém, configuram-se de maneira diferente. Mostraremos, a partir da análise etimológica dos vocábulos, que os dois valores percorrem caminhos distintos até chegar ao sentido guerreiro que lhes é atribuído. Após essa discussão, seguiremos ao estudo mais detido do *corpus* proposto, analisando a *virtus* de Eneas a partir da estrutura binária do poema por nós proposta, que tem no Livro VI a sua linha divisória, onde ocorre a *katábasis* do herói, que consideramos ser a sua 'bela morte' simbólica.

Palavras-chave: herói clássico, excelência guerreira, bela morte, Eneas, Virgílio

Resumé

La proposition de ce travail est d'analyser l'excellence guerrière du héros classique, qui concerne à « areté » dans le monde grec, et à « virtus » dans le monde latin. Le corpus à rechercher est l'**Éneide**, de Virgile, cependant, nous ferons une étude préliminaire sur le héros classique, en traçant son profil et en analysant les caractéristiques qui le composent. À cette fin, nous établirons une étude comparative à propos du processus de formation de celui que nous considérons le premier héros, Zeus, ainsi comme d'autres grands héros, à savoir, Héraclès, Achille et Énée, afin d'identifier les similitudes et les différences dans les étapes constitutives de ce processus de formation. Outre l'Éneide, nous prendrons aussi comme base pour cette étude l'**Iliade**, **Le bouclier d'Héraclès**, **Théogonie** et **Les Travaux et les Jours**. Nous verrons que « areté » et « virtus » expriment une valeur semblable, l'excellence guerrière du héros, pourtant elles se configurent de façon différente. Nous montrerons, à partir de l'analyse étymologique des mots, que les deux valeurs parcourent des chemins distincts pour arriver au sens guerrier qui leur est attribuée. Après cette discussion, nous procéderons à l'étude la plus précise du corpus proposé, en analysant la « virtus » d'Énée à partir de la structure binaire du poème proposé pour nous, qui a dans le VI^e livre sa ligne de démarcation, où se produit la « katábasis » du héros, qui nous considérons sa « belle mort » symbolique.

Mots-clés : héros classique, excellence guerrière, belle mort, Énée, Virgile.

Abstract

The present research intends to analyse the warrior excellence, which concerns to *arete*, in Greek world, and to *virtus*, in Latin world. The *corpus* to be researched is **Aeneid**, by Virgil, but firstly, we will accomplish a previous study about classical hero, tracking his character and analysing the characteristics that constitute it. With this purpose, we set up a comparative study about the process of formation of that one which we consider as being the first hero, Zeus, and of others great heroes, nay, Heracles, Achilles and Aeneas, so as to identify similarities and differences in their warrior formation process. We will make use of **Iliad**, **Odyssey**, **Shield of Heracles**, **Theogony**, **Workd and Days**, and also **Aeneid**, as subsidy to this study. We will observe that *arete* and *virtus* express a similar value, warrior excellence of the hero, but, they are configurated in a diferent way. It will be proved that, starting from the etymological analysis of the vocables, *arete* and *virtus*, they perceive distinct paths so as to reach the warrior sense which is attributed to them. After this discussion, we will follow to the specific analysis of the *corpus*, researching Aeneas' *virtus* form the binary structure of the poem which we propose, that has in the Sixth Book its demarkation line, where the hero's *katabasis* occurs, which we consider the Aeneas' symbolic 'beautiful death'.

Key-words: classical hero, warrior excellence, beautiful death, Aeneas, Virgil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 11

CAPÍTULO I: O HERÓI CLÁSSICO

1. Perfil do herói, 20
2. A 'bela morte', 27
3. A raça dos heróis, 31
4. A *areté* grega e a *virtus* romana, 37
 4. 1. A *areté* guerreira, 38
 4. 2. A etimologia do vocábulo *areté*, 40
 4. 3. A *areté* do herói individual, 44
 4. 4. A *areté* do herói coletivo, 46
 4. 5. A *virtus* guerreira, 52
 4. 6. *Virtus* e a busca da 'bela morte', 57
 4. 7. A etimologia do vocábulo *virtus*, 60

CAPÍTULO II - AS ARMAS DO HERÓI

1. O valor das armas, 65
2. A importância do escudo, 72
- 3 Zeus, o herói divino, 78
 3. 1. Os atributos de Zeus, 85
 3. 2. A égide de Zeus, 89
4. Heraclés, o herói divinizado, 98
 - 4.1. O escudo de Heraclés, 101
5. Aquiles, o herói individual, 105
 - 5.1. O escudo de Aquiles, 107

CAPÍTULO III - ENEIAS E A **ENEIDA**

1. Eneias, herói homérico, *110*
2. Estrutura da **Eneida**, *113*
3. A ‘bela morte’ simbólica de Eneias, *120*
4. Estrutura binária da **Eneida**, *134*
5. O destino de Eneias, *138*
6. A *virtus* de Eneias, *156*

CONSIDERAÇÕES FINAIS, *166*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, *169*

INTRODUÇÃO

A **Eneida**, como fonte inexaurível de pesquisa, suscita muitas possibilidades de estudo, mesmo quando a categoria escolhida para a análise parece já haver sido suficientemente explorada. É o caso do estudo sobre o herói, tão reiteradamente visitado. Entretanto, a proficuidade do poema permite-nos a audácia da realização de novas pesquisas acerca do herói, que resultará em um trabalho inédito, que certamente trará uma positiva contribuição aos estudos clássicos. Com efeito, o presente estudo pretende analisar a excelência guerreira do herói clássico, focando, sobretudo, a figura de Eneias, protagonista da **Eneida**, de Virgílio, *corpus* principal do nosso trabalho. Para isso, recorreremos também às epopeias **Ilíada** e **Odisseia**, de Homero, a **Teogonia** e a **Trabalhos e Dias**, de Hesíodo, e ao poema **O Escudo**, também atribuído a Hesíodo, como textos subsidiários, a fim de realizar uma análise mais rica sobre o herói e a sua formação guerreira. Nesse sentido, necessário se faz a apresentação dessas obras, mesmo que sucinta, de modo a apontar o ponto de convergência entre elas, a partir do qual faremos a nossa análise acerca da excelência guerreira. Este ponto de convergência diz respeito à figura do herói, em torno do qual gira a narrativa desses poemas.

A **Eneida** trata das errâncias de Eneias, herói membro da família real troiana, filho do mortal Anquises e da deusa Vênus, por terra e por mar, durante dez anos, após a destruição de Troia pelos aqueus, e da sua chegada à Itália, com a missão de fundar um novo reino, as bases da futura Roma. A Eneias está determinada a tarefa de conduzir os sobreviventes e para eles fundar uma nova cidade, pois assim determinaram os deuses. Mas essa escolha provem do fato de ele reunir em si os três valores basilares do caráter troiano, os quais formarão também a base da ideologia romana, a saber, a *pietas* (devoção e respeito aos deuses e aos familiares), a *fides* (confiança) e a *virtus* (a virtude guerreira). Imbuído desses três valores, Eneias se transformará no mito fundador, pois no decorrer do périplo empreendido por ele e pelos companheiros, de Troia ao Lácio, erigirá cidades, sempre com o intuito de edificar a nova Troia. O seu destino será reiteradamente reafirmado ao longo da sua trajetória. Auxiliado por Vênus, sua mãe, e por Apolo, deus das profecias, enfrentará perigos e adversidades que contribuirão para a lapidação da sua personalidade, a fim de tornar-se o pai da pátria, o pai da futura e soberana Roma. O poema canta o varão, insigne pela piedade, que saído dos litorais

troianos, impelido pelo destino, vai para a Itália e funda uma cidade, Lavínio, sob os augúrios dos deuses pátrios, os Lares. Depois Ascânio, filho de Eneias, fundará Alba Longa, de cujos reis nascerá o fundador da ativa Roma, Rômulo, semelhante ao seu ancestral Eneias quanto aos valores constitutivos do caráter. No decurso da narrativa os valores heroico-guerreiros são postos em evidência, sobretudo no que concerne a Eneias, objeto da análise proposta neste trabalho.

A **Ilíada** canta a fúria funesta de Aquiles, provocada por causa da perda do seu amigo dileto Pátrocles, através das mãos de Heitor. Tendo sido ultrajado em sua honra guerreira por Agamêmnon, o comandante da coalizão grega junto a Troia, que toma o seu *gêras*, o butim de guerra que lhe era devido como mostra da sua excelência, Aquiles se retira da guerra, o que leva os troianos a ganhar força e sobrepor-se aos aqueus, a ponto de conseguirem invadir o acampamento e atingir os navios com um incêndio. Durante a sua ausência do campo de batalha, muitos morrem, tanto do lado troiano quanto da parte dos helenos. Pátrocles, então, pede ao filho de Peleu que lhe empreste sua armadura, a fim de poder afastar o inimigo dos navios, tendo em vista que pensariam ser ele o próprio Pelida. O seu pedido é atendido, mas Pátrocles não obedece à advertência de Aquiles quanto a não ousar se afastar do acampamento e querer sozinho conquistar as muralhas da grande Troia. Ele será morto por Heitor. Quando Aquiles é informado da sua morte, é tomado de fúria, e retorna para a guerra com imensa sede de sangue. Ele promove a ida para o Hades a muitos troianos antes de realizar o seu maior intento, que é matar Heitor. E o poema termina exatamente nos funerais do herói. A base de sustentação da narrativa da **Ilíada** é a guerra. Praticamente apenas vemos episódios de batalhas sangrentas, em que os heróis dos lados adversários se enfrentam, e em que a ética e os valores constitutivos do caráter guerreiro são postos em evidência, dando-nos abundantes subsídios para a discussão alentada.

A **Odisseia** relata a história do retorno de Odisseu para Ítaca, sua terra pátria, onde era rei, e onde deixara a esposa e o filho recém-nascido para ir lutar na guerra de Troia, pois estava vinculado a um juramento que lhe obrigara a seguir os demais heróis na empresa. Odisseu é o único herói dentre os que estiveram lutando em Troia que passa vinte anos para conseguir voltar para casa, pois permaneceu dez anos no cerco até que a cidade fosse destruída, e depois mais dez anos errando por terras e por mar, perseguido pelo deus dos mares, Poseidon, por causa do seu filho, o ciclope Polifemo, que fora cegado por Odisseu. Ao chegar em casa, com

a ajuda da deusa Atena, é obrigado a se metamorfosear em mendigo, a fim de conseguir entrar em seu palácio sem ser assassinado por invasores que pretendem a mão de sua esposa Penélope, enquanto dilapidam os seus bens em banquetes extravagantes. Vemos, na **Odisseia**, o herói em busca da humanização, pois diferentemente do Odisseu que atua na **Ilíada**, que lutava a fim de obter a imortalidade da sua glória, este aspira a voltar para casa, para junto do filho e da esposa, com quem deseja passar o restante dos seus dias. A narração do périplo de Odisseu, assim como da sua luta para reaver o seu lar, precisando para isso metamorfosear-se em um velho mendigo, o que representa, no campo simbólico, a sua própria transformação para um herói em busca da humanização, traz à tona a discussão acerca da transição do herói de um para outro patamar. É possível observar processo semelhante com o personagem Eneias, na **Eneida**, que no início de sua jornada apresenta o perfil do herói individual homérico em busca da glória pessoal, e paulatinamente, no decorrer da sua viagem de Troia à Itália, assume as características do herói coletivo, eminentemente romano.

A **Teogonia** é um canto às façanhas guerreiras de Zeus, pai dos deuses e dos homens. Na luta para o estabelecimento do Cosmos, o mundo transforma-se em um campo de batalha, em que lutam, em lados adversários, os Titãs, liderados por Cronos, e os deuses Olímpios, comandados por Zeus, filho de Cronos. Está em jogo a disputa pelo poder, e o Cronida, com a ajuda dos seus tios, os Hecatonquiros, Briareu, Coto e Gige, unindo inteligência à força bruta, consegue vencer e realiza, após a vitória, a justa divisão das honras entre os irmãos. Assim se estabelece a ordem do universo, tendo Zeus, por aquiescência das demais divindades, como força mantenedora dessa ordem. No transcorrer da narração desses acontecimentos, a formação guerreira de Zeus está patente, e será a partir da análise desse processo de formação que buscaremos os elementos delineadores do perfil do herói. Assim, temos, na **Teogonia**, matéria abundante para o estudo do herói, servindo-nos de subsídio para o análise proposta.

Trabalhos e Dias traz, como ponto pertinente ao nosso trabalho, a narrativa das cinco raças dos homens mortais. Dentre elas, a raça dos heróis descreve-nos as características dos homens pertencentes a ela, filhos de uma divindade com um mortal, destacam-se por serem mais justos e mais nobres. Viveram no tempo da guerra em Tebas de sete portas, pelos rebanhos de Édipo, e do cerco a Troia, na disputa pela espartana Helena, esposa do Atrida Menelau. Ao morrer, o pai Cronida lhes deu sustento e casa, e os alocou nos limites da terra, na ilha dos bem-aventurados, onde três vezes ao ano a terra lhes oferecia frutos.

O Escudo trata, sobretudo, do embate entre Heraclés e Cicno, mas tem como cerne da narrativa, a descrição do escudo fabricado por Hefestos para o herói. O embate serve apenas como pretexto para o foco principal, o escudo. Nele, estão gravadas imagens concernentes ao próprio Heraclés, visto que Zeus ordena a Hefestos fabricar o escudo a fim de que sirva para dar ainda mais glória ao seu filho. Cicno é filho de Ares. Homem violento e sanguinário, surpreendia os viajantes que peregrinavam em direção a Delfos, matava-os e com os despojos oferecia sacrifícios a seu pai. Isso atraiu sobre ele a ira de Apolo, que incitou Heraclés a matá-lo. Cicno e o herói bateram-se em combate singular. Após o filho ter morrido, Ares avança para vingar a sua morte, mas Atena desvia a lança do deus e Heraclés fere-o na coxa, obrigando-o a fugir para o Olimpo. Para esse embate, Heraclés veste sua armadura e arma-se com a espada, com a clava, com a lança, com a aljava portando as flechas, e, finalmente, com o escudo. Desse modo, o poema nos fornece inúmeros elementos passíveis de análise para o estudo do herói.

Quanto à excelência guerreira, ela é expressa pela *areté*, no mundo grego, e pela *virtus*, no mundo latino. Ambos os valores refletem o contexto bélico no qual o herói está inserido, e têm importância fundamental para a realização dos feitos que irão lhe outorgar a glória imperecível, consolidada através da ‘bela morte’ (a ‘bela morte’ configura-se quando o guerreiro, jovem, perece no campo de batalha, enquanto luta com um adversário tão ou mais valoroso do que ele próprio. Após a morte, é imprescindível que o herói receba os ritos fúnebres, o que lhe garantirá a imortalidade. Na ‘bela morte’, o herói encontra a consagração da sua glória, que através daquela se torna imperecível. Essa glória consiste em ter o herói os seus feitos cantados pelos aedos, trazidos à lembrança da coletividade a fim de servir de modelo a ser seguido pelas novas gerações.). Esses feitos serão lembrados e reverenciados através do canto do aedo e servirão de exemplo a ser seguido pelas gerações vindouras, assim garantindo a imortalidade do herói. Entretanto, é preciso destacar que *areté* e *virtus*, sendo valores similares, pois são expressão da excelência guerreira, configuram-se de modo diferente, possuindo características peculiares que concernem, sobretudo, à origem etimológica e ao modo como se realizam através da atuação do guerreiro no campo de batalha. Quanto à etimologia, no vocábulo *areté*, encontramos a raiz ἄρ-, que, segundo o **Greek-English Lexical**¹, traz o sentido de ajustar, adequar conjuntamente, e que está no verbo ἀρραρίσκω, ajustar, adaptar, encaixar, construir, prover de, e encontra-se também nos

¹ LIDDELL, Henry George and SCOTT, Robert. **A greek-english lexicon**. Oxford: Claredon Press, 1996.

vocábulos ἄριστος, e ἄρῆϊων, superlativo e comparativo de superioridade respectivamente, do adjetivo ἄγαθός². Partindo, então, do sentido etimológico, ἄριστος [ἄρ + ἱστος (sufixo de superlativo)] significa aquele que mais se ajusta, aquele que mais se adéqua. Em relação ao herói, ele deve adequar-se à ordem estabelecida, onde a natureza divina e a natureza humana são de ordem ontológicas. Apesar de semideuses, conforme a tradição hesiódica, haja vista que para Homero o herói não necessariamente é filho direto de um deus, mas apenas seu descendente, são humanos, e assim devem se comportar, como humanos, respeitando a hierarquia dos deuses. Nesse sentido, sendo reverentes aos deuses, terão seus feitos reconhecidos e lembrados, permanecendo vivos na memória das novas gerações. *Virtus* é aquela disposição do espírito que sobrepuja as outras. Ela demanda coragem e resistência para assim ser nomeada, tendo em vista que se trata do valor mais elevado do homem, cujos deveres máximos são o desprezo pela morte e pela dor. Etimologicamente, a palavra *virtus* tem com *uir*, conforme Ernout³, a mesma relação de derivação que *iuventus* e *senectus* têm com *iuvens* e *senex*, respectivamente. Do mesmo modo que *iuventus* denota a atividade e a qualidade de jovem, e *senectus*, a atividade e a qualidade de velho, do mesmo modo, *virtus* diz respeito à atividade e às qualidades típicas do varão, do homem. *Vir*, varão, tem a mesma raiz de *vis*, força. Dessa relação, é possível perceber que ser homem é possuir a força, cuja raiz é a mesma da palavra grega ἰς, força, resistência. Logo, *virtus* é a qualidade daquele que possui, em máximo grau, a capacidade de resistir. Dessa resistência vem, por extensão, o sentido de coragem, que impele o herói ao combate.

Diante do que foi exposto, foquemos no cerne do presente trabalho, que consiste em analisar a excelência do herói clássico a partir da sua formação guerreira – que demanda a passagem por um rito iniciático, cujas características são o afastamento do lar a fim de enfrentar vicissitudes como requisito para o amadurecimento da personalidade, assim obtendo a têmpera necessária para o cumprimento posterior de uma missão para a qual foi destinado – e da sua atuação no campo de batalha. As características que delineiam o perfil do herói

² CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**: histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1999, p. 6. "Exprime les qualités viriles de force, d'efficacité (epithète d'Agamemnon, d'Achille, etc.) du héros, ce qui entraîne, mais par voie de conséquence, le sens de « courageux » et de « noble »." [Exprime as qualidades viris de força, de eficácia (epíteto de Agamêmnon, de Aquiles, etc.) do herói, o que carrega, porém, por consequência, o sentido de 'corajoso' de 'nobre'.]

³ ERNOUT, Alfred & MEILLET, Alfred. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**: histoire des mots. Paris: Klincksieck, 2001.

clássico são essencialmente sua filiação, a missão para a qual ele está destinado, a sua estatura e o seu desempenho físico denotando força descomunal, e a sua intrepidez. Seguindo essa linha de raciocínio, pretendemos analisar vários episódios dentro, sobretudo, da **Ilíada** e da **Eneida**, em que esses elementos constitutivos do universo heroico estão presentes.

Eneas, por exemplo, encaixa-se no elenco dos heróis homéricos do ponto de vista de sua formação como herói guerreiro. Ele, assim como outros grandes heróis, tem filiação divina, pois é filho da deusa Vênus e neto de Júpiter, e irá sofrer o rito iniciático, sendo, ainda criança, afastado da família. Adulto, Eneas será exaltado pelas façanhas guerreiras realizadas durante o cerco dos gregos a Troia, lutando com denodo frente ao inimigo. Porque ele é justo e reverente aos deuses, ser-lhe-á conferida, pelos deuses, uma missão, dar continuidade à raça troiana. Se por um lado Eneas foi escolhido para esta missão por causa da sua *pietas*, por outro, é a sua *virtus* que o impulsionará a enfrentar as provas e as vicissitudes a fim de fundar um novo reino para o seu povo. Nesse sentido, vemos um personagem cujas características se enquadram no quadro acima descrito, quanto ao perfil do herói. E com o intuito de ratificar essa ideia, propomos analisar a formação guerreira de outros grandes heróis, a saber, Zeus, o primeiro herói, divino, Heraclés, herói semidivino, e Aquiles, o herói individual, de modo a identificar as mesmas características em relação a esses personagens.

O presente trabalho será composto por três capítulos: I) O herói clássico, II) As armas do herói, III) Eneas e a **Eneida**. O capítulo primeiro trará um estudo sobre o herói, concernente às características constitutivas do seu perfil. Discutirá também acerca dos valores pertinentes ao universo guerreiro, colocando em foco a conceituação de *areté* e de *virtus*, buscando analisar esses valores no âmbito do herói individual, que busca o campo de batalha para a obtenção da glória pessoal, e no do herói coletivo, cujas ações são realizadas em prol, primeiramente, do grupo, sendo a glória pessoal uma consequência disso. O capítulo segundo tratará da implicância e importância essencial das armas na atuação guerreira do herói, sobretudo o escudo, símbolo que representa o universo específico do herói que o porta, portanto, não transferível a nenhum outro guerreiro. Diz respeito ao herói para quem foi fabricado. Tomando este símbolo como ponto de convergência entre Zeus, Heraclés e Aquiles, faremos um estudo comparativo quanto à formação guerreira desses personagens, mostrando os pontos semelhantes desse processo de formação, a fim de provar que Zeus é o primeiro herói. No capítulo terceiro, o foco de análise será a **Eneida**, *corpus* principal da tese, mais especificamente, Eneas, protagonista da epopeia. Nele, faremos um estudo acerca do

processo formador de Eneias como herói, considerando a discussão já estabelecida no capítulo segundo do trabalho quanto à formação guerreira de Zeus, Heraclés e Aquiles, de modo a comprovar a excelência guerreira de Eneias. Para isso, traçaremos a trajetória do filho de Vênus, considerando-o, em princípio, um herói homérico, cujas características principais são a busca da honra pessoal para a obtenção da glória imperecível. Após a sua catábases, a descida aos Infernos, que consideramos a ‘bela morte’ simbólica do herói, a qual buscaremos comprovar através de uma análise comparativa entre a incursão do Anquisiada pelo mundo subterrâneo e as etapas que compõem a ‘bela morte’, Eneias torna-se um herói romano, edificador e pai da futura Roma nascente. Eneias é descendente de deuses, é filho de Vênus e neto de Júpiter. Tem como missão fundar as bases de um grande império, para isso, precisará adquirir a têmpera através das vicissitudes enfrentadas durante sua errância antes de chegar ao Lácio, provando a sua *virtus*. Ele é comparado a um leão que na força confia, ao tentar proteger o corpo de Pândaro, morto por Diomedes, comprovando a sua força física e destreza. E sua coragem o leva a enfrentar Aquiles. Assim, vemos que Eneias se enquadra no perfil do herói clássico, pois reúne todas as características a ele pertinentes. É o que tentaremos provar através da análise da atuação desse herói no decurso do poema cujo título provem do seu nome.

Quanto à metodologia utilizada para a realização do trabalho, buscaremos, primeiramente, efetuar a leitura direcionada dos poemas épicos, que têm como figura central o herói, em torno de quem gira a história tratada em cada poema, na tentativa de apreender o seu universo e os valores que compõem a sua personalidade. Na **Ilíada**, por exemplo, Aquiles, o baluarte dos aqueus, tem sua honra guerreira ultrajada por Agamêmnon - o senhor de reis, pois foi quem conduziu a empreitada do cerco a Troia - ao lhe ter sido retirado o seu *gêras*, que em geral, inadequadamente, traduzimos por 'butim de guerra', justamente por não haver uma palavra que expresse com exatidão o sentido maior que o termo possui. O *gêras* significa um prêmio a mais, dado a um herói pelos companheiros na divisão de algum espólio, como reconhecimento público da sua excelência, razão maior da busca do combate pelo guerreiro. E sabendo que o filho de Peleu foi para Troia unicamente para obter a glória imperecível, compreendemos melhor a gravidade do ato de Agamêmnon e a atitude aparentemente intempestiva de Aquiles ao se retirar da frente de batalha. Apenas o conhecimento do texto literário possibilita a apreensão desse contexto, de outro modo, seria inviável qualquer tentativa de argumentação. Na **Odisseia**, Odisseu, o herói de muitas astúcias, há vinte anos

ausente de Ítaca, seu lar, pois passara dez anos em Troia e mais dez anos para conseguir chegar em casa, mata os serviçais que lhe foram infieis ao se aliar aos pretendentes a mão de Penélope, sua esposa, invasores e dilapidadores da sua fortuna. Se desconhecemos que se trata de uma sociedade patriarcal, em que o pai da família é também o juiz, e que por isso mesmo tem todo o direito de aplicar a justiça que ele pensar ser a mais conveniente, corremos o risco de fazer uma interpretação errada do texto, construindo um pensamento que não condiz com o que de fato o poema expressa. Na **Eneida**, Eneias sempre aquiesce às ordens dos deuses, colocando-as em primeiro plano no campo de suas ações. Se não estivermos familiarizados com o significado da *pietas* e com o valor que ela expressa, e também que se trata da característica mais marcante do filho de Anquises, o que o leva a ser reverente à vontade divina, julgaremos inadvertidamente que ele é uma personalidade sem deliberação e sem iniciativa própria. Diante disso, faz-se imprescindível a leitura detida e detalhada desses textos básicos e ao mesmo tempo primordiais para o trabalho em questão.

Após a leitura dos textos literários, partiremos para a pesquisa de ensaios diversos sobre a **Eneida**, a fim de ter uma noção de outras visões acerca do poema e da categoria escolhida para análise, e assim averiguar a pertinência e o ineditismo do pensamento que venhamos a desenvolver em nossa tese. Esses ensaios estarão referidos na bibliografia.

Depois dessa compilação dos textos, seja os literários, seja os críticos, trataremos de tecer as informações a fim de transformá-las em conhecimento, e a partir desse ponto, construir o nosso próprio pensamento, procurando empregar um aspecto inovador à presente discussão. Esse aspecto diz respeito, sobretudo, à especificidade do modo que a abordagem será feita, pois buscará respaldo nos textos literários gregos e latinos para a comprovação argumentativa das ideias desenvolvidas. Trataremos de analisar os excertos de modo a ratificar a ideia proposta em cada momento da discussão. Por outro lado, haverá também inovação concernente à interpretação dada ao texto literário, trazendo novos pontos de vista acerca do assunto em pauta.

A obra base sobre a qual teceremos o estudo proposto, o *corpus*, será a **Eneida**. Tomaremos como foco principal Eneias, protagonista do poema, analisando o seu perfil de herói a partir das características que lhe são peculiares, a saber, a *pietas* (reverência e respeito aos deuses), a *fides* (fidelidade à palavra dada) e a *virtus* (excelência guerreira), entretanto, outros textos serão utilizados a fim de enriquecer a argumentação da nossa tese, que consiste em provar a excelência guerreira de Eneias nos diferentes momentos do herói dentro da

narrativa. Estes estão acomodados em uma estrutura binária do poema por nós proposta, cuja linha divisória será a 'bela morte' simbólica do herói, ocorrida em sua *katábasis* aos Infernos. A partir dela mostraremos que a *virtus* de Eneias, no primeiro momento da narrativa, é individual, pois visa, sobretudo, a glória pessoal. No segundo momento, ela é coletiva, pois ocorre em prol do bem do grupo. A edição crítica da **Eneida** que adotaremos será da Les Belles Lettres, devidamente referenciada ao final do trabalho.

Mencionamos acima a utilização de outros textos literários a fim de enriquecer nosso trabalho de análise, a eles recorrendo como subsídio para a nossa argumentação. As edições críticas utilizadas estarão listadas nas referências bibliográficas. São eles **Teogonia**, tradução de Jaa Torrano, da Iluminuras, **Ilíada e Odisseia**, da Harvard University Press, **Trabalhos e Dias, Hinos Homéricos**, especificamente, o Hino a Afrodite e o Hino a Zeus, e **O Escudo de Heraclés**, também estes três últimos da Harvard University Press.

A base teórica em que nos apoiaremos será, essencialmente, Émile Benveniste, **Le vocabulaire des institutions indo-européennes**, Pierre Chantraine, **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**, Alfred Ernout, **Dictionnaire étymologique de la langue latine**, cuja contribuição será de fundamental importância para o estudo da etimologia de alguns vocábulos implicados na análise do texto, Jean-Pierre Vernant e Jean Pierre-Naquet, teóricos especialistas do mundo grego, cujos estudos serão indispensáveis para o melhor entendimento do contexto helênico, e Pierre Grimal, estudioso conceituado no que concerne ao mundo romano, que possibilitará uma visão mais precisa da respectiva cultura. A partir deles, entenderemos melhor o universo dos heróis, os valores e o contexto a que pertencem. Faremos, também, a análise sobre o significado dos vocábulos *areté* e *virtus*, que apesar de convergir para uma acepção guerreira, divergem quanto ao seu sentido etimológico. Esse estudo será necessário tendo em vista que buscaremos averiguar a correspondência entre a palavra que expressa excelência, valor guerreiro no mundo grego, *areté*, e no mundo latino, *virtus*, tendo em vista ser fato a antiguidade do mundo helênico em relação ao romano. É preciso levar em consideração que estes são valores inerentes ao herói, à sua formação guerreira e ao universo em que está inserido.

Quanto às traduções dos textos gregos e latinos, elas terão um caráter operacional, todas sendo realizadas por nós no decurso do trabalho.

CAPÍTULO I

O herói clássico

1. Perfil do herói

A figura do herói clássico está presente em dois momentos precisos dentro do contexto histórico-literário grego. Dentro da periodização histórica, ele pertence tanto ao período arcaico, século VIII- VI a. C., quanto ao período clássico, século V-IV a. C. No que concerne ao gênero literário, ele é figura central na Epopeia, produto do período arcaico, como também é protagonista na Tragédia, fruto do período clássico, auge da democracia grega. Entretanto, a atuação do herói configura-se de modo diferente em relação a cada um dos gêneros mencionados. Esta discussão, no entanto, será tecida em momento mais propício, no decurso do presente trabalho.

Quanto à tradição latina, vemos, na literatura, a construção de um herói nacional, precisamente no período clássico da respectiva tradição, século I a. C. - I d. C., Eneias, a qual, desde os primórdios, aponta-o como mito fundador das bases da civilização romana, mas cuja caracterização respalda-se no modelo grego de herói.

As características que delineiam o perfil do herói clássico são essencialmente sua filiação, a missão para a qual ele está destinado, a sua estatura e o seu desempenho físico denotando força descomunal, e a sua intrepidez.

Há duas tradições quanto à filiação dos heróis. A hesiódica define-o como filho de um mortal com um deus. Eles são semideuses. A homérica caracteriza-o como descendente de uma divindade, não necessariamente uma descendência direta, como é o caso de Aquiles, filho da deusa marinha Tétis e do mortal Peleu. Ájax Maior, por exemplo, é filho de dois mortais, Telamon e Peribeia, no entanto, em sua linhagem ascendente, encontra o deus Poseidon como seu ancestral.

Os heróis estão imbuídos da *thémis* – justiça divina. Eles têm uma função a desempenhar, uma tarefa ou missão a cumprir, de modo a fazer valer a *δίκη* – justiça que rege a convivência entre os homens – aplicando-a. Na **Ilíada**, podemos observar exemplos dessa afirmação. No

Canto I, durante a assembleia dos aqueus para discutir acerca da peste enviada por Apolo, Nestor, o harmonioso orador de Pilos – ' Νέστωρ... λιγὺς Πυλίων ἀγορητής'⁴ (*Ilíada*, I, 247-248), tenta apaziguar os ânimos entre Aquiles e Agamêmnon, que entram em desacordo por causa do *gêras*, butim de guerra, prêmio a mais a que um grande herói tem direito por se destacar entre os seus pares. O ancião tenta fazer ver a ambos a posição que ocupam. O Atrida, rei e ao mesmo tempo senhor de reis, detém o cetro concedido por Zeus – o qual representa a *thémis*, e o qual, por sua vez, faz valer a *díke* – ele, o *ánax*, reina sobre muitos, possuindo a força da soberania. O Pelida, no entanto, possui a força guerreira; ele é a grande defesa para os Acaios contra os males da guerra – ' ὅς μέγα πᾶσιν ἔρκος Ἀχαιοῖσιν πέλεται πολέμοιο κακοῖο ' (*Ilíada*, I, 284). É preciso, pois, que haja concórdia entre aquele que detém a força do cetro e aquele que detém a força da espada, aplicando-se assim a *díke*. No Canto IX, na embaixada a Aquiles, Fénix, enviado por Peleu à guerra a fim de proteger e aconselhar o seu filho, visto ser ele ainda muito jovem, tenta persuadir o Pelida a voltar para o combate. Ele remete à sua atitude irredutível de não ceder ao pedido de reconciliação de Agamêmnon, incorrendo na cegueira do espírito, influenciado por *Áte*, a personificação do erro. Pois até os deuses aquiescem àqueles que, tendo cometido alguma desmedida, suplicam-lhes, através de libações, preces e sacrifícios, alguma benevolência. As Preces, *Lítai*, filhas de Zeus, perseguem *Áte*, onde quer que ela vá, tentando curar o mal por ela provocado. Mas se os homens não as escutam, elas vão ao pai e pedem-lhe que os puna, fazendo com que essa divindade os persiga. Fênix pede a Aquiles que dê o devido acatamento às deusas, e que, pela reverência a *thémis*, a *díke* seja aplicada, na anuência por parte de Aquiles ao ato de súplica dos aqueus a ele direcionado, a fim de que voltasse para o combate em socorro dos companheiros.

Thémis é o termo utilizado para designar a divindade que personaliza a Justiça Divina. Filha das forças primordiais Urano e Geia, ela é uma das Titânides e segunda esposa de Zeus. Sendo da primeira geração divina, ela está diretamente vinculada à força bruta da natureza, designando assim o estágio em que o ser humano se encontra. Ele é regido por esta natureza com a qual busca identificar-se e com a qual convive. Da sua união com o Cronida, nascem as

⁴ Todos os textos gregos e latinos são retirados da Bibliotheca Augustana (www.hs-augsburg.de/~harsch/augustana.html). Edições críticas utilizadas: HOMER. *Iliad*. Translated by A. T. Murray. London: Harvard University Press, 1999; Hesiod, *Homeric Hymns, Epic Cycle, Homeric*. Translated by Hugh G. Evelyn-White. Harvard University Press: London, 2002; VIRGILE. *Énéide*. Tome I, II, III. Texte établi et traduit par Jacques Perret. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

Horas, Εὐνομίη (Boa Lei), Εἰρήνη (Paz) e Δίκη (Justiça), divindades cuja incumbência é velar as portas do Céu - "αὐτόματα δὲ πύλαι μύκον οὐρανοῦ ἃς ἔχον Ὁραι,/ τῆς ἐπιτέτραπται μέγας οὐρανὸς Οὐλυμπὸς τε/ ἡμὲν ἀνακλῖναι πυκινὸν νέφος ἡδ' ἐπιθεῖναι" (**Ilíada**, V, 749-751): "as portas automátatas do céu rangem, as quais as Horas, a quem o vasto céu e o Olimpo são confiados, guardam, tanto para abrir quanto para fechar a densa nuve". Antes do advento da pólis, a lei de *thémis* rege os homens, para os quais o mundo é perceptível apenas pelo crivo religioso. *Díke* representa uma extensão de *Thémis*, a quem está diretamente submetida. Ela adquire autonomia na medida em que as leis deixam de ser consuetudinárias, tornando-se escritas, e o Estado assume a função de aplicá-las. Nesse contexto, a lei de *Thémis*, estritamente religiosa, circunscreve-se apenas ao âmbito familiar, ao *oíkos*.

No Canto XVIII da **Ilíada**, a deusa Tétis, mãe de Aquiles, pede a Hefestos que faça novas armas para o filho, visto que as suas foram espoliadas por Heitor ao matar Pátrocles. Uma das armas é o escudo, no qual o deus gravou, dentre outras imagens, duas cidades. Em uma delas, celebram-se bodas alegres, os noivos saindo do tálamo e seguidos pelos convivas, a fim de comemorar o casamento. No mercado, uma contenda, em que dois homens discutem acerca da quantia a ser paga por causa de um assassinato. Um árbitro é pleiteado para decidir a questão, o povo e os arautos ficam divididos entre um e outro partido. Os mais velhos reúnem-se no centro, segurando o cetro dos arautos, perto do altar sagrado, sentados em pedras polidas, a fim de ouvir as partes. Aquele que melhor pronunciasse a justiça, receberia dois talentos de ouro como recompensa.

Nesse episódio, podemos observar um exemplo dos primórdios da pólis, quando *thémis* e *díke* ainda não estão completamente dissociadas, mas já abrem espaço para um julgamento. Os anciãos são convocados para julgar o litígio entre os dois cidadãos, concernente ao pagamento devido por causa de um assassinato. No contexto social anterior ao tratado, antes da pólis, a lei mandava que, havendo um crime, a família se encarregasse de vingar a morte do parente, matando alguém da outra família, que, por sua vez, vítima agora, tem o direito de vingar a morte do seu parente, não cabendo ao estado interferir. No episódio referido, vemos um momento social posterior, em que se abre espaço para um acordo mediante um julgamento, sendo possível uma quantia ser paga pela parte devedora, ao invés de haver outro crime, sanando, dessa forma, as mortes intermináveis. A cena acima descrita retrata bem esse momento. *Thémis*, representada pelo cetro nas mãos dos anciãos, está presente, para a

aplicação da *díke*, cuja presença se faz no julgamento das partes pelo corpo de juízes: os anciãos, o povo e os arautos.

Benveniste⁵ observa que a raiz do vocábulo *thémis* é a mesma indo-europeia *dhe* -, que significa pousar, colocar, estabelecer. A palavra sanscrita *dhaman* - lei, sede, lugar - tem sua formação simétrica à *dharman* - lei -, cuja raiz indo-iraniana *dhar-*, segurar firmemente, corresponde provavelmente à do latim *firmus*, que tem uma formação em *-m-*, como *dharman*. Mas a formação de *dhaman* provém de *dha-*, indo europeu *dhe-*, raiz que deu *facio* em latim e *thíthemi* em grego. Logo, *thémis* designa aquilo que está estabelecido. Em relação à *thémis*, o linguista ainda pontua:

La *thémis* est l'apanage de *basileús*, qui est d'origine céleste, et le pluriel *thémistes* indique l'ensemble de ces prescriptions, code inspiré par les dieux, lois non écrites, recueil de dits, d'arrêts rendus par les oracles, qui fixent dans la conscience du juge (en l'espèce, le chef de la famille) la conduite à tenir toutes les fois que l'ordre du *génos* est en jeu.⁶ (BENVENISTE, 1969, p.103)

A *thémis* é aquilo que está estabelecido firmemente, desde o princípio, pelos costumes, e sendo ela de origem divina, proferida, sobretudo, pelos oráculos, essa lei designa a vontade de Zeus, que, por sua vez, é o executor do Destino, força maior que está acima até mesmo dos deuses.

Thémis foi a segunda esposa de Zeus, deus ordenador do universo. Essa união simboliza o estabelecimento do valor que a deusa exprime, e a aplicação deste valor a partir da união das duas divindades dá-se pelos desígnios de Zeus⁷. O deus põe-se ao lado da Justiça. Diante disso, ele é o distribuidor da *thémis*, velando para que a *díke* seja exercida, seja aplicada, e atribuindo essa função aos heróis e aos reis. O herói está imbuído da justiça divina, *thémis*, concedida por Zeus, para fazer valer a justiça, a lei entre os homens, *díke*.

Na proposição da **Ilíada**, temos um exemplo da aplicação da *thémis*:

⁵ BENVENISTE, Émile. **Le vocabulaire des institutions indo-européennes** (2. Pouvoir, droit, religion). Paris: Les Éditions de Minuit, 1969.

⁶ A *thémis* é o apanágio dos *basiléus*, que é de origem celeste, e o plural *thémistes*, indica o conjunto dessas prescrições, código inspirado pelos deuses, leis não escritas, coletânea de ditos, nas expressões exprimidas pelos oráculos, que fixam na consciência do árbitro (no caso, o chefe da família) a conduta a seguir todas as vezes que a ordem do *génos* está em jogo.

⁷ **Hinos Homéricos**. Ver Hino a Zeus. A edição utilizada encontra-se citada na nota de rodapé 1.

Μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
 οὐλομένην, ἣ μυρὶ' Ἀχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε,
 πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν
 ἡρώων, αὐτοὺς δὲ ἑλώρια τεῦχε κύνεσσιν
 οἰωνοῖσί τε πᾶσι, **Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή**,
 ἐξ οὗ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε
 Ἀτρεΐδης τε ἄναξ ἀνδρῶν καὶ δῖος Ἀχιλλεύς.
 (*Ilíada*, I, 1-7)

Canta, deusa, a fúria funesta de Aquiles Pelida, que aos Acaios provocou muitas dores e que muitas almas robustas de heróis enviou ao Hades, e fazia eles mesmos pasto para os cães e para todas as aves; **cumpria-se a vontade de Zeus**, desde o início; o Atrida, senhor de heróis, e o divo Aquiles, tendo querelado, enfrentaram-se.

Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή⁸: *e a vontade de Zeus se cumpria*. A voz média do verbo τέλω denota o desígnio de Zeus como algo intrínseco ao deus, visto que se confunde com a sua própria vontade. Ele é o responsável pela execução do Destino, que uma vez traçado, não pode ser nem por ele mesmo modificado. Há neste verso uma referência ao estabelecimento da *thémis*, visto que foi pela vontade do deus que a guerra entre aqueus e troianos aconteceu. O motivo mítico da destruição de Troia seria que Geia, estando com o ventre muito cheio, pedira a Zeus que a aliviasse, diminuindo o número de homens, de seres humanos existentes. O deus, então, juntamente com Thémis, arquitetou a guerra, que deveria ocorrer em Troia, visto que a cidade, desde a sua edificação, estava destinada a ser destruída – Ilo, seu fundador, edificou-a sobre a colina de Áte, a colina do Erro. A divindade foi lançada do Olimpo pelo Cronida, por tê-lo enganado, tendo caído na região da Tróade, local onde, no futuro, seria fundada a cidade. Portanto, foi a Justiça Divina que determinou a destruição de Ílio, tendo se realizado pela vontade de Zeus, o verdadeiro general da guerra entre gregos e troianos, a qual se configura também no plano divino. Os deuses, além de tomar partido seja pelos argivos seja pelos dardânidas, do mesmo modo se enfrentam em combate (ver *Ilíada*, Canto XX). Zeus paira acima, comandando a guerra. Ele decide acerca do destino dos heróis, confere-lhes glória e pesa na balança o cumprimento da moira de alguns deles. Ele veda como também sanciona a participação dos deuses na batalha. De cima do monte Ida, ele observa e dirige a luta.

⁸ A mesma fórmula encontra-se nos Cantos Círios, exatamente quando Thémis e Zeus decidem pela guerra entre Gregos e Troianos.

Outro exemplo de aplicação da *thémis*, levando-se em consideração que seja um privilégio dos reis, dos basileus, encontra-se na **Odisseia**⁹, Cantos XXII-XXIV. Odisseu, tendo retornado para Ítaca após vinte anos de ausência, encontra seu palácio invadido e seus bens sendo dilapidados pelos pretendentes à mão de sua esposa Penélope. Imbuído da *thémis*, haja vista ser ele o patriarca da casa, o basileu, mata todos os invasores e também os escravos que o traíram durante a sua ausência, tendo eles se aliado aos pretendentes. O morticínio não lhe traz punição, pois foi aquiescido pelos deuses. No momento em que os pais dos príncipes mortos vão tomar satisfação do ocorrido, em busca de vingança, Atena, sob a ordem de Zeus, intervém, estabelecendo a concórdia e a paz.

Em relação à *díke*, Benveniste pontua que é preciso fazer um trabalho de análise a fim de distinguir o sentido de 'justiça' que a palavra exprime, tendo em vista que a raiz que a compõe, *deik-*, tem o sentido de 'mostrar'. Trata-se da mesma raiz iraniana *dis-*, que tem numerosos empregos denotando 'ensinar'. Logo, *deik-* pode exprimir o sentido de 'mostrar verbalmente, pela palavra'. O emprego de *deik-* se faz juntamente com *ius - iu-dex -*, que implica mostrar com autoridade. Essa raiz está presente no verbo grego *deíknimi*, 'mostrar' e no latino *dico*, 'dizer'. O fato de nem sempre *deíknimi* exprimir este sentido ocorre pelo enfraquecimento da raiz. Em relação ao verbo *dicere*, toda a história evidencia um mecanismo de autoridade no seu uso, pois apenas o juiz pode *dicere ius*.

Assim, o linguísta informa:

Voici le dernier trait de la signification de **deik-*: c'est montrer ce qui doit être, une prescription qui intervient sous la forme, par exemple, d'un arrêt de justice.

Ces indications permettent de préciser le sens initial de gr. *díke*, en tant que terme d'institution. En comparant les formes skr. *dis* et lat. *dicis causa*, on voit que **dix* énonce cette fonction comme normative; *dicis causa* signifie "selon l'énonciation formelle", ou comme nous disons "pour la forme". On rendra donc **dix* littéralement comme "le fait de montrer avec autorité de parole ce qui doit être", c'est-à-dire la prescription impérative de justice.¹⁰ (BENVENISTE, 1969, p. 109)

⁹ Edição utilizada: HOMER. **Odyssey**. Translated by A. T. Murray. London: Havard University Press, 2002.

¹⁰ Eis o último traço do significado de **deik-*: é mostrar o que deve ser, uma prescrição que intervém sob a forma, por exemplo, de uma sentença de justiça.

Estas indicações permitem precisar o sentido inicial do greg. *díke*, enquanto termo de instituição. Comparando as formas skr. *dis* e lat. *dicis causa*, vê-se que **dix* enuncia esta função como normativa; *dicis causa* significa "segundo o enunciação formal", ou como nós dizemos "pela forma". Traduziremos, pois **dix* literalmente como "o fato de mostrar com autoridade da palavra aquilo que deve ser", isto é, a prescrição imperativa de justiça.

O herói é aquele que mostra com autoridade, a ele investida por Zeus, a manutenção daquilo que está posto, o *métron*, a medida que estabelece o liame entre homens e deuses.

A respeito da singularidade do herói quanto a seu porte físico e a sua força descomunal, remetemos, na **Ilíada**, Canto VII, ao episódio do combate singular entre Heitor e Ájax, para melhor exemplificar essas características do herói guerreiro. Os dois heróis, após atirar um contra o outro as lanças, que foram encravar-se no escudo de cada um, encaminham-se para o enfrentamento, e são comparados a leões devoradores de carne crua, ou javalis, cuja força não facilmente é extinguível – "τὼ δ' ἐκσπασσάμενῳ δολίχ' ἔγχεα χερσὶν ἄμ' ἄμφω σὺν ῥ' ἔπεσον λείουσιν ἐοικότες ὠμοφάγοισιν ἢ συσὶ κάπροισιν, τῶν τε σθένοϋ οὐκ ἀλαπαδνόν" (**Ilíada**, VII, 255- 257). A comparação estabelecida põe em evidência a voracidade e a força bruta de ambos, típicas do herói guerreiro. Essa ideia será reiterada na continuação da referida cena, quando Heitor, apesar de ferido pela lança de Ájax, ergue uma pedra, de tamanho descomunal, áspera e escura, que dificilmente um homem comum levantaria, e lança contra o escudo do Telamônio, fazendo-o ressoar. Ele, por sua vez, também pega uma pedra, ainda maior, e lança contra o Priamida, atingindo-lhe o elmo, fazendo o troiano cambalear e cair no solo. Apolo, porém, restitui-lhe as forças, e quando ambos, segurando o próprio escudo, sacam a espada, preparando-se para lutar novamente, os arautos interrompem, visto que a noite já havia chegado.

Quanto à intrepidez, característica peculiar do herói, ela o leva a enfrentar o perigo destemidamente, sobretudo quando se trata de ir ao encalço de um inimigo que lhe seja igual ou superior em valor, provando assim a sua *areté*, a sua excelência. Podemos tomar como exemplo dessa afirmação o episódio, no Canto VI da **Ilíada**, em que Heitor, tendo ido à cidade a fim de pedir a Hécuba, sua mãe, que oferecesse um sacrifício à deusa Atena para que ela favorecesse os troianos, aproveita o ensejo para ver sua esposa, Andrômaca. Ela roga a Heitor que dos muros não se afaste, lembrando que, para ela, ele é ao mesmo tempo pai, esposo, amigo e irmão, pois tendo Aquiles matado sua família, apenas ele lhe restava. Andrômaca dirige-se a Heitor nestes termos: "δαίμόνιε φθίσει σε τὸ σὸν μένος" (**Ilíada**, VI, 407) – "demônio¹¹, teu ardor te perderá". Em seguida, na tentativa de demover o esposo

¹¹ Demônio (δαίμόνιε) significa a parte do divino que é inerente ao homem (ver Mito de Er, **República**, de Platão)

da ideia de voltar ao campo de batalha, remete ao filho dos dois, Astiánax, que, morrendo o pai, ficaria órfão e desprotegido, assim como a ela mesma que, viúva, ficaria a mercê dos aqueus. Ele responde-lhe, então:

ἦ καὶ ἐμοὶ τάδε πάντα μέλει γύναι· ἀλλὰ μάλ' αἰνῶς
αἰδέομαι Τρῶας καὶ Τρῳιάδας ἐλκεσιπέπλους,
αἶ κε κακὸς ὥς νόσφιν ἀλυσκάζω πολέμοιο·
οὐδέ με θυμὸς ἄνωγεν, ἐπεὶ μάθον ἔμμεναι ἐσθλὸς
αἰεὶ καὶ πρῶτοισι μετὰ Τρώεσσι μάχεσθαι
ἀρνύμενος πατρός τε μέγα κλέος ἢ δ' ἐμὸν αὐτοῦ.
(*Ilíada*, VI, 441-446)

Na verdade, mulher, tudo isso a mim preocupa. Mas muito temo os Troianos e as Troianas de peplos compridos, conquanto mau, assim longe da guerra eu escapasse. Não me exorta o coração desde que aprendi a ser sempre valoroso e a lutar entre os primeiros Troianos, conservando a grande glória do meu próprio pai e a minha.

Assim vemos a coragem de Heitor. A despeito da súplica da esposa, ele põe em primeiro plano o desejo de enfrentar o inimigo, pois fugir à luta seria pior morte do que perecer no campo de batalha, tendo em vista que seria morrer em vida, sendo motivo de opróbrio e de vergonha diante de todos, sobretudo de seu próprio filho, a quem deveria deixar o exemplo guerreiro a ser seguido.

2. A ‘bela morte’

A ‘bela morte’ configura-se quando o guerreiro, jovem, perece no campo de batalha, enquanto luta com um adversário tão ou mais valoroso do que ele próprio. Após a morte, é imprescindível que o herói receba os ritos fúnebres, o que lhe garantirá a imortalidade. Na ‘bela morte’, o herói encontra a consagração da sua glória, que através daquela se torna imperecível. Essa glória consiste em ter o herói os seus feitos cantados pelos aedos, trazidos à lembrança da coletividade a fim de servir de modelo a ser seguido pelas novas gerações. É o que afirma Helena, no momento em que Heitor vai ao palácio de Páris, a fim de trazê-lo de volta para o combate, depois que Afrodite o salvou de ser morto por Menelau: "οἷσιν ἐπὶ Ζεὺς θῆκε κακὸν μόρον, ὥς καὶ ὀπίσσω ἀνθρώποισι πελώμεθ' ἀοίδιμοι

ἐσσομένοισι" (*Ilíada*, VI, 357-358) – "sobre estes Zeus colocou um desgraçado destino, assim como no passado, também sejamos cantados pelos homens que hão de existir". Cair no campo de batalha salva o guerreiro da inelutável decrepitude do corpo e consequente deterioração de todas as qualidades que constituem a *areté*, a saber, força física, ardor guerreiro, coragem. Príamo, no momento em que tenta persuadir Heitor a não enfrentar Aquiles em um combate singular, remete ao fato de ser belo a um jovem morrer no campo de batalha, exatamente por possuir essas qualidades. Mas a um velho, cuja honra repousa na vivência de muitas batalhas, podendo assim, aconselhar e direcionar os mais jovens em relação ao melhor caminho a seguir, é infamante ter as suas vergonhas expostas, enquanto jaz morto. Diante da real possibilidade de Heitor morrer pelas mãos de Aquiles, Príamo, falando como pai, não como rei – pois não leva em consideração a desonra que adviria para Heitor caso fugisse do embate com o Pelida – procura demover o filho da empreitada de lutar contra o mais forte dos aqueus, pois sabe o que acarretaria para si e para os seus a sua morte, a ruína da sua família e de Troia:

.....νέωι δέ τε πάντ' ἐπέοικεν
 ἄρηϊ κταμένωι δεδαϊγμένωι ὀξείῃ χαλκῶι
 κεῖσθαι· πάντα δὲ καλὰ θανόντι περ ὅτι φανήηι·
 ἀλλ' ὅτε δὴ πολión τε κάρη πολión τε γένειον
 αἰδῶ τ' αἰσχύνωσι κύνες κταμένοιο γέροντος,
 τοῦτο δὴ οἴκτιστον πέλεται δειλοῖσι βροτοῖσιν.
 (*Ilíada*, XXII, 71-76)

Mas a um jovem todas estas coisas convêm: jazer assassinado no campo de batalha, trespassado por um bronze afiado; tudo é belo, tendo morrido, tudo mostre. Mas quando, tendo um velho sido morto, os cães ultrajem tanto a cabeça grisalha quanto a barba e o pudor, tudo isso se torna lamentável aos infelizes mortais.

A um jovem é belo morrer trespassado pela espada, no campo de batalha, pois estando morto, o cadáver exposto aos olhos de todos, sobretudo aos do inimigo, deixa à vista a beleza do corpo, cuja magnificência será sempre lembrada e admirada. A fala do ancião remete à 'bela morte', καλός θάνατος, respeitante ao jovem guerreiro, que enfrentando um adversário tão ou mais valoroso que ele próprio, tomba no campo de batalha. Este receberá, posteriormente, as honras fúnebres, as quais lhe conferirão o *mnema*, a lembrança da sua juventude, da sua força e dos seus feitos, a qual lhe outorgará a imortalidade. O *mnema* será

evocado pelo *sema*, o signo, representado pelo túmulo, que receberá os ossos, o qual é responsável por trazer à lembrança das gerações vindouras os feitos gloriosos desse herói, que assim terá sua glória eternizada, o que podemos inferir dos versos abaixo, concernentes à fala de Heitor no episódio do combate singular entre o troiano e Ajax, herói grego:

ᾧδε δὲ μυθέομαι, Ζεὺς δ' ἄμμ' ἐπιμάρτυρος ἔστω·
 εἰ μὲν κεν ἐμὲ κεῖνος ἔλῃι ταναήκει χαλκῶι,
 τεύχεα συλήσας φερέτω κοίλας ἐπὶ νῆας,
 σῶμα δὲ οἴκαδ' ἐμὸν δόμεναι πάλιν, ὄφρα πυρός με
 Τρῶες καὶ Τρώων ἄλοχοι λελάχωσι θανόντα.
 εἰ δέ κ' ἐγὼ τὸν ἔλω, δώηι δέ μοι εὖχος Ἀπόλλων,
 τεύχεα σύλῃσας οἴσω προτὶ Ἴλιον ἱρήν,
 καὶ κρεμόω προτὶ νηὸν Ἀπόλλωνος ἐκάτοιο,
 τὸν δὲ νέκυν ἐπὶ νῆας εὖσσελμους ἀποδώσω,
 ὄφρα ἔ ταρχύσωσι κάρη κομόωντες Ἀχαιοί,
 σῆμά τέ οἱ χεύωσιν ἐπὶ πλατεῖ Ἑλλησπόντῳ.
 καὶ ποτέ τις εἴπησι καὶ ὀψιγόνων ἀνθρώπων
 νηῖ πολυκλήϊδι πλέων ἐπὶ οἴνοπα πόντον·
 ἀνδρὸς μὲν τόδε σῆμα πάλαι κατατεθνηῶτος,
 ὃν ποτ' ἀριστεύοντα κατέκτανε φαίδιμος Ἔκτωρ.
 ὥς ποτέ τις ἐρέει· τὸ δ' ἐμὸν κλέος οὐ ποτ' ὀλεῖται.
 (*Ilíada*, VII, 76-91)

Assim falo, e seja Zeus testemunha para nós. Caso este homem me mate com o bronze de longa ponta, tendo espoliado as armas, leve para cima das curvas naus, mas meu corpo dê de volta à pátria, a fim de que da pira os Troianos e as esposas dos Troianos recebam-me morto. Mas se eu matá-lo, e a mim Apolo der o triunfo, tendo espoliado as armas, levarei para Ílio sagrada, suspenderei diante do templo de Apolo que atira ao longe, mas o cadáver restituirei aos navios bem equipados, a fim de que os Acaios de longas cabeleiras o enterrem e construam para ele a sepultura sobre o vasto Helesponto, e quando alguém dentre os homens nascidos posteriormente, navegando em navio rico em remos sobre o mar vinhoso, diga também: este é o túmulo de um varão morto há muito tempo; ele, distinguindo-se, um dia o ilustre Heitor matou. Assim alguém dirá, e minha glória não perecerá.

Heitor propõe os termos do embate entre ele e o dânao que se dispusesse a lutar em combate singular. Caso fosse morto, que seu corpo fosse entregue aos seus, depois de espoliada as armas, para que assim recebesse as honras fúnebres. Caso matasse o adversário,

Heitor tomaria a mesma atitude. Espoliaria as armas, consagrando-as posteriormente a Apolo, e devolveria o cadáver, para que fosse pranteado pelos aqueus e fosse sepultado com as devidas honras. A sepultura a ele erigida sobre o Helesponto seria símbolo perene da sua glória e também da de Heitor, pois todos que por ali passassem, lembrariam, ao ver o túmulo, os grandes feitos do morto, e conseqüentemente, de quem o matou, conferindo a este glória eterna.

Contrapondo a 'bela morte', καλός θάνατος, existe a 'morte monstruosa', θανάτος κακός, detestada e temida pelo herói. Ela é marcada, sobretudo, pelo ultraje ao corpo, que privado das honras fúnebres, ou será comido pelas aves e pelos cães, ou sofrerá a deterioração própria da putrefação advinda da perda da energia vital, sendo comido pelos vermes. Ambos os quadros aterrorizam o guerreiro, pois representa o aniquilamento total, ocorrendo a perda da forma física e conseqüentemente da imagem com a qual quer ser lembrado pelos que vivem. Já receber as honras fúnebres após perecer na guerra, garantir-lhe a preservação dessa forma, pois será cremado, não havendo a deterioração do corpo. Heitor¹², por ser reverente aos deuses, é por eles estimado, e tem o seu corpo preservado após ser morto por Aquiles, apesar de ser maltratado por ele e pelos outros argivos – "ὥς τοι κήδονται μάκαρες θεοὶ υἱὸς ἔῃς καὶ νέκυός περ ἔοντος, ἐπεὶ σφι φίλος περὶ κῆρι" (*Ilíada*, XXIV, 422-423): "assim, para ti, os afortunados deuses cuidam do valoroso filho, e embora estando morto, visto que lhes era querido de coração". Neste mesmo episódio, em que Príamo vai ao acampamento grego a fim de resgatar o corpo do seu primogênito, é possível perceber o quão importante é a questão da preservação do corpo. Hermes, deus mensageiro, é enviado por Zeus para que acompanhe o ancião na empreitada. Disfarçado em um jovem, o deus aproxima-se dele, sob o pretexto de guiá-lo, dizendo-se escudeiro de Aquiles. Diz que não irá fazer-lhe mal, ao contrário, defendê-lo-á, pois vê no velho a figura do seu pai. Príamo, então, questiona-o acerca do corpo de Heitor, se ainda encontra-se junto às naus, ou se Aquiles já o havia entregado aos cães. Hermes tranquiliza-o, pois o corpo do Priamida continuava intacto – "ᾧ γέρον οὐ πῶ τὸν γε κύνες φάγον οὐδ' οἰωνοί" (*Ilíada*, XXIV, 411): "ó velho, ainda não o devoraram os cães nem os pássaros". Apesar de já haver passado

¹² Na *Ilíada*, XXII, 168-173, Aquiles, tendo voltado para a guerra, persegue Heitor a fim de matá-lo pela morte de Pátroclos. Os deuses assistem à perseguição, é quando Zeus lamenta tal espetáculo, pois Heitor lhe é caro, tendo-lhe ofertado em sacrifício, muitas vezes, gordos animais, o que denota o caráter pio do herói. Ser piedoso, reverente aos deuses, é, antes de tudo, oferecer-lhes rituais de sacrifícios e libações.

doze dias desde a sua morte, e Aquiles diariamente ao alvorecer arrastar o corpo ao redor do túmulo de Pátrocles, ele permanecia conservado – "οὐδέ τί οἱ χρώς σήπεται, οὐδέ μιν εὐλαὶ ἔσθουσ', αἳ ῥά τε φῶτας ἀρηϊφάτους κατέδουσιν" (*Ilíada*, XXIV, 414-415): "nem a carne lhe apodrece, nem os vermes o comem, os quais facilmente devoram os homens mortos em batalha". É imprescindível, pois, que o corpo esteja em perfeito estado para que com essa forma seja lembrado e imortalizado na memória das pessoas.

A trajetória de Heitor culmina com a 'bela morte'. Ele, tendo realizado grandes feitos, perece no campo de batalha, no auge da sua juventude, pelas mãos do maior herói grego, Aquiles, em combate singular. Após sua morte, recebe as honras fúnebres. O povo troiano chora o herói. Seu corpo é cremado na pira. O fogo é apagado com vinho, e seus ossos recolhidos pelos parentes, os quais são depostos em um túmulo para ele construído. Um banquete é oferecido. Heitor será sempre lembrado como o maior herói troiano.

3. A raça dos heróis

Em **Trabalhos e Dias**, Hesíodo elenca as cinco raças de homens mortais. Dentre elas, a raça dos heróis é criada por Zeus para combater a injustiça praticada pelos homens da raça de bronze. Com o intuito de traçar com mais acuidade as características do herói, partamos da estruturação proposta por Vernant¹³ ao mito das raças hesiódicas. Ele, a partir de uma antinomia entre δίκη e ὕβρις, propõe uma estrutura tripartida das cinco raças dos homens, que representa as três funções indoeuropeias atribuídas aos reis e heróis. Nela, a raça de ouro estaria associada à raça de prata, denotando a função jurídico-religiosa; a raça de bronze, unida à raça dos heróis, exprimiria a função guerreira; e a raça de ferro, permanecendo sozinha, simbolizaria a função empreendedora, que reflete a fecundidade. Tendo uma estrutura binária, esta raça envolveria dois momentos distintos da humanidade.

Os homens da raça de ouro, criada pelos imortais, existiram no tempo de Cronos. Eles eram jovens e respeitavam a justiça, δίκη. Vivendo como deuses, não sofriam os reveses da velhice. Longe de penas, de misérias e de males, a terra brotava espontaneamente para eles, proporcionando-lhes uma vida de abundância. Após sua morte, que os atingia sem dor, como

¹³ VERNANT, Jean. **Mito e pensamento entre os gregos**. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 25-132.

se fossem tomados pelo sono, eles iam compor o séquito dos seres epictônicos, guardiães, φύλακες, dos mortais, velando pela prática da justiça e pela piedade, εὐσέβεια, aos deuses.

Os homens da raça de prata, inferior à de ouro, nem na forma e nem no talhe parecida a ela, foram criados pelos imortais. Eles eram homens pueris e agiam pautados pelo descomedimento, ὕβρις. Viviam durante cem anos na infância, junto às suas mães. Quando atingiam a adolescência, padeciam horríveis dores, por causa da sua louca desmedida e da sua insensatez. Ímpios, não sacrificavam aos deuses nos altares sagrados e não serviam aos imortais. Zeus, encolerizado, aniquilou-os, pois não honravam as divindades que habitam o Olimpo. Mas mesmo assim, receberam a honra de serem transformados em seres hipotônicos, chamados venturosos, μάκαρες, pelos homens mortais.

As duas primeiras raças correspondem à função sacerdotal na estrutura tripartida indo-européia, representando cada uma delas uma feição desta função. A raça de ouro diz respeito à piedade, à figura do soberano respeitoso a δική; a raça de prata, ao contrário, diz respeito à soberania ímpia, praticam a ὕβρις *hýbris*. Neste contexto, δική e ὕβρις atuam estritamente no campo religioso, pois os homens destas raças desconhecem a guerra e a fadiga.

A terceira e a quarta raças são compostas por homens guerreiros, adultos, correspondendo, portanto, à função guerreira. Elas são estruturalmente semelhantes às anteriores; cada uma delas simboliza uma feição desta função. Nelas, δική e ὕβρις concernem à guerra. A raça de bronze é filha do freixo – "Νύμφας θ' ἄς Μελίας καλέουσ' ἐπ' ἀπείρονα γαῖαν" (**Teogonia**, 187) – árvore de cuja madeira se faz a lança do guerreiro. Criada por Zeus, só se ocupa dos terríveis trabalhos de Ares, apraz-lhes a ὕβρις guerreira. Homens violentos, de coração adamantino, ἀδάμαντος θυμόν, não se alimentam de pão. Suas armas e suas casas são de bronze e sua força é invencível. Sucumbiram sob o peso dos próprios braços, na guerra. Depois de mortos, anônimos, suas almas vão ocupar o reino de Hades, deixando definitivamente a luz do sol. A raça dos heróis, criada por Zeus para combater a ὕβρις da raça de bronze, é mais justa, δικαιότερον, e mais corajosa, mais nobre, ἄρειον, do que a anterior, o que lhes garante como recompensa a volta à Idade de Ouro após perecer, uns em Tebas de sete portas, outros, em Troia, impelidos pela guerra má, πόλεμός κακός, e pelo grito temível da tribo, φύλοπις ἄινη. Eles vão habitar a ilha dos Bem-aventurados, livres de inquietações, onde três vezes ao ano a terra lhes fornece

uma colheita abundante. Diante disso, segue abaixo o trecho do poema em que a raça dos heróis é descrita, a fim de melhor percebermos as características acima elencadas:

Αὐτὰρ ἐπεὶ καὶ τοῦτο γένος κατὰ γαῖα κάλυψεν,
αὐτὶς ἔτ' ἄλλο τέταρτον ἐπὶ χθονὶ πουλυβοτείρῃ
Ζεὺς Κρονίδης ποίησε, δικαιότερον καὶ ἄρειον,
ἀνδρῶν ἡρώων θεῖον γένος, οἱ καλέονται
ἡμίθεοι, προτέρη γενεῇ κατ' ἀπείρονα γαῖαν.
καὶ τοὺς μὲν πόλεμός τε κακὸς καὶ φύλοπις αἰνὴ
τοὺς μὲν ὑφ' ἑπταπύλῳ Θήβῃ, Καδμηίδι γαίῃ,
ᾧλεσε μαρναμένους μῆλων ἔνεκ' Οἰδιπόδαο,
τοὺς δὲ καὶ ἐν νήεσσιν ὑπὲρ μέγα λαῖτμα θαλάσσης
ἐς Τροίην ἀγαγὼν Ἑλένης ἔνεκ' ἠυκόμοιο.
[ἔνθ' ἦ τοι τοὺς μὲν θανάτου τέλος ἀμφεκάλυψε]
τοῖς δὲ δίχ' ἀνθρώπων βίον καὶ ἥθε' ὀπάσσας
Ζεὺς Κρονίδης κατένασσε πατὴρ ἐς πείρατα γαίης.
καὶ τοὶ μὲν ναίουσιν ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες
ἐν μακάρων νήσοισι παρ' Ὀκεανὸν βαθυδίνην,
ὄλβιοι ἥρωες, τοῖσιν μελιηδέα καρπὸν
τρὶς ἔτεος θάλλοντα φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα.¹⁴
(Trabalhos e Dias, 156-173)

Mas quando também a terra cobriu esta raça, novamente Zeus Cronida criou outra ainda, a quarta, sobre a terra muito fecunda, mais justa e mais corajosa, raça divina de varões heróis, que são nomeados semideuses, raça precedente sobre a terra sem limites. Destruiu-os a batalha cruel e o grito de guerra tenebroso, uns sob Tebas de sete portas, terra Cadmeia, lutando por causa dos rebanhos de Édipo, e outros, nas naus sobre a grande profundidade do mar em direção a Tróia, tendo-os conduzido por causa de Helena da bela cabeleira. Lá, em verdade, o termo da morte os envolveu por completo. Para eles, Zeus pai, o Cronida, tendo dado uma vida e uma morada separadamente dos homens, estabeleceu-os nos confins da terra. E eles, heróis afortunados, tendo o coração livre de inquietações, habitam na ilha dos bem-aventurados, às margens do Oceano turbilhonante; para eles, três vezes ao ano a terra fecunda leva uma florescente e doce colheita.

O liame entre μέτρον, a medida, e ὕβρις, o excesso, o descomedimento, é a linha que traça o limite entre justiça, δίκη, e injustiça, ἀδικία, e é nesse liame que o homem deve manter-se de modo a não trazer sobre si as consequências provocadas pela ultrapassagem do μέτρον, que consiste, sobretudo, em não esquecer-se o homem da sua condição humana,

¹⁴ Edição adotada: HÉSIOD. *Théogonie – Les travaux et les jours – Le bouclier*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris : Les Belles Lettres, 1996.

ousando querer assemelhar-se aos deuses. Neste contexto, não há como dissociar essa justiça do valor religioso, pois o homem vive vinculado à divindade, sob sua tutela, podendo essa divindade ser favorável ou contrária, a depender da conduta que o homem tenha. Trata-se de um dos ideais gregos, ligado ao sentimento religioso e à conduta do homem na sociedade.

Exemplo da ultrapassagem do μέτρον e da sua consequente punição pode ser observado no personagem Agamêmnon, no episódio em que a frota argiva encontra-se reunida em Áulis.¹⁵ O Atrida, penetrando no bosque sagrado da deusa Ártemis, caça um cervo e se gaba do feito. A deusa, cuja característica mais marcante é ser a deusa da caça, pune-o por sua soberba vaidade. Ela envia uma calmaria que impede os gregos de seguir viagem rumo a Tróia e, conseqüentemente, entrava a possível vitória dos aqueus sobre os troianos, no cerco que durará dez anos. Consultado o adivinho Calcas acerca do motivo da calmaria, ele revela que a deusa está irada com o comandante da tropa por ter-lhe violado o bosque e ainda matado um dos seus cervos; e mais ainda, ter-se vangloriado por isso. A solução seria Agamemnon oferecer em sacrifício à deusa o seu melhor fruto, que será a sua filha Ifigênia. O herói, não podendo recuar em seu empreendimento, de conduzir a frota e assim obter os louros da conquista de Tróia, aquiesce, e oferece o seu melhor fruto a Ártemis.

Outro exemplo de *hýbris* encontra-se no episódio de Miseno, trombeteiro da frota troiana, ao desafiar o deus Tritão, divindade marinha, na arte de tocar trombeta¹⁶ (**Eneida**, VI, 156-182). Eneias, chegando a Cumas, tem a incumbência de ir ao encontro da Sibila, sacerdotisa de Apolo, a fim de saber como conseguir praticar com a alma de seu pai Anquises, no mundo dos mortos. Para isso, serão necessários alguns requisitos: fazer um sacrifício às divindades infernais, achar o ramo de ouro para oferecê-lo a Proserpina, e prestar as honras fúnebres a um dos seus companheiros, visto que contamina toda a frota não apenas por estar insepulto, mas, sobretudo pela natureza da sua morte. Miseno foi morto por Tritão por causa da ὕβρις que cometeu ao querer igualar-se a um deus. É preciso, pois, que Eneias conceda-lhe sepultura, realizando concomitantemente um ritual de purificação a fim de limpar o grupo, que fora contaminado pela ὕβρις de Miseno, haja vista o vínculo religioso a que todos estão submetidos, por cultuarem os mesmos deuses.

¹⁵ Eurípide. **Iphigénie à Aulis**. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

¹⁶ Edição adotada: VIRGILE. **Énéide**: Livres V-VIII. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

Quanto aos homens da raça dos heróis, a recompensa por serem justos e não ultrapassarem o μέτρον é voltar à Idade de Ouro, indo habitar a ilha dos Bem-aventurados, onde a terra brota espontânea e abundantemente, livres de fadiga e de sofrimentos.

A raça de ferro tem a existência dividida em dois momentos. O primeiro, em que os homens são adultos, tem como característica a presença da δίκη e da ὕβρις, vivendo os homens neste liame, sob o jugo de fadigas incessantes. Mas ainda assim, misturam-se para eles, ao mesmo tempo, também bens aos males – "ἀλλ' ἔμπης καὶ τοῖσι μεμείξεται ἐσθλὰ κακοῖσιν" (**Trabalhos e Dias**, 179). O segundo momento desta raça, em que os homens são velhos, é caracterizado pela presença unicamente da ὕβρις. Nele, os homens terão como consequência da sua impiedade e da prática da injustiça, o seu aniquilamento total. Os homens já nascerão com as têmporas encanecidas. Tamanha será a iniquidade existente entre os homens desta raça, que Αἰδώς e Νέμεσις¹⁷ subirão para o Olimpo, abandonando-os, deixando-lhes apenas tristes pesares. Não haverá força contra o mal. Zeus destruirá completamente essa raça.

A raça divina de homens heróis, que são denominados semideuses, ἀνδρῶν ἡρώων θεῖον γένος, οἱ καλέονται ἡμίθεοι, pois são filhos de uma divindade com um mortal, deve ter como mola propulsora das suas ações a justiça. É importante ressaltar que, para Homero, o herói não é necessariamente filho de uma divindade com um mortal, mas um homem cuja excelência, sobretudo guerreira, faze-o sobrepujar os homens comuns.¹⁸ No entanto, sua ascendência sempre chega a Zeus. Aquiles é filho de uma deusa, Thétis, e de um mortal, Peleu. É reverenciado por sua excepcional *areté* e aclamado como o melhor dos aqueus. Por outro lado, Heitor é filho de dois mortais. Ele é o primogênito de Príamo, rei de Troia, e da rainha Hécuba, sua esposa legítima. Maior guerreiro de Troia, ele é o grande defensor da cidade.

Δικαιότερον, mais justa, e ἄρειον, mais nobre, assim é denominada a raça dos homens heróis, raça precedente, em tais valores, sobre a terra sem limites – προτέρη γενεῇ κατ'

¹⁷ Αἰδώς: personificação do Pudor, é responsável por fazer valer o senso de vergonha em público. Νέμεσις: personificação da Retribuição divina; da distribuição de recompensa ou punição, a depender do juízo em relação à ação. Na *Ilíada*, canto XIII, 121-122, Poseidon incita os aqueus a reagir e lutar contra a investida dos troianos, que, na ocasião, encontram-se em vantagem, ordenando a cada um colocar, no íntimo, o senso de vergonha e de justiça distributiva – ἀλλ' ἐν φρεσὶ θέσθε ἕκαστος αἰδῶ καὶ νέμεσιν.

¹⁸ Platão. **República**, III, 391cd.

ἀπείρονα γαῖαν. Os prefixos - τερον e - ιον de comparativo de superioridade situam os heróis em um patamar superior ao da raça de bronze, cuja característica essencial é a ὕβρις guerreira, que a leva a sua própria destruição.

Δίκαιος é o homem justo, aquele que observa os costumes e as leis, e também cumpre com os deveres em relação aos deuses e aos homens. Levemos em consideração que, neste contexto, δίκη está diretamente vinculada à divindade, à sacralidade¹⁹:

ἢ δέ τε παρθένος ἐστὶ Δίκη, Διὸς ἐκγεγαυῖα,
κυδρὴ τ' αἰδοίη τε θεοῖς οἱ Ὀλυμπον ἔχουσιν,
καί ῥ' ὅπότ' ἄν τις μιν βλάβῃ σκολιῶς ὀνοτάζων,
αὐτίκα παρ Διὶ πατρὶ καθεζομένη Κρονίωνι
γηρύετ' ἀνθρώπων ἀδίκων νόον, ὅφρ' ἀποτείσῃ
δῆμος ἀτασθαλίας βασιλέων οἱ λυγρὰ νοεῦντες
ἄλλῃ παρκλίνωσι δίκας σκολιῶς ἐνέποντες.
(Trabalhos e Dias, 256-262)

E existe uma virgem, Díke (Δίκη), nascida de Zeus, honrada e reverenciada pelos os deuses, os quais habitam o Olimpo. E, facilmente, sempre que alguém a fere, tortuosamente injuriando (-a), de imediato ela, sentando-se ao lado do pai Cronida, Zeus, faz ressoar o injusto pensamento dos homens injustos, até que o povo pague as insolências dos reis, que, tramando sofrimentos, por outra parte desviam tortuosamente as sentenças, proferindo-as.

Αρειων, comparativo de superioridade de ἀγαθος, é o termo utilizado para qualificar o nobre, bem-nascido e de acendência divina, cujo ardor guerreiro e coragem no campo de batalha são honra conferida aos melhores. Os dois adjetivos referidos, que caracterizam os homens da raça dos heróis, têm sua gênese no próprio Zeus, criador desta raça. O deus, cujos desígnios de estabelecimentos da ordem são determinados antes mesmo do seu nascimento, levando-se em consideração o tempo mítico, que é cíclico, é o μητίετα, o astucioso, o prudente, o sagaz, é também o εὐρύοπα, aquele que vê largo, que tudo vê, o que lhe garante a conquista da soberania e a permanência no poder.

¹⁹ παρθένος γὰρ Αἰδοῦς Δίκη λέγεται τε καὶ ὄντως εἴρηται, ψευδὸς δὲ αἰδοῖ καὶ δίκη νεμεσητὸν κατὰ φύσιν (Platão. **Leis**, 943 e): Pois virgem, filha do Pudor, Justiça chama-se e verdadeiramente é dita; falsidade, detestável por natureza ao pudor e à Justiça.

Diante do que foi explanado em relação ao herói, cabe agora completar essa caracterização discorrendo sobre a sua excelência guerreira, valor intrínseco ao herói, que o torna guerreiro. Trata-se do ponto nevrálgico do presente estudo, haja vista a necessidade dessa discussão prévia a fim de realizarmos aquilo que foi estabelecido como proposta do nosso trabalho, que é, sobretudo, provar a excelência guerreira de Eneias, protagonista da **Eneida**, poema latino que canta a consagração da glória romana.

4. A *areté* grega e a *virtus* romana

A excelência guerreira do herói clássico se traduz, no mundo grego, pela *ἀρετή*, e pela *virtus*, no que concerne ao mundo latino. Diante disso, faz-se necessário analisar o sentido expresso por esses vocábulos, dentro do contexto a que respectivamente pertencem. Assim, tendo em vista a anterioridade da civilização helênica em relação à civilização romana, preciso é que façamos o estudo primeiramente do vocábulo *ἀρετή*, analisando-o a partir da sua etimologia até chegar ao sentido de excelência que exprime. Com o intuito de tornar o presente estudo mais profícuo, analisaremos a *ἀρετή* no âmbito do herói individual, e em seguida, no âmbito do herói coletivo, tendo em vista que o primeiro pertence ao período arcaico grego, e o segundo, ao clássico, o que significa mudança de valores sociais, que, por sua vez, estão refletidas na figura do herói. Esta análise se faz necessária, pois é a base para estudarmos posteriormente a trajetória de Eneias, cujo caráter, no que concerne, sobretudo, à sua excelência guerreira, modifica-se ao longo da sua jornada desde Troia até a Itália, pois, sendo a princípio o herói individual homérico, ele se torna o herói coletivo romano. Diante disso, trataremos da *virtus* guerreira, estabelecendo uma comparação com a *ἀρετή*, de modo a verificar as semelhanças e as diferenças entre os dois valores, que aparentemente expressam o mesmo sentido, mas, no entanto, configuram-se de modo diferente. Assim, faremos um estudo etimológico da palavra *virtus*, sua formação e aplicação do sentido no texto virgiliano.

4. 1. A *areté* guerreira

Valor intrínseco ao herói guerreiro, a *ἀρετή* denota, acima de tudo, excelência. Neste contexto, esta excelência tem dois campos de atuação, a guerra, momento em que o guerreiro prova a sua intrepidez e destreza bélica, e a *ágora*, lugar onde ele demonstra a sua habilidade de persuasão através do discurso. É possível ter uma compreensão mais precisa dessa afirmação a partir da fala do narrador da **Ilíada**, no episódio concernente à retirada de Aquiles da guerra, após a querela com Agamêmnon:

αὐτὰρ ὁ μήνιε νηυσὶ παρήμενος ὠκυπόροισι
διογενὴς Πηλῆος υἱὸς πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς·
οὔτε ποτ' εἰς ἀγορὴν πωλέσκετο κυδιάνειραν
οὔτε ποτ' ἐς πόλεμον, ἀλλὰ φθινύθεσκε φίλον κῆρ
αὔθι μένων, ποθέεσκε δ' αὐτὴν τε πτόλεμόν τε.
(**Ilíada**, I, 488-492)

Mas ele irava-se, estando junto às rápidas naus, o divino Aquiles, rápido quanto aos pés, filho de Peleu; nunca frequentava a *ágora*, que dá glória, nem guerra, mas consumia o caro coração, lá permanecendo, e desejava ardentemente tanto ao grito de guerra quanto à batalha.

É essencialmente no campo de batalha que a *areté* se desvela, através da coragem e da força do combatente, mas ela também pode ser exercitada na assembleia, através da arte de persuadir. Esse é o ideal do herói guerreiro, ser excelente nos dois âmbitos. Quanto maior a excelência, a *ἀρετή*, maior a honra, a *τιμή*, e Aquiles é o expoente máximo desse ideal. Ele não apenas coaduna em si, como suplanta tanto o que Odisseu²⁰ é de um lado, o melhor no

²⁰ As referências a seguir dizem respeito a episódios da **Ilíada** que ratificam a ideia acima alentada, de que Odisseu, dentre os aqueus, é aquele que possui maior excelência na arte de persuadir. No Canto III, versos 200-223, no momento do combate singular entre Menelau e Páris, Helena é convocada por Príamo, que se encontra na torre da cidade olhando para o campo de batalha, a discorrer sobre os heróis gregos que ali se encontram. Odisseu, então, é apontado por ela como o astucioso filho de Laerte, Λαερτιάδης πολύμητις Ὀδυσσεύς, conhecedor de todo tipo de dolos e truques, εἰδὼς παντοίους τε δόλους καὶ μῆδεα πυκνὰ. Nesse momento, Antenor toma a palavra, e confirma a fala de Helena, dizendo que em uma ocasião em que o herói fora, junto com Menelau, a Troia como embaixador, a fim de tratar da devolução de Helena e dos tesouros roubados, ele surpreendeu a todos, pois tendo estatura menor do que a do Atrida, quando assumia a palavra na assembleia, era imbatível, ninguém se assemelhando a ele. No Canto IX, versos 179-181, Nestor aconselha Agamêmnon que se forme uma embaixada para ser enviada a Aquiles, de modo a convencê-lo a voltar para a guerra. O ancião, então, escolhe Odisseu como um dos componentes da embaixada, e no momento das libações, olha para o filho de Laerte com um olhar expressivo, de modo a fazê-lo entender que usasse a maneira mais persuasiva para conseguir convencer

poder da argumentação, quanto o que Ájax²¹ é por outro lado, o baluarte dos aqueus. Na embaixada ao Pelida, enviada por Agamêmnon na tentativa de trazê-lo de volta à guerra, tendo em vista que os gregos estão quase sucumbindo à investida troiana, estão presentes justamente Odisseu e Ájax, que simbolizam juntos o herói ideal, e Fênix, preceptor de Aquiles, que exerce um papel educativo através do discurso que profere, o qual, em suma, remete à necessidade de conter a cólera, pois até os deuses aquiescem quando requisitados piedosamente por um suplicante. É importante observar que, tendo sido a intenção da embaixada persuadir Aquiles de voltar à guerra através do discurso de Odisseu e de Fênix, e através também da presença de Ájax, a visita provocou efeito contrário, tendo Aquiles vencido os visitantes através da argumentação. Podemos inferir desse fato a superioridade do herói quanto à sua excelência persuasória. Quanto mais excelente é o herói, ἄριστος, maior é a sua honra, a τιμή, conferida a ele pelos seus pares. A τιμή é o reconhecimento público da excelência de um herói. Por isso Aquiles se sente tão ultrajado, pois fora atingido no cerne da força que impulsiona os seus atos, a honra, o reconhecimento público, que lhe conferirá a glória imperecível ao sofrer a ‘bela morte’. O prêmio a mais que lhe fora dado pelos companheiros no momento da partilha dos despojos de guerra, o γέρας, neste caso, uma escrava, Briseida, e que confirma exatamente a proeminência de Aquiles, ao ser tomado por

o Pelida. No Canto XIX, versos 154-183, tendo Aquiles voltado para a guerra por causa da morte de Pátrocles, deseja ardentemente entrar em combate, dispensando, inclusive, alimentar-se. É quando Odisseu interfere e faz ver ao Pelida, ponderadamente, quão melhor os soldados lutariam se com farto vinho e com alimento se nutrissem, restaurando assim a força e a coragem. Aquiles aquiesce, deixando-se convencer, apesar dele mesmo não tomar nenhum alimento, tamanha é a sua sede de sangue e de luta.

²¹ As referências a seguir dizem respeito a episódios da *Ilíada*, que ratificam a idéia de que Ájax, dentre os aqueus, é aquele que possui maior excelência no campo de batalha, excetuando Aquiles. No Canto II, versos 768-770, após a catalogação das naus, há uma invocação à Musa, em que o poeta solicita a ela revelar qual era o melhor dentre os guerreiros que com o Atrida viera para Troia. Ájax é apontado como o que mais de distingue e aquele que os melhores cavalos possui - ἀνδρῶν αὖ μέγ' ἄριστος ἔην Τελαμώνιος Αἴας, / ὄφρ' Ἄχιλῆος μῆνιν· ὁ γὰρ πολὺ φέρτατος ἦεν, / ἵπποι θ', οἳ φορέεσκον ἀμύμονα Πηλεΐωνα: *dentre os heróis era Ájax Telamônio, de longe, o mais distinguido, enquanto Aquiles estava irado; pois este era muito mais forte, e os cavalos, que carregavam o irreprochável filho de Peleu*. No Canto III, versos 225-229, no momento do combate singular entre Menelau e Páris, no mesmo episódio em que Helena é convocada por Príamo, que se encontrava na torre da cidade olhando para o campo de batalha, para discorrer sobre os heróis gregos que ali se encontravam, o ancião pergunta-lhe quem é aquele cuja estatura é maior, e cujas espaldas são mais largas do que as dos outros. Ela então responde que se trata do descomunal Ájax, baluarte dos Aqueus - οὗτος δ' Αἴας ἔστι πελώριος, ἔρκος Ἀχαιῶν. No Canto XVII, versos 277-280, gregos e troianos disputam o corpo de Pátrocles, que fora morto por Heitor. Em dado momento, os gregos cedem à investida dos troianos, afastando-se do corpo. No entanto, não ficam distante por muito tempo, pois Ájax os insufla a voltar à luta. É quando ele é referenciado, pelo poeta, como o mais valoroso guerreiro dentre os Acaios, depois de Aquiles - μάλα γὰρ σφεας ὥκ' ἐλέλιξεν Αἴας, ὅς περὶ μὲν εἶδος, περὶ δ' ἔργ' ἐτέτυκτο τῶν ἄλλων Δαναῶν μετ' ἀμύμονα Πηλεΐωνα: *pois assaz rapidamente Ájax os fez voltar, que tanto na beleza quanto nos feitos fizera-se acima dos outros Dânaos depois do irreprochável filho de Peleu*.

Agamêmnon, põe em risco a própria existência do herói, pois perder a honra é o mesmo que perder a vida. Ele foi a Troia para morrer jovem, no campo de batalha, e receber a ‘bela morte’, garantindo assim a sua imortalidade. No entanto, para que os acontecimentos sigam este rumo, é preciso que lhe seja garantido o reconhecimento público em relação ao seu valor guerreiro. Desse modo, a retirada de Aquiles da guerra é uma questão de vida ou de morte para os gregos, como bem afirma a proposição do poema, mas, sobretudo, para o próprio Pelida.

4. 2. A etimologia do vocábulo *areté*

A palavra ἀρετή, conforme Anatole Bailly, **Dictionnaire Grec-Français**, significa ‘mérito ou qualidade pela qual alguém se excede’. De acordo com H. G. Liddell and R. Scott, no **Greek-English Lexical**, significa ‘excelência, qualidades físicas que constituem valor, excelência, perfeição’. Esse valor deve ser inerente aos ἄριστοι, aos homens mais nobres da classe superior, aos bem-nascidos descendentes de deuses.

A busca da excelência pelo herói é impulsionada pela necessidade de se imortalizar, de permanecer vivo na memória das gerações vindouras. E para que isso aconteça, faz-se necessária a realização de grandes feitos, de modo que ele sirva de modelo a ser seguido pelos mais jovens. Assim, analisemos o termo *areté* a partir da raiz da palavra, na tentativa de identificar esse sentido de excelência na sua etimologia.

A raiz ἀρ-, que, segundo o **Greek-English Lexical**²², traz o sentido de ajustar, adequar conjuntamente, está no verbo ἀρᾶρίσκω, ajustar, adaptar, encaixar, construir, prover de, e encontra-se também nos vocábulos ἄριστος, e ἀρείων, superlativo e comparativo de superioridade respectivamente, do adjetivo ἀγαθός²³. Partindo, então, do sentido etimológico, ἄριστος [ἀρ + ἵστος (sufixo de superlativo)] significa aquele que mais se ajusta, aquele que mais se adéqua. De modo a comprovar essa ideia, elenquemos algumas

²² LIDDELL, Henry George and SCOTT, Robert. **A greek-english lexicon**. Oxford: Claredon Press, 1996.

²³ CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**: histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1999, p. 6. "Exprime les qualités viriles de force, d'efficacité (epithète d'Agamemnon, d'Achille, etc.) du héros, ce qui entraîne, mais par voie de conséquence, le sens de « courageux » et de « noble »." [Exprime as qualidades viris de força, de eficácia (epíteto de Agamêmnon, de Aquiles, etc.) do herói, o que carrega, porém, por consequência, o sentido de 'corajoso' de 'nobre'.]

palavras oriundas da raiz ὀρ-, as quais exprimem a ideia de adaptar, acordar, ajustar: πυλάρτης (portas firmemente fechadas, fixadas), ὀρθμός (ligação, união, amizade), ὀρθμέω (ligar-se, unir-se), ὄρμα (união, amor), ὀρτύω (arranjar, preparar), ὀρτύνω (dispor, preparar). Os dois últimos verbos são provenientes de *ὀρτύς, palavra conhecida senão por glosas, dela provém σύνταξις (colocado junto em ordem). Conforme Chantraine, a palavra ὀρτύς é certamente antiga, cf. arm. *ard*, gén. *ardu* « ordem », lat. m. *artus*, -us, skr. *rtú-* « momento fixado, ordem », etc.'. O linguista assinala ainda que o termo ὀρετή se aproximaria de ὀραρίσκω através de ὀρίστος e de ὀρείων. Das observações acima, podemos inferir que a ideia de excelência e de superioridade que provém da palavra ὀρετή, explica-se, então, se entendermos, em princípio, que ser excelente é ajustar-se, adequar-se. Resta-nos, conseqüentemente, analisar de que modo ocorre esse ajustamento, e em relação a que. Antes, porém, verifiquemos o que Benveniste discute acerca da raiz ὀρ-.

Setundo o linguista, no alicerce desta raiz está o sentido de ordem, princípio que permite a organização e o funcionamento do universo, e sem o qual retornaria o estado de caos. Esse princípio está na base jurídica, religiosa e moral do indo-europeu, como também nos fenômenos da natureza, e na relação entre homens e deuses. Benveniste elenca alguns vocábulos que trazem, em sua formação, essa raiz, os quais carregam, em sua acepção, o sentido de ordem. Ela está presente no védico *rta*, iraniano *arta*, avéstico *asa*. Por intermédio de uma sufixação de abstrato em *-tu-*, o indo-iraniano constitui o tema védico *rtu*, avéstico *ratu-*, designando a ordem especialmente das estações, além de assinalar o sentido de regra, norma de uma maneira geral. Todas essas formas se vinculam a uma raiz ὀρ-, presente na forma grega ὀραρίσκω "ajustar, adaptar, harmonizar", a qual se ligam vários derivados nominais. Com *-ti-*, dá a forma latina *ars*, *artis* "disposição natural, qualificação, talento", com *-tu-*, *artus* "articulação" também com outra forma do radical, em latim dará *ritus* "ordem, rito"; e em grego, ὀρτύς (arm. *ard*, genitivo *ardu* "ordem") assim como o presente ὀρτύνω "arranjar, equipar"; com **-dhmo-* gr. ὀρθμός "vínculo, junção"; com **-dhro-*, gr. ὀρθρον "articulação, membro", etc. A mesma raiz está na base da palavra sânscrita *dharman*, que significa lei, aquilo que está estabelecido solidamente, logo, aquilo que está ajustado, posto em uma ordem.

Assim, diante do que foi exposto, é possível inferir, ratificando a ideia acima alentada, que ser excelente é ajustar-se à ordem estabelecida. No que concerne aos heróis, raça criada por Zeus, a ordem é aquela estabelecida pelo deus, após a sua luta contra os Titãs e a sua consagração como pai dos deuses e dos homens²⁴. Desse ajustamento, advêm como consequência natural, os privilégios aos quais o herói deve fazer jus. É o que mostra os versos abaixo:

Γλαῦκε τί ἦ δὴ νῶϊ τετιμῆμεσθα μάλιστα
 ἔδρῃ τε κρέασίν τε ἰδὲ πλείοις δεπάεσσιν
 ἐν Λυκίῃ, πάντες δὲ θεοὺς ὥς εἰσορόωσι,
 καὶ τέμενος νεμόμεσθα μέγα Ξάνθοιο παρ' ὄχθας
 καλὸν φυταλῆς καὶ ἀρούρης πυροφόροιο;
 τῷ νῦν χρὴ Λυκίοισι μέτα πρώτοισιν ἐόντας
 ἐστάμεν ἡδὲ μάχης καυστείρης ἀντιβολῆσαι,
 ὄφρα τις ᾧδ' εἴπηι Λυκίων πύκα θωρηκτῶν·
 οὐ μὰν ἀκλεέες Λυκίην κάτα κοιρανέουσιν
 ἡμέτεροι βασιλῆες, ἔδουσί τε πίονα μῆλα
 οἶνόν τ' ἔξαιτον μελιδέα· ἀλλ' ἄρα καὶ ἰς
 ἐσθλή, ἐπεὶ Λυκίοισι μέτα πρώτοισι μάχονται.
 (*Ilíada*, XII, 310-321)

Glauco, por que, afinal, somos honrados com o melhor assento, com carne fresca e também com cálices cheios, na Lícia, e assim todos consideram nos deuses? Também cultivamos grande terreno junto às margens do Xanto, bom de fruteira e também de campo de trigo. Por isso agora convém estar firme dentre os primeiros Lícios e confrontar a guerra ardente a fim de que alguém dos fortemente armados dentre os Lícios, veementemente assim diga: certamente não inglórios reis, os nossos, comandam a Lícia; consomem gordas ovelhas e doce vinho escolhido; mas, precisamente, também é valorosa a força, quando combatem no meio dos primeiros Lícios.

O trecho acima diz respeito ao episódio em que os troianos, estando em vantagem em relação aos gregos, avançam em direção aos navios e atravessam o muro de proteção do acampamento dos aqueus. Nesse momento, Zeus insufla ardor no seu filho Sarpédon, que, semelhante a um leão faminto, avança. O herói, então, volta-se para o companheiro Glauco, e enfatiza a importância de buscar o ponto em que a batalha se faz mais acirrada, para que assim provem o quanto são valorosos e merecedores dos privilégios adquiridos pela posição que ocupam semelhantes a deuses - 'πάντες δὲ θεοὺς ὥς εἰσορόωσι'. É preciso, pois, que

²⁴ Ver II capítulo: Zeus, o herói divino.

os heróis – criados para fazer valer a justiça, combatendo a injustiça da raça de bronze, e por isso serem eles nomeados mais justos, δίκαιον, criados também para fazer valer a ordem estabelecida por Zeus, ajustando-se a ela, e por isso serem eles nomeados mais nobres - ἄρειον - respeitem o μέτρον, a medida que dá ao homem a sua condição humana, reverenciando os deuses, submissos aos seus desígnios. Eles têm como consequência natural desses qualificativos, viver na ilha dos bem-aventurados depois da morte. Há aqueles, no entanto, que, além disso, obtêm a glória imperecível através da ‘bela morte’ e conquistam a imortalidade, tendo seus feitos lembrados e seu exemplo seguido pelas gerações vindouras, estando sempre presentes na ausência física através dos cantos dos aedos. A garantia da lembrança desses feitos é que eles sejam grandiosos, por isso, o herói busca sempre se exceler seja no campo de batalha, enquanto combate com outro guerreiro, seja na assembleia, enquanto profere discurso persuasivo, distinguindo-se na arte do bem falar. Tratando-se de uma sociedade cuja base de sustentação é a guerra, tendo em vista que reflete o modo de estabelecimento da ordem do cosmos por Zeus, que foi através da guerra, a Titanomaquia, sendo o deus o expoente máximo de excelência, apenas os ἄριστοι, denominação dada aos homens da raça de heróis, podem ter ἀρετή. Descendentes de deuses – ἄνδρῶν ἡρώων θεῖον γένος, οἱ καλέονται ἡμίθεοι – eles se ajustam a esta ordem social, cuja mola propulsora é a emulação, e a qual demanda força, coragem e ardor guerreiro a fim de que nela se enquadre. Na **Ilíada**, Canto XII, versos 298-308, graças às forças de Sarpédon, as quais lhe foram insufladas por Zeus, os troianos conseguem ultrapassar o muro construído pelos gregos para a proteção do acampamento. Nesse momento, o herói é comparado a um leão montanhês, que, faminto, avança perigosamente contra um curral fechado, protegido por pastores armados, e, destemido, salta o cercado, a fim de capturar uma presa, ou ali mesmo perecer, tamanha é a intrepidez do filho de Zeus. Essa comparação serve para exaltar a ἀρετή do herói, aproximando-a à ferocidade de um animal ávido.

A consagração da excelência de um herói guerreiro ocorre com a ‘bela morte’. Ela lhe confere a glória imperecível e a imortalidade, pois desse modo ele estará sempre presente na lembrança dos que vivem.

4. 3. A areté do herói individual

O herói épico se distingue pelo reconhecimento público da sua individualidade, que se caracteriza por sua linhagem e por suas qualidades guerreiras. Dentre elas está a ἀρετή, que denota a capacidade do herói de sobrepujar-se ao adversário. Tratando-se de uma sociedade guerreira, cuja base de sustentação é a guerra, é natural que a busca da excelência se dê neste âmbito. Na assembleia, isso ocorre através do emprego da palavra, na capacidade argumentativa do herói, no ardor que demonstra ao buscar fazer-se ouvir e ao buscar convencer. No campo de batalha, ocorre quando procura obter a vitória sobre o oponente, o que lhe requer destreza, força e coragem, em maior expoente possível. Exemplo maior dessa ἀρετή é Aquiles, que não podendo exercê-la, tendo em vista que sua honra foi ultrajada, não tem como alcançar a glória imperecível através da ‘bela morte’, razão única da sua ida a Troia.

A alguns heróis é dado um momento áureo, a ἀριστεία, em que eles atingem o máximo do seu ardor guerreiro, sobressaindo-se aos outros companheiros na força e na intrepidez e matando muitos adversários. Eles são insuflados por Zeus, que lhes dá brilho, κυδῶς, em maior grau, em um momento específico do combate. A justificativa dessa dação está no simples, no entanto crucial, fato do herói ἀριστός, pertencer ao grupo dos melhores, à casta dos mais nobres, descendentes de deuses. E a **Ilíada** é um canto a ἀριστεία, através da qual os heróis comprovam ser ἀριστός, demonstrando ao máximo a sua ἀρετή. Odisseu, estando os demais argivos afastados da peleja, seja por estarem feridos, seja por causa da presença de Heitor, cogita a possibilidade ou de fugir da peleja, sendo este ato, no entanto, vergonhoso diante dos demais aqueus, ou a de permanecer na batalha, mas ser capturado sozinho pelos dardânidas, o que seria vergonha maior, porém, em seguida, o rei de Ítaca acalma o próprio coração e enche-se de coragem para enfrentar o inimigo, pondo em evidência a sua força e a sua excelência guerreira – ‘ὅς δέ κ’ ἀριστεύησι μάχῃ ἐνὶ τὸν δὲ μάλα χρεὼ ἐστάμεναι κρατερῶς, ἢ τ’ ἔβλητ’ ἢ τ’ ἔβαλ’ ἄλλον’ (**Ilíada**, XI, 409-410): ‘aquele que se mostre valoroso na guerra, nele há assaz necessidade de se manter galhardamente, tanto que seja ferido quanto fira’.

Ἀριστεία denota o ápice do esplendor guerreiro do herói no campo de batalha, em que ele atinge o máximo de sua excelência, da sua ὄρετή. Secundado por uma divindade, que lhe insufla a coragem, ele é comparado a alguma força da natureza, de caráter devastador, enfrentando o adversário sem nenhum temor. Fazemos um estudo acerca de alguns heróis, a saber, Diomedes, Agamêmnon, Heitor e Aquiles, a fim de analisar como se configura essa circunstância específica na vida do herói.

No Canto V da **Ilíada**, Diomedes, tendo o seu escudo e capacete tornados fulgurantes por Atena a fim de lhe dar mais glória na batalha, atinge o ápice do seu ardor guerreiro. Ela infunde-lhe força e coragem de modo a sobrepujar os demais argivos. Auxiliado pela deusa, Diomedes devasta o exército inimigo, sendo comparado a uma torrente de água engrossada pelo degelo, a arrastar pontes e diques, a destruir as lavouras dos homens, nada podendo detê-la, ou a um leão faminto entre ovelhas indefesas. Ele ousa até atingir os deuses. Primeiro fere Afrodite, quando ela buscava proteger o filho, Eneias, da sua lança voraz. Depois, Ares, que juntamente com Heitor a muitos aqueus privava da vida. As duas divindades retornam ao Olimpo, e o embate entre gregos e troianos continua. No Canto XI, Zeus convoca Discórdia, Ἐρις, às naves dos argivos para que inflame os corações para o combate. Agamêmnon se prepara para o combate. Veste a armadura de bronze e ata as caneleiras, por fivelas de prata ajustadas. Coloca em torno do peito a couraça, presente de Cyniras, de Chipre. Lança em torno dos ombros a espada e depois toma o escudo. O elmo, com penacho de crina ondulante, põe na cabeça, e por fim, pega duas lanças munidas de ponta de bronze. Hera e Atena fazem trovejar, de modo a honrar o poderoso rei da rica Micenas. Agamêmnon persegue o inimigo e exorta os argivos a dizimá-lo. A devastação provocada pelo Atrida é tamanha, que é comparada à voracidade do fogo quando ateado em uma floresta, o qual, propagado pelo vento para todos os lados, ao chão atira os galhos desarraigados e tolhidos pela chama. Tanto que Zeus envia Íris, deusa mensageira, a fim de advertir Heitor a se manter afastado da luta até que Agamêmnon fosse ferido e se retirasse do combate. No Canto XV, Heitor, auxiliado por Zeus, traz grande destruição aos gregos, causando-lhes grande terror. Ele é o primeiro a assaltar o muro do acampamento argivo. Erguendo sozinho um rochedo que dois homens comuns sozinhos não conseguiriam levantar, arremessa-o contra as portas, deixando-as escancaradas para os demais troianos. Os principais aqueus são feridos. Heitor incita os troianos a perseguir os aqueus e é comparado a um leão carniceiro que ataca bois defendidos por um pastor. Do mesmo modo que a fera ataca aquele animal que no centro se encontrava, o

herói investe contra o adversário. O ápice da ἀριστεία de Heitor ocorre no momento em que, secundado por Zeus, atea fogo no navio de Protesilau, depois de causar grande devastação no acampamento grego. Nessa situação, Pátrocles suplica a Aquiles que o deixe vestir sua armadura, de modo a, pensando os troianos ser ele o Pelida, afastá-los do acampamento, assim conseguindo uma trégua para os companheiros. Pátrocles será morto por Heitor com o auxílio de Apolo, o que provocará a volta de Aquiles para a guerra. É importante frisar que Zeus dá glória excelsa a Heitor para que Aquiles seja exaltado, no momento em que matar o Priamida. No Canto XXI, Aquiles, tendo voltado para a guerra, é comparado a fogo voraz, que impetuoso devora toda a floresta, espalhando-se com o vento por toda parte. Semelho a um deus, leva a destruição ao inimigo, a ponto de entulhar o leito do rio Xanto com os corpos dos troianos mortos. O rio se enfurece e persegue o herói, a quem Atena e Poseidon insuflam força a fim de escapar. A fúria de Aquiles é tanta, que ele promove grande carnificina contra os teucros. O ápice da sua ἀριστεία ocorre no momento em que mata Heitor, baluarte dos troianos. Desse modo, a ἀριστεία ratifica a excelência do herói, conferindo-lhe ainda mais honra e glória.

4. 4. A areté do herói coletivo

Com o advento da cidade-estado, começado ainda no período arcaico grego (IX - VI a. C.), a ἀρετή guerreira assume nova feição, e no período clássico (V-IV a. C.), o seu sentido reflete a nova estrutura social estabelecida. A antiga sociedade, concernente ao período micênico (XVI – XII a. C.), dirigida por um rei divino, que, além disso, era ao mesmo tempo guerreiro e sacerdote, o ἄναξ, em torno de cuja onipotência girava a vida palaciana, dá lugar a outras formas de governo, como a tirania, a oligarquia e a democracia. No lapso de tempo entre o século XII a. C. e final do século IX a. C., o chamado período obscuro – exatamente por sabermos quase nada quanto aos acontecimentos dessa fase, apenas parece ter havido um retrocesso no que diz respeito à organização social, haja vista o desaparecimento da escrita e uma interrupção na comunicação entre a Grécia continental com a parte oriental, com quem havia um intenso comércio movido pela navegação – ocorrem mudanças nessa antiga estrutura social, dando lugar ao surgimento da pólis, e conseqüentemente, do cidadão, πολίτικης. A figura individualista do herói épico já não cabe mais nessa nova ordem. A

ἄρετή, que antes servia para dar renome a um único indivíduo, agora põe em primeiro lugar a cidade, passando a ter um sentido coletivo.

As três funções acima referidas, que compõem a figura do soberano, a jurídico-religiosa, a guerreira e a empreendedora podem ser identificadas no herói homérico. Ele é sacerdote na medida em que preside a rituais sacrificiais oferecidos aos deuses, ele é guerreiro, tendo em vista o seu papel na guerra, instituição basilar da sociedade a que pertence, e ele é empreendedor, haja vista o papel real que desempenha na defesa do seu território e na conquista de terras estrangeiras. O herói clássico busca consagrar-se através da sua trajetória guerreira, coroada com a ‘bela morte’, que lhe outorgará a imortalidade através da glória imperecível, pois terá seus feitos sempre lembrados pelo canto do aedo. Tratemos de exemplificar, com Agamêmnon, as três funções que caracterizam o herói épico, a saber, o sacerdócio, a guerra e a realeza. É importante ressaltar, haja vista a designação comum, ἄναξ, dada tanto a Agamêmnon, na **Iliada**, quanto ao antigo rei do período micênico, que, apenas nessa contingência específica, o do cerco a Troia, o Atrida é senhor de outros reis, senhor de heróis, ἄναξ ἀνδρῶν, que fora escolhido para tal posição por Zeus, conforme a fala de Nestor (I, 277-279) no momento da querela entre Aquiles e Agamêmnon. O ancião dirige-se ao Pelida, fazendo-o ver que ao rei mais honras devem ser conferidas, pois é ele quem detém o cetro. Fora desse contexto o Atrida é tão rei quanto os outros heróis, ocupando a mesma posição de basileu, tendo em vista que, apesar de ser contemporâneo ao período arcaico grego, século VIII a. C., o poema remete ao século XII a. C., suposta época da destruição de Troia. Remetamos a três circunstâncias dentro da **Iliada**, as quais denotam bem as funções atribuídas ao senhor dos heróis. No Canto II, Zeus, a fim de honrar Aquiles, envia um sonho mentiroso a Agamêmnon. “Υπνος, sob a forma de Nestor, e sob a ordem de Zeus, vai até a tenda do Atrida e, durante o sono, diz-lhe para preparar a tropa para o ataque aos troianos, pois estando os deuses concordes por intervenção de Hera, Zeus lhes imputará muitas dores. Agamêmnon, ao acordar, reúne os aqueus, mas para testá-los, diz que o Cronida vedou-lhes a vitória, e que o melhor a fazer, seria voltar para casa. Os homens já se preparavam para partir, quando Odisseu intervém e consegue convencê-los a ficar. Nesse instante, Agamêmnon discursa aos aqueus, encorajando-os a lutar. Depois, faz vir ao conselho os mais nobres Acaios - ἡέροντας ἀριστήας Παναχαϊῶν -, dentre eles, Nestor, Idomeneu, os dois Ájax, Odisseu e Menelau, e, súplice, sacrifica a Zeus um boi de cinco anos. Nesse

episódio, o herói desempenha sua função sacerdotal. Reverente, sacrifica ao deus, suplicando auxílio na empreitada contra os troianos. No Canto I, Aquiles convoca os aqueus para uma assembleia, a fim de consultar o adivinho Calcas para saber a causa da peste que assola o acampamento grego. Ele vaticina que o deus Apolo está irado por causa do ultraje feito por Agamêmnon ao seu sacerdote, Crises. Ele havia ido ao acampamento com o intuito de resgatar a filha, Criseida, que havia sido capturada no saque a Linerso, sua cidade. Crises foi não como pai, mas como enviado do deus. Agamêmnon não só ameaça o velho, como também desrespeita as insígnias representativas de Apolo trazidas pelo ancião. Como consequência do seu ato, o acampamento grego é assolado por uma peste. Após o vaticínio de Calcas, Agamêmnon o increpa, dizendo ser ele profeta de malefícios apenas. Nessa fala, o Atrida faz menção a outro episódio, que está fora da narrativa do poema, do qual Calcas fez parte. Trata-se do sacrifício de Ifigênia, filha de Agamêmnon, a Ártemis, deusa da caça. Tendo invadido o bosque sagrado da deusa, ele mata um dos seus cervos e se vangloria do feito. A deusa, ultrajada, envia uma calmaria de modo a impedir que os gregos seguissem viagem rumo a Troia, permanecendo presos em Áulis. É quando Calcas entra em cena, revelando o porquê da calmaria, a ira de Ártemis. A única forma de aplacar a deusa seria Agamêmnon ofertar-lhe seu melhor fruto, que seria a sua filha. Ele aquiesce. Inferimos dessa aquiescência, a função empreendedora do herói. Tendo em vista a grande empresa pela qual estava responsável, comandar uma coalizão de mais de cem mil homens para a destruição e espoliação da rica Troia, Agamêmnon não hesita em sacrificar a própria filha à deusa. Essa afirmação pode ser reiterada com o episódio da **Ilíada**, em que Diomedes fala a Esténelo, seu auriga, quando Agamêmnon está passando em revista os guerreiros a fim de se prepararem para a batalha. Caso vencessem a guerra, o Atrida seria exaltado e teria seu nome reconhecido por todos da sua e das gerações vindouras, mas caso perdessem, seu nome seria símbolo de vergonha e de opróbrio:

τούτῳ μὲν γὰρ κῦδος ἄμ' ἔψεται εἴ κεν Ἀχαιοὶ
 Τρῶας δηλώσωσιν ἔλωσί τε Ἴλιον ἱρήν,
 τούτῳ δ' αὖ μέγα πένθος Ἀχαιῶν δηιωθέντων.
 (**Ilíada**, IV, 415-417)

A ele seguirá a brilho, se, ao mesmo tempo, os Acaios matarem os Troianos e tomarem Ílio sagrada, mas a ele, do mesmo modo, grande dor, os Acaios sucumbindo.

Dentro da narrativa do poema, os versos acima referidos estão inseridos no episódio que trata do primeiro embate entre gregos e troianos, haja vista a saída de Aquiles da guerra após ter a sua honra ultrajada. Nesse episódio, o Atrida repreende Diomedes por ainda não ter tomado a iniciativa de seguir para o combate, estando parado junto ao carro. Faz ele lembrar-se da coragem de Tideu, pai do herói, que outrora lutara com grande ardor, não herdando o filho tal valor. Nesse instante, Esténelo, filho de Capaneu, retruca, remetendo ao episódio do cerco a Tebas, que, em uma primeira investida, na qual estavam presentes tanto o seu pai quanto o de Diomedes, não fora destruída, entretanto, no cerco seguinte, feito pelos filhos dos primeiros que tentaram espoliá-la, o êxito foi pleno. Nesse momento, então, Diomedes diz a fala acima. Ele demonstra reverência e respeito à figura de Agamêmnon, cuja exaltação ratifica a sua condição empreendedora - 'Ἀγαμέμνονι ποιμένι λαῶν': 'Agamêmnon condutor de povos'. No Canto XI, Agamêmnon tem a sua ἀριστεία, Zeus insufla-lhe força e ardor guerreiro para que tenha brilho, κῦδος, em um momento específico do combate. Desse episódio, inferimos a função guerreira de Agamêmnon.

O herói individual não se enquadra na pólis, tendo em vista que nela o sentido de coletividade é a base de sustentação da sociedade. Ele é apenas a lembrança de uma época passada, épica e mítica, em que realizara grandes feitos, fazendo jus à linhagem divina a qual pertencia. Essa mesma figura é reverenciada agora por ter sido o fundador da cidade, o ancestral que possibilitou a existência desse tipo social de organização e de quem provém a classe aristocrática. Nesse sentido, o foco passa a ser a cidade, cujo pilar de proteção é a falange, corpo militar formado por cidadãos os quais têm na força conjunta a possibilidade do êxito na guerra. Nessa conjuntura, não há espaço para o heroísmo individual.

Aristóteles, na **Poética**, afirma que não cabe ao poeta elencar todos os acontecimentos, expondo os fatos conforme a sua sucessão, sendo atributo do historiador essa tarefa. Homero, por exemplo, não narrou toda a guerra de Troia, apenas utilizou uma parte, fazendo uso de alguns episódios para construir sua epopeia²⁵. Ele afirma que não é função do poeta narrar o que aconteceu, mas representar o que poderia acontecer, o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade²⁶. Assim, podemos inferir que o poeta busca subsídios no contexto em que está inserido para a sua composição poética, para a sua criação. Diante disso, seguindo a linha de pensamento do filósofo, busquemos no poema abaixo, de Tirteu, poeta do

²⁵ Aristóteles. **Poética**, 1459 a.

²⁶ Idem, *ibidem*, 1451b.

século VII a. C., elementos para comprovar a ideia acima alentada, acerca do herói coletivo. Tirteu escreveu sua elegia tomando como base a estrutura social de Esparta contemporânea a ele próprio:

οὐτ' ἂν μνησαίμην οὐτ' ἐν λόγῳ ἄνδρα τιθείην
οὔτε ποδῶν ἀρετῆς οὔτε παλαιμοσύνης,
οὐδ' εἰ Κυκλώπων μὲν ἔχοι μέγεθος τε βίην τε,
νικώῃη δὲ θέων Θρηκίον Βορέην,
οὐδ' εἰ Τιθωνοῖο φυὴν χαριέστερος εἴη,
πλουτοίη δὲ Μίδεω καὶ Κινύρεω μάλιον,
οὐδ' εἰ Τανταλίδεω Πέλοπος βασιλεύτερος εἴη,
γλῶσσαν δ' Ἀδρήστου μειλιχόγηρυν ἔχοι,
οὐδ' εἰ πᾶσαν ἔχοι δόξαν πλὴν θούριδος ἀλκῆς·
οὐ γὰρ ἀνὴρ ἀγαθὸς γίνεται ἐν πολέμῳ
εἰ μὴ τετλαίη μὲν ὀρῶν φόνον αἱματόεντα,
καὶ δηίων ὀρέγοιτ' ἐγγύθεν ἰστάμενος.
ἦδ' ἀρετῇ, τόδ' ἄεθλον ἐν ἀνθρώποισιν ἄριστον
κάλλιστόν τε φέρειν γίνεται ἀνδρὶ νέῳ.
ξυνὸν δ' ἐσθλὸν τοῦτο πόλῃ τε παντί τε δήμῳ,
ὅστις ἀνὴρ διαβὰς ἐν προμάχοισι μένηι
νωλεμέως, αἰσχροῦς δὲ φυγῆς ἐπὶ πάγχυ λάθεται,
ψυχὴν καὶ θυμὸν τλήμονα παρθέμενος,
θαρσύνῃ δ' ἔπεσιν τὸν πλησίον ἄνδρα παρεστῶς·
οὗτος ἀνὴρ ἀγαθὸς γίνεται ἐν πολέμῳ.
αἰψα δὲ δυσμενέων ἀνδρῶν ἔτρεψε φάλαγγας
τρηχείας· σπουδῇ δ' ἔσχεθε κύμα μάχης,
αὐτὸς δ' ἐν προμάχοισι πεσὼν φίλον ὤλεσε θυμόν,
ἄστῃ τε καὶ λαοῦς καὶ πατέρ' εὐκλείσας,
πολλὰ διὰ στέρνοιο καὶ ἀσπίδος ὀμφαλοέσσης
καὶ διὰ θώρηκος πρόσθεν ἐληλάμενος.
τὸν δ' ὀλοφύρονται μὲν ὁμῶς νέοι ἡδὲ γέροντες,
ἀργαλέῳ δὲ πόθῳ πᾶσα κέκηδε πόλις,
καὶ τύμβος καὶ παῖδες ἐν ἀνθρώποις ἀρίσημοι
καὶ παίδων παῖδες καὶ γένος ἐξοπίσω·
οὐδέ ποτε κλέος ἐσθλὸν ἀπόλλυται οὐδ' ὄνομ' αὐτοῦ,
ἀλλ' ὑπὸ γῆς περ ἐὼν γίνεται ἀθάνατος,
ὄντιν' ἀριστεύοντα μένοντά τε μαρνάμενόν τε
γῆς πέρι καὶ παίδων θοῦρος Ἄρης ὀλέσῃ.
εἰ δὲ φύγῃ μὲν κῆρα τανηλεγέος θανάτοιο,
νικήσας δ' αἰχμῆς ἀγλαὸν εὖχος ἔλῃ,
πάντες μιν τιμῶσιν, ὁμῶς νέοι ἡδὲ παλαιοί,
πολλὰ δὲ τερπνὰ παθὼν ἔρχεται εἰς Ἀθην,
γηράσκων δ' ἀστοῖσι μεταπρέπει, οὐδέ τις αὐτὸν
βλάπτειν οὐτ' αἰδοῦς οὔτε δίκης ἐθέλει,
πάντες δ' ἐν θώκοισιν ὁμῶς νέοι οἳ τε κατ' αὐτὸν

εἴκουσ' ἐκ χάρης οἱ τε παλαιότεροι.
 ταύτης νῦν τις ἀνὴρ ἀρετῆς εἰς ἄκρον ἰκέσθαι
 πειράσθω θυμῷ μὴ μεθιεῖς πολέμου.²⁷

Não recordaria nem consideraria um homem na palavra, nem na excelência dos pés nem da arte de lutar, nem se tivesse tanto o porte quanto a força dos Ciclopes, nem vencesse, correndo, o Trácio Bóreas. Não, se fosse, em relação à aparência, mais belo do que Titono, e fosse mais rico do que Midas e Ciniras, nem se fosse mais poderoso do que o Tantálida Pélops, e tivesse a melíflua fala de Adrasto, nem se tivesse toda a glória, sem a impetuosa coragem. Pois o varão não se torna excelente no combate se, vendo, não suportar a guerra sanguinolenta, e, matando, fira de perto, mantendo-se firme. Nos homens, a excelência (ἀρετή) é o valor mais nobre, e mais belo de portar torna-se ao jovem varão. Algo nobre e comum tanto à cidade quanto a toda gente, aquele varão que tendo se colocado firmemente, combate na primeira fila, e permaneça continuamente, e esqueça completamente a fuga vergonhosa, arriscando a alma e o valente coração, e pela palavra, disposto ao lado, encoraje o homem próximo. Este homem torna-se ilustre na guerra. E rapidamente, dos homens hostis, repele as duras falanges, e as ondas da batalha prontamente retém. Aquele que tombando na frente de batalha perde a cara vida, tendo honrado tanto a cidadela quanto o povo e o pai, coloca-se adiante, muitas coisas conduzindo através do peito, através do tórax e do umbilicado escudo; os anciãos e os jovens igualmente o pranteiam, e toda a cidade queda-se com doloroso anelo. Famosos são os filhos dentre os homens, o túmulo, e os filhos dos filhos, e a progênie vindoura. Nem a nobre fama perece nem o seu nome, mas torna-se imortal, mesmo estando sob a terra, e aquele que furioso Ares mata, o qual se distingue tanto permanecendo na guerra quanto lutando pela pátria e pelos filhos. E se livra o coração da morte dolorosa, tendo vencido, obtenha o brilhante triunfo da lança, todos o honrem, igualmente os jovens e velhos. E tendo usufruído muitas coisas prazerosas, vai para o Hades, e distingue-se, envelhecendo dentre os cidadãos, e ninguém deseja incapacitá-lo da justiça nem do respeito. Todos, nos assentos, para ele, igualmente os jovens e os mais velhos, cedem o lugar. Não se livrando da batalha, agora cada homem busque com coragem o ápice desta excelência (ἀρετή).

O poema está dividido em três momentos. Do verso um ao verso nove, o poeta elenca algumas figuras míticas²⁸ representativas de qualidades como força física, velocidade, beleza,

²⁷ Tyrteus. **Elegias**. In TLG, Fragmento 12.

²⁸ As referências seguintes foram retiradas do **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**, de Pierre Grimal. Ciclopes: seres com um único olho no meio da testa que se distinguem pela força e pela habilidade manual. Bóreas: Personificação do vento do Norte. Titono: herói de grande beleza, irmão de Príamo, por quem Aurora se apaixonou. Midas: rei da Frígia que recebeu de Dionísio o dom de transformar tudo aquilo que tocasse em outro, em troca de ter acolhido Sileno, divindade do cortejo do deus. Ciniras: rei de Chipre, foi amado por Afrodite, de quem recebeu considerável riqueza. Pélops: neto de Zeus, é o pai de Atreu e avô de Agamêmnon. Adrasto: rei de Argos, cuja lenda se liga à da expedição dos Sete Chefes contra Tebas, a qual liderou

riqueza, poder e eloqüência, as quais nada valem se falta ao homem que as possui a coragem impetuosa, θούριδος ἄλκῆς. Os versos seguintes²⁹, do dez até o vinte e dois, tratam dos requisitos para ser um homem valente no combate – ousar olhar para a sangrenta carnificina do combate; atacar o adversário de frente com ardor; aguardar na primeira fileira, encarniçado, sem se lembrar da vergonhosa fuga, expondo a vida e a alma valente; inspirar confiança e ânimo com palavras àquele que se encontra ao lado – e derrotar o inimigo das ásperas falanges. Ele é um bem comum para a cidade e para todo o povo – ξυνόν δ' ἐσθλὸν τοῦτο πόλῃ τε παντί τε δήμῳ. Os versos restantes tratam de honra e glória conferidas àquele que luta no campo de batalha em defesa da cidade e dos filhos. Se perder a vida, terá sua honra refletida nos seus descendentes. Se, tendo ido para a guerra, sobreviver ao combate, volta para a cidade para viver e envelhecer honrado como um deus entre os demais cidadãos.

Neste contexto, o guerreiro ergue o escudo em prol da cidade, do povo e do pai. A conquista da glória repousa, sobretudo, em prescindir da fuga vergonhosa para defendê-los. Assim, vemos que o herói coletivo tem a sua excelência reconhecida quando esta tem como mola propulsora o bem que traga à cidade e ao povo, mediante a defesa contra o inimigo, enfrentando corajosamente a possibilidade de morrer, diferentemente do herói individual, que é instigado à luta não pela defesa dos seus, mas principalmente pela glória pessoal, tendo os seus feitos lembrados pelas gerações vindouras, servindo de exemplo a ser seguido.

4. 5. A *virtus* guerreira

Virtus significa virilidade, valor, coragem, bravura. Segundo Gaffiot, é, em princípio, característica distintiva do homem, do varão, mas, também carrega a acepção de qualidades morais, virtudes.

Maria Helena Rocha faz o seguinte comentário acerca da *virtus*:

juntamente com Polinice, filho de Édipo. Fez um discurso diante das sete piras dos mortos em Tebas. Este episódio está presente nas Olímpicas, de Píndaro, que é posterior a Tyrteu.

²⁹ Esse trecho faz alusão ao Canto III da *Ilíada*, em que Páris, ao se deparar com Menelau na frente de batalha, foge por entre as fileiras dos soldados.

Do sentido restrito de ‘valentia’, ‘coragem’, sobretudo na acepção militar, passando pelas qualidades de caráter, a evolução da *virtus* romana é muito semelhante à da *areté* grega, que, por sua vez, percorre um longo caminho, desde o campo da ação bélica e da palavra ajustada, dos heróis da *Ilíada*, ao sentido preciso e profundo de ‘virtude’ que assume a partir de Sócrates. A influência da noção grega sobre o desenvolvimento da romana é, sem dúvida, um dos aspectos mais salientes do contributo do helenismo. (PEREIRA, 2002, p. 415).

Dentro do âmbito que este valor abrange, propomos analisar como se configura a *virtus* na sua acepção primeira, concernente ao contexto da guerra. Para isso, estabelecemos uma comparação com ἄρετή grega, de modo a identificar em quais pontos esses valores se assemelham e se distanciam. Utilizaremos, para esta análise comparativa, as duas epopeias, **Ilíada** e **Eneida**, de modo a confrontar e ao mesmo tempo ratificar as ideias defendidas.

Na **Eneida**, Livro VIII, Evandro, árcade a quem Eneias se alia a fim de entrar em combate contra os latinos, por já ser idoso e não mais possuir a força (*vis*) que a juventude propicia, envia o filho Palas em seu lugar, para, juntamente com Eneias, comandar uma tropa de apoio aos troianos. Antes de partir, Evandro recomenda o filho ao dardânio e dirige-lhe as seguintes palavras:

hunc tibi praeterea, spes et solacia nostri,
Pallanta adiungam; sub te tolerare magistro
militiam et graue Martis opus, tua cernere facta
adsuescat, primis et te miretur ab annis.
(**Eneida**, VIII, 515-518)

Além disso, este a ti unirei, Palas, a esperança e o consolo nosso; sob te, mestre, habitue-se a suportar a guerra e o árduo trabalho de Marte, e a perceber os teus feitos, e te admire desde os (seus) primeiros anos.

Evandro outorga a Eneias a função de direcionar o seu filho Palas em relação à sua formação guerreira, servindo-lhe de tutor. Põe em relevo a virtude (*virtus*) de Eneias ao aconselhar o jovem a aprender, a partir dos feitos do herói, a suportar os labores militares e os ásperos trabalhos de Marte. Na **Ilíada**, no episódio da embaixada a Aquiles, Fênix, preceptor de Aquiles, tenta, juntamente com Ájax e Odisseu, convencer o herói a voltar ao combate. Em meio ao seu discurso, menciona a razão de ter ido à guerra. Foi mandado por Peleu, pai de Aquiles, a fim de ensinar-lhe a proferir bons discursos e a realizar grandes ações, pois era muito jovem, menino ainda (νήπιος), e precisava de um mentor que lhe ensinasse a proferir

bons discursos e realizar grandes ações – 'οὐ πω εἰδόθ' ὁμοῖον πολέμοιο οὐδ' ἀγορεύων, ἵνα τ' ἄνδρες ἀριπρεπέες τελέθουσι' (*Ilíada*, IX, 440-441): 'ainda não conhecedor da guerra funesta nem das assembléias, onde os heróis se tornam proeminentes'. A fala de Fênix remete à formação de Aquiles que, tendo ido para a guerra ainda muito jovem, era inexperto nas habilidades que formam o herói e que o enaltecem quando bem realizadas. São elas a fluência na arte do discurso e a destreza na prática das ações.

Ambos os episódios dizem respeito à excelência que deve ser almejada pelo herói. Neles, há a presença de um mentor cuja função é direcionar um jovem que está sendo iniciado na sua formação guerreira. Percebemos, no entanto, que no primeiro episódio há uma ênfase em relação ao desempenho bélico, sendo este requisito primordial para o aprimoramento dessa formação. No segundo episódio, existe uma equiparação concernente à importância dada tanto à eloquência quanto às ações bélicas para essa formação, sendo preciso exceler em ambas para se atingir o ideal de formação. Além disso, em referência ao desempenho na guerra, a fala de Evandro põe em relevo a necessidade de suportar (*tolerare*) a aspereza do combate, o que demanda desenvolver a resistência, a força (*vis*), que é própria do varão (*vir*), do guerreiro. E é nesse contexto que a *virtus* se realiza. Já a fala de Fênix remete à prática de ações – 'ἔμεναι προηκτῆρά τε ἔργων' – que, nas circunstâncias referidas, concernem à guerra. Logo, faz-se necessário um ajustamento, uma adequação no comportamento do herói a essas práticas as quais se fixam a partir de um padrão estabelecido. Nesse sentido, tanto a *virtus* latina quanto a ἀρετή grega são valores que concernem à excelência do guerreiro, à sua proeminência no combate, no entanto, diferem quanto à forma que se configuram.

A *virtus* ocorre mediante o ardor que surge no íntimo do herói em um momento de adversidade a fim de resistir ao embate, ardor esse que instiga a força e a coragem para enfrentar o adversário. É o que podemos inferir dos versos abaixo:

nec soli poenas dant sanguine Teucri;
quondam etiam uictis redit in praecordia uirtus
uictoresque cadunt Danaï.
(*Eneida*, II, 366-368)

Nem os Teucros sozinhos são punidos pelo sangue; às vezes, também a *virtus* ressurge no peito para os vencidos e os Dânaos vencedores caem.

O trecho acima está inserido no episódio em que Eneias, encontrando-se em Cartago, narra a pedido da rainha Dido, os acontecimentos sobre a destruição de Tróia. A cidade, tendo sido completamente invadida pelos aqueus, já estava tomada pela chama. Eneias, juntamente com outros companheiros, veste as armas. Com os corações inflamados de furor, eles investem contra o inimigo, e apesar da carnificina contra os teucros, eles não se deixam abater, fazendo também tombar muitos dânaos.

Observemos, nos versos abaixo, a ênfase dada à força, ao ardor implacável que surge no peito, no ânimo do herói diante da circunstância adversa, brotando de um impulso natural, quase instintivo:

Turnus ut infractos aduerso Marte Latinos
defecisse uidet, sua nunc promissa reposci,
se signari oculis, **ultro** implacabilis ardet
attollitque animos.
(**Eneida**, XII, 1- 4)

Turno, logo que vê os Latinos, quebrados pela Guerra adversa, ser desanimados, e agora suas promessas ser reclamadas, (e vê) se ser marcado pelos olhares, por si mesmo, implacável, arde, e ergue os ânimos³⁰.

Trata-se do momento posterior à morte de Camila³¹, forte aliada de Turno. Ao morrer, a guerreira provocou a fuga dos esquadrões aliados dos latinos diante do fortalecimento dos troianos. Após esse episódio, Eneias, com o seu batalhão, acampa em frente da cidade do rei Latino. Turno, vendo os latinos desfalecer diante dos reveses da luta, e vendo os olhares de cobrança voltados para ele, pois só estavam naquela situação devido a sua insistência em guerrear contra os troianos, enche-se de furor. Ele é comparado a um leão que, trespassado no peito por ferida causada pelos caçadores, prepara-se para o combate. Quebra, intrépido, o dardo com que lhe feriram, e rugue com a garganta ensanguentada. A comparação dá ênfase a *virtus* do herói, pondo em evidência o caráter instintivo desse valor.

³⁰ Animus, i (m) = ânimo, neste contexto tem o sentido de qualquer movimento impetuosos da alma (ira, cólera; coragem, denodo, confiança, força).

³¹ Camila era filha do rei dos Volscos, Métabo. Expulso de sua cidade pelos inimigos após a morte da esposa, o rei, perseguido por soldados armados, fugiu com sua filha ainda pequena, mas quando ia escapar, deparou-se com o rio Amaseno. Então, para salvar a filha, amarrou-a em uma lança e arremessou-a para a outra margem, mas antes, rogou a Diana que a protegesse, prometendo consagrá-la à deusa caso a criança se salvasse. Diana atendeu ao seu pedido, e Camila cresceu na floresta, junto ao pai – ele atravessara o rio a nado – de modo que não suportava a vida na cidade. Vivia da caça e exercitava-se na guerra.

Entretanto, encontramos também, dentro da **Eneida**, como se dá com a ἀρετή dentro da **Ilíada**, a *virtus* incitada por Júpiter:

At non haec nullis hominum sator atque deorum
 observans oculis summo sedet altus Olympo:
 Tyrrhenum genitor Tarchonem in proelia saeva
 suscitāt et stimulis haud mollibus inicit iras.
 (**Eneida**, XI, 725-728)

Mas o pai dos homens e dos deuses, não observando estas coisas com olhos indiferentes, altivo, assenta-se no elevado Olimpo: o genitor suscita Tarcão, o Tirreno, na cruel peleja e não incita as iras com estímulos brandos.

Os versos acima tratam do momento em que os troianos estão sendo massacrados por Camila. Tarcão é insuflado pelo filho de Saturno a combater, cheio de ira e furor. Em seguida, é conduzido em seu cavalo para o meio da pugna, onde o morticínio se faz mais acirrado. Lá, o herói incita os companheiros para a guerra, reagindo ao ataque de Camila.

Na **Ilíada**, existe uma adequação da ἀρετή grega à situação estabelecida. Ela ocorre conforme o momento que se apresenta. A coragem, neste contexto, surge no herói moldada pela circunstância apresentada, diferentemente da *virtus*, que brota como um impulso natural – ὥς εἰπὼν Ἀχιλλῆα ἀλείς μένεν, ἐν δέ οἱ ἦτορ ἄλκιμον ὄρματο πτολεμίζειν ἠδὲ μάχεσθαι' (**Ilíada**, XXI, 571-572): 'assim dizendo, tendo sido acossado a esperar Aquiles, e dentro dele o bravo coração precipitava-se a combater e a lutar'. Os versos referenciados fazem parte do episódio em que os teucros, perseguidos por Aquiles, adentram as muralhas de Troia, graças a Agenor, troiano filho de Antenor, que, com o ânimo insuflado por Apolo, fica a espera e em seguida vai ao encalço de Aquiles enquanto os demais escapam. No entanto, ao perceber a aproximação do Pelida, Agenor sente o coração indeciso. Ele cogita duas possibilidades, fugir junto com os outros, ou correr para a floresta a fim de lá se esconder, despistando o herói, mas desiste, haja vista saber que em ambas seria alcançado. Diante da impossibilidade de escapar, ele medita sobre a viabilidade de enfrentar Aquiles, que, sendo mortal, também é vulnerável ao corte da arma de bronze, e assim cria disposição de ir contra ele. Nesse instante, é colocada em evidência a excelência de Agenor, que é exaltada através da comparação feita pelo narrador, entre o troiano e uma pantera, que sai da densa floresta ao encontro do caçador, sem receio algum dos cães caçadores, e se vem a ser ferida, não esmorece o ímpeto antes de atacá-lo a fim de matar ou morrer.

Ainda na **Ilíada**, vemos outro episódio que ratifica a ideia acima alentada sobre a ἄρετή grega. Heitor, enfrentando Aquiles em combate singular, é enganado por Atena, que se disfarça em Deífobo, irmão do herói, fingindo estar ao seu lado no instante do embate entre o Priamida e o Pelida. Quando Heitor, no momento em que precisa da sua ajuda, percebe que foi enganado, e que, na realidade, está sozinho, reconhece que sua morte pelas mãos de Aquiles é inevitável e que não pode escapar ao destino. Então, é levado por tal conjectura a querer realizar um grande feito no último instante de vida, para ser lembrado pela posteridade - 'μὴ μὰν ἀσπουδί γε καὶ ἀκλειῶς ἀπολοίμην, ἀλλὰ μέγα ῥέξας τι καὶ ἐσσομένοισι πυθέσθαι' (**Ilíada**, XXII, 304-305): 'não, certamente, sem luta e também ingloriosamente pereça, mas tendo realizado grande feito também para aqueles que hão de existir aprender'. Heitor saca a espada e contra Aquiles investe. Nesse momento, o troiano tem a excelência exaltada, ao ser comparado à águia altaneira, que na planície se atira, através de densas nuvens, a fim de capturar lebre ou ovelha.

Assim, diante da comparação estabelecida entre os exemplos acima referidos, podemos averiguar como se configuram tanto a ἄρετή grega quanto a *virtus* latina, percebendo a peculiaridade concernente ao sentido que cada uma delas exprime.

4. 6. *Virtus* e a busca da 'bela morte'

A 'bela morte', no contexto latino, configura-se do mesmo modo que no grego. O jovem guerreiro morre no campo de batalha, pelas mãos de um adversário tão ou mais valoroso do que ele próprio, e recebe, após a morte, os ritos fúnebres, o que lhe garantirá a sua consagração e a glória perene.

Analisemos o trecho abaixo:

'stat sua cuique dies, breue et inreparabile tempus
omnibus est uitae; sed famam extendere factis,
hoc uirtutis opus. Troiae sub moenibus altis
tot gnati cecidere deum, quin occidit una
Sarpedon, mea progenies; etiam sua Turnum
fata uocant metasque dati peruenit ad aeu.'
(**Eneida**, X, 467-472)

‘a cada um está estabelecido o seu dia, o tempo de vida é para todos breve e irreparável; mas estender a fama pelos feitos, esta é obra da virtude. Tantos filhos dos deuses pereceram sob as altas muralhas de Troia, porque não pereceu unicamente Sarpedão, minha progênie; também seus destinos chamam Turno, e (ele) alcançou as metas em relação ao tempo dado.’

Os versos fazem parte do episódio da morte de Palas, árcade, filho do rei Evandro, aliado de Eneias na luta contra os latinos. Diz respeito à fala de Júpiter em resposta ao lamento de Hércules³² por não poder atender ao pedido de Palas, que lhe favorecesse no ataque contra Turno. O Satúrnio remete ao fato de que todos têm o dia do seu termo estabelecido, não sendo diferente para os grandes heróis, como Sarpedão, que apesar de ser seu filho, não pôde escapar à morte nos campos de Troia. No entanto, engrandecer a fama dos feitos é obra da *virtus* de cada um – *sed famam extendere factis hoc uirtutis opus*. A excelência do homem consiste em agir. Nesse sentido, o filho de Evandro, para quem a morte é inexorável, enaltecer-se-á, antes de perecer, mediante a realização de grandes feitos. Incitado pela força (*vis*) que o impulsiona a combater com as hostes inimigas, inflama a coragem dos combatentes árcades que estão sob a sua liderança. Palas contempla a *virtus* dos seus guerreiros, a voracidade com que lutam, e regozija por vê-la convergir a um único ponto qual fogo devastador – “non aliter socium uirtus coit omnis in unum teque iuuat” (**Eneida**, X, 410) – como o pastor que, tendo ateado fogo à floresta em diversos pontos subitamente ganha grande proporção e estende grande destruição sobre a planície, admira, de uma eminência, vencedor, as chamas triunfantes (*flamas ouantis*). Ocorre o embate entre Turno e Palas. Eles se enfrentam em combate singular. Após uma luta acirrada, Palas é mortalmente ferido por Turno, que espolia suas armas, mas lhe concede receber as honras fúnebres, haja vista representar exaltação para a sua própria glória, como já foi explicado anteriormente. Os

³² Conforme relato da **Eneida**, Livro VII, o culto ao deus Hércules foi instituído no Lácio por uma antiga família, a Pinária, e Potício, que presidia o corpo de sacerdotes na cerimônia ao deus. O herói passava pela região após realizar o décimo trabalho dos doze a ele imputados pela deusa Juno, levando consigo uma belíssima manada de bois, os quais deixou pastando no sítio do futuro *Forum Boarum*, entretanto, quando já estava de partida e fez a contagem dos animais, percebeu que alguns haviam desaparecidos. Foram roubados por Caco, figura não-humana, filho de Vulcano, que exalava fogo pela boca. Ele habitava uma gruta, no monte Aventino, trazendo terror aos habitantes da região, pois atacava homens e animais, deixando o solo sempre umedecido de sangue. Hércules saiu a procura dos animais, mas não conseguiu encontrá-los, graças a um estratagemma do monstro. Decidiu deixar o lugar mesmo assim, mas quando estava partindo com o restante da manada, os animais mugiram com a retirada, e todo o bosque retumbou. Uma das novilhas capturadas soltou um mugido, que foi ouvido pelo herói. Ele, então, vai ao encalço de Caco. Encontrando-o, mata-o e livra a região de um monstro tão horrendo. Desde esse acontecimento, todos os anos era oferecido um banquete em honra ao herói.

companheiros conduzem o corpo do guerreiro sobre o seu escudo, e a notícia da sua morte chega a Eneias, que juntamente com seus aliados, pranteiam-no. O Anquísida prepara-lhe o funeral e dá o último adeus ao herói.

Remetamos ao episódio da **Ilíada**, em que ocorre a morte de Sarpedão. Nele, Zeus, vendo chegar o momento de Sarpedão cumprir a sua moira, cogita a possibilidade de salvá-lo, levando-o de volta para a Lícia. Hera interfere, fazendo o esposo ver a inconseqüência dessa atitude, pois assim como ele, os outros deuses também teriam filhos na guerra, e vendo-o salvar o seu, quereriam fazer o mesmo, o que provocaria a discórdia. Além disso, Sarpedão já se encontrava fadado a morrer – "ἄνδρα θνητὸν ἔοντα πάλαι πεπρωμένον αἴσῃ ἃψ ἐθέλεις θανάτοιο δυσηχέος ἐξαναλῦσαι" (**Ilíada**, XVI, 441-442): "desejas livrar novamente da morte horrísona um homem que é mortal, há tempo entregue ao destino?". A deusa aconselha Zeus a permitir que Sarpedão perecesse pelas mãos de Pátrocles, e que logo depois, ele fosse conduzido para a Lícia, onde receberia as exéquias, honra devida aos mortais – 'τὸ γὰρ γέρας ἐστὶ θανόντων'.

Os dois momentos referidos acima tratam da 'bela morte'. Há diferença, no entanto, em relação ao foco que é dado a cada uma das circunstâncias. No primeiro, a ênfase repousa no valor do exemplo, *famam*, fruto das ações provenientes da *virtus*. A morte, certa para todos, não representa necessariamente o fim, mas apenas uma determinação do destino. No entanto, cabe a cada homem sobrepor-se a ela, realizando grandes feitos, que lhe garantirá a fama. Os versos abaixo reiteram essa ideia:

Usque adeone mori miserum est? Vos o mihi, manes,
 Este boni, quoniam superis auersa uoluntas.
 Sancta ad uos anima atque istius inscia culpae
 descendam, magnorum haud umquam indignus auorum.
 (**Eneida**, XII, 646-649)

Até onde morrer é lamentável? Vós, ó manes, para mim sede bons, pois dos deuses a vontade é adversa. A vós descerei, com alma augusta e ignorante desta culpa, nunca indigno dos meus grandes antepassados.

Trata-se do episódio em que Juturna, uma ninfa, irmã de Turno, conduz o irmão em meio à guerra e lhe informa acerca da situação dos latinos, Eneias ataca os ítalos e multiplica os combates. Turno reconhece a irmã, que estava disfarçada de Metisco, seu auriga. Ela ainda tenta instigá-lo para o combate, mas ele se diz ciente da situação, que se encontra

completamente desfavorável. É nesse instante que profere as palavras acima. A culpa a qual Turno se refere, diz respeito à fuga do embate, haja vista os troianos estarem devastando os latinos. Essa vergonha ele não carregaria e continuaria honrando a linhagem dos seus ancestrais, logo, a morte para ele não é lastimável, pois não representa o fim.

Visão diferente percebemos no episódio citado anteriormente, sobre a morte de Sarpedão. A morte é apontada como sendo terrível, algo desagradável - 'θανάτοιο δυσηχέος',³³ mesmo tendo o herói realizado grandes feitos a fim de garantir uma 'bela morte', como é o caso do filho de Zeus. Isso se explica pela visão que o grego tinha da morte. Para ele, ela era o aniquilamento total. É o quadro que Homero apresenta no Canto XI, da **Odisseia**. Odisseu desce até a entrada do Hades a fim de consultar o adivinho tebano Tirésias, pois precisa saber qual caminho deve tomar para conseguir voltar para casa, em Ítaca. Lá, ele se depara com as almas daqueles que viveram, sombras indistintas, sem vida e sem consciência. Outro é o cenário apresentado na **Eneida**, no Livro VI, quando Eneias faz a sua *katábasis*. Ele vai ao encontro da alma do seu pai, Anquises, a fim de praticar e conhecer o porvir dos seus futuros descendentes. Lá, ele vê uma multidão de heróis que irão beber da água do rio Letes, a fim de esquecer a vida pregressa e retornar à vida no corpo. Sob a perspectiva latina, há uma vida após a morte do corpo, a qual será o reflexo das ações realizadas durante a existência.

4. 7. A etimologia do vocábulo *virtus*

A palavra *virtus* tem com *uir*, conforme Ernout, a mesma relação de derivação que *iuventus* e *senectus* têm com *iuvens* e *senex*, respectivamente. Do mesmo modo que *iuventus* denota a atividade e a qualidade de jovem, e *senectus*, a atividade e a qualidade de velho, do mesmo modo, *virtus* diz respeito à atividade e às qualidades típicas do varão, do homem. Segundo o **Oxford Latin Dictionary**, o sufixo *tus*, *tutis* acrescenta ao substantivo a que se junta o sentido de abstração ou coletividade. Vejamos as pontuações que Cícero faz acerca da *virtus* no excerto abaixo:

³³ Os epítetos para morte (θάνατος) sempre trazem um sentido de terrível, desagradável, tétrico: θάνατος δεινός (morte terrível), θάνατός κακός (morte má), πορφύρεος θάνατος (morte sanguinolenta), θάνατος θυμοραϊστής (morte destruidora de vida), θάνατος καταθύμιός (morte pesada ao coração).

Quod ergo et postulatur a fortibus et laudatur, cum fit, id aut extimescere veniens aut non ferre praesens nonne turpe est? Atqui vide ne, cum omnes rectae animi adfectiones virtutes appellentur, non sit hoc proprium nomen omnium, sed ab ea quae una ceteris excellebat, omnes nominatae sint. Appellata est enim ex viro virtus; viri autem propria maxime est fortitudo, cuius munera duo sunt maxima, mortis dolorisque contemptio. Utendum est igitur his, si virtutis compotes, vel potius si viri volumus esse, quoniam a viris virtus nomen est mutuata. [Cicero (Tusc. II 43)]

Aquilo que, pois, tanto é pedido pelos fortes quanto é louvado, quando acontece, ou aquilo vindo, temer, ou, presente, não suportar, acaso não é torpe? Mas não percebe! Quando todas as disposições diretas do espírito são chamadas virtudes, não seja este nome próprio de todas, mas unicamente por aquela (disposição) que sobrepuje às demais, todas sejam determinadas. Porque *virtus* é denominada a partir de varão (*vir*): além disso, é o próprio valor máximo do varão, de quem são dois máximos deveres, o desdém da morte e da dor. Assim é usado por estes, se senhores da virtude ou de preferência se varões queremos ser, porque o nome *virtus* é tomado emprestado dos varões.

Virtus é aquela disposição do espírito que sobrepuja as outras. Ela demanda coragem e resistência para assim ser nomeada, tendo em vista que se trata do valor mais elevado do homem, cujos deveres máximos são o desprezo pela morte e pela dor.

Vir, que significa homem, em oposição à mulher, traz, por extensão, também o sentido de herói, tendo em vista que apenas ao homem estão reservados a guerra e o combate – "arma virumque cano: canto as armas e o varão" (Eneida, I, 1). Do primeiro verso da **Eneida**, podemos inferir essa ideia, pois o poeta propõe cantar as armas, referentes, sobretudo, às guerras vindouras, e também o varão, que neste contexto, trata-se de Eneias. *Vir*, varão, tem a mesma raiz de *vis*, força. Dessa relação, é possível perceber que ser homem é possuir a força, cuja raiz é a mesma da palavra grega ἰς, força, resistência. Logo, *virtus* é a qualidade daquele que possui, em máximo grau, a capacidade de resistir. Dessa resistência vem, por extensão, o sentido de coragem, que impele o herói ao combate. A *virtus* brota como um impulso natural, como já foi demonstrado.

Aquele que possui *virtus* é apto à realização de grandes feitos, que serão lembrados e reverenciados no porvir.

Quis genus Aeneadum, quis Troiae nesciat urbem
Virtutesque virosque aut tanti incendia belli?
 (Eneida, I, 565-566)

Quem a raça dos Enéadas, quem a cidade de Tróia há que desconheça, e as virtudes e os varões ou o incêndio de tão grande guerra?

Os versos acima tratam da fala de Dido no episódio em que os troianos chegam a Cartago, depois de escapar da tempestade enviada por Juno. Eles, estando ausente o seu rei, pois a tropa se dispersara, suplicam acolhimento à rainha, mas se queixam do modo como foram recebidos, pois, tendo sido aquela as primeiras terras a se oferecer após a tormenta, os cartagineses lhes negaram hospitalidade, repelindo-os com armas. No entanto, após se identificarem, Dido explica a razão de tal atitude, remetendo a sua própria história, quando saiu fugida da Fenícia, perseguida pelo irmão, Pigmalião. Sendo aquele o sétimo ano desde a destruição de Troia, a fama dos descendentes de Dârdano já alcançava todos os cantos da terra. A referência à raça dos Enéadas (*genus Aeneadum*), nome proveniente daquele que é o pai desta raça, Eneias (*pater Aeneas*), reforçada pela menção aos varões (*viros*) que compõem esta raça e às virtudes (*virtutes*) – que podem ser entendidas conforme o sentido etimológico do termo, haja vista ser apontado o incêndio de Troia como consequência da guerra – já prenuncia um dos elementos basilares característicos dos futuros descendentes do filho de Anquises, a *virtus*. Eneias é o varão (*vir*) cantado pelo poeta da **Eneida**, o qual fundará as bases do império romano, que tem na força bélica a mola propulsora de sua expansão e domínio.

Em Drepano, estão sendo realizados os jogos em honra a Anquises. Eneias propõe uma corrida de barcos. Dela, participam Menesteu, Gias, Sergesto e Cloanto. O primeiro lugar é conquistado por Cloanto, o segundo, por Menesteu. Em terceiro, fica Gias, e, finalmente, Sergesto, que por ter ficado encalhado nas pontas de um pequeno rochedo, chega por último. No meio da disputa, Sergesto incita os seus remadores para força empreender nos remos. Em seguida, roga a Netuno que, já não lutando pelo primeiro prêmio, pelo menos lhe poupasse da vergonha de chegar por último:

..... ‘Nunc nunc insurgite remis,
Hectorei socii, Troiae quos sorte suprema
Delegi comites: nunc illas promite **vires**,
Nunc animos, quibus in Gaetulis Syrtibus usi
Ionioque mari Maleaeque sequacibus undis.
(**Eneida**, V, 189-193)

..... ‘ora ora, elevai-vos sobre os remos, sócios de Heitor, os quais,
de Troia em sua sorte suprema, deleguei companheiros: agora mostrai

aquelas forças, agora os ânimos, os quais usastes nas Sirtes Getúlias, e no mar Jônio, e nas ondas sequazes de Malea.

Menesteu busca instigar os companheiros, remetendo a momentos supremos em suas vidas, a destruição de Troia, as Sirtes Getúlias³⁴, o mar Jônio e as ondas agitadas de Malea³⁵, de modo que se lembrassem das forças (*vires*) empregadas naquelas circunstâncias a fim de resistir aos reveses, para que do mesmo modo, naquele momento de disputa e competição, utilizassem-na, a fim de ultrapassar o candidato que se encontrava a sua frente.

Sergesto fica em segundo lugar. Na hora da premiação, Eneias menciona a *virtus* do herói, que o fez conquistar tal posição:

At qui deinde locum tenuit **virtute** secundum,
 Levibus huic hamis consertam auroque trilicem
 Loricam, quam Demoleo detraxerat ipse
 Victor apud rapidum Simoenta sub Ilio alta,
 Donat habere, viro decus et tutamen in armis.
 (**Eneida**, V, 258-262)

E depois, aquele que obteve o segundo lugar pela virtude, a este, tríplice couraça entrelaçada com leves malhas, que tirou ele próprio (Eneias), vencedor, de Demoleo, junto ao rápido Símois, sob a alta Ílio, concede portar, ornamento para o varão e proteção nos combates.

A referência do Priamida a *virtus* reitera a acepção do termo, colocando em evidência a firmeza do herói em relação à competição, através da qual granjeou a posição conquistada.

Já no Lácio, a guerra entre latinos e troianos foi deflagrada. Tendo Eneias ido à cidade do Palanteu, a fim de buscar auxílio junto a Evandro, rei dos árcades, os troianos encontravam-se sozinhos, protegidos apenas por uma muralha, construída na praia a fim de proteger os navios. A despeito do ardor guerreiro dos troianos, os latinos conseguem invadir o acampamento, vencendo o muro de proteção: "Incipe, si qua animo **virtus**, et consere dextram; hic etiam inventum Priamo narrabis Achillem" (**Eneida**, IX, 741-742): "Começa, se há alguma virtude no ânimo, arma a destra; aqui também há um jovem Aquiles, narrarás a Príamo". O trecho diz respeito à fala de Turno, quando, encontrando-se dentro do acampamento troiano, depara-se com Pândaro, que o enfrenta, dizendo ser ali território inimigo. O Rútulo, sorrindo e com o coração sereno, responde ao troiano, que contra ele joga a lança. A deusa Juno a desvia. Por

³⁴ Sirtes Getúlias: Bancos de areia ao noroeste da África.

³⁵ Malea: promontório do Peloponeso, hoje Cabo Malio, famoso pela periculosidade.

sua vez, Turno investe contra Pândaro, levanta a espada e desfere o golpe fatal, fendendo-lhe a fronte entre as duas têmporas.

Nos versos citados, a comparação de Turno com Aquiles – o maior de todos os guerreiros em força e excelência – dá ênfase ao caráter bélico da *virtus*. Turno incita Pândaro a começar o combate com ele, se em seu espírito existe a força, a firmeza (*virtus*) necessária para enfrentá-lo, pois ali também se encontra um jovem Aquiles (*inventum... Achillem*).

Assim, vemos como a *virtus* se configura, a partir da análise etimológica do vocábulo e da aplicação do seu sentido nos textos referenciados.

CAPÍTULO II

As armas do herói

1. O valor das armas

O herói guerreiro é suas armas. Elas refletem a sua excelência varonil no campo de batalha. Elas simbolizam o guerreiro que está pronto a enfrentar o combate, seja para vencer o adversário, seja em busca da “bela morte”. Vestir as armas para a luta é um ritual que lhe garante os atributos para o enfrentamento do inimigo, tornando-se uno com elas. Valores como κράτος, κύδος, κλέος, τιμή e ἀρετή, atribuídos ao guerreiro, quando relacionados com as suas armas, faz sentir mais fortemente a belicosidade do herói e a finalidade para a qual nasceu e foi criado. Vejamos o sentido desses valores e sua aplicação dentro da narrativa da *Ilíada*.

κράτος exprime a noção de dureza e significa força, notadamente força física que permite o triunfo. No Canto V, Eneias estimula Pândaro a usar sua habilidade de arqueiro exímio para atacar Diomedes, que prevalece sobre os troianos, causando-lhes muitos danos - "ἀλλ' ἄγε τῶιδ' ἔφες ἀνδρὶ βέλος Διὶ χειρᾶς ἀνασχών/ ὅς τις ὅδε **κρατέει** καὶ δὴ κακὰ πολλὰ ἔοργε/ Τρῶας, ἐπεὶ πολλῶν τε καὶ ἐσθλῶν γούνατ' ἔλυσεν" (*Ilíada*, V, 174-176): "mas vai, conduz a flecha em direção àquele homem, tendo elevado as mãos a Zeus, quem quer que seja, que **excele em força** e promoveu muitos males aos Troianos, quando desatou os joelhos de muitos nobres". No Canto XXI, o rio Escamandro convoca seu irmão, o rio Simoente, a refrear Aquiles, que, incansável e ferozmente, joga os corpos dos troianos no leito do rio, impedindo-lhe o transcurso "ἴστη δὲ μέγα κῦμα, πολὺν δ' ὀρυμαγδὸν ὄρινε/φίτρων καὶ λάων, ἵνα παύσομεν ἄγριον ἄνδρα/ ὅς δὴ νῦν **κρατέει**, μέμονεν δ' ὅ γε ἴσα θεοῖσι." (*Ilíada*, XXI, 313-315): "eleva grande onda e causa grande barulho de troncos e de pedras, a fim de que paremos o feroz guerreiro, que agora

excele em força, e que luta com ardor igual aos deuses". Os dois episódios elencados denotam um momento de poder, de supremacia, dos heróis Diomedes e Aquiles, em relação ao seu adversário, os troianos, e em relação também aos seus pares, visto que, nesse momento especificamente, eles se destacam na matança do inimigo. O uso do verbo κράτω, nas duas situações, marca essa supremacia.

κύδος é o brilho momentâneo ocasionalmente dado a um herói por um deus, após uma vitória, um triunfo (εὐχός) em combate, podendo ser retirado a qualquer momento que o deus queira fazê-lo. No Canto XVI, Aquiles faz libações a Zeus, suplicando-lhe que conceda a Pátroclos alto brilho e coração intrépido a fim de que enfrente Heitor, provando assim o seu grande valor – "τῶι κῦδος ἅμα πρόες εὐρύοπα Ζεῦ, θάρσυνον δέ οἱ ἦτορ ἐνὶ φρεσίν" (*Ilíada*, XVI, 241-2): "ao mesmo tempo, envia a ele **brilho**, Zeus da vasta visão, e encoraja-lhe o coração no peito". No Canto VIII, Nestor aconselha Diomedes a que ambos se retirem da luta, pois do lado de Heitor encontra-se Zeus, concedendo-lhe κῦδος, brilho: "νῦν μὲν γὰρ τούτῳ Κρονίδης Ζεὺς κῦδος ὀπάζει σήμερον· ὕστερον αὖτε καὶ ἡμῖν, αἶ κ' ἐθέλησι, δώσει" (*Ilíada*, VIII, 141-3.): "pois agora, neste momento, Zeus Cronida concede-lhe **brilho**; depois, caso deseje, aí, dará a nós, novamente". Nesse episódio podemos perceber claramente que depende da vontade de Zeus a atribuição de *kudos*. Sendo o deus detentor permanente desse valor, ele próprio é κύδιστος, o mais brilhante.

κλέος é a glória conquistada pelo herói no campo de batalha, e uma vez conquistada, nunca a perde nem jamais lhe pode ser retirada: κλέος ἐσθλόν – boa, nobre glória; μέγα κλέος – grande glória; μέγιστον κλέος – glória suprema; εὐρύ κλέος – vasta glória; κλέος ἄσβεστον – glória inextinguível; κλέος ἄφθιτον – glória imperecível; κλέος ὑπουράνιον – glória que atinge o céu. A conquista de κλέος pelo herói se dá com a 'bela morte' no campo de batalha. Isso selará a sua ausência na eterna presença cantada pela voz do aedo. No Canto IX, a embaixada formada por Ulisses, Fénix e Diomedes, encontra-se na tenda de Aquiles, na tentativa de persuadi-lo a voltar para a guerra. O Pelida, então, responde:

μήτηρ γὰρ τέ μέ φησι θεὰ Θέτις ἀργυρόπεζα
διχθαδίας κῆρας φερέμεν θανάτοιο τέλος δέ.

εἰ μὲν κ' αὖθι μένων Τρώων πόλιν ἀμφιμάχωμαι,
 ὤλετο μὲν μοι νόστος, ἀτὰρ κλέος ἄφθιτον ἔσται·
 εἰ δέ κεν οἴκαδ' ἵκωμι φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν,
 ὤλετό μοι κλέος ἐσθλόν, ἐπὶ δηρὸν δέ μοι αἰὼν
 ἔσσεται, οὐδέ κέ μ' ὦκα τέλος θανάτοιο κιχείη.
 (Ilíada, IX, 410-416)

Pois a mãe Thétis, deusa dos pés argênteos, diz-me portar duas queres até o termo da morte. Se permanecendo aqui mesmo, combatesse em torno da cidade dos Troianos, o retorno para mim aniquila-se, mas a glória será imperecível; se, rumo ao lar, eu alcanço a querida terra pátria, aniquila-se para mim a boa glória, e a mim longa vida haverá, e rapidamente o termo da morte não me alcançaria.

Aquiles é o único dentre os aqueus, que foi para a guerra contra os troianos por livre escolha, visto que os outros estavam presos a um juramento.³⁶ Ele tinha a opção de viver longamente até a velhice, na abundância, entretanto, anônimo, sem glória e renome; ou morrer jovem, no campo de batalha, sofrendo a 'bela morte', e tendo a sua excelência heróica sendo lembrada e tomada como exemplo pelas gerações vindouras. A primeira opção seria uma morte em vida para um herói guerreiro, sobretudo para um cuja excelência é absoluta, pois o levaria ao esquecimento completo. A segunda opção é uma garantia de eternização, de estar presente mesmo quando já for ausente na sociedade da qual faz parte. Aquiles opta pela segunda, aquela que lhe asseguraria a glória imperecível, κλέος ἄφθιτον.

A τιμή tem origem divina: "Θυμὸς δὲ μέγας ἐστὶ διοτρεφέων βασιλῆων, τιμὴ δ' ἐκ Διὸς ἐστι, φιλεῖ δέ ἐ μῆτιέτα Ζεὺς." (Ilíada, II, 196-7) – "Grande é o coração dos reis, nutridos por Zeus, pois a honra provém de Zeus; Zeus sábio os ama". Apanágio da soberania é a honra conferida aos deuses e aos heróis; faz parte do lote de cada um e está vinculada ao poder real, à soberania. No Canto I, Aquiles tem o seu γέρας tomado por Agamêmnon, o que põe em risco a sua honra, τιμή, visto que se trata de uma recompensa material – um escravo, uma arma, um animal – dado a um herói por ser excelente e estar entre os melhores. É dado ao homem pelos homens, pelos membros de um mesmo grupo social, sendo parte de um

³⁶ Conforme a tradição, esse episódio trata do juramento feito pelos pretendentes à mão de Helena, quando ela escolheu um dentre os muitos heróis que se apresentaram para ser o seu marido. Tíndaro, seu pai mortal, receando que houvesse desentendimento no momento em que ela fizesse a sua escolha, fez com que jurassem ir ao encalço do escolhido caso algo de mal lhe acontecesse. Foi por conta desse juramento que Menelau conseguiu reunir os senhores gregos a fim de ir a Troia resgatar a sua esposa, Helena.

espólio proveniente do saque de alguma vila ou cidade. A partir do momento em que o Atrida toma Briseida do Pelida, ele se sente ἄτιμος, desonrado, pois está privado do seu γέρας, um dentre os símbolos que lhe reitera e acrescenta honra, τιμή, e excelência, ἀρετή. Além disso, a perda da honra põe em risco a sobrevivência do *génos*, cujo vínculo com ela é de caráter religioso³⁷. O patriarca era o responsável pelo culto aos deuses da família, os quais a protegiam. Ao pai, que depois da morte tornava-se um desses deuses, sucederia o filho no comando do lar. Esse patriarca era também guerreiro, pois se trata de uma sociedade guerreira. A perda da honra significava manchar a própria linhagem, e consequentemente, tornar vulnerável a existência da família. Os versos abaixo ratificam essa ideia:

Ἴππόλοχος δέ μ' ἔτικτε, καὶ ἐκ τοῦ φημι γενέσθαι
πέμπε δέ μ' ἐς Τροίην, καί μοι μάλα πόλλ' ἐπέτελλεν
αἰὲν ἀριστεύειν καὶ ὑπείροχον ἔμμεναι ἄλλων,
μηδὲ γένος πατέρων αἰσχυνέμεν, οἳ μέγ' ἀριστοὶ
ἐν τ' Ἐφύρῃ ἐγένοντο καὶ ἐν Λυκίῃ εὐρείῃ.
ταύτης τοι γενεῆς τε καὶ αἵματος εὖχομαι εἶναι.
(*Ilíada*, VI, 206-211)

Hipóloco me gerou e dele digo ser. Enviou-me para Troia e a mim muitas coisas ordenava: a sempre distinguir-me e a ser proeminente dentre os outros, e a não desonrar a linhagem dos pais, os quais, de longe, os mais valentes tornaram-se, em Éfira e na vasta Lícia. Desta raça e também deste sangue declaro ser.

O trecho acima diz respeito ao episódio em que Glauco, aliado troiano, filho de Hipóloco, e Diomedes, argivo, filho de Tideu, encontram-se em meio ao combate. Diomedes questiona Glauco acerca da sua origem, pois tendo em vista nunca tê-lo visto antes no campo de batalha, temia tratar-se de um deus, com quem jamais desejaria lutar. Glauco então discorre sobre a sua progeneritura, dizendo ser descendente de Belerofonte, cujas façanhas, dentre elas a morte da Quimera, outorgou-lhe a união com a filha do rei da Lícia, de quem gerara três filhos. Dentre eles está Hipóloco, pai de Glauco, de cuja fala provém os versos elencados.

A ἀρετή é a excelência do herói, constituída por sua coragem e materializada por suas façanhas guerreiras no campo de batalha. No Canto IX, na embaixada enviada por Agamêmnon à tenda de Aquiles, Fênix, a fim de convencer o Pelida a voltar para a guerra,

³⁷ GERNET, Louis. *Droit et institutions em Grèce antique*. Flammarion: Paris, 1982, p. 224.

remete ao fato de que até os deuses, cuja excelência, ἀρετή, honra, τιμή, e força, βιή, são superiores, aquiescem.

Espoliar as armas do adversário depois de derrotado significa obter mais honra e maior excelência. Ao matar o inimigo, o vencedor evidencia a sua proeminência em relação a ele, e assim, não apenas dá continuidade ao valor heroico do seu clã, do seu *génos*, mas, sobretudo, reforça-o, ao ratificar o seu próprio valor. No Canto XIII, Idomeneu, rei de Creta, em meio à batalha, encontra Meríones, que perdera a lança lutando com o inimigo. Ele lhe oferece uma das muitas hastas que espoliou dos troianos, ao combatê-los com sua excelente bravura:

δούρατα δ' αἶ κ' ἐθέλησθα καὶ ἐν καὶ εἴκοσι δῆεις
 ἐσταότ' ἐν κλισίῃι πρὸς ἐνώπια παμφανόωντα
 Τρώϊα, τὰ κταμένων ἀποαίνυμαι· οὐ γὰρ οἴω
 ἀνδρῶν δυσμενέων ἐκὰς ἰστάμενος πολεμίζειν.
 τῷ μοι δούρατά τ' ἔστι καὶ ἀσπίδες ὀμφαλόεσσαι
 καὶ κόρυθες καὶ θώρηκες λαμπρὸν γανόωντες.
 (Ilíada, XIII, 260-265)

“Lanças, se desejares, tanto uma quanto vinte, encontras, estendidas, na tenda, diante do muro resplendente, Troianas, elas dos mortos arrancadas; pois presumo nunca combater mantendo-me longe dos homens hostis. Por isso tenho lanças, e ornados escudos, também elmos e couraças que irradiam fulgor.”

Meríones, então, responde:

καί τοι ἐμοὶ παρὰ τε κλισίῃι καὶ νηϊ μελαίνῃι
 πόλλ' ἔναρα Τρώων· ἀλλ' οὐ σχεδόν ἐστιν ἐλέσθαι.
 οὐδὲ γὰρ οὐδ' ἐμέ φημι λελασμένον ἔμμεναι ἀλκῆς,
 ἀλλὰ μετὰ πρῶτοισι μάχην ἀνὰ κυδιάνειραν
 ἵσταμαι, ὅπποτε νεῖκος ὀρώρηται πολέμοιο.
 ἄλλον πού τινα μᾶλλον Ἀχαιῶν χαλκοχιτώνων
 λήθω μαρνάμενος, σὲ δὲ ἴδμεναι αὐτὸν οἴω.
 (Ilíada, XIII, 267-273)

“Também, certamente, para mim, na tenda e no negro navio, há muitos espólios de Troianos; mas próximo não estão para pegar. Nem, pois, não me digo ser esquecido da força, mas entre os primeiros, ponho-me de pé, no combate glorificado pelos homens, quando, da guerra, a batalha é incitada.

Por algum outro dos Acaios, cobertos de bronze, eu, lutando, sou esquecido, mas presumo tu mesmo saber.”

Inferimos, a partir do diálogo acima, a estreita ligação existente entre o espólio das armas do adversário com a ἄρετή do herói, cuja dimensão é medida e avaliada proporcionalmente pela quantidade – maior número de armas espoliadas significa maior bravura – e pela qualidade das peças despojadas – a espoliação das armas de heróis cuja excelência é proeminente, como por exemplo, Aquiles, denota maior valor guerreiro daquele que as espoliou em relação aos demais heróis.

O herói, para ir ao campo de batalha, veste ritualmente as suas armas (*Ilíada*, III, 328-339; VII, 219-33; XVI, 130 – 144). Através do uso delas na luta, ele evidencia e comprova o seu valor, a sua ἄρετή, e as qualidades que confirmam ser ele um melhor, ἄριστος *áristos*, pertencente à casta daqueles que possuem esses valores. É preciso pontuar que é dado ao guerreiro vestir apenas a sua própria armadura, visto que ela simboliza a sua individualidade na busca da glória imperecível. O Canto XXII, da *Ilíada*, no episódio em que Aquiles, indo em direção à muralha de Troia, persegue Heitor e os troianos, ratifica essa ideia:

τὸν δ' ὁ γέρων Πρίαμος πρῶτος ἴδεν ὀφθαλμοῖσι
παμφαίνονθ' ὥς τ' ἀστέρ' ἐπεσσύμενον πεδίοιο,
ὅς ῥά τ' ὀπώρας εἶσιν, ἀρίζηλοι δέ οἱ αὐγαὶ
φαίνονται πολλοῖσι μετ' ἀστράσι νυκτὸς ἀμολγῶι,
ὄν τε κύν' Ὠρίωνος ἐπὶ κλησὶν καλέουσι.
λαμπρότατος μὲν ὅ γ' ἐστί, κακὸν δέ τε σῆμα τέτυκται,
καί τε φέρει πολλὸν πυρετὸν δειλοῖσι βροτοῖσιν·
ὥς τοῦ χαλκὸς ἔλαμπε περὶ στήθεσσι θεόντος.
(*Ilíada*, XXII, 25-32)

O velho Príamo primeiro o percebeu com os olhos, resplandecente como o astro lançando-se da planície, o qual, então, surge do verão, e seus brilhos resplandecentes aparecem por entre muitas estrelas, na profundidade da noite, o qual chamam o nome, o cão de Orião; ele é o mais brilhante, mas produz mau sinal, e traz muita febre aos míseros mortais, assim brilhava em volta do peito do corredor (Aquiles) o bronze.

Aquiles, vestido com suas armas divinas, é comparado a Sírío, estrela alfa da constelação do Cão Maior, astro que aparece na canícula, época mais quente do ano, cujo surgimento é indício de malefícios, pois traz febre, peste e morte. O brilho do bronze do herói sob a luz do sol anuncia o porvir de grandes desgraças para os troianos. As armas do guerreiro anunciam a sua natureza destruidora diante do adversário, e para um herói semidivino, nada mais adequado que armas feitas por um deus, Hefestos, pois denota a sua grandeza e excelência, a sua ἄρετή.

Pátrocles veste as primeiras armas de Aquiles, em um instante específico da guerra. Os aqueus estão acuados pelos dardânidas, chegando mesmo a ter seus navios ameaçados por terrível incêndio. O filho de Menécio suplica ao Pelida que permita utilizar suas armas a fim de conseguir repelir os troianos do acampamento argivo. Ao vesti-las, ele passa a ser o seu substituto momentâneo, no entanto, não tem a prudência sempre observada por Aquiles, respeitante do μέτρον. Pátrocles ultrapassa o limite, ao invés de se manter longe dos muros de Troia após afugentar os inimigos – façanha que conseguira por ser confundido com o Pelida – ele segue adiante, e será morto por Heitor com a intervenção de Apolo. Nesse caso, a assunção das armas de Aquiles por Pátrocles quase faz dele o próprio herói; esse liame leva-o à morte. Logo, ao perder o amigo dileto pelas mãos do Priamida, Aquiles perde a si mesmo, pois quem é morto não é Pátrocles, mas Aquiles, por substituição. Resta-lhe apenas o resgate da τιμή de Pátrocles, e, concomitantemente, da dele própria cuidando.

Quando Heitor espolia a armadura que o filho de Menécio envergava, após matá-lo, veste-as ele próprio. Nesse momento, Zeus lamenta a sua atitude, pois, ao invés de se preocupar com a morte iminente, está voltado a espoliar as armas de Pátrocles, as quais lhe são incompatíveis, haja vista pertencerem a Aquiles, o melhor dentre os aqueus, a quem todos temem (*Ilíada*, XVII, 201-208). O ato de Heitor representa um insulto à honra de Aquiles.

Thétis, a mãe do Pelida, recomenda-lhe não entrar na batalha sem antes receber dela armas divinas, que serão fabricadas por Hefestos, o deus ferreiro. Mas preocupado em resgatar o corpo de Pátrocles, que está sendo disputado em batalha acirrada entre troianos e aqueus, Aquiles, lembrado da advertência da mãe, cogita a possibilidade de usar o escudo de Ájax, pois seria o único cujo valor equiparar-se-ia ao seu, podendo, desse modo, envergar sua arma (*Ilíada*, XVIII, 188-195).

Eneias (*Eneida*, XII, 940 - 952), lutando contra os latinos a fim de se estabelecer como rei no Lácio, e assim cumprir o destino, fundar as bases da futura Roma, enfrenta Turno, rei

dos rútuos em combate singular, o qual havia matado Palante, filho de Evandro, aliado de Eneias. No momento final do combate, Turno suplica-lhe que o poupe. O herói já estava quase aquiescendo, quando avista o boldrié e o cinturão de Palante no corpo de Turno, o que o faz deferir o golpe fatal, haja vista ser nefando o ato do rei dos rútuos de vestir as armas de outro herói, Palante.

Os exemplos acima ratificam a impropriedade de se vestir a armadura de outro herói, pois fere a individualidade e a ἀρετή própria de cada guerreiro. Esse ato denota um insulto.

A armadura é a vestimenta do herói. Ela é composta, geralmente, pelas caneleiras, pela couraça, pelo elmo, pela malha, pelas sandálias, pelo boldrié. As armas são os instrumentos de luta. São elas a espada, a lança, o punhal, o arco e flecha, e o escudo, que tem primazia, visto ser símbolo de supremacia do guerreiro no campo de batalha.

2. A importância do escudo

O escudo é a arma mais importante da indumentária do guerreiro e que mais fortemente põe em evidência a sua excelência. Ele representa a situação de equilíbrio do herói na batalha em relação ao seu adversário, enquanto o sustente. Ele é símbolo de proteção, mas também pode ser mortal. Façamos a análise de alguns episódios de luta guerreira, nos quais o escudo está presente, e os quais levam a depreender essa ideia.

No Canto II da **Ilíada**, um combate singular é proposto por Páris a Menelau. Caso o filho de Príamo vencesse, os argivos iriam embora e deixariam Helena em Tróia, caso perdesse, devolvê-la-ia ao Atrida juntamente com os tesouros que lhe fora roubado. Os dois heróis preparam-se para a luta. Ambos vestem sua armadura. Dentre as armas está o escudo. Começam a lutar. Páris joga sua lança contra Menelau, a qual vai parar no escudo, cuja resistência impede a arma de perfurá-lo. Em contrapartida, Menelau dispara a sua lança, que também atinge o escudo de Páris, que se curva a fim de livrar o flanco da ponta, pois seu escudo fora traspassado. O Atrida toma a espada, e na crista do elmo do adversário grande pancada desfere, no entanto, a arma quebra-lhe nas mãos, fazendo-se em pedaços. Ele, então, de um salto, segura o Priamida, puxando-o pelo elmo. O seu pescoço apertado ficou pela tira, e não fosse a intervenção de Afrodite, ali mesmo teria sucumbido.

Nesse contexto, está claro o papel defensivo do escudo, servindo de anteparo contra o ataque do inimigo. No momento em que Páris é atingido, quebra o equilíbrio conferido pelo conjunto das armas que o herói carrega, acarretando a vulnerabilidade do mesmo em relação ao adversário e, conseqüentemente, a sua queda.

Em outro episódio, no combate singular entre Ájax e Heitor, no Canto VII da *Ilíada*, é possível perceber o equilíbrio da luta a partir da presença do escudo dos dois heróis, denotando o valor guerreiro de ambos. Heitor, aconselhado por seu irmão Heleno, propõe lutar com um dentre os mais fortes aqueus. É realizado um sorteio em que nove heróis tomam parte. Ájax é o escolhido. É importante frisar a relevância que é dada ao escudo de Ájax no momento em que ele se traça para o combate:

Αἴας δ' ἐγγύθεν ἦλθε φέρων σάκος ἥϊτε πύργον
 χάλκεον ἑπταβόειον, ὃ οἱ Τυχίος κάμε τεύχων
 σκυτοτόμων ὃχ' ἄριστος Ὑλῆι ἐνὶ οἰκίᾳ ναίων,
 ὃς οἱ ἐποίησεν σάκος αἰόλον ἑπταβόειον
 ταύρων ζατρεφένων, ἐπὶ δ' ὄγδοον ἤλασε χαλκόν.
 (*Ilíada*, VII, 237-241)

Ájax aproximou-se de perto, portando o escudo brônzeo semelhante a uma torre, que Tíquio fatigou-se para ele fabricando, muito ilustre dentre os correeiros, que têm casa em Hila. Ele fez para ele um escudo cintilante, coberto com sete camadas de pele de boi, dentre os pingues bois, e em cima, oitava camada brônzea colocou.

A essa descrição segue a fala do Telamônio, em tom de ameaça ao Priamida. Ele, mantendo o escudo ante o peito, busca exaltar a própria força e coragem, com o intuito de intimidar o adversário. Heitor retruca de modo a se mostrar também forte e valoroso, e para reforçar a sua fala, refere-se ao uso do escudo, sinônimo de destreza guerreira:

αὐτὰρ ἐγὼν εὖ οἶδα μάχας τ' ἀνδροκτασίας τε·
 οἶδ' ἐπὶ δεξιᾷ, οἶδ' ἐπ' ἀριστερᾷ νωμῆσαι βῶν
 ἄζαλέην, τό μοι ἔστι ταλαύρινον πολεμίζειν·
 οἶδα δ' ἐπαῖξαι μόθον ἵππων ὠκείων·
 οἶδα δ' ἐνὶ σταδίῃ δηϊῶι μέλπεσθαι Ἀρηϊ.
 (*Ilíada*, VII, 237-241)

Pois eu bem conheço tanto as guerras quanto a carnificina; sei para a destra, sei para a esquerda, mover habilmente a pele de bois seca, escudo que tenho para lutar corajosamente. Sei ir contra o tumulto dos ágeis corceis; sei celebrar de pé firme no destrutivo Ares.

Inicia-se a luta. Heitor atira sua hasta contra Ajax, cujo escudo é atingido na primeira camada de bronze. Em contrapartida, o Telamônio também atira a sua lança, que atinge o escudo do filho de Príamo, atravessando-o, e se ele não se curvasse, teria sido atingido. Ambos tomam novamente a lança. Heitor é o primeiro a jogá-la, indo parar no meio do escudo de Ajax, sem que o furasse. O filho de Telamon faz o mesmo e finca a sua hasta no escudo do adversário, atravessando-o. A ponta de bronze fere o pescoço do troiano, que, mesmo sangrando, agarra enorme pedra e joga contra o outro, bem no meio do escudo, que ressoa fortemente. Ajax um penedo maior, com força tremenda, atira contra o Priamida, amassando-lhe o escudo. Heitor dobra os joelhos e cai no solo, sem, no entanto, largar o escudo. Febo Apolo o endireita, e quando os dois heróis já sacavam as espadas para novamente se enfrentar, os arautos interrompem a luta, pois é chegada a noite.

A intervenção divina em favor de Heitor só ocorre no momento final da luta, quando os arautos a interrompem. Anteriormente, há um equilíbrio no desempenho de cada um, apesar do escudo de Ajax denotar maior resistência em relação ao de Heitor. Esse fato evidencia a particularidade dos adversários quanto à sua condição de herói. Ajax é o baluarte dos aqueus, depois de Aquiles (*Ilíada*, XVII, versos 277-280). Ele, por seu denodo e por sua excelência, conquistou a condição guerreira que ocupa durante toda a guerra. Um episódio que reforça essa ideia é quando Aquiles, tendo suas armas espoliadas por Heitor ao matar Pátrocles, diz que o único escudo que poderia utilizar, a fim de entrar na guerra e resgatar o corpo do amigo seria o de Ajax: "ἄλλου δ' οὐ τευ οἶδα τεῦ ἄν κλυτὰ τε'ύχεα δύω, / εἰ μὴ Αἴαντός γε σάκος Τελαμωνιάδαο." (*Ilíada*, XVIII, 192-193) – "de outro alguém não conheço esplêndidas armas de quem eu usaria, se não o escudo de Ajax Telamônio". Heitor, por sua vez, mesmo sendo excelente na destreza guerreira, distingue-se mais por sua piedade (εὐσεβεία: reverência em relação aos deuses e aos pais, respeito filial). Um episódio que reforça essa ideia é o momento da ἀριστεία de Heitor (*Ilíada*, XV). Ele é o único herói, dentro do poema, cuja ἀριστεία é marcada e exaltada pela presença constante da égide, o escudo de Zeus, o que denota a empatia do Cronida pelo filho de Príamo, exatamente por ele

ser piedoso. A égide é símbolo do mais alto valor guerreiro buscado pelo herói, o qual atinge o ápice no momento em que ele sofre a ‘bela morte’, pois com ela lhe será garantida a imortalidade e a glória imperecível. A presença do escudo do deus confere-lhe κῦδος de modo a garantir a imortalização da excelência do Priamida, o que, em consequência, garante honra maior a Aquiles quando o mata e, sobretudo, após Heitor receber as honras fúnebres, pois assegura ao filho de Príamo o σῆμα, o túmulo. Ao serem lembrados os seus feitos gloriosos, será lembrada também a forma como morreu e, principalmente, pelas mãos de quem morreu. Isso trará a rememoração do excelente herói Aquiles ao serem cantados os seus feitos guerreiros, a sua intrepidez e a sua coragem: uma exaltação da sua ἀρετή. Desse modo, a égide, nesse contexto, serve para exaltar tanto a Heitor quanto a Aquiles. Outro episódio que retrata a piedade de Heitor é o momento em que ele está sendo perseguido por Aquiles, e Zeus, contemplando a cena juntamente com os outros deuses, lamenta:

ὦ πόποι ἦ φίλον ἄνδρα διωκόμενον περὶ τεῖχος
ὀφθαλμοῖσιν ὄρωμαι· ἐμὸν δ' ὀλοφύρεται ἦτορ
Ἔκτορος, ὅς μοι πολλὰ βοῶν ἐπὶ μηρί' ἔκην
Ἴδης ἐν κορυφῇσι πολυπτύχου, ἄλλοτε δ' αὐτε
ἐν πόλει ἀκροτάτῃ· νῦν αὖτέ ἐ δῖος Ἀχιλλεὺς
ἄστυ πέρι Πριάμοιο ποσὶν ταχέεσσι διώκει.
(*Ilíada*, XXII, 168-173)

Ai de mim! Na realidade vejo, com os meus olhos, um caro herói perseguido ao redor da muralha. E meu coração lamenta por Heitor, que a mim muitas miríades de bois queimou, no cume do sinuoso Ida, e outras vezes, na acrópole; agora, o divino Aquiles o persegue, com rápidos pés, em torno da cidadela de Príamo.

Heitor é caro a Zeus, pois sempre está lembrado de reverenciá-lo oferecendo-lhe sacrifício de gordos animais. Ele é o herói coletivo, que luta em prol mais da defesa da cidade, do que da glória pessoal. O momento em que o escudo de Heitor é perfurado pela lança de Ajax, é um prenúncio do que irá acontecer a Troia, a sua invasão pelos gregos, tendo em vista que essa arma, por sua dimensão, tem em si representado o universo daquele que a sustém,

veja-se, por exemplo, o escudo de Aquiles (**Ilíada**, XVIII), o de Heraclés³⁸(**O Escudo**) e o de Eneias (**Eneida**, VIII). Nesse sentido, o herói, ao sustentar a arma ante o peito, colocando-se diante do inimigo, põe também contra e diante deste o seu mundo, o seu universo. Do mesmo modo, essa ideia pode ser aplicada a Menelau e Páris, em cujo combate singular acontece o mesmo. O troiano terá seu escudo perfurado pela lança do espartano.

A narrativa da ἀριστεία de Agamêmnon, **Ilíada** XI, momento de proeminência da excelência guerreira do herói no campo de batalha, também põe em evidência a importância do escudo. Zeus envia Discórdia, Ἐρις, ao acampamento grego a fim de despertar nos guerreiros o irresistível desejo de luta. O Atrida ordena que os aqueus se armem, e ele próprio se prepara para a batalha, vestindo sua armadura. Dentre as armas que porta, está o escudo, cuja descrição é a seguinte:

ἄνδ' ἔλετ' ἀμφιβρότην πολυδαίδαλον ἀσπίδα θοῦριν
καλήν, ἣν πέρι μὲν κύκλοι δέκα χάλκεοι ἦσαν,
ἐν δέ οἱ ὀμφαλοὶ ἦσαν ἐείκοσι κασσιτέροιο
λευκοί, ἐν δὲ μέσοισιν ἦν μέλανος κυάνοιο.
τῇ δ' ἐπὶ μὲν Γοργῶ βλοσυρῶπις ἐστεφάνωτο
δεινὸν δερκομένη, περὶ δὲ Δεῖμος τε Φόβος τε.
τῆς δ' ἐξ ἀργύρεος τελαμῶν ἦν· αὐτὰρ ἐπ' αὐτοῦ
κυάνεος ἐλέλικτο δράκων, κεφαλὰὶ δέ οἱ ἦσαν
τρεῖς ἀμφιστρεφέες ἐνὸς ἀνχένος ἐκπεφυῖαι.
(**Ilíada**, XI, versos 32-40)

Segurou o escudo, belo, impetuoso, que cobre um homem por inteiro, ricamente ornado; em torno dele, dez círculos brônzeos existiam, e vinte resplandecentes umbigos de estanho havia; no meio, era de aço negro. Sobre ele, a Górgona, de olhar terrível, foi coroada, resplendendo terrivelmente, e ao seu redor, tanto Terror quanto Medo. Dele (do escudo), uma correia argêntea existia, sobre a qual uma serpente azul contorcia-se; havia três cabeças, viradas para todos os lados, de um único pescoço nascidas.

As representações gravadas no escudo prenunciam a devastação que Agamêmnon irá provocar no exército oponente, matando muitos troianos. Nesse contexto, a arma, mais do que proteção, denota destruição, haja vista a presença de Medusa, Γοργῶ, de Terror, Δεῖμος, e de

³⁸Hesiod. "Shield of Heraclés". In: **Homeric Hymns Epic Cycle Homerica**. Translated by Hugh G. Evelyn-White. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

Medo, Φόβος, que põe em fuga. Tanto é assim, que Zeus envia Íris a fim de advertir Heitor para que se mantivesse fora da pugna enquanto Agamêmnon, ferido, não se retirasse (*Ilíada*, XI, 186-194). O aspecto aterrorizante do escudo também põe em evidência a posição de Agamêmnon dentro da guerra. Ele é o ἄναξ, o senhor de reis, de cuja posição de comando depende o êxito da empreitada, a destruição de Troia. É preciso que ele, sendo o general da guerra, paralise o inimigo. A sua supremacia foi concedida por Zeus. A fala de Odisseu ratifica essa afirmação:

οὐ μέν πως πάντες βασιλεύσομεν ἐνθάδ' Ἀχαιοί·
οὐκ ἀγαθὸν πολυκοιρανίη· εἷς κοίρανος ἔστω,
εἷς βασιλεύς, ὃν δῶκε Κρόνου πάϊς ἀγκυλομήτεω
σκῆπτρόν τ' ἠδὲ θέμιστας, ἵνα σφισι βουλευῆσι.
(*Ilíada*, II, versos 203-206)

De modo algum, acaios, aqui, reinaremos todos. Não é coisa boa o domínio de muitos. Exista um único senhor, um único rei, para quem o filho de Crono de mente tortuosa deu o cetro e as leis divinas, a fim de que por eles delibere.

Os versos acima dizem respeito à intervenção de Odisseu quando os argivos, após ouvir Agamêmnon relatar o sonho enganador enviado por Zeus, resolvem voltar para casa, antes mesmo de invadir Troia. Odisseu, segurando o cetro de Agamêmnon, fala aos aqueus, de maneira a impedi-los de ir embora. Seu discurso mostra claramente a posição ocupada pelo Atrida, cujo poder provem da vontade divina.

Assim, tendo exposto as características constitutivas do perfil do herói como também o valor das armas em suas ações, é possível, a partir dos elementos elencados, tentar identificar em Zeus a figura do primeiro herói, no entanto, divino. Para isso, pretendemos estabelecer uma comparação do seu processo de formação como herói, com o de Heraclés e o de Aquiles, tomando como eixo comum, como ponto de ligação entre eles, o escudo, arma que, mais do que qualquer outra, denota a excelência guerreira do herói, a sua ἀρετή. Faremos também um paralelo comparativo com Eneias, herói troiano, quanto ao seu escudo e a sua formação guerreira heroica, entretanto, deixaremos para fazê-lo no terceiro capítulo, destinado à análise do *corpus* proposto para o presente trabalho.

3. Zeus, o herói divino

Zeus, o deus maior do panteão helênico, tem, dentre outros, o epíteto αἰγίοχος, portador da égide. Na **Teogonia**, de Hesíodo, narrativa que trata da origem dos deuses e do universo, ele é assim nomeado desde o próêmio do poema, versos 11, 13, 25, 52. Também, mais adiante, ele é assim denominado, no verso 735, após a sua vitória na Titanomaquia, encarcerando ele os Titãs no Tártaro; e nos versos 920, 966, 1022, quando já fora consagrado, por indicação de Geia e de Uranos, o deus maior, pai dos deuses e dos homens. É nesse momento que se completa a formação do primeiro herói, Zeus, haja vista que ele, assim como outros grandes heróis, sofre as etapas constitutivas dessa formação de herói: ser afastado do convívio com os pais, ao nascer, denotando esse afastamento o ritual de passagem que irá prepará-lo para, no futuro, cumprir a missão a que está destinado, a aplicação da δίκη, da justiça. Desde o princípio, a condição de Zeus como herói é denotada, com o epíteto que lhe é atribuído, o portador da égide, αἰγίοχος, e será reiterada no decorrer da narrativa, visto que a égide é o escudo de Zeus, cerne do valor heroico e guerreiro. Na tentativa de desenvolver e aprofundar essa ideia - primeiramente alentada no ensaio "Honra, Glória, Destino e Piedade: Introdução à Épica Clássica"³⁹, de Milton Marques Júnior – estabeleceremos um paralelo entre a formação do primeiro herói, Zeus, e a de outros grandes heróis como Heraclés, Aquiles e Eneias, de modo a confrontar as etapas constitutivas do processo de formação de cada um deles. Ressaltamos, entretanto, que a abordagem quanto ao personagem Eneias será feita no capítulo de análise do *corpus* principal do nosso trabalho, o capítulo III.

Como eixo comum entre esses personagens, está em foco o escudo, símbolo intrinsecamente ligado à destreza guerreira, característica peculiar do herói, ao qual se atribui diretamente a vivência da ἀρετή, sendo utilizado para o ataque e mais ainda para a defesa no campo de batalha.

Na *Teogonia*, que é um hino a Zeus, além de guerreiro, o deus é juiz-sacerdote e empreendedor, denotando assim a sua soberania plena. Ele é o grande general que comanda a guerra para o estabelecimento da ordem. Senhor dos oráculos, sacerdote por excelência, além de justo, pois bem dividiu as honras após ser eleito rei dos imortais, ele é aclamado o mais

³⁹ MARQUES Jr., Milton. "Honra, Glória, Destino e Piedade: introdução à Épica clássica". In: **Construções literárias e discursivas da modernidade**. Org. Lúcia Sá Rebello e Liane Schneider. - Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 121-145.

forte dos deuses e o maior em poder – "ὅσσον φέρτατός ἐστι θεῶν κάρτει τε μέγιστος." (Teogonia, 49): "é o mais inquebrantável tanto quanto o maior em poder dentre os deuses" -, Zeus, o portador da égide, Ζεὺς ἀγίοχος, o primeiro herói. E por fim, ele é também empreendedor, sendo essa função representada por seus casamentos, que são a garantia da manutenção da ordem do universo por ele estabelecida. Zeus é aquele que reina, haja vista ter garantido a estabilidade do cosmos. Ele vence a força que ameaça a existência do universo na luta contra os Titãs, a Titanomaquia. Justo, distribui as honras com os outros imortais:

.....ὁ δ' οὐρανῶι ἐμβασιλεύει,
αὐτὸς ἔχων βροντὴν ἥδ' αἰθαλόεντα κεραυνόν,
κάρτει νικήσας πατέρα Κρόνον· εὖ δὲ ἕκαστα
ἀθανάτοις διέταξε νόμους καὶ ἐπέφραδε τιμᾶς.
(Teogonia, 71-74)

.....e ele reina no céu, ele mesmo tendo consigo o trovão e o raio flamejante, tendo vencido em força o pai Cronos; e aos imortais bem dispôs singularmente as leis e indicou as honras.

Urano une-se a Geia ininterruptamente, através do coito, não permitindo que os filhos gerados saíssem do ventre da mãe. Cansada, Geia propõe aos filhos um ardil contra o pai, a fim de libertá-los, apenas Cronos se candidata à empresa. Após o destronamento de Urano por Cronos, este assume o poder, sendo tão arbitrário quanto o pai. Se Urano não permitia que as crias saíssem do ventre de Geia, Cronos engolia os próprios filhos, sempre que Reia, sua irmã e esposa, mostrava-lhe o recém-nascido, pois soube de Geia e de Urano que lhe era destino por um filho ser submetido. Isso aconteceria por desígnios do grande Zeus. É importante perceber que os oráculos de Geia revelam o princípio, ἄρκη, no qual se encontra a vontade de Zeus, antes mesmo de ter nascido, o que implica assimilar Zeus ao Destino, às forças primitivas antes de toda existência. Ele é a essência do Destino, força maior até mesmo que os deuses. Podemos inferir essa ideia, a partir dos versos abaixo:

πεύθετο γὰρ Γαίης τε καὶ Οὐρανοῦ ἀστερόεντος
οὔνεκά οἱ πέπρωτο ἔῳι ὑπὸ παιδὶ δαμῆναι,
καὶ κρατερῶι περ ἔόντι, Διὸς μεγάλου διὰ βουλᾶς.
(Teogonia, 463-65)

pois sabia da Terra e do Céu constelado que tinha sido destinado a ele ser submetido por um filho seu, mesmo sendo forte, **através dos desígnios do grande Zeus**.

São os desígnios de Zeus que determinam o destronamento de Crono, que são revelados através do oráculo de Geia e Urano.

Um dia Reia pede a ajuda dos pais a fim de livrar os filhos deste mal, permanecer aprisionados no estômago de Crono. Ela, então, é levada para Licto, em Creta, quando é chegado o momento de parir o filho – "'ὅπποτ' ἄρ' **ὀπλότατον** παίδων ἤμελλε τεκέσθαι, Ζῆνα μέγαν· (**Teogonia**, 478-79): "quando o mais jovem dentre os filhos estava prestes a parir, o grande Zeus". O termo **ὀπλότατον**, superlativo de **ὄπλον** (arma), que significa o mais jovem, e exatamente por isso, aquele capaz de carregar as arma, vigoroso,⁴⁰ denota que desde antes do seu nascimento é designada a função guerreira de Zeus, o que prenuncia o combate que enfrentará para o estabelecimento da ordem, principalmente se levarmos em consideração o seu epíteto **αἰγίοχος**, o portador da égide. Depois do nascimento, Reia entrega em lugar da criança, uma pedra envolta em cueiros a Cronos, que a engole. Geia prodigiosa, **Γαῖα πελώρη**, recebe Zeus e o esconde na montanha da Cabra, **Αἰγαίῳ ἐν ὄρει**. Lá, rapidamente o menino cresce, com vigor e fortes membros, sendo ele alimentado pela cabra Amalteia⁴¹, cuja pele irá cobrir o escudo do deus, a égide, **αἰγίς**. Adulto, Zeus destrona Cronos, e com a ajuda de Geia, faz-o vomitar os seus irmãos, que o pai tivera com Reia: Poseidon, Hades, Hera, Deméter e Héstia. Aqui começa realmente a luta pelo poder.

Zeus, aquele que porta a égide, o primeiro herói, assim como outros grandes heróis, a exemplo de Heraclés, Aquiles e Eneias, faz a viagem de iniciação nos primeiros anos de vida, a fim de ser nutrido e criado para que, no futuro, cumpra a missão para a qual está destinado. O Cronida foi recebido por Géia na ilha de Creta, e aos cuidados dela cresceu, na montanha

⁴⁰ "Ὀπλᾶ, plural de **ὄπλον** (arma), que designa 'homens em armas' está na raiz de **ὀπλίτης**, homem fortemente armado da infantaria, que irá compor o exército da cidade-estado, na Grécia antiga. Podemos inferir que a base da **ἀγωγή** (ἄγω) – treinamento militar dos jovens, a partir dos sete anos de idade até os vinte e nove, para compor, terminado o treinamento, o exército de coalizão que irá defender a cidade – está nos primórdios. O menino, não mais **νέπιος**, mas já **παῖς**, era afastado da família, a fim de ser preparado para se tornar um **ἄνηρ**, um varão guerreiro, para posteriormente fazer parte do exército; para tornar-se um **ὀπλίτης**.

⁴¹ CALLIMAQUE. "Hymne a Zeus". In: **Les origines - réponses aux telchines - éloges - épigrammes - iambes et pièces lyriques - hécálé - hymnes**. Paris: Les belles lettres, 2002, verse 48.

da Cabra. A missão de Zeus vai além de fazer Cronos pagar as Erínias de seu pai Uranos, por ter derramado sangue paterno, e por engolir os filhos tão logo eles nascessem. Ele é o ser destinado a estabelecer a ordem, pois ele mesmo, como já foi explicado acima, é a essência do Destino, essa força maior até mesmo que os deuses.

Depois que Cronos vomita os filhos, começa a batalha: a Titanomaquia. As divindades se dividem em dois grupos contrários. De um lado estão os Titãs, do outro, os Olímpios. A luta já durava dez longos anos quando, aconselhado por Geia, Zeus liberta os Hecatonquiros - Briareu, Coto e Giges - que foram encarcerados por Cronos no Tártaro, depois que decepou os órgãos genitais de Uranos e tomou o seu lugar no poder. Com eles, o Cronida e os outros deuses imortais teriam vitória esplêndida, visto que à astúcia, μήτις – Zeus – juntar-se-ia a força bruta, βίαια – os Hecatonquiros, necessária para que os Titãs fossem vencidos, sendo eles mesmos força bruta, por ser uma geração mais próxima das forças primordiais: Caos (Χάος), Terra (Γαία), Tártaro (Τάρταρος) e Eros (Έρος).

No campo de batalha, Zeus é o grande general. Após libertar os Hecatonquiros do Tártaro, concedendo-lhes o alimento dos imortais, o néctar e a ambrosia; e após receber o raio e o trovão, suas armas de guerra, dos Ciclopes, também por ele libertados, Zeus lidera a batalha, que quase leva o mundo novamente à desordem do caos:

οὐδ' ἄρ' ἔτι Ζεὺς ἴσχευ' ἔον μένος, ἀλλὰ νῦ τοῦ γε
εἶθαρ μὲν μένεος πλήντο φρένες, ἐκ δέ τε πᾶσαν
φαῖνε βίην· ἄμυδις δ' ἄρ' ἀπ' οὐρανοῦ ἦδ' ἀπ' Ὀλύμπου
ἀστράπτων ἔστειχε συνωχάδον, οἱ δὲ κεραυνοὶ
ἵκταρ ἅμα βροντῇ τε καὶ ἀστεροπῇ ποτέοντο
χειρὸς ἄπο στιβαρῆς, ἱερὴν φλόγα εἰλυφόωντες,
ταρφέες· (Teogonia, 687-93)

Zeus já não continha sua furor, mas imediatamente o coração encheu-se desta fúria, e demonstrava toda violência; e ao mesmo tempo relampejante, do céu e do Olimpo avançava continuamente, os raios junto com trovão e relâmpago, ao mesmo tempo, voavam do forte braço, rodopiando, densos, a chama sagrada.

Façamos uma comparação do episódio acima citado, em que Zeus expressa toda a sua fúria guerreira (τοῦ...μένεος πλήντο φρένες) no momento áureo da luta contra os Titãs com um episódio da ἀριστεία de Aquiles, na **Ilíada**, o melhor e mais corajoso dentre os heróis

aqueus, – cuja fúria funesta, μῆνιν οὐλομένην, é mostrada desde o início do poema (**Ilíada**, I, 1-7) – a fim de evidenciar o herói guerreiro na figura do deus. No Canto XXI, Aquiles, já tendo voltado para a guerra, persegue os troianos ferozmente, matando milhares deles, chegando a entulhar o Xanto, rio das plagas troianas, de modo a impedir sua corrente de fluir normalmente. Os troianos, na tentativa de fugir da fúria de Aquiles, adentram o rio, buscando refúgio. Neste momento, é mostrado todo o ímpeto do herói guerreiro na perseguição mortal ao inimigo:

ὥς δ' ὅθ' ὑπὸ ῥιπῆς πυρὸς ἀκρίδες ἠερέθονται
 φευγέμεναι ποταμὸν δέ· τὸ δὲ φλέγει ἀκάματον πῦρ
 ὄρμενον ἐξαίφνης, ταὶ δὲ πτώσσουσι καθ' ὕδωρ
 ὥς ὑπ' Ἀχιλλῆος Ξάνθου βαθυδινήεντος
 πλῆτο ῥόος κελάδων ἐπιμίξ ἵππων τε καὶ ἀνδρῶν.
 αὐτὰρ ὁ διογενῆς δόρυ μὲν λίπεν αὐτοῦ ἐπ' ὄχθῃ
 κεκλιμένον μυρικήσιν, ὁ δ' ἔσθορε δαίμονι ἴσος
 φάσγανον οἶον ἔχων, κακὰ δὲ φρεσὶ μήδετο ἔργα,
 τύπτε δ' ἐπιστροφάδην· τῶν δὲ στόνος ὄρνυτ' ἀεικῆς
 ἄορι θεινομένων, ἐρυθαίνετο δ' αἵματι ὕδωρ.
 (**Ilíada**, XXI, 12-21)

Assim quando gafanhotos esvoaçam sob jato de fogo a fugir em direção ao rio, e o infatigável fogo, elevando-se repentinamente, arde, eles recuam (de medo) para (dentro) da água; do mesmo modo, por Aquiles a corrente soante do turbilhonante Xanto se enche indiscriminadamente de cavalos e também de heróis. Então, o nascido de Zeus deixa a lança dele sobre uma colina, encostada a uma tamargueira, ele, igual a um daímon, salta segurando apenas o gládio; intentava, no coração, terríveis obras, e em todas as direções golpeava; deles eleva-se gemido tenebroso, feridos pela espada, e a água torna-se vermelha com sangue.

Ambos os episódios mostram o herói em sua plena ἀρετή, exercendo o seu valor guerreiro e heroico, na busca pela honra e pela glória. Zeus, tomado por um furor visceral, persegue o adversário, fazendo valer a sua força e a sua belicosidade através do uso do raio, do trovão e do relâmpago, suas armas de guerra. Aquiles não é diferente. Com suas armas em mãos, ele vai ao encalço dos inimigos tomado de violenta ira, amedrontando os inimigos. Qual fogo devastador que amedronta gafanhotos, que se jogam ao rio a fim de salvar a própria vida, do mesmo modo o Pelida persegue os troianos. A comparação estabelecida pelo poeta da **Ilíada**, Aquiles sendo o fogo incansável, ἀκάματον πῦρ, e os troianos, gafanhotos que se

encolhem de medo, ἀκρίδες...πτώσσουσι, põe em evidência a força aniquiladora do herói contra a vulnerabilidade do adversário diante dessa força. Aquiles é o Διογενής, oriundo da raça de Zeus, herói semidivino, que, como o próprio Cronida, busca, na guerra, a sua consagração pela conquista da honra.

Os versos seguintes reiteram a ideia de Zeus como herói:

πρώτην μὲν κούρην γλαυκώπιδα Τριτογένειαν,
ἴσον ἔχουσιν πατρὶ μένος καὶ ἐπίφρονα βουλήν
(**Teogonia**, 895-896)

Primeiro a virgem de olhos glaucos Tritogênia
que tem, igual ao pai, o furor e a prudente vontade

Trata-se do nascimento de Atena, que nascera da cabeça de Zeus depois do deus engolir a sua primeira esposa, Métis, que estava grávida. Atena, deusa da guerra, mais precisamente, da estratégia na guerra, é igual ao pai, Zeus, no furor, μένος, no ardor guerreiro.

Na Titanomaquia, a luta acirrada entre os Olímpios e os Titãs atinge o ápice. O estrondo dos deuses se batendo é tão grande que se assemelha ao do Céu desmoronando sobre a Terra. Os ventos rodopiam, volvendo o trovão, o relâmpago e o raio flamejante, dardos de Zeus, causando grande alarido. A batalha ameniza. Cotos, Briareu e Giges, insaciáveis de guerra, lançam trezentas pedras contra os Titãs, que por fim são lançados ao Tártaro, sendo lá aprisionados.

Após o aprisionamento dos Titãs no Tártaro por Zeus, Geia, amada por Tártaro, gera Tifeu para lutar contra o Cronida. Ela ressentia o aprisionamento dos filhos. Tifeu era um ser de cujos ombros saíam cem cabeças de serpente, com línguas tenebrosas; dos olhos, fogo faiscava; e das bocas, as vozes lançavam som nefasto, ora falavam de modo inteligível aos deuses apenas; ora, como touro mugindo ou semelhantes a cães latindo. Estabelece-se a luta entre Zeus e Tifeu. Novamente o deus vivencia a sua ἀρετή, expressando o seu valor de herói e guerreiro:

καί νύ κεν ἔπλετο ἔργον ἀμήχανον ἥματι κείνῳ,
καί κεν ὃ γε θνητοῖσι καὶ ἀθανάτοισιν ἄναξεν,
εἰ μὴ ἄρ' ὅξυ νόησε πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε
σκληρὸν δ' ἐβρόντησε καὶ ὄβριμον, ἀμφὶ δὲ γαῖα

σμερδαλέον κονάβησε καὶ οὐρανὸς εὐρύς ὑπερθε
 πόντός τ' Ὠκεανοῦ τε ῥοαὶ καὶ τάραρα γαίης.
 (Teogonia, 836-41)

E naquele dia, a obra seria imbatível, e ele reinaria sobre mortais e imortais, se, então, agudamente, o pai dos homens e dos deuses não percebesse. Trovejou duro e fortemente; ao redor, a terra ressoou aterrorizantemente, e também o céu vasto lá em cima, o mar, as correntezas do Oceano e as profundezas da terra.

Após grande batalha, Zeus domina o gigante, mutila-o e abate-o.

Derrotado Tifeu, Zeus finalmente cumpre a sua missão, que se inicia com o destronamento de Cronos, fazendo-o pagar as Erínias de seu pai, Uranos, e conclui-se com o estabelecimento da ordem, após as lutas enfrentadas contra os Titãs e posteriormente contra Tifeu:

αὐτὰρ ἐπεὶ ῥα πόνον μάκαρες θεοὶ ἐξετέλεσσαν,
 Τιτήγεσσι δὲ τιμάτων κρίναντο βίηφι,
 δὴ ῥα τότε ᾧτρυνον βασιλευμένῃ δὲ ἀνάσσειν
 Γαίης φραδμοσύνησιν Ὀλύμπιον εὐρύοπα Ζῆν
 ἀθανάτων· ὃ δὲ τοῖσιν ἐν διεδάσσατο τιμάς.
 (Teogonia, 881-85)

Quando, então, os venturosos deuses realizaram o labor, e decidiram pela força acerca das honras aos Titãs, então, em seguida, exortaram o Olímpio Zeus de larga visão, pelas ponderações de Geia, a reinar e ser o senhor dos imortais. **E ele bem lhes dividiu as honras.**

Escolhido, por indicação de Geia, como rei dos Imortais, cabe a Zeus agora manter a ordem do universo, evitando a volta ao caos. Para isso, ele bem divide as honras, cabendo, na partilha, a cada divindade a sua porção, que será devidamente resguardada por cada uma delas. Aqui temos a definição da parte, do atributo de cada um, da τιμή.

Poseidon indigna-se com Zeus por impedi-lo de participar da batalha em favor dos gregos, e faz menção à divisão das honras, alegando direitos iguais aos três irmãos: Poseidon,

Hades e Zeus.⁴² Agamêmnon, senhor de reis e comandante da tropa argiva no cerco a Tróia, insufla a ira de Ártemis, deusa da caça, ao entrar em seu bosque sagrado e matar um dos seus cervos, agravando o ato ao se vangloriar do feito. A deusa, sentindo-se ofendida em sua honra, impede que a frota siga para Tróia, enviando uma calmaria que impossibilita os navios de partir, os quais só seguirão viagem após a expiação imputada por ela a Agamêmnon. Em outro episódio, a deusa Juno persegue os troianos na errância por terra e por mar até chegarem ao Lácio, por ter a sua honra ultrajada. Ela é a maior das deusas, sendo ao mesmo tempo irmã e esposa de Júpiter. A preterição sofrida no julgamento do monte Ida, quando Páris, príncipe troiano, escolhe Afrodite como a mais bela das deusas; do mesmo modo o rapto de Ganimedes, descendente troiano, por quem Zeus se apaixona e leva para o Olimpo a fim de lhe servir como escanção; tanto quanto a futura destruição de Cartago, cidade onde a deusa era cultuada, pelos descendentes de Tróia, os romanos, esses três acontecimentos têm em comum serem promovidos pelos troianos, e todos eles comprometem o lote, a parte da deusa na partilha promovida por Zeus. Logo, a perseguição realizada a esse povo pela deusa é a tentativa de defesa da sua própria honra.

3. 1. Os atributos de Zeus

Os casamentos de Zeus, que denotam a sua função empreendedora, serão a garantia da manutenção da ordem. Eles atribuem ao deus os elementos necessários para fazer dele o εὐρύοπα, aquele que vê largo, e o μετίετα, o astucioso, o prudente.

Métis, Μῆτις, a primeira esposa, é a personificação da inteligência astuciosa. Filha de Oceano e Tétis, ela é uma divindade marinha, tendo como característica marcante a habilidade de se metamorfosear, visto ser de natureza fluida.⁴³ Zeus, engolindo-a, assimilando-a, ao ser-

⁴² τρεῖς γάρ τ' ἐκ Κρόνου εἰμὲν ἀδελφεοί, οὓς τέκετο ῥέα,
Ζεὺς καὶ ἐγὼ, τρίτατος δ' ῥ' Αἰδῆς, ἐνέροισιν ἀνάσσω.
τριχθὰ δὲ πάντα δέδασται, ἕκαστος δ' ἔμμορε τιμῆς: (*Ilíada*, XV, 187-189)

Três, pois, de Crono, somos irmãos, que Reia gerou: Zeus, eu e Hades, o terceiro, que reina sobre os mortos. Em três partes tudo foi dividido, cada um obteve seu lote de honra.

⁴³ Veja-se, por exemplo, Thétis, mãe de Aquiles. Antes de Peleu conseguir agarrá-la a fim de desposá-la, a divindade marinha, filha de Nereu e de Dóris, uma oceanina, metamorfoseia-se em pássaro, árvore e leão, até

lhe revelado que um segundo filho com a deusa seria mais forte que ele, e, conforme o oráculo de Geia, destroná-lo-ia, ameaçando assim a ordem do universo, passa a ter o controle sobre os acontecimentos imprevisíveis ocasionados pela sinuosidade da divindade, pois a partir de agora se originam dentro dele, o que lhe dá a capacidade de prever o imprevisível antes que se realize. Ele se torna o μετίετα. Quando é engolida, Métis está grávida de Zeus, e como nenhum fruto de um deus é inválido, o filho que a Oceanina estava esperando, nasce da cabeça do deus. Trata-se de Atena, deusa da sabedoria.

A segunda união do deus é com Thémis, personificação do que está estabelecido, da justiça divina. Ela é uma das Titânides, filha de Urano e de Geia, logo, está bem próxima das forças primordiais e ligada diretamente à natureza terrestre. Com Zeus, engendrou as Horas - Εὐνομία (Boa Lei), Δίκη (Justiça), Εἰρήνη (Paz) – das três, apenas *Eirene* tem um qualificativo, θεθαλυῖα, proveniente do verbo θάλλω, que significa florescer. Logo, ela é florescente ao trabalhar conjuntamente com as irmãs, pois a Boa Lei gera a Justiça, trazendo uma Paz florescente. As Moiras também são filhas de Zeus e Thémis - Κλωθω - proveniente do verbo κλώθω, que significa fiar, tecer - fia a trama da vida de cada homem; Λάχεσις - proveniente do verbo λαγχάνω, que significa obter em partilha, atribui o lote que cabe a cada homem ao nascer; e Ἐτροπος - proveniente do verbo τρέπω, que significa tornar, antecedido pelo alfa privativo – põe fim à existência do homem mortal, que fica impossibilitado de retornar à vida, haja vista ser ela inflexível. O casamento de Zeus com Thémis, e a prole proveniente desse laço, determinam a associação do deus com aquilo que é estável, permanente. Zeus põe-se ao lado da justiça para garantir a estabilidade do universo.

A terceira união de Zeus é com Eurínome (Εὐρυνόμη), Vasta-Partilha, filha de Oceano e de Thétis, que é uma divindade marinha. Da sua união com o Cronida nasceram as Graças (χάριτας: brilho, graça, beleza). São elas Ἀγλαία (brilho, beleza), Εὐφροσύνη (alegria, prazer) e Θαλία (jovem, rebento, abundância, festim), a única que recebe um atributivo - ἐρατεινή - amável, agradável, em cuja raiz está ἔρος, uma das forças primordiais, que faz

que, com a ajuda de Quíron, o Centauro, ele consegue capturá-la. (Ovídio. *Metamorfoses*. XI, 223 ssg.). Em outro episódio, Menelau e seus companheiros, presos na ilha de Faro, de frente ao Egito, são salvos por Idoteia, filha de Proteu. Ela lhe diz como proceder para conseguir capturar o seu pai a fim de que lhe conte como voltar para casa, e o que esperar quando lá chegasse. O deus marinho transforma-se em leão, dragão, pantera, javali, água corrente e em árvore, até que Menelau, não o soltando, consegue retê-lo. (Homero. *Odisséia*. IV, versos 351-569).

florescer, impulsionadora do princípio cosmogônico; é também a designação para o deus do amor. Assim, as três divindades são responsáveis pela sedução que leva ao laço amoroso, e consequentemente, ao fruto desse enlace, um novo rebento. Com esse casamento, Zeus garante a abundância da fertilidade.

A quarta esposa foi Deméter nutriz (Δημήτηρ πολυφόρβη), deusa da agricultura. A filha que tivera dele, Perséfone, é, com a aquiescência do pai, raptada por Hades e levada para o mundo subterrâneo. Com essa união, Zeus garante o domínio sobre o florescimento dos grãos, cujas sementes são provenientes do fundo da terra, onde se encontra a sua filha. Garante-lhe também o império na relação entre o mundo dos vivos e o dos mortos, visto que Deméter é fonte de vida, e Perséfone é a rainha dos mortos.

A quinta união foi com Memória (Μνημοσύνη), de quem nasceram as nove Musas. Deusa da primeira geração divina, pois é uma das Titânides, está diretamente vinculada às forças primordiais, representando a presença absoluta através da lembrança. Esse casamento garante a Zeus a soberania permanentemente lembrada, lúcida, visto que através do canto das filhas, responsáveis por tornar presente o passado e o futuro, ele, a essência da presença, simplesmente é.

O casamento com Leto (Λητώ), que é filha da Titânide Febe (Φοίβη: luminosidade, claridade) e do Titã Coios (Κρεῖος), gera Apolo, cujo epíteto é Febo (Φοῖβος: o Brilhante) e Ártemis, os mais belos dentre os seus filhos. Com essa união, Zeus se faz luminosidade, presente na sua descendência.

Seu último e legítimo casamento é com sua irmã Hera (Ήρα), do qual nascem Ares (Άρης), deus da guerra, Hebe (Ήβη), deusa da juventude, e Ilítia (Εἰλείθυια), deusa que preside os partos. A prole de Hera, esposa do maior soberano, Zeus, inclusive dividindo com ele a realeza, e sendo ela defensora do casamento, representa a filiação da guerra à soberania. A uma instituição social, o casamento - neste caso, de Zeus e Hera, que, juntos, simbolizam a realeza - de onde provêm os filhos legítimos, filia-se outra, a guerra. A guerra (Ares) sempre associada à juventude (Hebe), e constantemente renovada pelo nascimento (Ilítia). É através da guerra que Zeus se impõe como rei e senhor de mortais e imortais, após estabelecer uma nova ordem no Universo. Logo, a sua união com a deusa ratifica e assegura aquilo que desde o princípio está determinado pelo Destino, a soberania de Zeus.

Nesse sentido, façamos uma intervenção em relação à afirmação que segue na citação abaixo, do ensaio referido no início da segunda parte, o qual primeiramente remete a Zeus como sendo o primeiro herói. O autor afirma:

A transformação de Zeus em herói se dá no momento em que há uma necessidade de se conter a desmedida (ὕβρις) do pai Cronos que, se permite que os filhos nasçam, diferentemente de Uranos que os deixava presos no ventre da mãe Géia, ele, em cotrapartida, os devora tão logo vêm os filhos à luz (Teogonia, v. 42-506). Cronos assim age, para que não se cumpra o oráculo de Géia e Uranos: ele seria destronado por um dos seus filhos, tal como ele destronara o pai. Cronos não contava que os mesmos Géia e Uranos, que pronunciaram a decisão do destino, pudessem tramar, juntamente com Rhéia, para que o destino se cumprisse. É neste momento que se dá a fabricação do herói. Zeus é salvo de ser devorado pelo pai, pois a mãe vai pô-lo no mundo na Ilha de Creta, longe dos olhares do pai Cronos. **A missão de Zeus é fazer Cronos pagar suas dívidas com as Erínias de Uranos e dos filhos devorados.** Assim, Geia recebe Zeus em Creta para nutri-lo e dele cuidar, escondendo num antro inacessível no monte Dictos. Zeus pela força de suas mãos deverá, então, em breve, destronar o pai. Temos aí, portanto, o primeiro herói, fazendo a viagem da iniciação e sendo nutrido e cuidado para completar a missão para a qual foi assinalado pelo destino: combater a desmedida (ὕβρις), ao adquirir a força (βίη, v. 490) e ardor (μῆνος, v. 492) necessários. (MARQUES Jr., 2008, p. 122-123.)

O destaque em negrito da citação acima é nosso. Observemos que a verdadeira missão de Zeus é cumprir o destino, entretanto, é preciso perceber que esse destino diz respeito a estabelecer o cosmos e ser o deus a força mantenedora dessa ordem por ele mesmo estabelecida. Mas para que isso se realize, é preciso primeiramente que Zeus retenha a ὕβρις cometida por Cronos ao engolir os próprios filhos, como também fazer valer as Erínias de Uranos, surgidas por causa do derramamento do sangue parental. Diante disso, Zeus é o primeiro herói que, primeiramente sendo afastado dos pais para ser nutrido e preparado a fim de, quando adulto, cumprir a sua missão, representa as três funções da soberania. Ele é o guerreiro, o sacerdote e o empreendedor, estando essas funções refletidas em sua figura como pai dos deuses e dos homens.

3. 2. A égide de Zeus

A égide (αἰγίς) é o escudo fabricado por Hefestos para Zeus (**Ilíada**, XV, 309-10), assim denominado por ser coberto com a pele de Amalteia⁴⁴, cabra (αἶξ) que alimentou o deus durante a sua infância.⁴⁵ Cronos, conhecendo o oráculo de Geia e de Uranos, o qual revela que um filho seu o destinará, tendo ele mesmo destronado o próprio pai, Uranos, engole as crias à medida que Reia, sua irmã e esposa, apresenta-lhe as crianças ao nascerem. Conseguindo livrar a mais nova, Zeus, desse fim, ela esconde-a no monte Ida de Creta, entre os Curetes - gênios cujas ruidosas danças guerreiras impediam que Cronos ouvisse o choro e os grunhidos da criança – sendo ele alimentado por mel das abelhas e pelo leite da cabra.

Adulto, Zeus enfrenta os Titãs, com a ajuda dos Ciclopes e dos Hecatonquiros, e destrona Cronos, seu pai, impondo-se como deus maior após uma luta que dura dez anos, a Titanomaquia. Na **Ilíada**, Zeus é o grande general que comanda a guerra entre troianos e aqueus. Ele direciona não só as batalhas como também a participação dos demais deuses na luta entre os heróis, decidindo, ao pesar os destinos em sua balança, ou a favor dos troianos, ou a favor dos gregos. Essa ideia é ratificada pela presença constante do seu epíteto, αἰγίοχος, no decorrer da narrativa⁴⁶, o que denota a sua função guerreira de herói, já demonstrada acima, e, sobretudo, põe em evidência o papel do deus como o general por excelência.

A égide é símbolo do ímpeto guerreiro de Zeus. Façamos uma análise dos episódios em que o escudo do deus, usado, além dele mesmo, apenas por Apolo e por Atena, aparece, de modo a comprovar a caráter bélico da arma.

Na **Ilíada**, há vários momentos pontuados pela presença da égide. No Canto II, Agamêmnon encoraja os aqueus a lutar. Após sacrifício oferecido a Zeus pelo Atrida, Nestor o aconselha a não mais tardar o embate. Ele deve convocar a todos para o combate. Os arautos

⁴⁴ HYGIN. **L'Astronomie**. Texte établi et traduit par André Le Boeuffe. Paris: Les Belles Lettres, 2002, Liber II, 13,4.

⁴⁵ CALLIMAQUE. Op. cit.

⁴⁶ Homero. **Ilíada**. I, verso 202, verso 222; II, verso 157, verso 348, verso 375, verso 491, verso 598, verso 787; III, verso 426; V, verso 115, verso 396, verso 635, verso 693, verso 714, verso 733, verso 742, verso 815; VI, verso 420; VII, verso 60; VIII, verso 287, verso 352, verso 375, verso 384, verso 427; X, verso 278, verso 553; XI, verso 66; XII, verso 209; XIII, verso 825; XIV, verso 160, verso 252; XV, verso 175, verso 242, verso 379; XVII, verso 176; XXI, verso 420; XXII, verso 221. **Odisseia**. III, verso 42, verso 394; IV, verso 752, verso 762; V, verso 103, verso 137; VI, verso 105, verso 324; IX, verso 154; XIII, verso 252, verso 371; XVI, verso 320; XXIV, verso 164, verso 529, verso 547.

são enviados a fim de reunir os heróis para a luta. Com eles está Atena, segurando a égide de modo a insuflar ainda mais o ardor guerreiro:

οἱ δ' ἄμφ' Ἀτρεΐωνα διοτρεφέες βασιλῆες
 θῦνον κρίνοντες, μετὰ δὲ γλαυκῶπις Ἀθήνη
αἰγίδ' ἔχουσ' ἐρίτιμον ἀγήρων ἀθανάτην τε,
 τῆς ἑκατὸν θύσανοι παγχρύσειοι ἠερέθονται,
 πάντες ἐϋπλεκέες, ἑκατόμβοιοι δὲ ἕκαστος·
 σὺν τῇ παιφάσσουσα διέσσυτο λαὸν Ἀχαιῶν
 ὀτρύνουσ' ἰέναι· ἐν δὲ σθένος ὤρσεν ἑκάστωι
 καρδίῃ ἄλληκτον πολεμίζειν ἥδ' ἐ μάχεσθαι.
 (*Ilíada*, II, 445-52)

Os reis, nutridos por Zeus, em volta do Atrida, precipitavam-se, ordenando a tropa, com Atena de olhos glaucos erguendo a célebre, imperecível e imortal **égide**, da qual cem franjas todas em ouro pendem, todas bem trançadas, cada uma com o valor de cem bois. Com ela, resplendente, lança-se através do exército dos Aqueus, impelindo-o a seguir; e no coração de cada um, implacável força incita, para combater e lutar.

No Canto IV, ápos o combate singular entre Menelau e Páris, que quase é aniquilado, não fosse a intervenção de Afrodite – que o livra da morte, retirando-o das mãos do Atrida e envolvendo-o em uma neblina, levando-o em seguida para os braços de Helena – os teucros perjuram, quebrando o acordo estabelecido, que seria, caso Menelau vencesse a luta, ter de volta Helena e os tesouros por ela levados no momento que seguiu com Páris para Troia. Pândaro lança uma flecha, atingindo Menelau, que fora ferido de leve, graças à intervenção de Atena. Agamêmnon, após grande susto, percebe que o irmão está bem e, segurando a sua mão, refere-se ao juramento feito pelos dardânidas mediante as libações, os apertos de mão e o sangue das vítimas, animais sacrificados aos deuses, afirmando que não terá sido em vão, pois Zeus, no tempo devido, há de infligir-lhes grave punição, custando-lhes a própria vida, e nesse momento, irá brandir a égide do alto do Olimpo contra eles. A referência à égide deixa claro que será através da guerra que esse castigo lhes será imputado, ratificando, desse modo, a função bélica do escudo do Cronida:

ἔσσεται ἡμαρ ὅτ' ἄν ποτ' ὀλώλῃ Ἴλιος ἱρὴ
 καὶ Πριάμος καὶ λαὸς ἐϋμμελίῳ Πριάμοιο,
 Ζεὺς δὲ σφί Κρονίδης ὑψίζυγος αἰθέρι ναίων

αὐτὸς ἐπισσεΐησιν ἐρεμνὴν αἰγίδα πασι
 τῆσδ' ἀπάτης κοτέων· τὰ μὲν ἔσσεται οὐκ ἀτέλεστα·
 (*Ilíada*, IV, versos 164-168)

Dia existirá, quando Ílio sagrada há de perecer, e Príamo e o exército de Príamo, forte lanceiro; Zeus Cronida, máximo soberano, que no éter habita, há de agitar a negra égide contra eles todos, furioso pela traição; essas coisas não ficarão sem cumprimento.

No Canto V, os troianos, secundados por Ares, conseguem fazer os aqueus recuarem. Hera, percebendo que eles estão sucumbindo à investida dos argivos, convoca Atena a fim de ir, as duas, em seu auxílio. Nesse momento, a deusa prepara-se para a guerra, trajando-se adequadamente. Primeiramente, despe-se do peplo para em seguida vestir a couraça e empunhar as armas; dentre elas está a égide, cujo aspecto faz sentir todos os horrores da guerra. No meio do escudo está a cabeça da Górgona⁴⁷, que, com seu poder aterrador, paralisa o inimigo:

ἦ δὲ χιτῶν' ἐνδῦσα Διὸς νεφεληγερέταο
 τεύχεσιν ἐς πόλεμον θωρήσσετο δακρυόεντα.
 ἀμφὶ δ' ἄρ' ὤμοισιν βάλετ' αἰγίδα θυσσανόεσσαν
 δεινὴν, ἣν περὶ μὲν πάντη Φόβος ἐστεφάνωται,
 ἐν δ' Ἑρίς, ἐν δ' Ἀλκή, ἐν δὲ κρυόεσσα Ἰωκή,
 ἐν δέ τε Γοργεῖ κεφαλὴ δεινοῖο πελώρου
 δεινὴ τε σμερδνὴ τε, Διὸς τέρας αἰγιόχοιο.
 (*Ilíada*, V, 736-743)

Ela, tendo vestido a túnica de Zeus ajuntador de nuvens, arma-se com as armas para a batalha lamentosa. Então, sobre os ombros lançou a **égide** franjada, terrível, que Φόβος (Medo) envolve completamente; nela estão Ἑρίς (Discórdia), Ἀλκή (Violência), e gélida Ἰωκή (Perseguição); nela, terrível e assombrosa, prodígio de Zeus porta-égide, está a cabeça da Górgona, monstro terrível.

No Canto XV, Poseidon, contrariando as deliberações de Zeus, vai para o meio da pugna a fim de auxiliar os argivos, que se encontram em desvantagem em relação aos troianos. Ao perceber a presença do irmão ao lado dos aqueus, o Cronida envia Íris, a deusa mensageira,

⁴⁷ Atena dá a Perseu a incumbência de matar Medusa, uma das Górgonas. Após matá-la, o herói leva sua cabeça para a deusa, que a coloca na égide a fim de, nos combates, paralisar o inimigo.

para adverti-lo a se retirar da guerra e voltar para o seu palácio. Em seguida, convoca Apolo para que vá ao encalço de Heitor e o ajude – pois ele fora combalido pelos aquivos quando estavam sendo secundados por Poseidon – insuflando-lhe força e vigor, de modo a fazer os adversários recuarem até os navios, e partam em fuga através do Helesponto. Ordena, então, a Febo que leve a égide consigo e a sacuda, infligindo terror em todos:

ἀλλὰ σύ γ' ἐν χείρεσσι λάβ' αἰγίδα θυσσανόεσσαν,
τῇι μάλ' ἐπισσείων φοβέειν ἥρωας Ἀχαιούς·
(*Ilíada*, XV, versos 229-230)

Pois, toma tu a **égide** franjada, nas mãos, sacudindo-a, para afugentar de medo os heróis Acaios.

Heitor, recuperado, retorna ao acampamento grego, tendo Apolo à frente do exército. Os argivos recuam para os navios à medida que os teucros avançam. Heitor os comanda. Apolo, antecedendo-o, vibra a égide, que fora fabricada pelo deus artesão para incutir pavor nos homens:

Τρῶες δὲ προὔτυψαν ἀολλέες, ἦρχε δ' ἄρ' Ἐκτωρ
μακρὰ βιβάζ· πρόσθεν δὲ κί' αὐτοῦ Φοῖβος Ἀπόλλων
εἰμένος ὦμοιιν νεφέλην, ἔχε δ' αἰγίδα θοῦριν
δεινὴν ἀμφιδάσειαν ἀριπρεπέ', ἣν ἄρα χαλκεὺς
Ἥφαιστος Διὶ δῶκε φορήμεναι ἐς φόβον ἀνδρῶν·
(*Ilíada*, XV, versos 306-310)

Os Troianos precipitavam-se conjuntamente, e Heitor, avançando a passos largos, guiava-os. À sua frente, vai Febo Apolo, lançada uma nuvem sobre os ombros, sustém a **égide** impetuosa, terrível, toda franjada, notável, que Hefestos, o forjeiro, deu a Zeus para portar, para medo dos homens.

A luta se torna acirrada no acampamento grego, com vantagem para os troianos. O deus, sustentando a égide, continua no meio do combate, insuflando a guerra e o ardor guerreiro:

ὄφρα μὲν αἰγίδα χερσὶν ἔχ' ἀτρέμα Φοῖβος Ἀπόλλων,
τόφρα μάλ' ἀμφοτέρων βέλε' ἥπτετο, πῖπτε δὲ λαός.
(*Ilíada*, XV, 318-310)

Enquanto Febo Apolo sustentava a **égide** firme com as mãos, nesse ínterim, de ambos os lados, os dardos atingiam, e a multidão tombava.

Heitor incita os dardânidas a atravessar o fosso construído para proteção aos navios aqueus, advertindo-os para que deixem os espólios, sob a ameaça, caso alguém lhe desobedecesse, de ser morto e, sobretudo, de não receber os funerais. À frente de todos, envergando a égide, está Apolo, que facilmente desfaz a barreira, formando uma ponte, que serve de acesso aos teucros para os navios aqueus:

τῇ ῥ' οἳ γε προχέοντο φαλαγγιδόν, πρὸ δ' Ἀπόλλων
αἰγίδ' ἔχων ἐρίτιμον· ἔρειπε δὲ τεῖχος Ἀχαιῶν
ῥεῖα μάλ',.....
(**Ilíada**, XV, 360-62)

Pelo fosso eles avançam, em falange; Apolo, na frente, sustentando a célebre égide, derruba o muro dos Acaios muito facilmente.

A presença reiterante da égide nesse momento da narrativa denota uma gradação no nível de intensidade da pugna, cada vez mais ardorosa à medida que Heitor, secundado por Apolo, avança em direção aos navios dos dânaos. É possível perceber na tensão gerada por essa gradação o prenúncio para o cumprimento do destino de Heitor, morrer pelas mãos de Aquiles, a fim de lhe dar grande glória.

No Canto XVII, os heróis combatem ao redor do corpo de Pátrocles, que fora morto por Heitor. De um lado estão os aqueus, defendendo o corpo a fim de conseguir resgatá-lo e levá-lo ao acampamento para prestar-lhe as honras fúnebres. Do outro, estão os troianos, lutando para arrebatá-lo para dentro das muralhas de Troia, de modo a entregá-lo aos cães para ser comido, o que significa grande desgraça para um herói, haja vista condená-lo ao desaparecimento total por não ter o seu túmulo e honras fúnebres estabelecidos e, conseqüentemente, não ser lembrado pelas gerações vindouras. A vantagem no embate pende para os gregos; nesse momento, Apolo, sob a forma de Fenope, aliado dos troianos, instiga Heitor para a luta, que, revestido de bronze, avança para a frente da pugna. Zeus, do alto do monte Ida, agita a égide e faz retumbar grande estrondo, infundindo terror aos argivos:

καὶ τότε ἄρα Κρονίδης ἔλετ' αἰγίδα θυσσανόεσσαν
μαρμαρέην, Ἴδην δὲ κατὰ νεφέεσσι κάλυψεν,

ἀστροάψας δὲ μάλα μεγάλ' ἔκτυπε, τὴν δὲ τίναξε,
νίκην δὲ Τρώεσσι δίδου, ἐφόβησε δ' Ἀχαιοὺς.
(*Ilíada*, XVII, 593-596)

Então, naquele momento, o Cronida toma a **égide** franjada, resplandecente, e cobre o Ida com nuvens; tendo relampejado e ressoou muito fortemente, brandiu-a, dando a vitória aos Troianos; e amedrontou os Acaios.

No Canto XVIII, Aquiles, estando sem suas armas, pois foram espoliadas por Heitor ao matar Pátrocles, é advertido por Thétis, sua mãe, a não entrar na guerra antes que lhe trouxesse armas novas, fabricadas por Hefestos. No entanto, o corpo de Pátrocles está sendo disputado entre os argivos e os troianos, correndo o risco de ser arrastado para dentro das muralhas de Troia e lá servir de pasto para os cães. Íris, deusa mensageira, aconselha Aquiles a pelo menos aparecer junto ao fosso, mesmo desarmado, de modo a infundir medo nos dardânidas, fazendo-os recuar, e assim dar um novo alento aos dânaos. A deusa põe-lhe a égide ao redor das espáduas e cobre sua cabeça com nuvem de ouro, para que o herói reluza diante dos adversários, imputando-lhes terror:

αὐτὰρ Ἀχιλλεὺς ὦρτο Διῖ φίλος· ἀμφὶ δ' Ἀθήνη
ὦμοις ἰφθίμοισι βάλλ' **αἰγίδα** θυσσανόεσσαν,
ἀμφὶ δέ οἱ κεφαλῇι νέφος ἔστεφε διὰ θεάων
χρύσειον, ἐκ δ' αὐτοῦ δαῖε φλόγα παμφανόωσαν.
(*Ilíada*, XVIII, 203-206)

Mas Aquiles, caro a Zeus, ergue-se; em volta dos ombros robustos, Atena lança a **égide** franjada, e em torno da cabeça dele, nuvem dourada a divina dentre as deusas cingiu, e dele, fazia brilhar uma chama toda brilhante.

No Canto XXI, tendo Aquiles voltado para a guerra, Zeus libera os deuses a participar dela, tomando o partido de quem melhor lhes aprouvesse. Os deuses lutam entre si. Ares increpa Atena por ter instigado, anteriormente, Diomedes a feri-lo (*Ilíada*, V), jogando, em seguida, a lança, que atinge a égide sustentada por Atena:

ὥς εἰπὼν οὔτησε κατ' **αἰγίδα** θυσσανόεσσαν
σμερδαλέην, ἣν οὐδὲ Διὸς δάμνησι κεραυνός·
(*Ilíada*, XXI, 400-401)

Assim falando, bateu contra a **égide** franjada, assombrosa, que nem o raio de Zeus submete.

No Canto XXIV, Aquiles, ainda muito triste pela morte de Pátrocles, ultraja o corpo de Heitor, arrastando-o em volta do túmulo do amigo. Apolo, a fim de proteger o corpo para que não estragasse, cobre-o com a égide:

..... τοῖο δ' Ἀπόλλων
 πᾶσαν ἀεικείην ἄπεχε χροῖ φῶτ' ἐλεαίων
 καὶ τεθνηότα περ· περὶ δ' αἰγίδι πάντα κάλυπτε
 χρυσεΐη, ἵνα μὴ μιν ἀποδρῦφοι ἔλκυστάζων.
 (*Ilíada*, XXIV, 18-21)

.....mas Apolo compadecido do homem, afastava todo o ultraje em torno do cadáver; com a égide dourada cobria-o todo, de modo que, arrastando-o, não o dilacerasse.

Esse episódio coroa o que foi dito acima a respeito da presença constante da égide na ἀριστεία de Heitor. O corpo do herói ser coberto com o escudo de Zeus denota a imortalidade e a glória imperecível conferidas ao Priamida.

Na **Odisseia**, Canto XXII, há um momento específico em que a égide aparece. Trata-se da chacina dos pretendentes à mão de Penelope, esposa de Odisseu, que retornara de Troia após vinte anos de ausência e encontrara seu palácio invadido pelos príncipes da região, os quais vinham dilapidando o seu patrimônio com opulentos banquetes diários. Eles serão detidos por Odisseu e seu filho Telêmaco. No auge do morticínio, Atena levanta a égide, fazendo-a brandir e causando terror a todos:

δὴ τότε Ἀθηναίη φθισίμβροτον αἰγίδ' ἀνέσχευ
 ὑψόθεν ἐξ ὀροφῆς· τῶν δὲ φρένες ἐπτοίηθεν.
 (*Odisseia*, XXII, versos 297-98)

Assim, Atena levantou a **égide**, que destrói os mortais, do alto do teto; os corações deles terrificaram-se.

No poema, *O Escudo*⁴⁸, há três momentos em que a égide é referida, todos em um contexto de guerra. O poema trata desde o nascimento de Heraclés ao episódio da morte de Cicno. Filho de Ares e Pelopia, filha de Pélias, Cicno matava todos os transeuntes que iam ao Oráculo de Delfos e oferecia os despojos ao pai. Em combate, Heraclés tira-lhe a vida, e Ares tenta vingar o filho. Mas Atena intercede, desviando o dardo lançado, que vai se cravar na coxa do próprio deus, indo ele de volta para o Olimpo. Antes do confronto com Cicno, são descritas as armas de Heraclés, dentre as quais está o escudo, fabricado por Hefestos.

A primeira referência à égide que aparece, é uma das cenas gravadas no escudo de Heraclés. Trata-se da Centauromaquia, a luta entre os Lápitais e os Centauros. Atena aparece armada, portando a égide, como se quisesse armar a batalha:

Ἐν δὲ Διὸς θυγάτηρ ἀγγελεΐη Τριτογένεια,
τῇι ἰκέλη ὥς εἴ τε μάχην ἐθέλουσα κορύσσειν,
ἔγχος ἔχουσ' ἐν χειρὶ χρυσέην τε τρυφάλειαν
αἰγίδα τ' ἀμφ' ὤμοις· ἐπὶ δ' ὤχετο φύλοπιν αἰνὴν.
(**O Escudo**, 197-200)

Lá, a filha de Zeus, Tritogênia, condutora de espólio. Semelhante àquela, como se querendo armar a batalha, sustentando a lança na mão, e o capacete dourado, e em volta dos ombros, a égide; e ia em direção ao terrível combate.

A segunda referência é o momento do embate entre Heraclés e Cicno. Atena instiga o herói a matá-lo, mas o adverte a deixá-lo lá mesmo, sem suas armas espoliar, visto que não é seu destino fazê-lo. A deusa, então, insufla-lhe ardor, brandindo a égide:

ἐν γάρ σφιν μένος ἦκε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη
αἰγίδ' ἀνασσεΐσασα· περιστενάχνησε δὲ γαῖα.
(**O Escudo**, 343-344)

A deusa de olhos glaucos, Atena, tendo brandido a **égide**, lançou-lhes ardor; a terra gemeu ao redor.

A terceira alusão ao escudo de Zeus ocorre após Heraclés matar Cicno. Ares investe contra o herói, e Atena o protege. Coloca-se a sua frente segurando a tenebrosa égide:

⁴⁸Hesiod. "Shield of Heraclés". In: *Homeric Hymns Epic Cycle Homerica*. Translated by Hugh G. Evelyn-White. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

αὐτὰρ Ἀθηναίη, κούρη Διὸς αἰγιόχοιο,
 ἀντίη ἦλθεν Ἄρης ἐρεμνὴν αἰγίδ' ἔχουσα·
 (O Escudo, 443-444)

Atena, porém, filha de Zeus porta-égide, levantando a tenebrosa **égide**,
 contra Ares veio.

Na **Eneida**, há três momentos em que a égide aparece.

O Livro II narra a destruição de Troia. Neste episódio, Eneias, que acordara no meio da noite, quando a cidade já estava em chamas, veste suas armas e segue para lutar contra os aqueus, que, nessa altura, já haviam tomado a cidade. Em dado momento, aparece-lhe sua mãe, Vênus, advertindo-o para se preocupar com seu pai, Anquises, seu filho, Iulo, e sua esposa, Creúsa, ao invés de se entregar a tão grande furor, pois ele havia avistado Helena a se refugiar no templo de Vesta, e, acrescido de impetuoso furor, queria matá-la, mesmo não havendo muito louvor em se matar uma mulher. Vênus lhe diz, no entanto, que, antes de tudo, Troia está sendo destruída pela vontade dos deuses. Limpa-lhe a visão, permitindo-lhe ver as divindades encarniçadas a destruir a cidade. Dentre elas está Minerva, ocupando o alto da cidadela, armada com a égide:

Iam summas arces Tritonia, respice, Pallas
 insedit, nimbo effulgens et **Gorgone saeva**.
 Ipse pater Danais animos virisque secundas
 sufficit, ipse deos in Dardana suscitata arma.
 (**Eneida**, II, versos 615-18)

Olha, já a Tritônia Palas ocupou a alta cidadela, fulgurante, como nimbo e com a **cruel Górgona**. O próprio pai insufla o ânimo dos Dânaos e as forças propícias, ele próprio levanta os deuses contra as armas Dardânias.

No Livro VIII, Evandro, aliado de Eneias na batalha contra os latinos, passeia com o troiano pelas plagas da futura Roma, e lhe mostra o local onde um deus habita, o qual os árcades, o povo de Evandro, crêem ter visto sacudir a égide. Trata-se de Júpiter sobre o monte Capitolino, onde foi erigido um tempo ao deus por Tarquínio, o Soberbo:

“hoc nemus, hunc” inquit “frondoso vertice collem
 (quis deus incertum est) habitat deus; Arcades ipsum
 credunt se vidisse Iovem, cum saepe nigrantem
aegida concuteret dextra nimbosque cieret.
 (**Eneida**, VIII, 351-354)

“Este bosque” diz “um deus (qual deus é incerto) esta colina, de vértice frondoso, habita; os Árcades crêem-se ter visto o próprio Júpiter, quando agitasse a **égide** obscurecente e com a destra, mover os nimbos.

No mesmo Livro, Vênus pede a Vulcano que produza armas para Eneias. Lá, no palácio do deus, são mostrados os ciclopes urânidas fabricando os raios, trovões e relâmpagos para Júpiter, como também um carro para Marte, sobre o qual esse deus inflige a guerra. Do mesmo modo, lá estava a égide do filho de Saturno, sendo polida, para cobrir o peito de Atena quando estivesse em combate:

aegidaque horrifera, turbatae Palladis arma,
certatim squamis serpentum auroque polibant
conexosque anguis ipsamque in pectore divae
Gorgona desecto vertentem lumina collo.
(**Eneida**, VIII, 435-438)

E a **égide** apavorante, as armas de Palas furiosa, poliam, à porfia, com escamas de serpentes e ouro, as serpentes entrelaçadas e no peito da deusa, a própria Górgona com o pescoço degolado, girando os olhos.

A reunião, no mesmo episódio, das armas de Zeus – o trovão, o relâmpago e o raio – do carro de Marte e da égide usada por Minerva no combate, reitera a ideia do escudo como símbolo da guerra, representando todos os valores que buscam o herói guerreiro, a força física, a coragem, a honra, a glória e a excelência.

As passagens acima elencadas justificam, mais uma vez, a designação de Zeus como o primeiro herói, pois evidenciam não só a participação efetiva do deus no combate guerreiro, mas, sobretudo, a sua posição de general da guerra, seja ela travada entre os deuses, seja ela determinada aos homens.

4. Heracles, o herói divinizado

As características que definem, basicamente, o herói, são a força física descomunal e a estatura sobre-humana, a ascendência divina e os grandes feitos os quais está destinado a realizar. Para ser reconhecido como tal, é essencial sofrer o rito iniciático. É o que relata

Athena a Odisseu, quando ele a questiona sobre ter permitido Telêmaco sair em viagem, navegando pelo mar desconhecido, mesmo tudo sabendo a respeito da volta do filho de Laerte para Ítaca (**Odisséia**, XIII, 420-428). A deusa diz ter promovido a viagem para que Telêmaco pudesse granjear fama excelente. Da mesma forma, essa viagem lhe traz a preparação necessária para posteriormente auxiliar Odisseu na luta contra os pretendentes.

Zeus é o primeiro herói e guerreiro, pois porta a égide - ἀιγίοχος - em todas as batalhas, ao enfrentar o adversário. Ele, ao nascer, é afastado a fim de ser nutrido e preparado para cumprir a sua missão, estabelecer a nova ordem do universo e fazer valer a justiça. Assim como o Cronida, Heraclés, Aquiles e Eneias sofrem o mesmo processo para, enfim, após o burilamento necessário, assumir a sua condição de herói. Eles têm em comum, além do processo de formação, a grandeza do seu escudo, peça principal na composição da sua armadura de combatentes guerreiros.

Heraclés tem como pai mortal Anfítrion e Alcmena como mãe. Certa noite, em que Anfítrion se ausentara para ir a uma expedição contra os Teléboas, Zeus toma o seu lugar, assumindo as suas feições e apresentando-se a Alcmena, com o intuito de enganá-la, e assim obter o que viera buscar, e enlaço amoroso com ela. Após passarem juntos uma noite de amor, prolongada por Apolo a pedido do deus, engendrou Heraclés, sendo ele, portanto, o seu verdadeiro pai. Logo, trata-se de um semideus, tendo em vista a sua filiação divina e mortal. Seu processo de formação como herói começa antes mesmo do seu nascimento, visto que é perseguido por Hera, a esposa de Zeus, que, enciumada por causa da relação do marido com a mortal, busca infligir sofrimentos ao herói. Já adulto, a deusa envia-lhe a μανία, enlouquecendo-o momentaneamente, fazendo-o matar a esposa e os filhos. A fim de limpar a mancha do assassinio, ele procura o oráculo de Delfos, que lhe revela ser preciso cumprir a vontade de Hera. A partir desse episódio, o herói, cujo nome era Alcides, passa a se chamar Heraclés [Ἡρακλῆς (a glória de Hera) = Ἥρας + κλέος], para glorificar a deusa, visto que se submeterá a cumprir as determinações dela, imputadas a ele por intermédio de Euristeu, que lhe impõe *Doze Trabalhos*, ao fim dos quais obterá a imortalidade, pois será divinizado, indo partilhar, no Olimpo, dos banquetes dos deuses. São eles: *O Leão de Nemea* – monstro filho de Orto e de Equidna, é irmão da Esfinge de Tebas. Criado por Hera, assolava a região de Nemea, devorando os habitantes e os rebanhos. Heraclés o matou, sufocando-o, pois sua pele era tão hirtusa que não se conseguia perfurar. Após matá-lo, o herói tira a pele do leão, usando as próprias garras do animal. *A Hidra de Lerna* – serpente filha de Tífon e de

Equidna, foi criada por Hera para pôr Heraclés à prova. O seu hálito era tão mortal, que quem o aspirasse, morria. Provocava devastação nas colheitas e nos rebanhos. O filho de Zeus corta as cabeças do monstro e queima as feridas, pois cresciam novamente logo que eram cortadas.

O Javali de Erimanto – o herói tinha a incumbência de trazer vivo, um javali enorme que vivia no cimo do Erimanto. Para capturá-lo, fatigou o animal, perseguindo-o com seus gritos.

A Corça de Cerineia – animal consagrado a Ártemis, possuía chifres de ouro e se refugiava no monte Cerínio. Só foi capturada por Heraclés após um ano, pois ela era muito veloz. O animal, por aquiescência dos deuses Apolo e Ártemis, foi levado para Euristeu.

Os Pássaros do Lago Estínfalo – pássaros que viviam numa espessa floresta nas margens do lago Estínfalo, na Arcádia. Devoravam as colheitas das regiões vizinhas. Euristeu ordenou que Heraclés os matasse, conseguiu a realização desse feito utilizando castanholas de bronze fabricadas por Hefesto, visto que os animais se escondiam na floresta, dificilmente de lá saindo.

As Cavalariças do rei Augias – Augias era um rei da Élide, no Peloponeso. Filho de Hélio, o Sol, cuidava de numerosos rebanhos de seu pai, mas descuidava da limpeza do estábulo, o que provocou um enorme acúmulo de estrume, trazendo a esterilidade às terras. Heraclés os limpou, desviando a corrente dos rios Alfeu e Peneu para o pátio do estábulo.

O Touro de Creta – touro enfurecido por Poseidon, pelo fato de Minos, rei de Creta, não haver cumprido o juramento de sacrificar o animal ao deus. Heraclés é incumbido de levar o animal vivo para Euristeu.

As éguas de Diomedes – Diomedes era um rei da Trácia possuidor de éguas que se alimentavam de carne humana. Heraclés entrega o próprio rei como alimento para os animais, acalmando-os, o que permite conduzi-los.

O Cinto da Rainha Hipólita – Heraclés parte para o reino das Amazonas a fim de conquistar o cinto da rainha Hipólita, a quem havia sido dado por Ares para simbolizar o poder que ela tinha sobre o seu povo. A rainha entrega de boa vontade o cinto ao herói, no entanto, Hera, disfarçada, suscita uma desavença entre os companheiros de Heraclés e as Amazonas. Ele, pensando ter sido traído, mata Hipólita.

Os Bois de Gérion – Gérion possuía enormes rebanhos de bois, que eram pastoreados no extremo ocidente por Eríton, auxiliado por Ortro, seu cão, filho de Tífon e Equidna. Heraclés atravessa o Oceano na taça do Sol, usada pelo astro para voltar ao seu palácio depois de realizar o ocaso. Trouxe, na taça, os animais, após matar Ortro, Eríton e o próprio Gérion, levando-os a Euristeu.

O Cão Cérbero – Heraclés desce ao Hades a fim de capturar Cérbero, o cão porteiro do mundo dos mortos. Zeus manda que Atena e Hermes o auxiliem nessa empreitada. Hades permite que Heraclés leve o cão desde que o domine sem

suas armas. Ele consegue domar o animal usando simplesmente a sua pele de leão. Ele leva o animal à presença de Euristeu, que se esconde dentro de um vaso, com medo. *As maçãs de ouro das Hespérides* – Hera recebera de Geia, como presente de casamento, maçãs, as quais, por serem tão belas, foram plantadas no seu jardim. Mas as filhas de Atlas as roubavam frequentemente. Para evitar o furto, a deusa colocou um dragão para protegê-las, assim como as ninfas Hespérides. Heraclés recebeu instruções de Prometeu a respeito de como colher as maçãs. Atlas teria de recolhê-las. Heraclés levou-as a Euristeu, que não soube o que fazer com os frutos. O herói as entregou a Atena, que as devolveu às Hespérides.

Os feitos de Heraclés promovem a lapidação necessária ao herói para que obtenha a glória imperecível e a consequente apoteose, com a sua deificação. Assim como Zeus mata Tifon, Heraclés mata a Hidra de Lerna, Belerofonte, a Quimera, Édipo, a Esfinge, Apolo, a Píton, Teseu, o Minotauro, e Perseu, a Górgona. Esse fato os aproxima e os caracteriza como heróis pertencentes a um mesmo grupo, que, em um dado momento, enfrentam e aniquilam um monstro ctônico, ligado à força primordial existente antes do estabelecimento da nova ordem cosmogônica, por Zeus. Essa característica aproxima o filho de Crono desse grupo de heróis, que pertencem a uma fase anterior ao ciclo de Troia, o que reitera o perfil de herói do deus.

Quando criança, Heraclés fora nutrido e educado pelo centauro Quíron, o que simboliza o rito de iniciação do herói. A cada grande trabalho, Heraclés aumenta a sua honra e, consequentemente, a sua glória, κλέος. Ao cumprir o seu lote, os trabalhos a ele imputados, faz juz à sua linhagem divina, pois é filho de Zeus, e desse modo cumpre a missão a que está destinado: fazer valer a Justiça, Δίκη, que, neste contexto, está filiada diretamente à Justiça Divina, Θέμις, sua mãe.

4. 1. O escudo de Heraclés

As armas de Heraclés são de procedência divina, assim como as de Aquiles e as de Eneias. No entanto, apesar da mesma procedência, sobretudo no que concerne ao escudo, sua feitura se dá por motivo diverso, vejamos o porquê no decorrer do trabalho.

A esses três heróis são fabricadas armas, dentre as quais o escudo ganha destaque, não apenas por ser símbolo maior da excelência guerreira, mas, sobretudo, pela função e sentido específico para cada um desses heróis, levando-se em consideração a *ekphrasis*, as

representações grafadas nos escudos e o momento da fabricação, que está vinculado ao contexto em que cada herói está inserido.

A Heraclés é dedicado um poema cujo título já denota o conteúdo, ΑΣΠΙΣ, *O Escudo*. Trata, sobretudo, do embate entre Heraclés e Cicno, mas tem como cerne da narrativa, a descrição do escudo fabricado por Hefestos para o herói. O embate serve apenas como pretexto para o foco principal, o escudo. Nele, estão gravadas imagens concernentes ao próprio Heraclés, visto que Zeus ordena a Hefestos fabricar o escudo a fim de que sirva para dar ainda mais glória ao seu filho.

Cicno é filho de Ares. Homem violento e sanguinário, surpreendia os viajantes que peregrinavam em direção a Delfos, matava-os e com os despojos oferecia sacrifícios a seu pai. Isso atraiu sobre ele a ira de Apolo, que incitou Heraclés a matá-lo. Cicno e o herói bateram-se em combate singular. Após o filho ter morrido, Ares avança para vingar a sua morte, mas Atena desvia a lança do deus e Heraclés fere-o na coxa, obrigando-o a fugir para o Olimpo. Para esse embate, Heraclés veste sua armadura e arma-se com a espada, com a clava, com a lança, com a aljava portando as flechas, e, finalmente, com o escudo. Começa a descrição das representações nele grafadas, através da voz do narrador. Bordeado com gesso e com alvo marfim, brilhava com a cor de âmbar e com ouro rutilante; as dobras de ciano o percorriam. No centro, cena de guerra, na qual estão presentes Pavor (Φόβος) e Discórdia (Ἐρις), que, roubando o juízo dos homens, levam guerra ao filho de Zeus. As almas desses homens descem ao Hades, e seus ossos, apodrecida a carne, queimam sob o ardor de Sírío. Aí, Perseguição (Προΐωξις) e Contra-ataque (Παλίωξις) figuravam. Tumulto da Multidão (Ὀμοδός), Pânico (Φόβος) e Homicídio (Ἀνδροκτασίη) têm fulgor. Discórdia (Ἐρις) e Tumulto do Combate (Κυδοιμός) ali correm, e Morte Cruenta (κῆρ) pega um vivo recém-ferido, pega outro não-ferido, e puxa pelos pés ainda outro, morto na peleja. Ela traz nos ombros veste vermelha de sangue dos varões, e um olhar terrível e a gritar com estridência. E lá havia cabeças de serpentes, terríveis, nefandas, que apavoravam tribos e homens, as quais levam guerra ao filho de Zeus. Havia também um bando de javalis e de leões, a entreolharem-se, rancorosos e impetuosos. Havia a batalha entre os lanceiros Lápitais e os Centauros. Ares está presente, junto com Temor (Δεῖμος) e Pavor (Φόβος), ávidos de mergulhar na guerra viril. Atena aparece, com lança na mão, o áureo elmo e a égide nos ombros, como se quisesse armar a batalha. Havia o sagrado coro dos Imortais e, no meio, Apolo, tocando docemente a lira de ouro. Lá, estava o Olimpo, sacra morada dos deuses, onde se reuniam, coroados por

opulência sem fim. Havia a imagem das dançarinas cantoras, deusas, Musas da Piéria, que começavam o canto. Havia um porto, feito com o derretido estanho, parecia batido de ondas; no meio dele, muitos delfins saltavam, pareciam nadar. Dois delfins de prata, respirando, afugentavam mudos peixes. Sobre uma rocha, um pescador à espreita, tinha rede de pescar e parecia lançá-la. Ali também estava Perseu, segurando a cabeça de Medusa, envolto em um saco, e perseguido pelas Górgonas. Havia uma cena de guerra, uma cidade sendo saqueada. As mulheres em cima das torres brônzeas gritavam e arranhavam as faces. Os anciãos aglomeravam-se fora das portas e aos deuses erguiam as mãos, temerosos por seus filhos que guerreavam. Atrás deles, as *Keres*, terríveis, queriam beber sangue negro, e quem elas agarrassem ao jazer ou cair ferido, envolviam-no com grandes unhas, e sua alma descia ao Hades. Lá, também, as Moiras estavam presentes, mais antigas que as *Keres*. Todas juntas faziam áspera guerra a um só varão "Πᾶσαι δ' ἄμφ' ἐνὶ φωτὶ μάχην δριμεῖαν ἔθεντο" (v. 261): Todas, ambas, (as Queres e as Moiras) põem sobre o homem (Heraclés) áspera guerra, furentes, terrível olhar lançavam umas às outras. Havia também uma cidade, com áureas torres ajustadas às vergas de sete portas. Lá, ocorria um himeneu. Em um carro, conduziam o noivo e a noiva. Tochas acesas rodopiavam nas mãos de servas, que, viçosas de esplendor, iam adiante, seguidas de coros dançantes, que com sonoras flautas lançavam a voz das suas bocas. No outro lado, jovens festejavam com flautas, uns a brincar com a dança e o canto, outros a rir. Iam adiante, por toda a cidade, festas e coros e esplendores havia, e diante da cidade, outros montados em cavalos saltavam. Na cidade havia também lavradores, laborando a terra, fosse limpando-a para o plantio, fosse colhendo o trigo, fosse cultivando a videira a fim de preparar o vinho. Havia também uma cena de caça. Quem vencesse, receberia uma grande trípole de ouro. Ao redor do orbe do escudo, fluía Oceano, com cheia corrente. Nele, havia cisnes que cantavam alto, tendo por perto peixes que nadavam.

Analisemos a pertinência das imagens representadas no escudo em relação ao herói para quem a arma foi fabricada. As cenas seguem a seguinte ordem:

I. As personificações que estão presentes na guerra, encabeçando-a: *Pavor* (Φόβος) e *Discórdia* (Ἔρις), *Perseguição* (Προΐωξις), *Contra-ataque* (Παλίωξις), *Tumulto* (Ὁμαδός), *Homicídio* (Ἀνδροκτασίη), *Tumulto* (Κυδοιμος), *Morte Cruenta* (κῆρ), *Temor* (Δεῖμος).

II. Um bando de Javalis e de Leões;

- III. Cabeças de Serpentes;
- III. Centauromaquia;
- IV. Apolo e o coro das Musas; o Olimpo e os deuses reunidos;
- V. Um porto batido por ondas, em que se encontram delfins de prata;
- VI. Perseu segurando a cabeça da Medusa e perseguido pelas Górgonas;
- VII. Grande batalha, em que uma cidade é saqueada, com a presença das Queres e das Moiras, que levam guerra a um só herói;
- VIII. Uma cidade de sete portas, onde ocorre um himeneu e lavradores laboram;
- IX. O rio Oceano circundando o escudo;

Os núcleos acima se referem a episódios ligados ao ciclo de aventuras de Heraclés. O primeiro diz respeito às diversas guerras que enfrentou em suas andanças, demandando o seu valor bélico. O segundo faz menção a dois dos doze trabalhos impostos ao herói por Euristeu, o *Leão de Nemea* e o *Javali de Erimanto*. O terceiro remete a outro dos doze trabalhos, a *Hidra de Lerna*. O quarto relata a Centauromaquia, guerra entre os Lápitas e os Centauros, da qual Heraclés tomou parte. O quinto diz respeito à morada dos deuses, o Olimpo, local onde se reúnem para banquetes ao som da lira de Apolo e do canto das Musas. Heraclés, após sua morte, será transformado em um deus. Casar-se-á com Hebe, deusa da juventude, compartilhando da imortalidade e da opulência divina. O quinto remete a Apolo Delfínio. Heraclés disputa com o filho de Leto o poder sobre o oráculo de Delfos, o que está simbolizado em uma imagem gravada em uma ânfora, em que o deus e o herói lutam pela posse da trípole⁴⁹. O sexto remete a Perseu, que mata a Górgona, monstro ctônico, ligado às

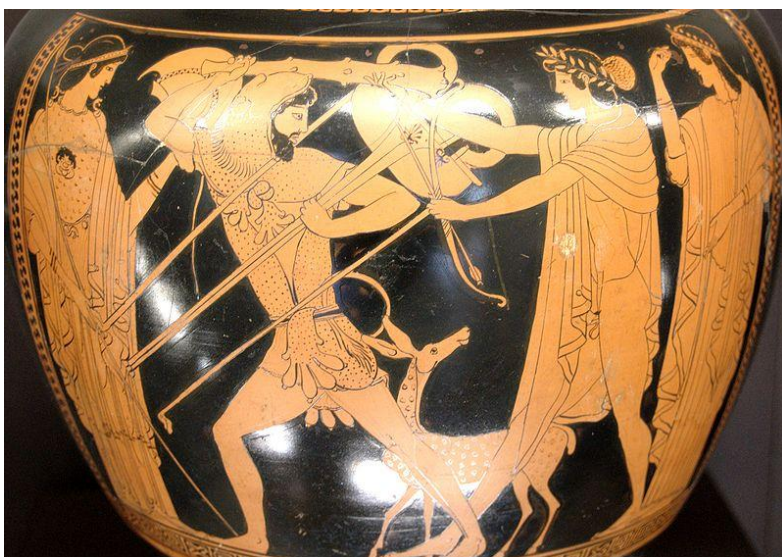
⁴⁹ STRAZZULLA, Maria José. Il principato di Apollo: mito e propaganda nelle lastre "Campana" dal tempio di Apollo Palatino. Roma: 'L'ERMA' di Bretschneider, 1990.

forças primordiais. Do mesmo modo, Heraclés mata a Hidra de Lerna, também um monstro ctônico. Os dois, Perseu e Heraclés são filhos de Zeus, são semideuses, e pertencem ao mesmo grupo de heróis que matam monstros. O sétimo alude à destruição de Troia por Heraclés, na época em que Laomedonte era rei da cidade. O oitavo menciona Tebas de sete portas, cidade onde Heraclés nasceu. O nono descreve o rio Oceano, que, na época mítica, em que se situa o mito de Heraclés, acreditava-se circundar o orbe.

A feitura do escudo objetiva a exaltação de Heraclés. Zeus ordena a Hefestos que fabrique o escudo para o herói, no qual estão representados episódios concernentes ao próprio Heraclés. Sempre que o filho de Zeus enverga a arma para enfrentar o adversário, ele exalta a si próprio, visto ser ele o foco dessas representações.

5. Aquiles, o herói individual

Aquiles, o baluarte dos aqueus, é filho do mortal Peleu, rei da Ftia, na Tessália, e da deusa marinha Thétis, filha de Nereu⁵⁰. Sendo ela imortal, tentou dar aos filhos que tivera com Peleu, a imortalidade. Ela imergia a criança no fogo, acabando por matá-la. Quando foi fazer o mesmo com Aquiles, que por sua vez é o sétimo filho, Peleu conseguiu impedi-la. Ele apenas sofreu queimaduras nos lábios e no osso do tornozelo, que foi substituído pelo do gigante Dâmiso. Depois desses acontecimentos, Thétis abandonou Peleu e voltou à sua vida



⁵⁰ Homero. *Ilíada*. XVIII, versos 433-443; XXIV, versos 59-63.

no mar. Ele, então, entregou a criança ao centauro Quíron, que se encarregou da educação do menino. Bebê ainda, Aquiles recebeu os cuidados da mãe do centauro, Filira. Mais crescido começou a exercitar-se na caça e no adestramento de cavalos, bem como na medicina. Aprendeu também a cantar e a manejar a lira. Quíron o exercitava na prática das virtudes dos antepassados. O herói foi alimentado exclusivamente com entranhas de leões e de javalis, e com medula de urso, para assimilar a força desses animais. O afastamento de Aquiles do seio familiar denota o seu rito de iniciação, pois fora nutrido e preparado para se tornar um grande guerreiro. Imbuído da *Thémis*, Justiça Deivina, sua missão é fazer valer a *δίκη*, justiça que rege os homens. Tróia deve ser destruída; isso é uma determinação divina⁵¹. A *δίκη* será aplicada tendo em vista que a guerra ocorre pela violação da lei da hospitalidade por Páris, e Aquiles irá cumprir a sua missão, a sua função, visto que Troia só poderá ser destruída com a sua presença na guerra. E como recompensa, haverá para ele a obtenção da glória imperecível. É importante frisar que o Pelida é o único dentre os heróis que estão presentes ao cerco a Troia que foi para a guerra com o intuito de conseguir, unicamente, a glória individual. Os outros estão presos a um juramento⁵². *Thétis* advertira-lhe que ele tinha duas opções. Não ir para a guerra e viver longo tempo, na abundância do seu reino, morrendo velho entre os seus entes queridos, mas anônimo, ou ir para Troia a fim de participar da guerra, mas viver pouco, morrendo jovem no campo de batalha, mas conseguindo a imortalidade através da lembrança dos seus feitos heroicos pelas gerações vindouras, obtendo, assim, a glória imperecível.

As primeiras armas de Aquiles foram-lhe dadas por sua mãe, quando os aqueus encontravam-se reunidos em Áulis. Fabricadas por *Hefestos*, o deus as havia dado a *Peleu* como presente de casamento. Essas armas são as mesmas que *Pátrocles* usou, e que foram espoliadas por *Heitor*, após matá-lo.

As segundas armas do herói são lhes dadas nas seguintes circunstâncias. Ausente da batalha por ter sido ultrajado em sua honra por *Agamêmnon*, ao ter-lhe tomado o *γέρας*, o seu butim de guerra, Aquiles cede suas armas a *Pátrocles*. Ele havia suplicado ao Pelida que

⁵¹ Hesiod. "Cypria". In: *Homeric Hymns Epic Cycle Homeric*. Translated by Hugh G. Evelyn-White. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

⁵² Conforme a tradição, *Tíndaro*, pai mortal de *Helena*, chegando o momento de casar a filha, estabeleceu que, escolhido o noivo, fosse feito um juramento pelos outros pretendentes à sua mão, de que, caso alguma intempérie acontecesse fosse a *Helena*, fosse ao futuro marido, os outros se reuniram a fim de prestar auxílio. Foi o que de fato aconteceu. Raptada *Helena* por *Páris*, do palácio de *Menelau*, seu esposo, os demais foram ao seu encalço. Reunindo uma coalizão de mais de cem mil homens, *Agamêmnon*, irmão de *Menelau*, lidera o cerco a Troia, o qual trouxe a destruição da cidade. Aquiles era o único que não estava sob o juramento.

lhe permitisse vesti-las, já que ele não voltaria para a luta, de modo a, os troianos pensando ser ele o próprio Aquiles, afugentá-los, pois, naquela altura, já haviam invadido o acampamento argivo e ameaçavam atear fogo nos navios. Aquiles aquiesce e adverte o amigo de que não pense em ir até as muralhas com o intuito de lutar com o adversário. Apenas afugentasse-os do acampamento e depois retornasse. Entretanto, o filho de Menécio não o ouve, e acaba morrendo pelas mãos de Apolo e de Heitor.

Com as armas espoliadas, Aquiles fica impedido de voltar para a guerra. No entanto, sua mãe promete-lhe novas. Thétis pede a Hefestos que fabrique armas divinas para o seu filho. O deus facilmente atende ao pedido, pois foi a deusa que o acolheu quando Hera o atirou do Olimpo, pretendendo livrar-se dele por ser coxo⁵³. Começa, então, a feitura da armadura para o Pelida.

5. 1. O escudo de Aquiles

Hefesto fabrica para Aquiles a vestimenta de guerra, a armadura, formada pela couraça, pelo elmo e pelas grevas. A única arma que o deus produz é o escudo. À medida que o deus vai construindo-o, concomitantemente as cenas nele grafadas vão sendo descritas. Cinco camadas possui, gravando ele, na externa, figuras de excelso traçado. Nela, o deus insculpiu a terra, o mar, o firmamento, o sol, a lua, numerosas estrelas. Lá, havia constelações: as Plêiades, Órion, as Híades e a Ursa. Duas cidades Hefestos gravou. Na primeira, realizam-se bodas alegres. E no mercado, uma contenda está em curso; discute-se acerca de uma quantia a ser paga por causa de um assassinato. Na segunda, há uma cena de guerra: uma cidade sitiada e dois exércitos inimigos a se enfrentar. Estão presentes Ἐρις (Discórdia), Κυδοιμὸς (Tumulto) e κῆρ (Morte Cruenta), de cujos ombros pendem as vestes manchadas de sangue dos homens. O deus representa uma lavoura, onde homens trabalham, preparando a terra, e em outra parte, ceifando as espigas. Lá também grava uma vinha, e jovens colhendo os frutos. Uma manada de bois grafou, os quais são atacados por leões, e um prado com ovelhas pastando. Um recinto de dança, onde jovens bailam alegremente. E no extremo do escudo, o deus gravou o rio Oceano⁵⁴.

⁵³ Há duas tradições a respeito de Hefesto, abonadas por Homero na *Ilíada*: Canto I, versos 590-594; Canto XVIII, versos 394- 405.

⁵⁴ Homero. Op. cit., XVIII, versos 478-608.

As cenas do escudo de Aquiles são apresentadas na seguinte sequência:

- I. Astros e constelações;
- II. Primeira cidade: bodas alegres e o mercado onde ocorre um litígio;
- III. Segunda cidade: dois exércitos inimigos, guerra, morte;
- IV. Uma lavoura: arado, colheita, vinha;
- V. Uma manada de bois atacados por leões;
- VI. Um prado com ovelhas pastando;
- VII. Um recinto de dança;
- VIII. O rio Oceano;

A um herói semidivino são dadas armas divinas, condizentes com a sua excelência guerreira, a sua ἀρετή. No escudo de Aquiles, as cenas descritas concernem à contemporaneidade do homem arcaico. A sua aproximação à natureza e o já existente conhecimento de astronomia são denotados pela primeira *ekphrasis*: os astros e as constelações. A presença das duas cidades põe em evidência a organização social desse período. Eminentemente guerreira, essa sociedade apresenta a seguinte estrutura de valores: a instituição do casamento; a lei consuetudinária; a guerra; a lavoura; a colheita; o rebanho; festejos em um baile; e o rio Oceano circundando o mundo até então conhecido.

Aquiles é o mais forte e o mais corajoso dentre os aqueus. Ele é o expoente máximo da força bélica e do valor guerrero. Desse modo, o ato de sustentar o escudo para ele fabricado, no qual está simbolizada a organização social desse mundo arcaico, significa colocar na base dessa organização a guerra, servindo ela de pilar de sustentação dessa estrutura. Isso fica ainda mais evidente se levarmos em consideração que a única vez em que essa organização social é mostrada dentro da narrativa é no escudo de Aquiles; o poema trata exclusivamente de guerra. Logo, é nítida a exaltação dada a essa estrutura: a organização social arcaica tendo como base de sustentação a guerra.

Assim, conforme a proposta do presente capítulo, comprovamos a formação guerreira de Zeus atavés de uma comparação entre o deus e outros grandes heróis, como Heraclés e Aquiles, tendo como ponto convergente, sobretudo, o escudo, arma essencial na indumentária do guerreiro. Diante disso, cabe-nos reiterar este estudo, tomando como objeto de análise

Eneias, protagonista da **Eneida**, a fim de corroborar a função heroica de Zeus e, do mesmo modo, provar a excelência de Eneias, pondo em evidência a *virtus* do herói.

CAPÍTULO III

Eneias e a *Eneida*

1. Eneias, herói homérico

Eneias é filho de um mortal e de uma deusa. Anquises, troiano da família real, estava a pasturar o gado real nas plagas troianas, quando Afrodite lhe aparece. Metamorfoseada em princesa frígia, ela, naturalmente sedutora, insufla-lhe um desejo ardente. Os dois se amam, e após um sono restaurador em que mergulha Anquises, a deusa o desperta e lhe revela a sua real identidade. Desvela-lhe o porvir. Teria um filho que, nos primeiros anos de vida, seria nutrido e educado pelas ninfas do monte Sileno. Depois, seria conduzido até ele pela própria deusa, não devendo revelar de modo algum a verdadeira origem da criança. Diria a quem perguntasse, que era filho dele com uma ninfa. De outro modo, Zeus, em sua cólera, lançaria sobre ele o seu raio flamejante.⁵⁵ Eneias passa os primeiros cinco anos de vida nas montanhas, aos cuidados das ninfas. Após esse período, Anquises o leva para a cidade, deixando-o aos cuidados de Alcáto, marido da sua irmã Hipodamia, que se encarrega da sua educação. Assim como Zeus, Heraclés e Aquiles, Eneias também sofre o rito iniciático de ser afastado da família nos primeiros anos da existência. A missão de Eneias é dar continuidade à raça troiana, em plagas longínquas, após a destruição de Troia pelos gregos. Essa afirmação é feita pelo deus Posídon, quando, em meio à guerra, Eneias é insuflado por Apolo a enfrentar Aquiles, o que anteciparia, assim, a sua moira, tendo em vista que facilmente pereceria pela mão do Pelida:

..... κεχαρισμένα δ' αἰεὶ
 δῶρα θεοῖσι δίδωσι τοὶ οὐρανὸν εὐρὺν ἔχουσιν;
 ἀλλ' ἄγεθ' ἡμεῖς πέρ μιν ὑπὲρ θανάτου ἀγάγωμεν,
 μή πως καὶ Κρονίδης κεχολώσεται, αἶ κεν Ἀχιλλεύς
 τόνδε κατακτείνει· μόριμον δέ οἱ ἔστ' ἀλέασθαι,

⁵⁵ "Hino a Afrodite". In: **Hinos homéricos**. Tradução de Flávia R. Marquetti et al. Org. Wilson Alves Ribeiro Jr. - São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 96-119.

ὄφρα μὴ ἄσπερμος γενεὴ καὶ ἄφαντος ὄληται
 Δαρδάνου, ὃν Κρονίδης περὶ πάντων φίλατο παίδων
 οἳ ἔθεν ἐξεγένοντο γυναικῶν τε θνητῶν.
 ἤδη γὰρ Πριάμου γενεὴν ἔχθηρε Κρονίων·
 νῦν δὲ δὴ Αἰνείας βίη Τρώεσσιν ἀνάξει
 καὶ παίδων παῖδες, τοί κεν μετόπισθε γένωνται.
 (*Ilíada*, XX, 298-308)

Sempre oferece dádivas que agradam aos deuses, a eles que habitam o vasto céu, mas, vamos! Levemo-nos para longe da morte, de modo que o Cronida não se enfureça, se Aquiles o matar; a ele escapar está destinado, para que a raça de Dárdano sem posteridade e destruída não pereça, que o Cronida, dentre todos os filhos, mais amava, os quais dele foram gerados por mulheres mortais, pois eis, o Cronida odeia a raça de Príamo; e agora a força de Eneias reinará sobre os Troianos, também os filhos de seus filhos que venham a existir no futuro.

Eneias é escolhido para a missão de continuar a raça troiana pelo fato de ser piedoso. Conforme a fala de Poseidon, ele nunca faltou aos deuses na oferta de dádivas. Além disso, sua linhagem é cara a Zeus, por ser imaculada. O próprio Aquiles reconhece a predileção dos deuses a Eneias, no instante em que Poseidon intervém a favor do herói, embaçando a vista do Pelida a fim de livrar o troiano da sua lança: 'ἧ ῥα καὶ Αἰνείας φίλος ἀθανάτοισι θεοῖσιν ἦεν' (*Ilíada*, XX, 347): 'na verdade, era Eneias querido aos deuses imortais'. Na *Ilíada*, Eneias é o herói individual, cuja excelência guerreira visa à glória pessoal. No decorrer da narrativa, ele está presente nos momentos cruciais da guerra. Sua primeira aparição ocorre no Canto II, concomitante à primeira aparição de Heitor, após o catálogo das naus. Ambos são mostrados, pela voz do poeta, em uma posição de comando, à frente dos troianos. É importante mencionar que, desde o início, é colocada em evidência a excelência de Eneias: 'Δαρδανίων αὖτ' ἦρχεν ἐὺς πάϊς Ἀγχίσσας Αἰνείας' (*Ilíada*, II, 819): 'dentre os dardânidas, o notável filho de Anquises, Eneias, estava à frente'. No Canto V, na ἀριστεία de Diomedes, Eneias atua significativamente, contrapondo o seu ataque aos aqueus. Ele o enfrenta juntamente com Pândaro, que é morto pelo Tídamas. O filho de Anquises luta bravamente para defender o corpo do amigo. Neste momento ele tem a sua ἀρετή exaltada. A sua força e a sua destreza guerreira é posta em evidência, sendo ele comparado a um leão, em relação à voracidade da sua intrepidez:

ἀμφὶ δ' ἄρ' αὐτῷ βαῖνε λέων ὥς ἀλκὶ πεποιθώς,
 πρόσθε δέ οἱ δόρυ τ' ἔσχε καὶ ἀσπίδα πάντοσ' ἔϊσιν,
 τὸν κτάμεναι μεμαῶς ὅς τις τοῦ γ' ἀντίος ἔλθοι
 σμερδαλέα ἰάχων
 (*Ilíada*, V, 299-302)

Assim como um leão confiado na própria força, lançava-se em ambos os lados, e diante dele, segurou a lança e o escudo bem torneado, ansioso por matar aquele que contra (o corpo) viesse gritando terrivelmente.

No Canto VI, quando os troianos estão em posição de desvantagem em relação aos gregos, Heleno, sacerdote de Apolo, dirige-se a Heitor e a Eneias, exortando-os a deter os aqueus e a emular os dardânidas à luta. A figura de Eneias é enaltecida por Heleno, juntamente à de Heitor, pois neles, acima de todos, é depositada a confiança tanto dos troianos quanto dos aliados, em relação à realização dos trabalhos mais pesados da guerra, por serem os melhores tanto no combate quanto nas assembleias (*Ilíada*, VI, 77-85). Eles são os heróis troianos cuja ἀρετή é a maior.

Depois desse episódio, Eneias irá aparecer novamente apenas no Canto XII, no ataque dos troianos às naus gregas. Ele será responsável por comandar um dos cinco grupos de combatentes formados para rechaçar os aqueus em seu acampamento junto aos navios. No Canto XIII, no combate junto às naus, o Anquisíada luta acirradamente. Ele enfrenta Idomeneu, que pede auxílio aos companheiros tendo em vista o receio que sente diante da investida de Eneias, mais jovem e mais veloz do que ele. No Canto XVI, na ἀριστεία de Pátrocles, o troiano tenta atingir Meríones, exímio guerreiro, com a sua lança. Mas tem o golpe frustrado. No Canto XVII, na luta pelo corpo de Pátrocles, morto por Heitor, Eneias destaca. Ele, instigado por Apolo, incentiva Heitor e os troianos, que se encontravam em desvantagem, a lutar e a enfrentar os aqueus. Ele luta destemidamente, e juntamente com Heitor, promove a debandada dos argivos. No Canto XX ocorre a última participação de Eneias na narrativa da *Ilíada*. O episódio, já referido acima, dá a Vigílio o mote para a construção da *Eneida*. O caráter piedoso de Eneias faz ser ele o escolhido para a missão de dar continuidade à raça troiana, a partir da edificação de um novo reino. Na epopeia latina, a *pietas* do herói é a mola propulsora das suas ações, sendo este valor basilar na estruturação do novo *imperium*.

2. Estrutura da *Eneida*

Poema latino escrito entre os anos 29 e 19 a. C., por Publius Vergilius Maro, a **Eneida** trata da fundação das bases da grande civilização romana. Eneias, personagem principal, tem como características constituintes da sua personalidade, a *pietas* (a piedade, reverência aos deuses e respeito pelas relações familiares), a *fides* (fidelidade à palavra dada) e a *virtus* (virtude, excelência guerreira). Desses três atributos, a *virtus* tem papel estrutural dentro do poema, pois é graças a ela, sobretudo, que o herói cumpre o seu destino, fundar as bases de Roma. No entanto, é possível observar dois momentos da *virtus* dentro na narrativa, no que concerne a Eneias. No primeiro, ela tem um caráter individual, em que o herói aspira à ‘bela morte’ e à consequente imortalização da sua glória:

Iliaci cineres et flamma extrema meorum,
testor, in occasu vestro nec tela nec ullas
vitavisse vices, Danaum et, si fata fuissent
ut caderem, meruisse manu.
(**Eneida**, II, 431-434)

Cinzas de Ilião e chama suprema dos meus, em vossa queda, (sede) testemunha, (de eu) não ter evitado nem os dardos dos Dânaos nem outras vicissitudes, e se os destinos existissem para que eu sucumbisse, teria merecido pela façanha.

O trecho acima diz respeito à fala de Eneias na ocasião em que Troia já está completamente invadida pelos aqueus e por eles sendo incendiada. O troiano, juntamente com outros companheiros, luta com bravura a fim de vencer o inimigo. Os versos põem em evidência a busca da ‘bela morte’ por Eneias, tendo seus feitos reconhecidos e a coroação da sua honra com uma morte gloriosa.

No segundo momento, vemos um sentido mais coletivo da *virtus*, pois o filho de Anquises veste as armas a fim de defender o interesse do grupo, no cumprimento da missão para a qual foi designado pelos deuses:

nec veni, nisi fata locum sedemque dedissent,
nec bellum cum gente gero; rex nostra reliquit
hospitia et Turni potius se credidit armis.
(**Eneida**, XI, 112-114)

Nem teria vindo se os destinos não tivessem assinalado o lugar e a sede, nem faço guerra com a gente; o rei desprezou nossos laços de hospitalidade e confiou-se, de preferência, às armas de Turno.

Trata-se da fala de Eneias, quando os latinos pedem-lhe uma trégua para que possam enterrar os mortos. Ele, então, declara que gostaria de poder conceder paz não apenas aos que sucumbiram na batalha, mas também aos vivos, pois não viera para aquele lugar fortuitamente, mas por ordem dos deuses. E que a guerra foi deflagrada por causa do perjúrio do rei. Desse modo, o herói veste as armas não para sua glória pessoal, mas, sobretudo, para fazer-se cumprir a vontade dos deuses.

A linha divisória desses dois momentos é a *katábasis* de Eneias aos Infernos, ápice da *pietas* do herói, a qual, a nosso ver, representa a sua ‘bela morte’ simbólica, haja vista a mudança que ocorre quanto ao seu perfil. Morre o Eneias troiano, com as características próprias do herói individual homérico, para surgir o herói romano, cujas ações visam ao bem coletivo:

tu regere imperio populos, Romane, memento
(hae tibi erunt artes), pacique imponere morem,
parcere subiectis et debellare superbos.
(**Eneida**, VI, 851-853)

tu, Romano, lembra de governar os povos sob (teu) poder – estas artes são para ti –, impor a lei pela paz, poupar os submetidos e debelar os soberbos.

Essa é a recomendação dada por Anquises a Eneias na ocasião do encontro de pai e filho no mundo dos mortos. Após mostrar o porvir glorioso de Roma na figura das personalidades que irão reencarnar e compor o cenário da soberania romana, o ancião delega ao troiano a linha de conduta que deve seguir, a partir daquele momento, não apenas Eneias, mas todo aquele que se denominar romano. Na verdade, suas palavras traduzem o lema da romanização, cuja mola propulsora era a força bélica. O uso do verbo *debellare* (*de* + *bello*) reforça essa ideia, sobretudo se aferirmos a sua formação etimológica, liquidar a partir da guerra, o que nos remete ao sentido de *virtus*, discutido no primeiro capítulo do presente trabalho. Nesse sentido, é possível identificar o papel estrutural deste valor, a *virtus*, na composição do poema, entrelaçado à figura do Anquisíada, fundador das bases dessa

civilização. Essa ideia será desenvolvida no estudo sobre Eneias, concernente à sua excelência guerreira.

Esboçemos, para uma visão mais acurada da obra e, desse modo, uma análise mais profícua do texto, um quadro estruturante da **Eneida**, delineando o argumento de cada livro que a compõe.

Livro I	Livro II	Livro III	Livro IV	Livro V	Livro VI
Eneias e os troianos em Cartago, na Líbia, após sete anos de errância depois da saída de Troia.	Narrativa feita por Eneias, em Cartago, a pedido da rainha Dido, sobre a destruição de Troia.	Continuação da Narrativa: Eneias narra sobre os sete anos de errância, durante os quais tentou fundar um novo reino, após a partida de Troia.	Eneias em Cartago, e os amores entre o herói e a rainha Dido.	Eneias na Sicília, em Drepano; realização dos jogos fúnebres em honra a Anquises, e a sua divinização.	Eneias em Cumas e sua descida ao mundo dos mortos.
Livro VII	Livro VIII	Livro IX	Livro X	Livro XI	Livro XII
Chegada de Eneias ao Lácio; deflagração da guerra entre latinos e troianos.	Aliança de Eneias com o árcade Evandro e o etrusco Tarcão; feitura das armas divinas por Vulcano.	Guerra: Turno, rei do rútuolos, e seus aliados atacam os troianos; ato heroico de Niso e Euríalo.	Guerra: Eneias, com as armas divinas, chega em auxílio aos troianos; morte de Mezêncio, aliado de Turno.	Guerra: embate entre troianos e latinos; morte de Camila, aliada de Turno.	Combate singular entre Eneias e Turno. Morte de Turno.

O argumento do poema é a errância de Eneias por terra e por mar a fim de fundar as bases de Roma. Se a narrativa seguisse a ordem cronológica dos acontecimentos, o poema começaria pelo Livro II seguido pelo Livro III, e em seguida é que viria o Livro I, seguido do

Livro IV em diante, tendo em vista que a chegada de Eneias e dos troianos em Cartago ocorre após sete anos de errância do herói depois da destruição de Troia. No entanto, o segundo e o terceiro livro são narrados em flashback, por um narrador de primeira pessoa, Eneias, em tempo psicológico, não seguindo a linearidade dos demais livros. Essa explicação da estrutura do poema se faz necessária para a melhor compreensão da estrutura binária da **Eneida** que propomos adiante, estabelecida a partir da ação de Eneias dentro da narrativa, no que concerne a *virtus* do herói. O herói troiano, após a sua 'bela morte' dimbólica (a descida aos Infernos), passa a ser romano.

A destruição de Troia ocorre mediante a guerra, por vontade dos deuses, o que leva Eneias a ser impelido pelo destino, a abandonar Ílio e a procurar outras terras para fundar uma cidade. Durante o cerco em Troia, vemos a presença de Eneias, lutando corajosamente contra o inimigo e demonstrando o seu ardor guerreiro. O mesmo ardor ele expressa quando a cidade está tomada pelo incêndio provocado pelos gregos, na ocasião em que eles ocupam a cidadela. Após dez anos desde a saída de Troia, guiado pelos oráculos de Apolo, chega ao Lácio, onde enfrenta uma guerra que irá determinar a fundação das bases de Roma, que tem como mola propulsora de dominação o poderio bélico. Para a guerra contra os latinos, Eneias recebe das mãos de sua mãe, Vênus, armas divinas, fabricadas pelo deus Vulcano, o que denota, mais uma vez, a vontade divina na edificação de Roma, ratificada pela fabricação do escudo. A antiga Troia pela guerra foi destruída, para que, pela guerra, uma nova fosse edificada, sob os auspícios divinos, perene e soberana, senhora do mundo.

Na **Eneida**, Eneias irá receber armas novas fabricadas por Vulcano, a pedido de Vênus. As suas antigas, ele havia deixado na corte de Dido (**Eneida**, IV), quando aportou em Cartago, e lá ficou por um ano. A princípio, fora acolhido como hóspede, mas depois, estabeleceu aliança amorosa com a rainha, esquecendo-se da sua missão de edificar um novo reino no Lácio. Já havia tomado à frente nas funções da edificação da cidade, quando o herói é lembrado por Mercúrio, a mando de Júpiter, da sua missão. Ele abandona Cartago e a rainha, deixando lá as suas armas. Quando Chega ao Lácio, Eneias enfrentará uma grande guerra, a fim de estabelecer as bases da futura Roma, e para isso precisará de novas armas, divinas, não apenas por haver deixado as antigas para trás, mas, sobretudo, porque irá fundar as bases de um *imperium* cuja existência é proveniente da vontade divina, e cuja soberania e perenidade estão determinadas pelo destino. Lembremos as circunstâncias em que Roma foi

fundada⁵⁶. Amúlio, décimo quinto rei de Alba Longa, é irmão de Númitor, e ambos são filhos de Procas. Alba Longa foi fundada por Iulo, filho de Eneias. Quando Procas morre, deixa como herança as riquezas e o poder. Numitor fica com o reino, e Amúlio, com as riquezas. Este não tarda a usurpar o poder do irmão e a expulsá-lo do reino. A seguir, mata o sobrinho, filho de Númitor, e consagra a sobrinha, Rheia Sílvia, a ser sacerdotisa de Vesta, sob o pretexto de honrá-la. As vestais deviam manter-se castas, caso violassem esse dever, a codenação à morte seria inevitável. Assim, Amúlio acreditava ter acabado com qualquer possibilidade de vingança dos descendentes de Numitor. Mas o deus Marte se encanta por Rheia. Como frutos do enlace amoroso, nascem os gêmeos Rômulo e Remo, que são expostos ao rio Tibre pelo tio-avô. O rio transborda, e as crianças são depositas ao sopé do Germallo, cume noroeste do Palatino. Os dois meninos são recolhidos por um pastor, Fáustulo, no momento em que estavam sendo amamentados por uma loba. Ele os entrega à esposa, Acca Larentia, para que cuide deles. Ao crescer, exercem o mesmo ofício do pai adotivo, ao mesmo tempo em que praticam atos próprios de salteadores. Um dia, atacam as terras de Numitor, a fim de espoliar seus bens. Remo é aprisionado e levado à presença do avô, sem saber de quem se trata. Numitor fica intrigado com a altivez do rapaz, pois o seu porte não denota uma origem de família pobre, de pastores. Ao saber da existência de Rômulo, e levando também em consideração a idade de Remo, Numitor conclui que são seus netos. Fáustulo, que conhecia a origem dos irmãos (pois, quando os encontrara, havia rumores sobre a história do abandono dos gêmeos pelo tio-avô, Amúlio, havendo uma suposta coincidência entre o momento em que acolhera os meninos e a história do abandono dos netos do rei), deduz que se trata das mesmas crianças. Fáustulo, depois de informado sobre a prisão de Remo por Numitor, relata a Rômulo tudo que sabe. Ele reúne o grupo de pastores que também participavam das costumeiras pilhagens, e segue rumo ao palácio de Amúlio. Remo, por sua vez, parte da casa de Numitor, seu avô. Juntos, Rômulo e Remo matam Amúlio e entregam a Númitor o reino. Depois que sobe ao trono, ele cede terras aos netos, a fim de que constituam um novo reino. A decisão de quem o governará é determinada por um augúrio. Rômulo escolhe o Palatino para a revelação dos deuses, e Remo, o Aventino, recebendo como augúrio o vôo de seis pássaros, enquanto Rômulo, o de doze, o que lhe garante o direito de fundar a cidade. Com um arado, ele cava um fosso ao redor do Palatino, representando uma muralha,

⁵⁶ LIVY. *History of Rome*. Books 1-2. London: Harvard University Press, 2002, p. 02-25. (The Loeb Classical Library)

uma proteção. Remo, com o intuito de zombar do irmão, atravessa o fosso e é morto por Rômulo.

As informações acima elencadas têm o propósito de mostrar, na origem de Roma, a sua força bélica, mola propulsora da expansão romana, tendo em vista que o pai do fundador da cidade é o deus da guerra, Marte. Essa informação é bastante pertinente se levarmos em consideração o primeiro verso da **Eneida** – "Arma virumque cano" (**Eneida**, I, 1): "canto as armas e o varão". O poeta emprega o verbo *cano*, *canere*, que denota o tom profético do que serão cantados, as armas (*arma*, que significa todo tipo de arma, sobretudo, armas defensivas, que se ajustam ao corpo – a palavra possui a mesma raiz do vocábulo ἄρπη, *ar-*, que exprime a ideia de ajuste, justeza – por extensão, pode ter a acepção de combate no campo de batalha, como também de tropa militar) e o varão (*virum*). O varão é Eneias, cujas armas promoverão a edificação do novo *imperium*, a soberana Roma:

Arma virumque cano, Troiae qui primus ab oris
 Italiam fato profugus Lavinaque venit
 litora – multum ille et terris iactatus et alto
 vi superum, saevae memorem Iunonis ob iram,
 multa quoque et bello passus, dum conderet urbem
 inferretque deos Latii; genus unde Latinum
 Albanique patres atque altae moenia Romae.
 (**Eneida**, I, 1-7)

Canto as armas e o varão, que primeiro veio, banido pelo destino, das margens de Troia rumo à Itália e aos litorais Lavínios – muito ele por terras e pelo alto mar foi lançado, pelo poder dos deuses superiores, por causa da ira lembrada da cruel Juno, e muito também sofreu com a guerra, até que fundasse uma cidade e portasse os deuses para o Lácio; de onde a raça Latina e os pais Albanos e as altivas muralhas de Roma.

A guerra no Lácio é prenunciada quando os troianos, finalmente, após sete anos de errância, e guiados pelos oráculos de Apolo, pisam nas terras Itálicas pela primeira vez, na Sicília. Ao abordar a costa, vêem quatro cavalos brancos pascendo no prado, ao longe⁵⁷. Anquises, então, interpreta o presságio e exclama:

⁵⁷ Outra recorrência ao cavalo como símbolo de guerra e de abundância está no Livro I, versos 444-445, no episódio em que Eneias chega a Cartago e se dirige às muralhas da cidade. No meio dela, ele encontra um bosque sagrado, onde os fenícios desenterraram a cabeça de um corcel, sinal que prometia à nação glória pela guerra e riqueza.

‘bellum, o terra hospita, portas:
 bello armantur equi, bellum haec armenta minantur.
 sed tamen idem olim curru succedere sueti
 quadripedes et frena iugo concordia ferre:
 spes et pacis.’
 (**Eneida**, III, 539-543)

‘portas a guerra, ó terra hospitaleira: para a guerra os cavalos se armam, estes armentos (nos) prometem a guerra; mas, contudo, os mesmos quadrúpedes algumas vezes estão acostumados a submeter-se à charrua, e sob o jugo suportar as rédeas em concórdia: (há) também esperança de paz’

É o prenúncio da guerra e da paz promovida pela abundância, guerra essa enfrentada pelos troianos no Lácio antes da conquista da terra e do estabelecimento do reino por Eneias, no entanto, também faz alusão às guerras civis enfrentadas pelos romanos antes da instauração da *pax romana*.

O vocábulo *arma* abre a proposição da **Eneida**, denotando, desde o início, o seu valor estrutural dentro da composição do poema. As armas cantadas são, primeiramente, a guerra entre gregos e troianos, que trouxe a destruição da cidade. Em seguida, a guerra dos troianos contra os latinos a fim de conseguir fundar o seu reino. E, finalmente, as armas divinas fabricadas por Hefestos, que simbolizam, na verdade, o poderio bélico de Roma.

É importante mostrar, também, a fim de enfatizar as características do filho de Anquises, que Rômulo, primeiro rei e fundador de Roma, é favorecido pelo augúrio na escolha daquele que seria o fundador de Roma, por seu caráter piedoso, por sua reverência aos deuses. Ele, a partir do momento em que o avô lhe dera as terras, teve o cuidado de traçar ao redor um fosso que representaria a muralha da futura cidadela, desse modo, sacralizando a região, o que é imprescindível na edificação de uma cidade, pois lhe garante a perenidade. Essa mesma característica do primeiro rei de Roma, a piedade (*pietas*), vê-se em Eneias. Ela é a mola propulsora das ações do herói, mas é a *virtus* que o impele a enfrentar todos os cometimentos. Essa ideia, no entanto, será desenvolvida em momento posterior do presente capítulo, haja vista tratar, sobretudo, da análise da *virtus* do herói, no *corpus* proposto, a **Eneida**, de Virgílio.

3. A ‘bela morte’ simbólica de Eneias

A ‘bela morte’ é a única garantia que o herói tem de continuar vivo. Ela lhe outorga a imortalização da sua glória e da sua excelência, servindo ele de exemplo a ser seguido pelas gerações vindouras. A necessidade de receber as honras fúnebres se dá porque estas conferem ao guerreiro um túmulo, que garantirá a sua lembrança e a dos seus grandes feitos na memória dos que vivem.

A *katábasis* de Eneias é o ápice da *pietas*⁵⁸ do herói, haja vista realizá-la mediante os rogos da alma de seu pai Anquises, preterindo o perigo de enfrentar a morte ainda estando vivo, a fim de atendê-lo:

Sate sanguine divum,
Tros Anchisiade, facilis descensus Averno:
Noctes atque dies patet atri ianua Ditis;
Sed revocare gradum superasque evadere ad auras,
Hoc opus, hic labor est. pauci, quos aequus amavit
Iuppiter aut ardens evexit ad aethera virtus,
Dis geniti potuere.
(**Eneida**, VI, 125-131)

Troiano, gerado do sangue dos deuses, filho de Anquises, fácil é a descida ao Averno: noites e dias a porta do átrio de Dite está aberta; mas retornar e sair para as brisas superiores, este é o trabalho, esta é a dificuldade. Poucos, aqueles que, favorável, Júpiter amou ou o ardente valor (*virtus*) conduziu aos ares, nascidos de um deus, puderam.

Os versos acima tratam do encontro de Eneias e da Sibila. Após ouvir o oráculo de Apolo proferido pela sacerdotisa, o troiano lhe pergunta acerca do caminho para o mundo dos mortos a fim de praticar com o pai. Ela, então, enfatiza não a dificuldade de adentrar os Infernos, pois noite e dia as portas estão abertas, mas de sair - *hoc opus, hic labor est*. O que essa afirmação significa no que diz respeito a Eneias? Outros heróis desceram aos Infernos, Heraclés, Orfeu, Teseu e Piríto, Odisseu, por motivos diferentes. Heraclés foi pegar o cão Cérbero, porteiro do mundo dos mortos, em um dos seus doze trabalhos imputados a ele por Hera, através de Euristeu. Orfeu foi resgatar a esposa Eurídice que havia morrido picada por uma serpente. Teseu e Piríto foram tentar raptar Prosérpina, esposa de Plutão, pois ambos queriam conseguir

⁵⁸ *Pietas* designa, sobretudo, a reverência aos deuses, e Anquises está dentre eles, tendo em vista que foi divinizado por Eneias em Déprano, na Sicília, um ano após a sua morte.

uma filha de Zeus para si, e prometeram ajudar um ao outro nessa empreitada. Teseu havia raptado Helena, filha de Zeus e Leda, Piríto, por sua vez, buscou capturar Prosérpina, mas ficou preso no mundo subterrâneo, enquanto que Teseu conseguiu escapar. E finalmente Odisseu, que não chegou a entrar no mundo das almas, apenas ficando na entrada, para fazer *nékia*, a invocação aos mortos a fim de saber sobre o seu futuro. Eneias faz a *katábasis* impulsionado pela *pietas*, mas é o ardente valor (*ardens...virtus*), que o fará atravessar a morte, representada nas diversas etapas da sua travessia pelo reino de Plutão:

quod si tantus amor menti, si tanta cupido est
bis Stygios innare lacus, bis nigra videre
Tartara, et insano iuvat indulgere labori,
accipe quae peragenda prius.
(**Eneida**, VI, 133-136)

Porque se tamanha dedicação há para o teu espírito, se há tamanho desejo de duas vezes atravessar o lago Estígio, de duas vezes ver o negro Tártaro, e apraz entregar-se a um insano labor, escuta primeiro as coisas que devem ser executadas.

Antes de incorrer na empreitada, é preciso que Eneias cumpra alguns requisitos. Realizar o funeral de um dos seus companheiros, Miseno, cuja morte mancha toda a frota por ter sido fruto de uma ὕβρις, de um descomedimento contra o deus Tritão, e encontrar o ramo de ouro, salvo-conduto para a entrada nos Infernos. Eneias, antes de iniciar a sua jornada ao mundo subterrâneo, que deve ocorrer durante a noite, faz um sacrifício aos deuses infernais. Ocorre uma invocação (*invocare*: *in* + *voco*, chamar para dentro) pelo poeta às divindades ligadas ao império dos mortos, às sombras silenciosas, ao Caos, uma das forças primordiais, que denota a desordem inicial anterior à organização do cosmo, e a Flegetonte, um dos rios do mundo subterrâneo, o que exprime o caráter sobre-humano da empresa, que contribuirá para a imortalização do herói. É relevante mencionar que na descida ao Hades feita por Odisseu (**Odisseia**, XI), não ocorre invocação alguma, justamente porque o herói da **Odisseia**, por já haver conquistado a glória imperecível, busca apenas o retorno para casa:

Di, quibus imperium est animarum, umbraeque silentes
et Chaos et Phlegethon, loca nocte tacentia late,
sit mihi fas audita loqui, sit numine vestro
pandere res alta terra et caligine mersas.
(**Eneida**, VI, 264-267)

Deuses, para os quais existe o império das almas, sombras silentes, também Caos e Flegetonte, locais silenciados pela noite extensa, permitido seja para mim falar as coisas ouvidas; seja (para mim), com vosso consentimento, desvendar as coisas enterradas na terra profunda e na escuridão.

O objetivo da invocação é que o poeta tenha o auxílio de uma divindade a fim de poder cantar os feitos concernentes aos heróis, os quais sobrepujam a condição humana de aedo.

Na **Ilíada**, há algumas invocações, elenquemos algumas delas. A primeira diz respeito ao início do poema [ἄειδε, θεα: canta, deusa (I, 1)], em que a Musa é invocada pelo poeta para que cante a fúria funesta de Aquiles e as muitas mortes advindas dessa fúria. A segunda é feita antes da catalogação das naus [ἔσπετε νῦν μοι, Μοῦσαι Ὀλύμπια: narra agora para mim, Musas Olímpíadas (II, 484)], onde o poeta, inspirado pela divindade, elenca o número de navios que compõem a coalizão argiva, colocando em evidência a força bélica dos gregos. A terceira invocação se dá após a catalogação [μοι ἔννεπε, Μοῦσα: narra para mim, Musa (II, 761)], quando o poeta pede à Musa que lhe diga quem dentre os guerreiros que seguiram o Atrida é o mais valoroso. Dentre os cavaleiros é Eumelo, filho de Admeto, e dentre os guerreiros é Ájax Telamônio, excetuando Aquiles, que se encontrava afastado da guerra. A quarta ocorre quando o poeta irá narrar a aristeia de Agamemnon, o senhor de heróis [ἔσπετε νῦν μοι Μοῦσαι Ὀλύμπια δώνατ' ἔχουσιν: Musas que habitam as moradas Olímpias]. Os quatro momentos referidos concernem à exaltação do herói, cujos feitos sobre-humanos lhe conferem glória, pré-requisito para a sua imortalização.

Na **Odisseia**, há uma invocação no proêmio do poema, em que para a Musa o poeta se dirige duas vezes [ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον: narra para mim, Musa, o astuto herói (I, 1)] e [τῶν ἀμόθεν γε, θεά, θύγατερ Διός, εἰπὲ καὶ ἡμῖν: dentre essas coisas, de qualquer ponto, deusa, filha de Zeus, diz-nos também (I, 10)]. No proêmio, o poeta propõe cantar, com a inspiração da deusa, o herói astucioso, Odisseu, sua peregrinação desde a destruição de Troia, e sua chegada em Ítaca, sozinho, tendo perdido os companheiros durante o retorno. O poeta pede novamente à deusa que desses acontecimentos narre a partir de qualquer ponto. Odisseu é o herói cuja imortalização já está consagrada, como podemos inferir do episódio do herói na terra dos Feáceos, quando a ele é oferecido um banquete e Demódoco, o aedo, canta episódios da guerra de Troia nos quais o herói esteve presente. Logo, vemos que, mesmo não tendo sofrido a ‘bela morte’ no campo de batalha, Odisseu já

obtivera a glória imperecível, tanto que ele prefere voltar para Ítaca, seu lar, e envelhecer ao lado da sua esposa Penélope, a receber da ninfa Calipso a imortalidade e a permanente virilidade, tornando-se ele o esposo da divindade.

Na **Eneida**, há seis invocações. A primeira ocorre no proêmio:

Musa, mihi causas memora, quo numine laeso
quidve dolens regina deum tot volvere casus
insignem pietate virum, tot adire labores
impulerit. tantaene animis caelestibus irae?
(**Eneida**, I, 8-11)

Musa, lembra-me as causas, qual nume foi ofendido, ou por que a rainha dos deuses, dolente, impeliu um varão insigne pela piedade a volver tantos acontecimentos, a percorrer tantos labores. Tantas iras há nos ânimos celestes?

Os versos põem em evidência o caráter piedoso do varão, Eneias, que foi impelido a passar por muitos acontecimentos e labores, os quais lapidaram o seu perfil de herói, tornando-o apto a ser o fundador das bases de uma grande civilização, Roma, pelo nome da qual foi imortalizado. A segunda invocação, já referida acima, se dá quando o filho de Anquises faz a *katábasis*, o que denota a ‘bela morte’ do herói, que será discutida adiante. A terceira, e mais longa de todas, acontece quando Eneias pisa nas terras do Lácio. O poeta pede à musa Érato que o inspire a cantar os reis que se opuseram à frota chegada ao Lácio, o que motivou a guerra. Mais uma vez roga à deusa que o inspire, pois agora cantará a horrenda guerra, os reis que, exaltados, provocaram muitas mortes, e toda a Hespéria em armas. E anuncia uma ordem maior das coisas, no plano da vontade divina, o que o moverá a empreender uma obra maior:

Nunc age, qui reges, Erato, quae tempora, rerum
quis Latio antiquo fuerit status, advena classem
cum primum Ausoniis exercitus appulit oris
expediam, et primae revocabo exordia pugnae.
tu vatem, tu, diva, mone. dicam horrida bella,
dicam acies actosque animis in funera reges,
Tyrrenamque manum totamque sub arma coactam
Hesperiam. maior rerum mihi nascitur ordo,
maius opus moveo.
(**Eneida**, VII, 37-45)

Agora vamos, Érato, contarei quais reis, quais tempos, qual terá sido o estado das coisas no antigo Lácio, quando, primeiramente um exército

estrangeiro abordou a frota nas margens Ausônias, recordarei as origens da primeira pugna. Tu, ó deusa, inspira o vate. Anunciarei as hórridas guerras, anunciarei os combates e os reis levados pelos ânimos à carnificina, e o exército Tirreno e toda a Hespéria reunida sob as armas. Maior ordem de coisas nasce para mim, maior obra empreendo.

É interessante observar a reiteração do pedido de inspiração à musa pelo poeta. Por duas vezes ele se dirige à deusa a fim de poder anunciar os acontecimentos, tão grandes para a sua simples condição de aedo. De fato, trata-se de um momento decisivo para o cumprimento do destino. A carnificina anunciada servirá para mostrar a invencibilidade do poder troiano, prenúncio da força de Roma, que irá enfrentar muitas guerras, primeiro com um intuito defensivo em relação aos ataques dos povos vizinhos, depois, por uma política expansionista do seu poder, que lhe trará glória e soberania.

A quarta invocação antecede a catalogação dos aliados de Turno na guerra contra os troianos. O poeta pede às deusas do Hélicon que o mova a cantar os reis e os exércitos que encheram os campos com a guerra:

Pandite nunc Helicon⁵⁹, deae, cantusque movete,
qui bello exciti reges, quae quemque secutae
complerint campos acies, quibus Itala iam tum
floruerit terra alma viris, quibus arserit armis;
et meministis enim, divae, et memorare potestis;
ad nos vix tenuis famae perlabitur aura.
(**Eneida**, VII, 641-646)

Abri agora, o Helicão, deusas, e movei os cantos, quais reis partiram para a guerra, quais exércitos seguiram cada um e encheram os campos, com quais guerreiros já então a alma Ítala terá florescido, com os quais terá ardido em armas; porque tanto lembrais, deusas quanto podeis memorar; apenas tênue brisa da fama chega até nós.

Os referidos versos prenunciam a força dos adversários que Eneas enfrentará. Trata-se não de guerreiros, exímios na arte bélica, mas, em sua maioria, de camponeses, afeitos ao trabalho da terra. Entretanto, há também aqueles aliados mais preparados e familiarizados com a guerra, como o cruel e ímpio Mezêncio, que primeiro armou suas hostes, e seu filho Lauso, domador de cavalos e vencedor de feras. Há também a guerreira Camila, à frente de um esquadrão de cavaleiros e de batalhões armados de bronze.

⁵⁹ O Hélicon é uma montanha na Beócia, consagrada a Apolo e as Musas.

A quinta invocação ocorre quando a guerra entre latinos e troianos já foi deflagrada. Tendo ido Eneias em busca de ajuda junto ao árcade Evandro, os demais troianos permaneceram próximos à cidade de Latino, aguardando o auxílio do seu rei. No entanto, para se proteger, construíram uma muralha em torno dos navios, na praia. Os rútuos a atacam, e Messapo, aliado de Turno, derruba as paliçadas. É neste momento que a invocação é feita:

Vos, o Calliope, precor, aspirate canenti
 quas ibi tum ferro strages, quae funera Turnus
 ediderit, quem quisque virum demiserit Orco,
 et mecum ingentis oras evolvite belli.
 [et meministis enim, divae, et memorare potestis.]
 (**Eneida**, IX, 525-529)

Vós, ó Calíope, rogo, inspirai ao que canta quais ruínas ali, então, pela espada, quais mortes Turno terá causado, e qual varão cada um enviou para o Orco; também desenrolai comigo os ingentes quadros da guerra, pois vos lembrais ainda, deusas, e podeis memorar.

Os versos acima antecedem um momento de destaque de Iulo dentro da narrativa. Eles enaltecem sua figura, tendo em vista que, pela primeira vez, o filho de Eneias prepara a flecha para o combate, antes apenas exercitando-a na floresta, na caçada a animais selvagens. É a iniciação do filho de Eneias e ao mesmo tempo ancestral dos césores romanos como guerreiro. Turno e seus aliados, encarniçados, atacam os troianos. Numano, marido da irmã de Turno, arrogante pela recente aliança, vociferando injúrias contra os descendentes de Dádano, avança com toda força. É quando Iulo, não suportando semelhante afronta, arma-se contra o inimigo, prostrando-o em seguida. Apolo, então, sentado em uma nuvem a observar a luta entre as tropas ausônias e o arraial troiano, profere as palavras a seguir, direcionando-as a Iulo:

«macte nova virtute, puer, sic itur ad astra,
 dis genite et geniture deos. iure omnia bella
 gente sub Assaraci fato ventura resident,
 nec te Troia capit.»
 (**Eneida**, IX, 641-644)

“ó jovem, honrado por nova virtude, assim se vai em direção aos astros, gerado dos deuses e havendo de gerar deuses. Todas as guerras que pelo destino hão de vir cessam pela justiça sob a raça de Assáraco, nem Troia te contém.”

Depois, tomando a forma do velho Butes, outrora escudeiro de Anquises, o deus vai ao encontro do rapaz, e o aconselha a se abster de tomar parte na guerra, e diz que Apolo lhe

concedeu essa primeira palma, não lhe invejando as armas, as quais iguala às suas próprias. Esse episódio é profético dentro da narrativa, pois Apolo, além de ser o deus da profecia e ter guiado Eneias e os troianos nos dez anos de errância através dos seus oráculos, conduzindo-os ao Lácio, será o patrono do imperador Augusto César, cuja política apassivadora trouxe o momento áureo do império. A nova virtude referida pelo deus é a virtude romana, exercida através da justiça.

A sexta invocação está inserida no episódio em que, estando os troianos encurralados pelos latinos, Eneias chega para socorrer os companheiros, acompanhado dos aliados etruscos:

Pandite nunc Helicon, deae, cantusque movete,
quae manus interea Tuscis comitetur ab oris
Aenean armetque rates pelagoque vehatur.
(**Eneida**, X, 163-165)

Abri, agora, o Hélicon, deusas, o os cantos movei, qual tropa, então, acompanharia Eneias das margens Etruscas e armaria as embarcações e seria transportada pelo mar.

Após a invocação, ocorre a catalogação das tropas etruscas aliadas de Eneias. É a preparação para o início do combate. Trinta navios seguem sob o comando do troiano. A invocação, neste caso, prepara o caminho para a ἀριστεία de Eneias, que ocorre em seguida à catalogação. Neste momento da narrativa, é colocada em evidência a excelência guerreira do herói, a *virtus*. Veremos, no entanto, que se trata de uma *virtus* coletiva, motivada pelo bem do grupo, diferente daquela mostrada na primeira parte do poema, concernente à excelência individual, que busca a conquista da imortalidade como glória unicamente pessoal. E como já foi dito anteriormente, a linha divisória é a *katábasis* de Eneias, ‘bela morte’ simbólica do herói, o que pode ser ratificado pelo fato de que o herói não sofre a ‘bela morte’ de fato, ele não morre no campo de batalha, pois será arrebatado vivo pelos deuses.

A ‘bela morte’ é um ritual de passagem, em que o herói conquista a imortalidade. No que concerne a Eneias, o campo de batalha, em que o herói busca morrer, para ele será as regiões as quais atravessa a fim de encontrar o seu pai, enfrentando perigos diversos. Logo na entrada do reino de Dite, Eneias se depara com as personificações dos males que atingem os homens, os quais lhes lembram a sua condição de mortais. São eles: o Luto (*Luctus*), os Remorsos vingadores (*ultrices Curae*), as pálidas Doenças (*palentes Morbi*), a triste Velhice (*tristis*

Senectus), o Temor (*Metus*), a Fome (*Fames*), a torpe Pobreza (*turpis Egestas*), a Morte (*Letum*), o Sofrimento (*Labos*), o Sono (*Sopor*) irmão da Morte (*Leti*), as Alegrias perversas do espírito (*mala mentis Gaudia*), a Guerra mortífera (*mortiferum Bellum*), os tálamos das Eumênides (*thalami Eumenidum*) e a Discórdia insensata (*Discordia demens*). No meio do vestibulo, um olmeiro opaco. Dele, os Sonhos vãos (*Somnia vana*) fazem morada, fixados sob todas as suas folhas. As sombras monstruosas ali também se encontravam. Os Centauros (*Centauroi*), as Cilas bifformes (*Scyllae bifformes*), Briareu hecatonquiro (*centumgeminus Briareus*), o monstro de Lerna (*horrendum Lernae*), a Quimera armada com chamas (*Chimaera armata flammis*), as Górgonas (*Gorgones*) e as Harpias (*Harpyiae*) e a sombra de tríplice corpo (*forma tricorporis umbrae*), Gerião, gigante com três corpos, morto por Hércules. Trata-se de seres ctônicos, todos pertencentes a uma fase anterior à guerra de Troia, seres que surgiram no período próximo das forças primordiais. Denotam a força bruta do princípio do cosmo.

Depois que atravessa a entrada, Eneias, finalmente, chega às margens do rio Aqueronte. Para adentrar o reino de Dite, é preciso atravessá-lo. Antes de continuar a trajetória do filho de Anquises pelos Infernos, teçamos um comentário acerca dos dois quadros apresentados acima, pelos quais Eneias passou, mostrando a relevância dessas cenas na ‘bela morte’ simbólica do herói. Os cenários representam duas fases distintas da raça dos homens. O primeiro coaduna as personificações dos males que atingem os homens da raça de ferro – ‘χαλεπὰς δὲ θεοὶ δώσουσι μερίμνας’ (**Trabalhos e Dias**, 178): ‘e os deuses lhes darão penosas inquietações’ – cuja degradação os levará à total aniquilação. O segundo remete aos primórdios da raça de ouro – ‘οἱ μὲν ἐπὶ Κρόνου ἦσαν, ὅτ’ οὐρανῶι ἐμβασίλευεν’ (**Trabalhos e dias**, 111): ‘eles existiam no tempo de Crono, quando reinava no céu’ – que simboliza a época áurea dos mortais, em que conviviam com os deuses, desconhecadores da fadiga e do sofrimento. É a época do surgimento desses seres, ctônicos, cuja forma monstruosa os situa em um mesmo grupo.

Com efeito, é possível inferir da discussão acima, que Eneias, ao passar por esses dois sítios, que denotam o ápice tanto da ventura quanto da desventura dos mortais, vença, ele mesmo, essa condição de mortal.

Seguindo a viagem, Eneias chega às margens do rio Aqueronte. Lá, ele vê, na beira do rio, as almas daqueles que não receberam sepultura, dentre elas está seu piloto, Palinuro, que lhe relata como ocorreu sua morte. Foi surpreendido pelo sono, que provocou a sua queda no

mar. Quando finalmente chegou às margens de uma terra estranha, foi atacado por gente bárbara na esperança de encontrar algum despojo. Ele pede ao seu chefe que o leve consigo na travessia do rio, o que causa horror a Sibila. Ela interfere dizendo que a ele será conferido um túmulo por povos vizinhos, que, assolados por uma peste, encontrarão o corpo e o sepultarão. A Palinuro será conferida uma terra com o seu nome. Trata-se do promontório Palinuro, na região de Pestum, ao sul de Cumas. Ao ouvir essas palavras, ele se alegra, não apenas pelo fato de ser enterrado, mas, sobretudo, porque seu nome será sempre lembrado. Desse modo, percebemos a ênfase dada à importância de ser lembrado pelos que vivem.

É chegado o momento de adentrar os Infernos. A única forma de atravessar o Aqueronte seria pela barca de Caronte, no entanto, o barqueiro se antepõe a transportar Eneias, pois não estava satisfeito em ter, outrora, atravessado outras personagens, apesar de serem descendentes de deuses, pois causaram algum tipo de problema. Hércules aprisionou Cérbero, porteiro dos Infernos. Teseu e Pirito tentaram raptar a senhora de Dite. Mas a Sibila procura convencê-lo, tranquilizando-o acerca das suas intenções, pois não tinham tais insídias em mente. Depois, remete às qualidades de Eneias, entretanto, isso não é suficiente para convencê-lo:

*Troius Aeneas, pietate insignis et armis,
ad genitorem imas Erebi descendit ad umbras.*
(**Eneida**, VI, 403-404)

O Troiano Eneias, insigne pela piedade e pelas armas, desce às profundas sombras do Érebo, para o genitor.

Teçamos um comentário acerca dos versos acima. Quando o filho de Vênus busca subir na barca de Caronte para atravessar o Aqueronte e chegar ao outro lado da margem, a Sibila tenta convencer o velho barqueiro remetendo aos três valores que Eneias coaduna em si, os quais serão, também, os futuros valores basilares do caráter de um romano, a *pietas* (*insignis pietate*) – reverência aos deuses, a *virtus* (*insignis armis*) – excelência guerreira, e a *fides* (*ad genitorem...descendit*) – confiança, fidelidade à palavra dada, pois desceu ao Érebo pela fidelidade à justiça e ao pai. É pertinente mostrar que neste instante da narrativa, Eneias é denominado troiano (*Troius*) pela Sibila, o que podemos contrapor a um momento posterior, quando está praticando com o pai. Por Anquises é denominado romano, na ocasião em que lhe recomenda a linha de conduta que deve ter como pai da pátria – 'tu regere imperio populos, Romane, memento' (**Eneida**, VI, 851). A primeira referência concerne a instantes antes do

início da sua jornada, e a segunda, diz respeito ao momento final da sua passagem pelos Infernos. Na primeira, o herói é descrito com os três valores de caráter que o levarão ao cumprimento da sua missão. Na segunda, são mostradas as qualidades que a partir de agora também deve exercer, tendo um império a reger. Dessas duas referências, é possível inferir que o adversário enfrentado por Eneias na sua ‘bela morte’, o qual deve ser tão ou mais valoroso que o próprio guerreiro, trata-se dele mesmo, pois morre o Eneias troiano (*Troius Aeneas*) e nasce o Eneias romano (*Romane*,).

Não tendo se deixado persuadir pelas qualidades de Eneias apontadas pela Sibila, Caronte aquiesce quando a ele a sacerdotisa mostra o ramo de ouro, salvo-conduto para a entrada nos Infernos – ‘tumida ex ira tum corda residunt’ (**Eneida**, VI, 407): ‘então o túmido coração acalma-se da ira’. É a dádiva com a qual Prosérpina exige que se lhe honre, a fim de poder entrar no seu reino. Tratando-se de um visgo, é símbolo da vida, pois resiste verdejante ao inverno mais rigoroso. Prosérpina, passando parte do tempo no mundo dos vivos, junto a sua mãe Deméter, e parte, no mundo dos mortos, junto ao esposo e tio, Plutão, recebe, juntamente com o ramo de ouro, a confirmação da vida, que nela persiste junto à mãe:

ergo alte vestiga oculis et rite repertum
carpe manu; namque ipse volens facilisque sequetur,
si te fata vocant; aliter non viribus ullis
vincere nec duro poteris convellere ferro.
(**Eneida**, VI, 145-148)

Procura, pois, no alto, com os olhos, e encontrado, colhe com a mão, conforme o rito; pois ele próprio segue, voluntário e facilmente, se os destinos te chamam; de outro modo, com nenhuma força poderás vencer nem com duro ferro arrancar.

Eneias colhe o ramo de ouro sem nenhuma dificuldade. Desprendendo-se do galho voluntariamente, ele o apanha facilmente. Nesse sentido, o ramo de ouro é símbolo da vontade divina quanto ao cumprimento do destino de Eneias.

Chegados a outra margem, deparam-se com Cérbero, porteiro dos Infernos, para quem a sacerdotisa, já vendo o pescoço se eriçar de serpentes, lança três bolos soporíferos, um para cada cabeça. O animal cai no solo e adormece. Apressam-se a atravessar a entrada e a se afastar da margem. Agora, já tendo penetrado propriamente no mundo subterrâneo, seguem a jornada. Primeiro deparam-se com o lugar onde estão as almas infantis e dos inocentes condenados à morte. Os locais para onde vão as almas, são determinados por um tribunal,

tendo Minos como juiz. Ao lado, está o vale dos suicidas, pântano horrendo, em que o Estige, dividido em nove braços os aprisiona. Não longe dali, o campo das lágrimas, onde ficam aqueles que morreram consumidos por um amor devastador. É lá que Dido se encontra. Mais adiante, em campos mais recuados, estão os varões ilustres na guerra, os heróis célebres pelas suas armas. Neste lugar, Eneias encontra a alma de Deífobo, irmão de Heitor, que tendo se tornado o esposo de Helena após a morte de Páris, foi traído pela esposa. Com a ajuda de Helena, Menelau o matou, enquanto dormia tranquilo em seus aposentos. Chegam ao ponto em que o caminho se bifurca. A direita leva ao reino de Plutão. A esquerda conduz ao Tártaro, local onde os castigos são aplicados. Lá, estão aqueles que praticaram crimes odientos. Dentre os supliciados do Tártaro, está Flégias, que outrora tentou incendiar o oráculo de Delfos, e por isso foi morto por Apolo. Condenado ao Tártaro, sobre sua cabeça pende uma negra pedra, que ameaça rolar e parece prestes a cair. Ele, tomando as outras almas como testemunha, adverte: "discite iustitiam moniti et non temnere divos" (**Eneida**, VI, 620): "advertidos, aprendei a justiça e a não desprezar os deuses". Esse verso reitera um anterior, em que a Sibila se dirige a Eneias, logo que chegam à bifurcação entre o reino de Dite e o Tártaro: 'dux inclute Teucrum, nulli fas casto sceleratum insistere limen' (Eneida, VI, 562-563): 'íncrito comandante dos Teucros, a ninguém é permitido, casto, calcar o limiar criminoso'. A ênfase dada a esses versos se justifica, colocando-se em evidência o valor da *fides*, da fidelidade à justiça. É por ela, também, que Eneias segue o seu destino, como tenta explicar a Dido no seu encontro com a rainha nos Infernos:

per sidera iuro,
per superos et si qua fides tellure sub ima est,
invitus, regina, tuo de litore cessi.
sed me iussa deum, quae nunc has ire per umbras,
per loca senta situ cogunt noctemque profundam,
imperiis egere suis;
(**Eneida**, VI, 458-463)

Pelos astros eu juro, pelos deuses superiores e se qualquer fidelidade existe sob a profunda terra, contra a minha vontade, rainha, parti do teu litoral. Mas (foram) as ordens dos deuses, as quais agora a ir por estas sombras e por locais repugnantes de bolor e pela noite profunda impelem-me, a necessitar dos seus comandos.

Dido, rainha de Cartago, suicidara-se quando Eneias a abandonou a fim de atender às ordens de Júpiter, que, através de Mercúrio, deus mensageiro, advertira-o da necessidade de

partir, pois o seu destino lhe aguardava o cumprimento. Na ocasião, os deuses taparam-lhe os ouvidos para que não escutasse os lamentos e o desespero de uma mulher magoada, ferida pelo abandono e pela indiferença do amante, e sem pensar duas vezes, Eneias parte com seus companheiros, depois de haver permanecido por um ano nas terras cartaginesas. Desse modo, é possível perceber a força da *fides* nas ações do herói, a qual, conjuntamente com a *pietas* e a *virtus*, conduzi-lo-á ao seu destino.

Seguindo pela direita, Eneias e a Sibila chegam aos muros do palácio de Plutão. Aproximam-se das portas. Na entrada, Eneias purifica-se, borrifando com água fresca o seu corpo. Ele fixa no limiar à sua frente o ramo de ouro, presente para Prosérpina. Terminados os seus deveres, caminham em direção às venturosas habitações. Lá, as almas têm o seu sol e suas constelações. Umas, sobre a relva, exercitam-se na palestra, medem suas forças no jogo e lutam na areia fulva, outras, cantam e dançam sob ritmo cadenciado. Lá está a antiga descendência troiana, Ilo, Assáraco e Dárdano, pais da raça troiana. Eneias admira, de longe, as armas e os carros sem consistência dos guerreiros. Alguns conservam os mesmos hábitos, os que gostavam de armas, de carros e de apascentar os cavalos. Outros, à direita e à esquerda, banqueteavam-se sobre o gramado, e cantavam em coro a alegre peã, no meio de um bosque fragrante de loureiros. Nos venturosos campos, encontram-se os guerreiros feridos na defesa da pátria, os castos sacerdotes, os pios vates e aqueles que algum bem fizeram à vida:

hic manus ob patriam pugnando vulnera passi,
 quique sacerdotes casti, dum vita manebat,
 quique pii vates et Phoebæ digna locuti,
 inventas aut qui vitam excoluere per artis
 quique sui memores aliquos fecere merendo:
 omnibus his nivea cinguntur tempora vitta.
 (**Eneida**, VI, 660-665)

Lá, um esquadrão dos que sofreram ferimentos lutando por causa da pátria, e aqueles que eram castos sacerdotes, enquanto a vida permanecia, e aqueles que eram pios vates que anunciaram coisas dignas a Febo, aqueles que embelezaram a vida através das artes ou dos inventos, aqueles que de si obraram, merecendo algumas lembranças: a todos estes, as têmporas são cingidas por nívea fita.

Depois, Eneias e a Sibila seguem ao encontro de Anquises guiados por Museu, poeta grego, contemporâneo de Orfeu. O ancião se encontrava em um vale verdejante, a contemplar as almas dos seus caros descendentes que iriam reencarnar. Antes de prosseguirmos, analisemos a relevância dos referidos versos, concernente à ‘bela morte’ de Eneias.

A descrição acima diz respeito à região destinada aos bem-aventurados – 'et amoena virecta fortunatorum nemorum sedesque beatas' (**Eneida**, VI, 638-639): 'aprazíveis arvoredos de bosques venturosos e as beatas moradas'. Essa região assemelha-se ao local destinado aos heróis, descrito no mito das raças:

καὶ τοὶ μὲν ναίουσιν ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες
ἐν μακάρων νήσοισι παρ' Ὀκεανὸν βαθυδίνην,
ὄλβιοι ἥρωες, τοῖσιν μελιηδέα καρπὸν
τρὶς ἔτεος θάλλοντα φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα.
(**Trabalhos e Dias**, 170-173)

E eles, heróis afortunados, tendo o coração livre de inquietações, habitam na ilha dos bem-aventurados, às margens do Oceano turbilhonante; para eles, três vezes ao ano a terra fecunda leva uma florescente e doce colheita.

O lugar destinado às almas venturosas, de acordo com o trecho latino acima, recebe aqueles que, em vida, exerceram a *virtus*, sofrendo ferimentos na guerra a fim de proteger a pátria. Também aqueles que vivenciaram a *pietas*, sendo reverentes aos deuses. E aqueles que praticaram a *fides*, contribuindo com a vida, sendo fieis à justiça. Todos esses valores estão presentes em Eneias, que chega ao campo dos venturosos no ápice da sua jornada, local destinado àqueles que, por seu caráter, foram imortalizados na lembrança dos que vivem. Desse modo, percebemos que Eneias, completando a sua 'bela morte', chega ao local destinado aos grandes heróis e aos homens virtuosos, denominado Campos Elísios. É o que Anquises lhe afirma, quando lhe aparece em sonho, convocando-o a encontrar-se com ele:

non me impia namque
Tartara habent, tristes umbrae, sed amoena piorum
concilia Elysiumque colo.
(**Eneida**, V, 733-735)

Com efeito, o ímpio Tártaro e as tristes sombras não me detêm, mas habito o Elísio, as aprazíveis assembleias dos piedosos.

Finalmente, Eneias encontra Anquises, que expressa as inquietações que sofreu diante da possibilidade de seu filho não conseguir chegar até ele – 'venisti tandem, tuaque exspectata parenti vicit iter durum pietas?' (**Eneida**, VI, 687-688): 'enfim, vieste, e tua piedade esperada pelo pai venceu o árduo caminho?!' Anquises enfatiza o valor da piedade, que fizera Eneias

enfrentar tantos perigos para ir com ele praticar, a fim de que lhe outorgasse o poder e o papel de fundador de uma civilização. Eneias, então, responde – 'Tua me, genitor, tua tristis imago saepius occurrens haec limina tendere adegit' (**Eneida**, VI, 695-696): 'tua, genitor, tua triste imagem, que sempre se apresentando, obrigou-me a vir a estes limiares'. Este momento é o ápice da *pietas* de Eneias.

Depois, Anquises mostra a Eneias as almas dos seus descendentes que irão reencarnar e compor o cenário da glória e da soberania romana. Diante de tão ilustres personagens, como ainda temer o futuro, afirma o ancião – 'et dubitamus adhuc virtutem extendere factis, aut metus Ausonia prohibet consistere terra?' (**Eneida**, VI, 806-807): 'e nós ainda hesitamos estender a virtude dos feitos, ou o receio proíbe determo-nos na terra ausônia?'. Os feitos são aqueles realizados pelos que serão responsáveis pelo surgimento de Roma e por sua ascensão, os quais, impelidos pela virtude (*virtus*) farão dessa civilização senhora do mundo. Abre-se um novo horizonte, em que a volta ao berço de Troia, a Itália, trará sentido para Eneias em relação aos árduos labores até então enfrentados – 'hic labor extremus, longarum haec meta viarum' (**Eneida**, III, 714): 'este o labor extremo, esta a meta dos longos caminhos'. Ao final da sua narração acerca das vicissitudes enfrentadas até chegar a Cartago, Eneias aponta a morte de seu pai como a última prova, como mostrado no verso acima. A meta dos longos caminhos que percorreu é exatamente o final da preparação para o seu novo papel, pois de filho de Anquises ele passa a ser o pai da pátria. É a ele agora que cabem todas as decisões e o cumprimento dos ritos sagrados, realizados até então por Anquises. É preciso, no entanto, que a missão de Eneias seja confirmada, é o que ocorre no Livro IV, quando, permanecendo já há bastante tempo no reino púnico, é advertido por Júpiter da necessidade de partir a fim de cumprir o seu destino. No Livro V, ocorre a divinização de Anquises, que se faz imprescindível, pois não sendo mais o patriarca da família, passa a compor o séquito dos deuses Lares cuja função é proteger e guiar os seus. Além disso, a divinização do ancião prepara-lhe a condição para, posteriormente, outorgar a função de *pater* a Eneias na descida do troiano aos Infernos. É importante enfatizar que se trata, a morte de Anquises, da última prova para o herói, porém, concernente ao Eneias troiano, que até então vem sendo lapidado a fim de adquirir a têmpera necessária para o cumprimento da sua missão, tornar-se o pai da pátria ao fundar as bases da futura Roma.

Após a entrevista, Anquises conduz Eneias a todos os lugares e lhe acende o ânimo com o amor da futura glória. Adverte-o sobre as guerras que terá que enfrentar no Lácio e como

poderá suportar cada uma das provas – 'et quo quemque modo fugiatque feratque laborem' (**Eneida**, VI, 892): 'e por qual modo evite e suporte cada labor'. Novas provas surgem a fim de serem enfrentadas, no entanto, agora, pelo Eneias romano, aquele que, imortalizado, confundir-se-á com a própria Roma.

É possível dividir a *katábasis* de Eneias em dois momentos distintos. O primeiro, concernente ao Eneias troiano, abrange desde a travessia do Aqueronte na barca de Caronte, quando pela Sibila é denominado *Troius Aeneas*, até a sua chegada ao campo dos venturosos, quando se encontra com Anquises. Nessa jornada, Eneias encontra personagens pertencentes ao universo troiano, como Palinuro e Deífobo, que estiveram presentes na destruição de Troia. O segundo momento diz respeito ao encontro entre Eneias e Anquises. Nele, o herói depara-se com aqueles personagens que farão parte do cenário romano, e que, assim como ele próprio, seguirão a linha de conduta traçada por Anquises ao filho, agora, também ele romano: *impor a lei pela paz, poupar os submetidos e debelar os soberbos*.

Assim, vemos a 'bela morte' simbólica de Eneias, símbolo da imortalização de Roma.

4. Estrutura binária da *Eneida*

Propomos, diante do que foi exposto acerca da 'bela morte' simbólica de Eneias, estabelecer uma estrutura binária da **Eneida**, tomando com base de sustentação o Livro VI, onde ocorre a *katábasis* do herói.

Conforme a discussão anterior, a 'bela morte' de Eneias transforma o perfil do herói, que antes troiano, passa a ser romano.

O cerne da análise repousa na *virtus* de Eneias, a qual tomamos como pano de fundo da estrutura binária por nós proposta. Na primeira parte do poema, ela é individual, concerne ao mundo do herói homérico, cujas armas são vestidas a fim de obter a glória pessoal. Na segunda parte, depois que Eneias sofre a 'bela morte', a sua *virtus* passa a ser coletiva. Ele impunha as armas para a defesa dos seus e para o cumprimento da sua missão, do seu destino, pelos deuses a ele determinado.

Dentro da estrutura binária, é possível subdividir a primeira parte em três, seguindo a ordem cronológica da narrativa: primeira parte, Livro II e III, segunda parte, Livro I e IV, e terceira parte, Livro V. Nelas, ocorre uma mudança gradativa em relação ao perfil do

personagem Eneias. À proporção que a narrativa avança, ele se afasta mais do modelo homérico de herói, no que concerne à excelência guerreira, individual, ocorrendo uma preparação para a ‘bela morte’, que o transforma no Eneias romano, cuja *virtus* é coletiva. Seguindo essa linha de raciocínio, é plausível dizer que, no Livro II e III, Eneias é eminentemente troiano. Suas ações coadunam características semelhantes às do Eneias da **Iliada**, onde, apesar de a piedade ser sua característica marcante, o herói tem na proeminência guerreira a mola propulsora das suas ações. No Livro I e IV, já distanciado sete anos, dos acontecimentos em Troia, vemos um Eneias em transição, tornando-se o pai (*pater*) para o empreendimento da sua missão:

rex erat Aeneas nobis, quo iustior alter
nec pietate fuit, nec bello maior et armis.
(**Eneida**, I, 544-545)

Rei para nós era Eneias, outro mais justo do que ele em piedade não houve,
nem maior na guerra e nas armas.

Vemos, nos versos acima, a reiteração dos três valores formadores do caráter de Eneias: *fides* e *pietas* ("quo iustior alter nec pietate fuit"), e *virtus* ("nec bello maior et armis"), imprescindíveis ao seu papel de fundador da pátria. O vocábulo *rex* possui a mesma raiz do verbo *regere*, *reg-*, que tem o sentido de traçar, *regere fines*, traçar as fronteiras. Logo, o rei é aquele que traça a linha, as fronteiras. Como fundador, ele é aquele que traça as fronteiras da cidade, no primeiro ritual da sua edificação. É o que Eneias faz ao chegar ao Lácio. Já tendo chegado às terras latinas, os troianos sentam para comer. A avidez é tanta, que comem os pés das mesas, que na realidade são bolos de trigo usados como escora para sustentar a tábua que comportava o banquete. Iulo, então, lembra o mau presságio da Harpia Celeno, que passariam uma grande fome, chegando a comer os pés das mesas. É quando Eneias reconhece o oráculo pronunciado por Anquises, na sua descida aos Infernos:

salve fatis mihi debita tellus
vosque» ait «o fidi Troiae salvete penates:
hic domus, haec patria est. genitor mihi talia namque
(nunc repeto) Anchises fatorum arcana reliquit:
"cum te, nate, fames ignota ad litora vectum
accisis coget dapibus consumere mensas,
tum sperare domos defessus, ibique memento
prima locare manu molirique aggere tecta."
(**Eneida**, VII, 120-127)

“Salve, terra devida a mim pelos destinos e vós” diz “ó fieis penates de Troia, salve: este é o lar, esta é a pátria. O genitor Anquises, com efeito, (agora recordo) a mim confiou tais arcanos dos destinos: ‘quando, filho, tu levado a litorais desconhecidos, tendo as iguarias sido consumidas, a fome impelir a consumir as mesas, então, fatigado, espera um lar, e lá, lembra de estabelecer as primeiras moradas com a mão e fortificar com a muralha’ ”.

Após o reconhecimento do oráculo, Eneias faz libações a Júpiter e invoca com preces o pai Anquises, um dos Penates agora. Tendo sacrificado às divindades locais, à Terra, a Cibele e à Noite, Eneias recebe de Júpiter um sinal. O deus troveja três vezes e mostra, agitando-a com sua mão, uma nuvem ardente de raios luminosos. No dia seguinte, todos saem a fim de conhecer o lugar, e sem demora, o próprio Eneias trata de fortificar o local:

ipse humili designat moenia fossa
moliturque locum, primasque in litore sedes
castrorum in morem pinnis atque aggere cingit.
(**Eneida**, VII, 157-159)

Ele mesmo traça uma muralha com fosso pouco profundo e edifica o lugar, e as primeiras sedes no litoral cinge com merlões em forma de trincheiras e com uma barreira.

É neste momento que Eneias se torna, de fato, o mito fundador, prenunciado pelo episódio anterior a sua *katábasis*, em que ele funda uma cidade na Sicília para aqueles que, cansados dos anos de errância, preferem não seguir viagem:

interea Aeneas urbem designat aratro
sortiturque domos; hoc Ilium et haec loca Troiam
esse iubet.
(**Eneida**, VII, 755-757)

Nesse ínterim, Eneias traça com o arado a cidade e fixa pela sorte as casas; ordena ali ser Ílio e aqueles locais, Troia.

Cumpre-se o Destino para ele traçado pelo filho de Crono. O deus o escolhera por ser descendente do filho que mais prezava, gerado de uma mortal, Dardano, e também por ser o mais piedoso dentre os troianos. Mas antes de conseguir construir a cidade no Lácio, o herói ainda terá que ser provado na guerra, a fim de demonstrar sua *virtus*.

No Livro V, com a divinização de Anquises, completa-se o ciclo de transformações que fazem de Eneias o *pater*, que, se antes era pai dos troianos, com a ‘bela morte’ simbólica, no

Livro VI, passa a ser dos romanos. Temos a confirmação dessa ideia quando a Eneias, tendo já sido deflagrada a guerra, aparece o Tibre, à margem do rio, a fim de aconselhá-lo a buscar aliança com o árcade Evandro:

O sate gente deum, Troianam ex hostibus urbem
qui revehis nobis aeternaue Pergama servas,
exspectate solo Laurenti arvisque Latinis,
hic tibi certa domus, certi (ne absiste) **penates.**
neu belli terrere minis; tumor omnis et irae
concessere deum.
(**Eneida**, VIII, 36-41)

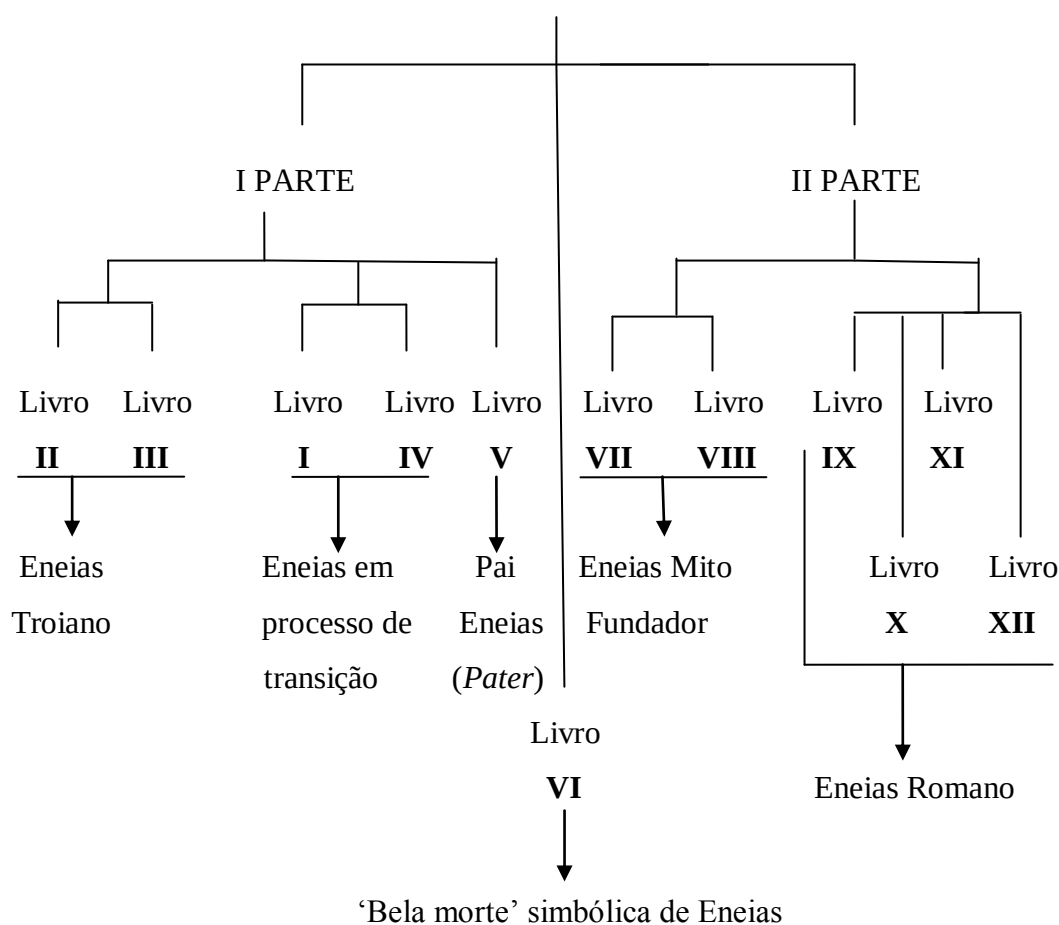
Ó gerado da raça dos deuses, que reconduzes para nós, dos inimigos, a cidade Troiana, e conservas a eterna Pérgamo, esperado no solo Laurêntio e nos campos latinos, **há para ti aqui morada certa, penates fixos** (não desista), e nem te atemorize com as ameaças da guerra; todo furor e iras dos deuses cessaram.

A raça troiana é oriunda de terras itálicas. Dárdano, o seu ancestral primeiro, filho de Zeus, é proveniente da Itália central. Chegando à região da Troade, lá se fixou, fundando uma cidade, que no futuro, através de um dos descendentes, daria origem a Ílio. O rio Tibre, personificado, representa a futura Roma, que confere a Eneias, pai da pátria, os deuses Penates da região. É chegado o momento do cumprimento do seu destino.

A segunda parte da estrutura binária proposta por nós pode ser subdividida em duas. A primeira é composta pelo Livro VII e VIII, em que Eneias, já tendo passado por todas as provas responsáveis pelo seu burilamento a fim de se tornar em mito fundador, irá ter as últimas confirmações divinas acerca da sua função de pai da futura pátria. No Livro VII, ocorrem duas. A primeira, quando os cabelos de Lavínia, filha do rei Latino, pegam fogo, no momento em que Eneias e os troianos pisam o solo latino, confirmando o oráculo do deus Fauno, que dizia ser a princesa destinada a um estrangeiro que traria grande glória para o Lácio. Sua fama se estenderia até os astros. Este prodígio liga-se a outro, ocorrido no Livro III, em que a cabeleira de Iulo, filho de Eneias também pega fogo. A cidade já estando tomada pelo fogo, Anquises recusa-se a seguir com Eneias, é quando Zeus faz com que os cabelos do menino incendeiem a fim de convencer o ancião a partir. Trata-se de um fogo sagrado, brilhante, que não queima. A ocorrência do mesmo prodígio nas duas personagens que juntamente com Eneias, são responsáveis pela edificação de Roma, põe em relevo a confirmação do destino do herói. A segunda confirmação é a das mesas, quando os troianos

comem os bolos de trigo usados como apoio. A segunda sessão da segunda parte da estrutura proposta é composta pelo Livro IX, X, XI e XII. Neles, a guerra entre latinos e troianos acontece. É quando veremos a exaltação a *virtus* de Eneias, que, neste momento da narrativa, tem um sentido coletivo, diferindo do sentido individual desse valor apresentado nos primeiros Livros do poema.

ESTRUTURA BINÁRIA DA ENEIDA



5. O destino de Eneias

Há quatro episódios específicos dentro da narrativa da **Eneida** que se reportam a fatos históricos de Roma, os quais, dentro do contexto do poema, têm um sentido profético,

especificamente ligado à figura de Eneias, denotando o caráter divino da sua missão. Eles ocorrem no Livro I, na fala de Júpiter, no Livro VI, nas predições de Anquises, no Livro VIII, no passeio de Evandro e Eneias, e na fabricação do escudo fabricado por Hefesto para o herói. Com o intuito de mostrar a confirmação do destino de Eneias, ser o mito fundador das bases da futura Roma, no decorrer da narrativa, é preciso analisar essas partes e estabelecer a relação estrutural entre elas, levando-se em consideração o momento da narrativa em que são referidos.

No Livro I, versos 254-296, ocorre a profecia de Júpiter. Vênus, desacoroçada por causa da perseguição de Juno a Eneias e aos troianos, chorosa, vai ao pai, a fim de indagar-lhe sobre o destino prometido ao seu filho e ao povo troiano. O deus, então, discorre sobre o seu porvir glorioso, tranquilizando a filha.

Júpiter profetiza que Eneias fará na Itália grande guerra, domará os povos ferozes e dará leis e cidades aos homens. Os Rútulos sendo submetidos, ele reinará no Lácio por três estios e por três invernos. Iulo, filho de Eneias e da esposa troiana, Creúsa, tendo fundado Alba Longa, transferirá a sede do reino de Lavínio. Lá, durante trezentos anos, reinará a raça de Heitor, os troianos, até que Ília, amada por Marte, dará à luz os gêmeos. Depois Rômulo, feliz com a fulva pele da loba nutriz, receberá a gente e edificará as muralhas Mavórcias, e denominará o povo, Romanos, proveniente do seu próprio nome. A estes, seria dado um império sem limite por Júpiter. Além disso, Juno, que, com receio, fatigava-os, voltar-se-ia a melhor resolução e, juntamente com Júpiter, favoreceria os romanos, senhores do mundo. Assim é a vontade do deus (*sic placitum*). Chegaria o dia em que a casa de Assáraco, bisavô de Eneias, subjugaria a Ftia, Micenas e dominaria a vencida Argos, o que denota a dominação da Grécia por Roma no século III a. C. Troiano de bela origem, César nasceria, cuja fama se estenderia até os astros, e cujo império até o oceano. Um dia, a própria Juno o conduziria ao céu, carregado com despojos do Oriente, e seria conclamado por votos. Este é Augusto César, promovedor da paz romana, cuja divinização se fez ainda em vida. Júpiter fala ainda do fim das guerras e do apaziguamento dos ferozes séculos. Nesse contexto, da *Pax Romana*, a deusa Fides, personificação do valor que a palavra porta, e Vesta, deusa protetora da lareira, Remo com seu irmão Quirino, identificado com Rômulo depois do seu arrebatamento, dariam as leis. Isso denota a aquiescência dos deuses em relação à morte de Remo por Rômulo, a qual reitera a piedade do segundo, haja vista ter ele matado o irmão em defesa da sacralidade da nova cidade edificada. O filho de Saturno remete às portas da guerra (*Belli*), que seriam

fechadas, e lá dentro, o ímpio Furor, sentado sobre armas cruéis e atado por cem nós de bronze atrás das costas, fremiria, hórrido, pela boca cruenta.

Os acontecimentos referidos por Júpiter dizem respeito a quatro momentos dentro da tradição romana, cada um tendo uma relevância específica:

1) A origem mítica de Roma – evidencia a força bélica dessa civilização como elemento estrutural, visto que o seu fundador tem como pai o próprio deus da guerra, Marte, e que é graças a sua organização militar que Roma se torna senhora do mundo; põe em evidência também os três valores basilares da ideologia romana, a Fides, a Virtus e a Pietas.

2) A conquista da Grécia no século III a. C. – traz para Roma um grande avanço em relação às artes e à cultura, o que promove o nascimento de uma tradição latina e da sua grandeza, garantindo a Roma a sobrevivência da sua soberania; a literatura latina é fruto da literatura grega.

3) O estabelecimento do Império – a conquista do oriente (Egito), depois da vitória sobre Marco Antonio, na batalha em Ácio, possibilita o estabelecimento do império, tornando-se Augusto o *princeps*, o primeiro dentre os cidadãos.

4) Século de Ouro de Augusto – momento contemporâneo à composição da **Eneida**, podemos considerar essa referência, tratando-se o poema de uma epopeia, a dedicatória ao *princeps*, demandante do poema.

Sic placitum, é a expressão que Júpiter utiliza para designar sua vontade, sua determinação: a existência de Roma e o seu grandioso poder, tornando-se ela a senhora do mundo. Logo, Roma é oriunda da vontade divina, da força do Destino. O seu fim, pois, é ser soberana e perene. No Livro I, Eneias é o herói em provação. Impelido a sair da sua cidade destruída, ele erra em busca de novas terras a fim de se estabelecer. Ele está sendo burilado a fim de adquirir a têmpera para cumprir a sua missão, edificar um novo reino. Nesse momento, é preciso que haja a confirmação do seu destino, sobretudo para aquela cujo auxílio será de fundamental importância, Vênus, sua mãe.

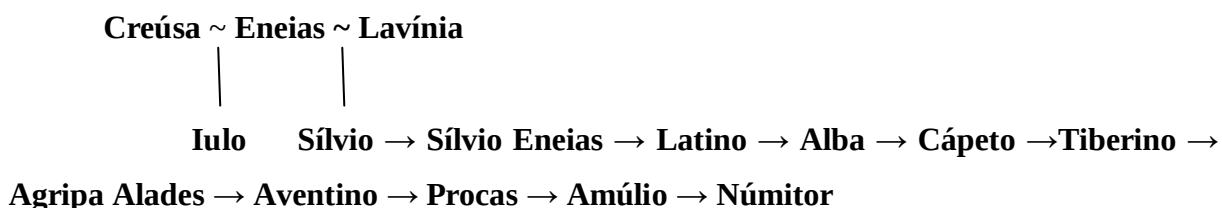
No Livro VI, ocorre a catábasis de Eneias. É o rito de passagem do herói para a assunção do seu papel de *pater familias*. A descida aos Infernos, *katábasis*, o seu itinerário pelas regiões do mundo dos mortos e o seu retorno ao mundo dos vivos, *anábasis*, denotam a ‘bela morte’ simbólica do herói, visto que, após lhe ser homologada a função de *pater* por

Anquises, seu pai, que não apenas lhe prediz, mas, sobretudo, mostra-lhe o porvir glorioso de Roma, Eneias passa a ser ele próprio Roma, cuja soberania será perene.

Após a morte de Anquises, em Drépano, Eneias é visitado pela alma do pai, que constantemente o convoca a comparecer à sua presença. Ele, logo que chega à Itália, dirige-se a Cumas, pois sabe que lá está a sacerdotisa que lhe possibilitará essa empresa. A Sibila lhe revela qual a entrada do mundo dos mortos e como chegar até Anquises. Acompanhado pela sacerdotisa, Eneias adentra os Infernos e consegue chegar a um vale afastado, onde estão aqueles que foram piedosos e justos durante a vida: guerreiros que combateram pela pátria; sacerdotes que observaram os ritos; poetas piedosos, cujos versos dignificaram a arte; e aqueles que de algum modo, por seus inventos e seus serviços, mereceram viver na memória dos vivos. Eneias encontra a alma de Anquises e o questiona acerca da multidão que se encontra em volta do rio Letes. O pai explica que aquelas são as almas que irão reencarnar, e para isso, bebem da água do rio para esquecer a vida pregressa e voltar a um novo corpo. Anquises passa em revista cada um dos que ali estão e que serão responsáveis pela edificação da glória de Roma.

Durante trezentos anos, a raça de Eneias exercerá o poder sobre Alba Longa. Iulo entrega o governo de Lavínio, cidade fundada por Eneias após seu casamento com Lavínia, filha de Latino, rei do Lácio, a Sílvio, seu meio-irmão, filho de Eneias e Lavínia, e funda Alba Longa. Após sua morte, não tendo herdeiro, deixa o governo da cidade para Sílvio, dele provindo os reis que ali dominarão.

Segue a sucessão dos reis de Alba Longa:



Elenquemos os nomes referidos por Anquises em suas predições, a partir dos períodos históricos concernentes à tradição latina:

I) Reis de Alba Longa, de onde virá o fundador de Roma, Rômulo:

- Sílvio (*Silvius*, verso 763), filho de Eneias e Lavínia. Filho tardio e último de Eneias, criado no bosque, daí o seu nome, reinará sobre Alba Longa por vinte e oito anos. Ascânio havia reinado por trinta e oito anos e, ao morrer, deixa o reino para Sílvio. Todos os reis que reinaram em Alba são descendentes seus.
- Procas (*Procas*, verso 767), décimo quarto rei de Alba Longa, tem dois filhos, Amúlio e Númitor. Ao morrer, deixa a herança real dividida em duas partes. A primeira consiste nos tesouros, a segunda, no reinado. Númitor escolhe o poder, e Amúlio, os tesouros. Mas este não demora a usurpar o poder do irmão e a expulsá-lo do reino, matando, em seguida, o sobrinho, e obrigando a sobrinha, Rheia Silvia, a ser vestal, sacerdotisa de Vesta. Dela provém Rômulo, fundador e primeiro rei de Roma. Ele a fará grande, e reinará por trinta e oito anos (754 a.C-716 a.C.).

II) Reis da monarquia romana:

- Numa Pompílio (*regis Romani*, verso 810) é o segundo rei de Roma (716 a.C.-673 a.C). Esteve no poder por quarenta e três anos e, segundo a tradição, seu reinado foi pacífico. Foi o organizador da religião. Considerado sacerdote, os romanos lhe atribuem muitas das suas instituições religiosas. Concede à cidade de Roma seus fundamentos místicos.
- Tulo Hostílio (*Tullus*, verso 814) é o terceiro rei de Roma (673 a.C.-641 a.C). Reinou por trinta e dois anos e, segundo a tradição, seu governo foi um período de guerras constantes, inclusive contra Alba Longa.
- Anco Márcio (*Ancus*, verso 815) é o quarto rei de Roma (641 a.C-617 a.C). Caracterizado como bom e sensível ao favor popular. Reinou por vinte e quatro anos.
- Tarquínio Prisco (*Tarquinios reges*, verso 817) é o quinto rei de Roma (617 a.C-580 a.C). Reinou por trinta e sete anos. É-lhe atribuída a construção do Templo de Júpiter no Capitólio. Ele foi assassinado pelos filhos de Anco Márcio.

- Sêrvio Túlio (*Tarquínios reges*, verso 817) é o sexto rei de Roma (580 a.C-536 a.C). Reinou por quarenta e quatro anos. Criado como escravo, ele chegou ao reino pela vontade de Tarquínio Prisco. Foi assassinado por Lúcio Tarquínio, dito o Soberbo. Segundo a lenda, era filho de Vulcano e de uma escrava.
- Tarquínio Soberbo (*Tarquínios reges*, verso 817) é o sétimo e último rei de Roma (536 a.C-511 a.C). Arrogante e prepotente, ele foi um rei abusivo. Seu filho, Sexto, ultrajou Lucrecia e esta se suicidou depois de contar o fato ao marido, Lúcio Tarquínio Colatino, sobrinho de Tarquínio Prisco. Esse fato resultou em uma insurreição e na expulsão dos Tarquínios de Roma. É o fim da Monarquia (520-509 a. C.).

III) Cônsules e demais figuras eminentes que compõem o cenário da república romana.

- Lucius Junius Brutus (*ultoris Bruti*, verso 818), sobrinho de Tarquínio Soberbo, é o fundador da república. A fim de não ser morto pelo tio, fingiu-se de idiota. Depois do ultraje a Lucrecia, chefioo o levante contra os Tarquínios e libertou Roma. Foi um dos primeiros cônsules romanos. Segundo a tradição, matou os próprios filhos que queriam recolocar os Tarquínios no poder. A monarquia durara duzentos e quarenta e quatro anos.
- Há pelo menos dois Décios (*Decios*, verso 824). Publius Decius Mus, cônsul romano na época da Guerra Latina de 340 a. C. Fez a vitória pender para o seu lado, depois que se comprometeu com o inimigo a lutar ambos até a destruição. E seu filho, de mesmo nome, que desempenha papel semelhante na batalha de Sentino (290 a. C.), contra os Samnitas. Ambos foram famosos por sua devoção a Roma.
- Há dois Drusos (*Drusos*, verso 824). O primeiro, Marcus Livius Drusus, era Tribuno da Plebe em 122 a. C. e partidário da Aristocracia contra Gaio Graco. O segundo, seu filho, foi Tribuno da plebe em 91 a. C., autor de várias medidas democráticas, dentre elas a concessão do voto aos aliados italianos. A rejeição de sua proposta deu início à Guerra Social ou Marsiana (90-88 a. C.). A guerra não teve vencedor, mas concedeu cidadania a todos os povos italianos.

- Titus Manlius Imperiosus Torquatus (*Torquatum*, verso 825) é o romano que resistiu à invasão dos gauleses, em 361 a. C. Recebeu o nome de Torquato ao derrotar em um combate singular um gaulês gigantesco e arrancar-lhe o colar (*torquis*) que usava como ornamento. Na Guerra Latina de 340 a. C., os cônsules, Torquato um deles, proibiram o combate singular. Tinha o sobrenome de *Imperiosus* por sua severidade, marca da família.
- Marcus Furius Camillus (*Camillum*, verso 825) foi um grande estadista e general romano (séc. IV a. C.). Conquistou Veios (395), mas foi exilado sob acusação de ter-se apropriado de parte dos despojos. Ao ser chamado de volta a Roma, expulsou os gauleses de Breno⁶⁰, subjugou os Volscos e os Equos, e pôs fim às guerras civis na época das Rogações Licínias (367). Derrotou por duas vezes os gauleses invasores, foi por cinco vezes Ditador e reformou a organização militar romana.
- Júlio César (*socer*, v. 830), cuja filha, Júlia (morta em 54 a. C.), era casada com Pompeu Magno (*gener*, v. 831), um dos integrantes do Primeiro Triunvirato (60-48 a. C.), os outros dois eram o próprio César e Crasso (morto em batalha contra os Partos, em Carras, no ano 53 a. C.). Após dominar a Gália (58-50 a. C.), Júlio César volta à Itália (50 a. C.) e marcha contra Pompeu, que foge (49 a. C.). Em Roma, César é nomeado Ditador (49 a. C.) e eleito cônsul para o ano de 48. O cerco a Pompeu começa em abril de 48, culminando com a sua derrota em Farsália, Grécia, em junho desse mesmo ano. Em setembro de 48, Pompeu é assassinado no Egito, a mando de Ptolomeu XIII, com a intenção de agradar a César, que recebe a cabeça do ex-mandatário numa bandeja. Em outubro de 45 a. C., César está em Roma. Em janeiro do ano seguinte é *Imperator* (título conferido ao general vitorioso, dotado do *imperium*, o direito de comando superior, militar e jurisdicional, durante um ano), cônsul e ditador pela quinta vez. Em fevereiro de 44, lhe é conferida a ditadura perpétua. César é assassinado em 15 de março de 44 a. C. Júlio César acreditava ser descendente de Vênus, através de Iulo, o filho de Eneias. Ele é, portanto, membro de uma das mais famosas famílias romanas, a *Gens Iulia*.

⁶⁰ A tomada de Roma pelos gauleses de Breno se dá em 390 a. C.

- O triunfador sobre Corinto (*Ille...Corintho victor*, verso 835-836) seria Lucius Mummius, que destruiu Corinto, em 146 a.C. O outro mencionado (*eruet ille Argos Agamemnoniasque Mycenae*, verso 838), que destruirá as cidades gregas, seria Lucius Aemilius Paullus. Derrotou Perses, em 168 a.C., último rei da Macedônia, que clamava ser descendente de Aquiles. Construiu a primeira biblioteca particular de Roma. Ele era o pai de Cipião Emiliano.
- Marcus Porcius Cato [*magne Cato*, verso 841, (234-144 a. C.)], o Censor, combateu na segunda II Guerra Púnica (218-202 a. C.). Foi tribuno militar sob Fábio Máximo. Cônsul em 195, veio-lhe a fama como Censor em 184 a. C. Propunha uma reforma moral, com o combate ao luxo e à extravagância dos ricos, foi contra a disseminação da cultura grega e pregou sistematicamente a favor da destruição de Cartago.
- Aulus Cornelius Cossus (*Cosse*, verso 841), romano que, em 437, matou o rei etrusco Tolúmnio e conquistou os *Spolia Opima* (são os despojos de honra, armas tomadas por um general romano ao comandante das tropas inimigas, após derrotá-lo em combate singular).
- Tibério Semprônio Graco (morto em 133 a. C.) e Gaio Semprônio Graco (morto em 121 a. C.), (*Gracchi genus*, verso 842). Filhos de Tibério Graco, ilustre Pretor (o que vai à frente na guerra, *prae itor*). Eles eram sobrinhos de Cipião, o Africano, por parte da mãe, Cornélia. Buscaram solucionar a crise econômica resultante do fracasso da administração de terras.
- Cipiões (*duo fulmina belli, Scipiadas, cladem Libyae*, versos 842-843), há dois mais importantes da história de Roma. Cipião Africano Maior (Publius Cornelius Scipio Africanus Major, 236-189 a. C.), vencedor de Aníbal, o Cartaginês, na batalha de Zama, em 202 a. C., o que determinou o fim da segunda Guerra Púnica. E Cipião Emiliano (Publius Cornelius Scipio Aemilianus, 185-129 a. C.), dito Cipião Africano Menor. Filho de Emílio Paulo, com quem lutou em Pidna (168 a. C.). Eleito cônsul em 148, sitiou Cartago e a destruiu em 146 a. C. Tal fato determinou o fim da terceira Guerra Púnica (148-146 a. C.) e permitiu a anexação da África.
- Gaius Fabricius Luscinus (*parvosque potentem Fabricium*, versos 843-844) era o paradigma da honestidade e da frugalidade. Resistiu a todas as tentativas de

suborno de Pirro, rei do Épiro, a quem foi mandado como embaixador (280-279 a. C.). Teria revelado a Pirro, em 278, um complô de seu médico para envenená-lo.

- Marcus Atilius Regulus (*Serrane, serentem*, verso 844) foi cônsul em 267 e 252 a. C. Em 252, foi um dos comandantes da expedição romana à África, por ocasião da primeira Guerra Púnica (264-241 a. C.). Derrotado pelo espartano Xântipos, foi capturado. Morreu em Cartago, em 251 a. C.
- Quintus Fabius Maximus (*quo fessum rapitis, Fabii*, versos 845) foi general romano famoso da época das guerras Samnitas (343-304). Cônsul em 295, derrotou, em Sentino, Samnitas e Gauleses. Era cognominado *Rulo* ou *Ruliano*.
- Fabius Maximus (*tu Maximus ille es*, verso 845), dito o Contemporizador, recuperou Tarento aos cartagineses, em 209 a. C. Tinha uma política de perseguir e molestar as forças de Aníbal.
- Há dois Marcelos. O primeiro, Marcus Claudius Marcellus (*Marcellus*, verso 855), situa-se no século III a. C. Trata-se do famoso general romano que brilhou na vitória de Clastidium contra os gauleses, em 222, o que permitiu a submissão da Gália Cisalpina (219). Foi determinante na campanha de Canas (216), quando Roma foi derrotada por Cartago, mas capturou Siracusa em 212. Emboscado pelos cartagineses, foi morto em 208 a. C. Na vitória contra os gauleses, conquistou os *Spolia Opima*, por matar o rei gaulês com as próprias mãos⁶¹. O segundo é Marcellus (*tu Marcellus eris*, verso 883), filho de Gaius Marcellus e Octavia, irmã de Augusto. Nasceu em 43 a. C. e foi adotado por Augusto em 25, casando-se com Júlia, filha do imperador, sua prima. Morreu dois anos depois, em 23. Jovem promissor, sua morte foi considerada uma perda nacional.

Remetemos aos nomes elencados por Anquises, explicando a importância de cada um dentro do cenário de Roma, respeitando a ordem que próprio personagem estabelecera, a qual

⁶¹ *Spolia Opima* são os despojos de honra, armas tomadas por um general romano ao comandante das tropas inimigas, após derrotá-lo em combate singular. Os *spolia* foram conquistados três vezes na história de Roma: por Rômulo, na vitória sobre Acron, rei dos ceninenses, nas hostilidades supervenientes ao rapto das sabinas (v. Tito Lívio, I, X); por Aulo Cornélio Cosso, que em 437 matou o rei etrusco Tolúmnio, e por Cláudio Marcelo, que matou o gaulês Viridomaro, em 222.

abrange a origem mítica de Roma partindo de Alba Longa, a monarquia e a república romana, período antecedente ao estabelecimento do Império por Augusto, que denota uma nova era. É importante observar na escolha dos períodos feita pelo poeta, a convergência que ele busca estabelecer entre a figura de Augusto e a de Eneias, assimilando-os, tendo em vista que a descida ao mundo dos mortos do filho de Anquises representa o rito de passagem do herói, significando também uma nova era. Divisor de águas dentro da narrativa, a catábasis denota a transformação completa da feição de Eneias. É nesse momento que ele sofre a ‘bela morte’ simbólica. A princípio, antes de realizá-la, ele reflete uma *virtus* guerreira, de caráter individual, respeitante à obtenção da sua glorificação pessoal, vestindo as armas em busca da ‘bela morte’ no campo de batalha. Depois vemos o herói coletivo, cuja *virtus* guerreira, não é mais impulsionada pela individualidade, mas pelo interesse do grupo. Morre o Eneias troiano, para surgir o herói romano, sendo ele próprio a representação de Roma. Ele agora é o pai da pátria que irá edificar um novo reino. Nesse âmbito coletivo, há um tripé que compõe o perfil de Eneias: a *pietas*, a *virtus* e a *fides*. A garantia da soberania e da perenidade de Roma através das predições de Anquises, quando a Eneias está sendo conferida a homologação do seu papel de *Pater* (pai da pátria), é de fundamental importância, pois confirma o destino do herói.

Depois que Anquises assegura a Eneias o futuro glorioso da nação vindoura, adverte-o sobre as guerras e vicissitudes que enfrentará quando chegar ao Lácio.

No Livro VIII, há dois momentos a ser destacados, haja vista a sua relevância quanto à confirmação do destino do herói: 1) O passeio de Eneias com Evandro pelas futuras plagas troianas, 2) A fabricação do escudo de Eneias pelo deus Vulcano.

1) O passeio de Eneias com Evandro pelas futuras plagas troianas

Evandro, árcade, que há muito tempo se estabelecera na Itália, alia-se a Eneias contra os povos latinos, que se levantaram contra o herói e seus companheiros. Evandro, que realizava o sacrifício anual ao deus Hércules no momento em que Eneias chega para pedir-lhe auxílio na guerra que enfrentará, após a cerimônia divina, encaminha-se com o Anquisíada ao seu palácio, a fim de acomodar o seu hóspede. Nesse itinerário, Evandro mostra-lhe o local onde no futuro Roma será edificada. É importante frisar que Evandro desconhece o destino dos sítios por ele mesmo apontados. A indicação dos locais contemporâneos a ele é feita pela voz

do próprio personagem; aqueles que dizem respeito a acontecimentos futuros, são referenciados pela voz do narrador de terceira pessoa.

Primeiramente, Evandro mostra bosques ocupados por Faunos e Ninfas; e por uma raça de homens nascidos do duro tronco do carvalho. Saturno veio do Olimpo. Fugindo de Júpiter, ali se escondeu e reinou sobre eles, chamando o lugar de Lácio e dando-lhes a civilização, na chamada Idade de Ouro, que foi substituída por outra, em que predominava a raiva da guerra e o amor da posse. Logo vieram os Ausônios, os Sicânios, e muitas vezes a terra mudou de nome. Em seguida, houve reis, dentre eles, o feroz Tibre, cujo nome, posteriormente, foi atribuído pelos Ítalos ao Álbula. Evandro, expulso da sua pátria, a Arcádia, e conduzido pelos oráculos de Apolo e pela ninfa Carmenta, sua mãe, chegou àqueles lugares.

A partir deste ponto, entra a voz do narrador de terceira pessoa, dizendo que o velho mostra a Eneias o altar e a porta que os romanos denominam Carmental, em homenagem à ninfa e sacerdotisa que primeiro profetizou a futura grandeza dos descendentes de Eneias, e o célebre Pallanteum, vila fundada por Evandro sobre o monte Palatino. Mostra também o *asylum* - templo, lugar inviolável, refúgio, fundado por Rômulo - e também o Lupercal - uma caverna existente no Palatino, onde se suponha que Rômulo e Remo tivessem sido amamentados pela loba. Mostra-lhe o bosque sagrado do Argileto, próximo ao Palatino. Conduz o herói para a sede Tarpeia e para o Capitólio. Neste momento, o narrador situa o local na época contemporânea à monarquia, quando foi construído o templo de Júpiter, mencionando que, agora, de ouro é o Capitólio, e que outrora era erigido com espinhais silvestres - 'hinc ad Tarpeiam sedem et Capitolia ducit / aurea nunc, olim silvestribus horrida dumis'. O narrador diz que Evandro menciona um deus morar sobre aquele monte, pois os árcades afirmavam ter visto sobre o Capitólio o próprio Júpiter a sacudir sua égide. Depois, duas cidades o árcade mostra, restos dos monumentos dos antigos heróis: Janícula, construída por Jano Pai, e Satúrnica, erigida por Saturno. Mais adiante, está o Fórum Romano e as Carinas. E por fim, as portas pelas quais o vitorioso Alcide penetrou; este palácio o recebeu.

Os sítios apontados por Evandro seguem a seguinte ordem:

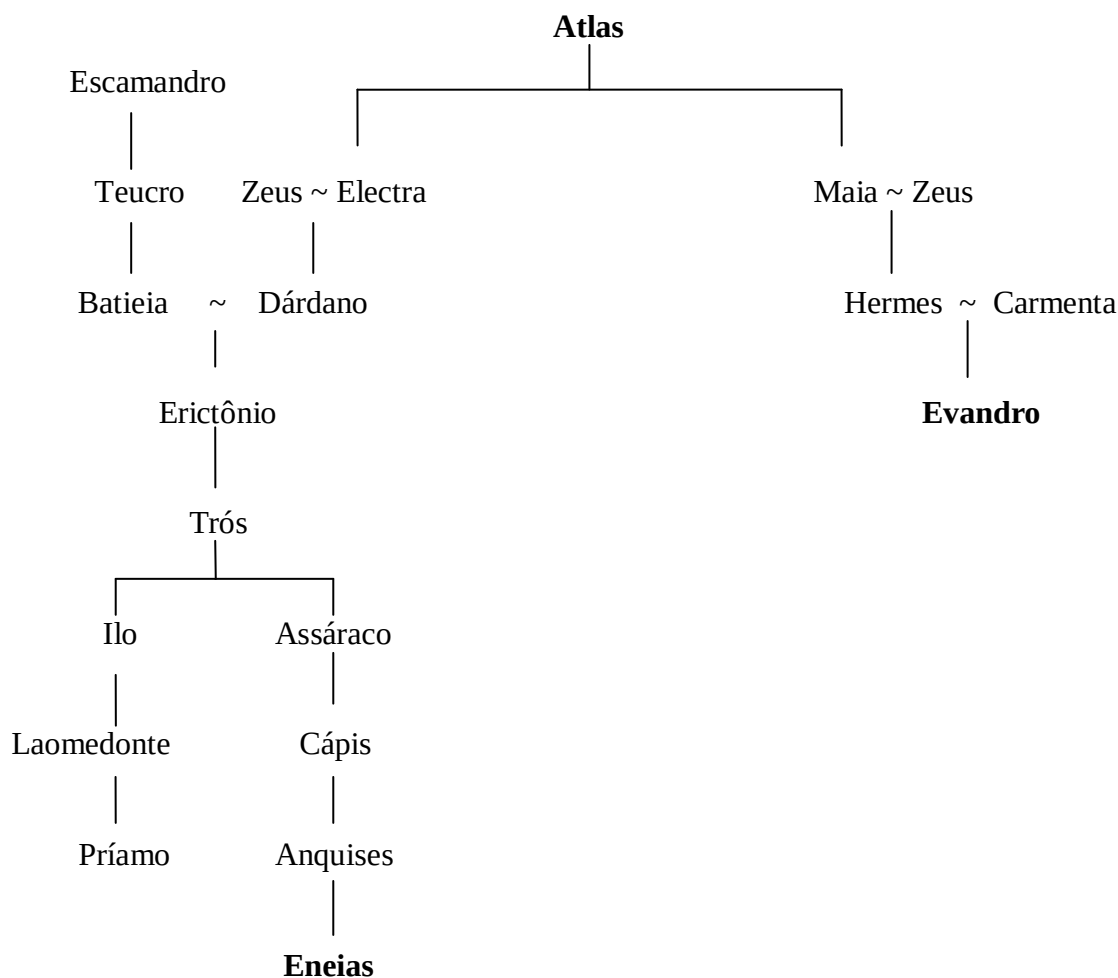
- Momento anterior à edificação de Roma, a Idade de Ouro, quando Saturno, perseguido por Júpiter, esconde-se na região da Itália, a que atribui o nome de Lácio, e reina sobre o povo ali existente, civilizando-os.

- Fase posterior, mas ainda inicial: invasão de outros povos, dentre eles Ausônios e Sicânios; existência de reis: Tibre, rei Albano, cujo nome foi atribuído ao rio, primeiramente denominado Álbulo.
- Porta Carmental: uma das portas de Roma, ao sul do Capitólio.
- Palatino: Roma Quadrata, a cidade fortificada que fora construída por Rômulo.
- Lupercal: caverna existente no Palatino, onde se supunha que Rômulo e Remo tivessem sido amamentados pela loba.
- Tarpeia: rocha ao sudoeste da colina Capitolina, de onde se lançavam os criminosos condenados à morte.
- O Capitólio: faz-se menção ao templo de Júpiter, construído pelo rei etrusco Tarquínio Prisco, à época da monarquia.
- Janícula: colina situada na margem esquerda do rio Tibre, em frente a Roma. Havia, na colina, uma antiga fortificação externa, protegendo-a contra ataques provenientes do norte, obra atribuída a Jano – deus romano que possuía duas cabeças olhando para lados opostos, representando o começo e o fim.
- Satúrnica: cidadela no Capitólio, construída por Saturno, deus italiano identificado com o deus grego Crono. Seu templo localizava-se no sopé da colina Capitolina.
- Fórum Romano: originariamente ‘praça do mercado’, característica constante das grandes cidades romanas, o centro de seu planejamento urbano. À proporção que o comércio tendeu a transferir-se para lojas em outros bairros, o Fórum continuou a ser o foco da vida política e social da cidade, muito frequentado pelos cidadãos. Em torno dele, localizavam-se os principais edifícios cívicos.
- Carinas: palanque próximo à Cúria, no Fórum, formado pelos rostos dos navios que lutaram na guerra em Antium, 338 a.C.
- O templo de Hércules, no Fórum Boarium, imediações do Palatino.

Eneias está vinculado a Evandro por um ancestral comum, Atlas. Além disso, o ancião é filho da ninfa Carmenta, da Arcádia, filha do rio Lado, que veio para a Itália com o filho sessenta anos antes da guerra de Troia e foi recebida pelo deus Fauno. Ela foi a primeira a prever a grandeza futura dos descendentes de Eneias. Desse modo, estabelece-se uma mesma origem para troianos e helênicos, criando-se um vínculo que une o Ocidente e o Oriente. É relevante perceber, nesse estabelecimento, a ratificação da *pax romana*, tendo em vista que as

três batalhas decisivas para o estabelecimento do fim da guerra civil, a saber, Farsália, na Tessália, em 48 a. C., Filipos, na Macedônia, em 42 a. C., e Ácio, no Épiro, em 31 a. C., ocorreram na convergência dessas duas partes do império romano, sobre as quais recaíam tantos elementos divergentes como línguas, tradições, crenças religiosas, etc.

Vejamos a seguir, a genealogia:



A história de Roma busca respaldo nos acontecimentos da época mítica, que foram incorporados à tradição latina e transferidos através da literatura e da arte. É nessa tradição, por exemplo, que Júlio César e Augusto César buscam apoiar sua ascendência divina, sendo eles descendentes de Iulo, filho de Eneias, e, conseqüentemente, de Vênus, assim conseguindo, sem maiores problemas, a sua divinização. Se por um lado temos Atlas ligando os troianos aos árcades, e conseqüentemente, à Itália, haja vista ter Evandro se encaminhado para o Palanteu, sítio onde no futuro seria edificada Roma, e lá se estabelecido sob os bons

augúrios da sua mãe Carmenta, por outro lado, temos Dárdano, ancestral dos troianos, proveniente da Itália central, ligando, do mesmo modo, Eneias àquela região. Quando chegou às plagas da tróade, Dárdano se casou com Batieia, filha de Teucro. Este viera de Creta juntamente com o seu pai Escamandro, guiado por um oráculo. Trós, neto de Dárdano, será o ancestral comum à família real de Príamo e a de Anquises. Ao buscar o auxílio de Evandro, no momento em que irá enfrentar grande guerra contra os povos latinos, vemos ser assegurada a Eneias a vitória sobre o inimigo, na referência do ancião aos sítios onde no futuro Roma será edificada.

2) A fabricação do escudo de Eneias

Vênus traz as armas para o filho, que se encontrava na corte do rei Evandro, aliado seu na guerra contra os latinos. Eneias admira as armas, dentre as quais está o escudo, percorrendo com olhar atento as imagens nele gravadas, as quais seguem descritas abaixo de acordo com a disposição que elas estão no texto. Em seguida, elencamos os episódios referidos na descrição, com a devida explicação a respeito de cada um.

Vulcano, deus ferreiro, conhecendo o porvir, grava no escudo, formado por sete discos superpostos, os feitos ítalos e os triunfos dos romanos; toda a raça da futura descendência proveniente de Ascânio, e em seguida, as guerras que realizaram. Ele grava uma loba parida, deitada no verde antro de Marvote. Meninos gêmeos, impávidos, pendendo dos seus úberes, e, com a cabeça voltada para eles, acariciando-os, ela os lambia. Perto dessa imagem, representa Roma e as sabinas raptadas, sem consenso, durante os grandes jogos circences. Grava a guerra entre os romúlidas e o velho Tácio, e depois, o acordo acertado. Os reis armados ante o altar de Júpiter, sustentando páteras, estabelecem alianças com uma porca imolada. Não longe dali, em sentido oposto, rápidas quadrigas a destroçar Mettius (Fufetius). Tullus (Hostilius) o arrasta através da floresta. Mais adiante, Porsenna (rei de Clusium, Etrúria), faz a guerra contra Roma, sitiando a cidade com apertado cerco, para restabelecer os Tarquínios, expulsos do trono no fim da monarquia. Os descendentes de Eneias correm às armas pela liberdade. O deus representara o etrusco tão indignado quanto ameaçador porque Cocles ousou derrubar a ponte, e Cloelia, atravessar o rio a nado, depois de rompidas as cadeias. No topo do escudo, Vulcano representa Manlius (Capitolinus), guardião da cidadela Tarpeia, que se mantinha de pé diante do templo e ocupava o cume do Capitólio, onde coloca um ganso prateado voejando

nos pórticos dourados, anunciando com os seus grasnados a chegada dos gauleses às portas da cidade. Grava também os gauleses adentrando através das moitas e, protegidos pelas trevas, graças a uma noite escura, iam ocupar a cidadela. Seus cabelos são de ouro; suas vestes são de ouro; seus saios listrados brilham; seus pescoços cor de leite estão cercados de ouro; vibram nas mãos dardos alpinos e longos escudos cobrem seus corpos. Mais adiante, representa os Sálíos saltando, os Lupercos nus, barretes lanígeros, e os escudos (*anciles*) caídos do céu. As castas mães, em carros, conduzem os objetos sagrados através da urbe. Mais longe, grava também a região do Tártaro, a profunda porta de Dite e os castigos dos criminosos. Catilina lá está, suspenso a um rochedo ameaçador, tremendo à vista das Fúrias; à parte, os piedosos, aos quais Catão dá leis. No meio dessas cenas, havia a imagem áurea de um mar tímido, que azul espumava, com a onda branca; ao redor, golfinhos claros como prata varriam a água e cortavam os turbilhões do mar. No meio desse mar, a guerra do Ácio e a frota brônzea; todo o Leucates⁶² fervia em guerra e a água refletia o ouro das armaduras. De um lado, Augusto César, liderando os Ítalos na proélia, com os senadores e o povo, com os penates e os poderosos deuses, de pé em uma alta popa. Duplas flamas as têmporas lançam e sobre a cabeça, mostra-se a estrela paterna⁶³. Do outro lado, secundado pelos ventos e pelos deuses, o árduo Agripa lidera o exército orgulhoso pela insigne coroa rostrada de navios de guerra⁶⁴. Ali, com poder bárbaro e armas variadas, Antônio, vitorioso dos povos da Aurora e do litoral rubro, traz com ele o Egito, as forças do Oriente e a longínqua Bactria, seguido pela nefanda esposa egípcia. Todos, a um só tempo, a se precipitar, todo o mar, cortado pelos remos e pelos rostros tridentes, a espumar. Em direção ao alto mar dirigem-se; as Cíclades, arrancadas, parecendo flutuar no mar ou altos montes a se chocar com montanhas; em tão pesados navios, os homens instam nas popas turríferas. Com a mão, a flama de estopa é espargida, e o ferro volátil de dardos. Os campos de Netuno enrubrecem com nova matança. Em meio a isso tudo, está a rainha, que convoca o esquadrão com o sistro pátrio. Ela ainda não vira duas serpentes atrás, prenúncio da sua morte, haja vista ter a rainha se suicidado picada por uma serpente. Deuses monstruosos de todos os gêneros e o ladrador Anúbis, contra Netuno e Vênus, e contra Minerva as armas sustentam, isso o deus ferreiro também representa. Marte, gravado em ferro, enfurece-se, no meio da batalha, e as horrendas Fúrias do éter, e, com o manto

⁶² Promontório de Leucate, ao Sul da ilha de Leucádia, hoje capo Ducato.

⁶³ VIRGÍLIO. *Écloga IX*, v. 47: "Caesaris astrum" (Refere-se ao cometa que apareceu logo após a morte de Júlio César, tomado como sinal da sua deificação).

⁶⁴ A *corona navalis* (*tempora navali fulgent rostrata corona*, v. 684): coroa adornada com bicos de navios, era uma especial distinção conferida a Agripa.

rasgado, Discórdia, que Bellona segue com flagelo sanguíneo. Apolo Ácio, percebendo essas coisas, estendia, lá de cima, o arco. Todos, os Egípcios e os Indianos, todos os Árabes, todos os Sabeus voltavam as costas. A própria rainha era vista dar velas aos ventos convocados e lançar as frouxas amarras. No meio da matança, Vulcano (*ignipontens*) fizera a rainha pálida pela morte próxima, ser levada pelas ondas e pelo Iapix⁶⁵; além disso, defronte, o Nilo, com seu vasto corpo, aflito e mostrando as sinuosidades e com todo seu traje, chamando os vencidos para o regaço azul e para as correntes secretas. O deus coxo grava César, que adentra por tríplice triunfo às muralhas romanas e consagra aos deuses Ítalos voto imortal e, por toda cidade, trezentos templos máximos. As vias fremiam com a alegria, com os jogos e com os aplausos. Coro de mãos em todos os templos, e altares em todos havia. Diante dos altares, novilhos imolados juncavam a terra. Ele mesmo, sentando no níveo limiar do brilhante Apolo, examina os dons do povo e os prende aos soberbos portões. As gentes vencidas caminham em longa fileira, diferentes tanto no costume, quanto nas vestes e nas armas como também nas línguas. Representara os Lelegas e Caras, os Gelonos armados de flechas; o Eufrates correndo com ondas mais mansas, e os Morines, os mais afastados dentre os homens, e o Reno bicórneo, os indômitos Dahas, e Araxes, indignado em relação à ponte.

As cenas e os episódios gravados no escudo remetem a episódios referentes tanto à época mítica, quanto à Monarquia e à República. Eles estão dispostos na seguinte ordem:

- A descendência de Eneias e as guerras por ela promovidas que colaboraram para a expansão romana.
- A loba amamentando os gêmeos Rômulo e Remo.
- O rapto das sabinas e a guerra dos primeiros romanos (*romulides*) contra Tito Tácio, rei dos sabinos; a aliança estabelecida entre os dois povos após a guerra.
- Tullus Hostilius, terceiro rei de Roma, em sua quadriga, arrasta Mettius Fufetius, ditador de Alba Longa, por haver traído a aliança feita com os romanos.
- Porsena era rei da cidade etrusca de Clusio, quando o rei Tarquínio, o Soberbo, foi expulso de Roma. O fugitivo veio pedir-lhe asilo e Porsena aproveitou-se da ocasião para fazer guerra a Roma. Conforme a tradição, em 507 a.C., o rei etrusco cercou a cidade, e provavelmente teria obtido êxito, se Horacio Cocles

⁶⁵ Vento do mar Adriático.

não o tivesse impedido, defendendo a ponte pela qual o inimigo iria atravessar o rio Tibre. Desse episódio faz parte a história de Cloelia, a virgem romana prisioneira no acampamento real que conseguiu fugir, atravessando o Tibre a nado. Seu ato, símbolo de bravura, levou ao estabelecimento da paz entre etruscos e romanos.

- O romano que, quando os gauleses ocuparam Roma em 390 a.C., manteve a posse do Capitólio contra eles, era, segundo a tradição, Mânlio, despertado pelo grasnar dos gansos, repeliu um ataque noturno ao Capitólio e obrigou os gauleses a recuar tumultuadamente. Daí em diante a alimentação dos gansos sagrados, providenciada pelos censores, era paga pelo Tesouro romano, e um ganso paramentado suntuosamente era levado anualmente em procissão. Mais tarde, Mânlio intercedeu pelas classes mais pobres de Roma, reduzidas à penúria por uma lei severíssima sobre as dívidas. Essa atitude causou-lhe a acusação de estar tentando transformar-se em tirano; condenado à morte, Mânlio foi lançado do alto da Rocha Tarpeia.
- Os Sálios formavam um antigo colégio de doze sacerdotes de Marte, que anualmente no mês de março, vestindo um uniforme impressionante e usando chapéus cônicos altos, levavam os escudos sagrados [*ancilia*: segundo a lenda, um escudo (*ancile*) havia caído do céu em Roma durante o reinado de Numa Pompílio, segundo rei de Roma, e um oráculo proclamou que a sede do império se situaria onde o escudo estivesse. Diante disso, Numa ordenou a confecção de outros onze escudos semelhantes ao primeiro, de tal forma que um traidor desejoso de removê-lo não pudesse distinguir o escudo verdadeiro. Esses escudos eram guardados no templo de Marte, sob a custódia dos Sálios] em procissão anualmente em volta da cidade, percutindo-os com seus bastões, dançando e cantando hinos antigos e visitando muitos lugares.
- A região do Tártaro; a entrada para o reino de Dite (Plutão); e a região destinada aos criminosos nos Infernos, onde está Catilina, um patrício arruinado, pretor em 68 a.C. e governador da África no ano seguinte. Candidatou-se ao consulado em 64, mas foi derrotado. Catilina fugiu de Roma em 63 e foi derrotado e morto nas imediações de Pistoia em 62. Mais adiante, a região para os piedosos, onde se encontra Catão (234-140 a.C.), o Censor. Ele

dedicou-se à reforma da moral complacente da nobreza romana e a deter o avanço do luxo e da extravagância à simplicidade primitiva de um estado preponderantemente agrícola, e ele demonstrou uma independência e honestidade impávidas em seus ataques aos infratores poderosos da lei.

- A guerra em Ácio, em 31 a.C., em que Otávio, tendo Agripa no comando da sua tropa, saiu vencedor contra Marco Antônio, que teve por aliada Cleópatra, sua esposa e rainha do Egito.
- Em agosto de 29 a.C., Augusto celebrou o tríplice triunfo pela vitória em Dalmácia, em Ácio e em Alexandria.
- Uma ponte sobre o Araxes, construída por Alexandre, o Grande. Afundada por uma enxurrada, foi reconstruída por Augusto.

Eneias, sem conhecer os acontecimentos gravados no escudo, presente de sua mãe, alegra-se ao contemplar as imagens. Ele ergue o escudo sobre os seus ombros, sem saber que, simbolicamente, está carregando a fama e o destino dos seus descendentes (*miratur rerumque ignarus imagine gaudet / attollens umero famamque et fata nepotum.*). É relevante mencionar que Eneias levanta o escudo em prol da futura cidade nascente, garantindo assim o seu estabelecimento. Esse acontecimento está relacionado com as imagens gravadas no escudo, visto que os episódios nele representados dizem respeito a momentos cruciais dentro da história de Roma quanto à garantia da manutenção do *imperium romanum*. Dentre eles está a batalha em Ácio, em que Augusto César, tomando como pretexto para atacar Marco Antônio a defesa da *res publica*, derrota as forças inimigas, dando um grande passo rumo à conquista o poder. É clara a propaganda existente no poema quando, na descrição da batalha, o poeta faz referência ao símbolo da república romana, SPQR, Senatus Populusque Romanus:

Hinc Augustus agens Italos in proelia Caesar
Cum patribus populoque, penetibus et magnis dis
(**Eneida**, VI, 678-679)

Aqui, Augusto César, conduzindo os Ítalos através da batalha, com os pais e o povo, os penates e os grandes deuses;

É emblemática esta passagem da descrição do escudo, pois mostra Augusto à frente do povo itálico, conduzindo juntamente com os pais da pátria, que são os senadores, o próprio povo e os deuses pátrios, os penates, a defesa do *imperium*.

Eneias é o mito fundador de Roma. Em seu escudo, estão representadas cenas desde os primórdios da cidade até o nascimento e a expansão do Império Romano sob o poder de Augusto César. Nada mais significativo para traduzir essa ideia, do que a imagem de Eneias erguendo o escudo e colocando-o sobre o seu próprio ombro, denotando, nesse gesto, a assunção definitiva do seu papel como o pai da pátria, delegado a ele por seu pai Anquises, na descida aos Infernos, e confirmada por Júpiter, seu avô, na sua fala profética. Tendo em vista que o escudo carrega a representação do mundo - vejamos, por exemplo, o de Heraclés e o de Aquiles - é possível inferir que as imagens gravadas no escudo de Eneias representam também o mundo que, neste caso, trata-se de Roma. Dos cento e dois versos que descrevem o escudo, quarenta e cinco dizem respeito à batalha de Ácio, cuja vitória foi fundamental para a consagração do poder de Augusto, do mesmo modo que Eneias, após a guerra contra os latinos, firma-se como rei da região, mais especificamente de Lavínio, berço da futura Roma. Diante disso, fica clara a associação: o mundo é Roma, cujo maior representante é Augusto, o pai da pátria.

Na confecção das armas divinas, vestidas por Eneias para fazer valer a vontade de Júpiter, a fundação das bases do Império Romano, vemos, sobretudo nas cenas gravadas no escudo, a garantia da soberania e da glorificação dessa civilização e o completo triunfo de Eneias.

Os quatro momentos elencados acima, concernentes à confirmação do destino de Eneias, estão entrelaçados pelo fio condutor que os norteia dentro da narrativa. Esse fio condutor diz respeito ao caráter profético e proleptico dos episódios descritos em cada um deles, que denotam o triunfo de Roma e sua posição de senhora do mundo.

6. A *virtus* de Eneias

Eneias é descendente de deuses, é filho de Vênus e neto de Júpiter. Tem como missão fundar as bases de um grande império, para isso, precisará adquirir a *têmpera* através das vicissitudes enfrentadas durante sua errância, provando a sua *virtus*. Ele é comparado a um leão que na força confia, ao tentar proteger o corpo de Pândaro, morto por Diomedes,

comprovando a sua força física e destreza. E sua coragem o leva a enfrentar Aquiles. Assim, vemos que Eneias se enquadra no perfil do herói clássico, pois reúne todas as características a ele pertinentes.

A **Ilíada** fornece a **Eneida** o argumento sobre o qual o poema será construído (**Ilíada**, XX, 298-308). Eneias, prestes a enfrentar Aquiles em combate, é salvo por Posídon, apesar de o deus apoiar os gregos, pois sabe que a ele está destinada a perpetuação da raça troiana através da sua descendência. Foi escolhido por Zeus para essa missão por ter sido sempre reverente aos deuses, os quais o impelem a sair de Troia quando a cidade é incendiada.

Diante disso, fazemos uma análise acerca da *virtus* de Eneias, tomando como base de sustentação da nossa tese, a divisão binária acima proposta, considerando as diversas fases da narrativa.

A **Eneida** começa *in medias res*. Os troianos, perseguidos por Juno, são atingidos por uma tempestade que os desvia da rota, levando-os para Cartago. Já são passados sete anos desde que partiram de Troia. Nesta ocasião, já tendo vivenciado todas as provas necessárias ao seu burilamento para se tornar o pai da pátria, a destruição da cidade, a perda da esposa Creúsa, os anos de errância em busca de um novo lar, a perda do pai, Eneias está pronto para sofrer o rito de passagem e se tornar o mito fundador das bases de Roma. Antes, no entanto, ele, através da interferência da deusa Juno, é desviado de sua rota. Atingido por uma tempestade provocada por Éolo a pedido da deusa, irá parar nas terras cartaginesas, lá permanecendo por um ano.

A primeira fala de Eneias dentro do poema, ocorrida no momento de transição do personagem, põe em relevo a *virtus* do herói. Encontrando-se em meio à tormenta enviada pela deusa, ele deseja ter perecido nos campos troianos, sofrendo a ‘bela morte’ que lhe traria a glória pessoal:

«o terque quaterque beati,
quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis
contigit oppetere! o Danaum fortissime gentis
Tydide! mene Iliacis occumbere campis
non potuisse tuaque animam hanc effundere dextra,
saevus ubi Aeacidae telo iacet Hector, ubi ingens
Sarpedon, ubi tot Simois correpta sub undis
scuta virum galeasque et fortia corpora volvit!»
(**Eneida**, I, 94-101)

“ó três e quatro vezes felizes, aquele que alcançou morrer ante os olhos dos pais, sob as altas muralhas de Troia! Ó fortíssimo Tidida, da raça dos Dânaos! Não haver podido eu perecer nos campos Ilíacos e dispersar esta vida com tua destra, onde o impetuoso Heitor jaz pela lança do Eácida, onde (jaz) o ingente Sarpedão, onde o Simois volve tantos escudos tomados dos varões e capacetes e robustos corpos!”

Eneias remete a episódios concernentes ao contexto da guerra em Troia, todos tendo como tema central a exaltação da excelência guerreira. O primeiro diz respeito ao momento da ἀριστεία de Diomedes, em que Eneias, juntamente com Pândaro, enfrenta o filho de Tideu no campo de batalha. Pândaro sendo morto por Diomedes, Eneias defende o seu corpo, como um leão confiante na própria força. Nesta ocasião, o herói tem sua ἄρετή exaltada. Ele, no entanto, será ferido, mas é salvo por Afrodite, sua mãe (**Ilíada**, V, 239). A segunda referência é à ‘bela morte’ de Heitor e aos muitos heróis que sucumbiram nas plagas troianas. (**Ilíada**, XXII). A terceira remete à morte de Sarpedão, filho de Zeus com uma mortal, por Páris. Trata-se de um momento da narrativa em que ambos são exaltados, no que concerne a seu valor guerreiro. Sarpedão sofre a ‘bela morte’, e Páris tem sua honra enaltecida, vivendo os últimos instante áureos antes de ser morto por Heitor (**Ilíada**, VXi, 427-506).

Com o intuito de perceber melhor esse momento de transição do herói, analisemos o episódio seguinte, em que, já estando em terras cartaginesas, Eneias demonstra já haver se tornado o *Pater Aeneas*. Experimentado pelos revezes, ele se dirige aos seus companheiros que permaneceram com ele depois da tempestade, pois dos vinte navios partidos de Troia, apenas sete encontravam-se a salvo junto ao herói. Eneias tenta animá-los, remetendo à resistência, à força que demonstraram no decorrer da viagem, enfrentando os perigos e as adversidades sem se abater, e que assim permanecessem apesar das dificuldades, para dias mais favoráveis. Eneias, apesar de guardar no íntimo do peito o receio concernente à situação presente, mostra-se ativo e confiante, a fim de conservar a tranquilidade dos companheiros:

Talia voce refert curisque ingentibus aeger
spem vultu simulat, premit altum corde dolorem.
(**Eneida**, I, 208-209)

Refere tais palavras com a voz e aflito com os ingentes cuidados, simula
esperança no semblante, preme a grande dor no coração.

Permanecendo em Cartago há um ano e esquecido do seu destino, a Eneias Júpiter envia Mercúrio, a fim de adverti-lo quanto à necessidade de partir:

sed fore qui gravidam imperiis belloque frementem
 Italiam regeret, genus alto a sanguine Teucri
 proderet, ac totum sub leges mitteret orbem.
 (**Eneida**, IV, 229-231)

Mas ser aquele que governe a Itália, cheia de impérios e fremente com a guerra, prolongue a raça proveniente do alto sangue de Teucro, e submeta todo o orbe às leis.

O trecho acima diz respeito à fala de Júpiter a Mercúrio. Nela, vemos a ênfase dada pelo deus ao destino de Eneias, reinar sobre a Itália, cuja virtude repousa no poder bélico. Diante da aparição do deus, Eneias fica estupefato, e imediatamente providencia a partida. Ele, então, volta a Sicília, e lá, após um ano da morte de Anquises, providencia a sua divinização, o que homologa a função de *pater* por ele agora exercida.

Seguindo a ordem cronológica da narrativa, no momento anterior à fase do processo de transição do filho de Vênus, é apresentado um Eneias eminentemente troiano, cujo perfil condiz com as características próprias do herói homérico, que veste as armas com o intuito de, ao combater o inimigo, aumentar sua honra e sua glória pessoal. Este Eneias está presente, sobretudo, no livro dois do poema, mas também é possível percebê-lo no livro três. Diante disso, façamos uma análise dos referidos livros, voltada para a *virtus* do herói, a qual, neste contexto, exprime um valor individual.

Chegados a Cartago, Eneias e os troianos são acolhidos pela rainha Dido, que a eles oferece um banquete de boas vindas. Enlevada pela paixão que lhe acometera o coração, Dido pede ao hóspede que narre as vicissitudes pelas quais passou, desde a saída de Troia até a sua chegada ao reino púnico. Ele, então, discorre sobre o estratagema utilizado pelos gregos para conseguir introduzir o cavalo de madeira nas muralhas e atear fogo na cidade. Acordado no meio da noite pela sombra de Heitor, que lhe entrega os objetos sagrados e os Penates a fim de que busque um lugar para fundar um novo reino, estando a cidade tomada pelas chamas e totalmente invadida pelos gregos, Eneias impõe as armas e busca a ‘bela morte’:

arma amens capio; nec sat rationis in armis,
 sed glomerare manum bello et concurrere in arcem
 cum sociis ardent animi; furor iraque mentem
 praecipitat, pulchrumque mori succurrit in armis.
 (**Eneida**, II, 314-317)

Fora de mim, apanho as armas; sem um plano de ação, mas os ânimos ardem para reunir uma tropa para a guerra e para correr com os companheiros à cidadela. O furor e a ira precipitam a coragem, e morrer belamente em armas vem ao pensamento.

Trata-se de um ato impelido puramente pela *virtus* guerreira, na busca da realização de grandes feitos no momento extremo da vida, pois Eneias, mesmo consciente do abandono da cidade pelos deuses, não se esquivava da luta. Como um impulso natural, ele corre às armas, e sem temor, enfrenta os inimigos:

«iuvenes, fortissima frustra
pectora, si vobis audentem extrema cupido
certa sequi, quae sit rebus fortuna videtis:
excessere omnes adytis arisque relictis
di quibus imperium hoc steterat; succurritis urbi
incensae. moriamur et in media arma ruamus.
una salus victis nullam sperare salutem.»
(**Eneida**, II, 348-354)

“jovens, corações em vão fortíssimos, se a vós extremo desejo há certo a seguir um audaz, vede qual seja a fortuna das coisas: todos os deuses sobre os quais este império erguera-se saíram dos santuários e dos altares abandonados; socorreis a uma cidade em chama. Morramos e precipitemos para o meio das armas. A única salvação para os vencidos é esperar nenhuma salvação.”

Os versos acima seguem o momento em que Eneias encontra Panto, sacerdote de Apolo, em meio à confusão, que levando consigo seus objetos sagrados e seus deuses, tentava escapar do incêndio. Ele relata ao herói que a cidade foi tomada, e que os gregos, numerosos como no dia em que chegaram de Micenas, são senhores de Pérgamo. Então, levado pelas palavras do sacerdote, Eneias lança-se através das chamas, sustentando as armas, e corre para onde o tumulto é mais acirrado. Juntam-se a ele outros guerreiros, a quem o Anquisíada impulsiona a lutar, remetendo à bravura de seus corações. É possível inferir do trecho citado, que a *virtus* de Eneias, nesta ocasião, se sobrepõe a *pietas*, característica mais marcante do filho de Vênus, pois mesmo admitindo que todos os deuses abandonaram seus santuários e seus altares, logo, seria pela vontade deles que a cidade estaria sendo destruída, ele não aquiesce à fuga. O último verso – *una salus victis nullam sperare salutem* – marca bem essa ideia. As suas palavras inflamam de furor o coração dos guerreiros, ao ponto de ser

comparados a lobos predadores, premidos pela cruel fome, a se lançar nos covis no meio da escuridão, prontos a morrer, deixando os filhotes a esperar.

Grande é a batalha, os argivos massacram os troianos, que mesmo sendo trucidados, lutam bravamente. Em meio à luta, Vênus aparece a Eneias, a fim de persuadi-lo a ir embora – *eripe, nate, fugam finemque impone labori* (**Eneida**, II, 619): *empreende a fuga, filho, e impõe fim ao teu labor*. Ela desvenda-lhe a visão a fim de que perceba que Ilião está sendo destruída pela vontade dos deuses. Ele, então, vê Netuno abalando as muralhas, a feroz Juno escancarando as Portas Ceias para os outros argivos entrar, Minerva brandindo a égide de cima da cidadela, e o próprio Júpiter incentivando os dânaos a ir contra os dardânidas. Convencido por Vênus, Eneias vai rumo ao palácio de seu pai, que a princípio se recusa a deixar Troia, preferindo perecer com a cidade. Mas diante do prodígio enviado por Júpiter – os cabelos de Iulo pegam fogo – o ancião decide seguir o filho e abandonar Ilião.

Eneias e os troianos, havendo construído uma flotilha, partem de Antandro, praia próxima a Troia. Durante sete anos, guiados pelos oráculos de Apolo, erram em busca de terras onde possam fundar um novo reino. Nessa trajetória, Eneias prepara-se para ser o mito fundador anunciado ainda em Troia, no episódio do embate entre o Anquisíada e o Pelida, o que permite afirmar estar Eneias próximo ainda do personagem troiano.

A primeira tentativa de fundar uma cidade por Eneias acontece na Trácia, mas um mau presságio os expulsa da terra. Seguem para Delos, e lá ocorre o primeiro oráculo. Nele, Apolo revela o local para onde Eneias e seus companheiros deveriam se dirigir, a terra em que nasceu o primeiro ancestral. Ocorre um mal-entendido, e Anquises pensa ser Creta o lugar apontado, haja vista ser Teucro um dos pais da raça troiana. Entretanto, tratava-se da Itália, de onde provém Dárdano, o filho de Zeus e primeiro ancestral da linhagem. Estando em Creta, e já tendo começado a edificar a cidade, os troianos são acometidos por uma peste, que os obriga a sair da ilha. Pensando em voltar a Delos a fim de novamente consultar o oráculo, Eneias sonha com os Penates, que lhe esclarecem acerca das terras a ele prometidas:

nos te Dardania incensa tuaque arma secuti,
nos tumidum sub te permensi classibus aequor,
idem venturos tollemus in astra nepotes
imperiumque urbi dabimus. tu moenia magnis
magna para longumque fugae ne linque laborem.
(**Eneida**, III, 156-160)

A Dardânia queimada, nós te seguimos e as tuas armas, nós percorremos sob ti a planície intumescida, sobre os navios; do mesmo modo elevaremos aos astros os descendentes que hão de vir e daremos à cidade o império. Prepara, tu, grandes muralhas para coisas poderosas e não ceda ao longo labor da fuga.

Na base da fundação de toda cidade devem estar os Penates. Sem os deuses, não é possível a existência da cidade, pois não sendo sacralizada, não há como ser-lhe garantida a perenidade. Os Penates de Troia seguem Eneias, o mito fundador das bases de Roma, e suas armas, cujo valor visceral no cumprimento do destino do herói já foi discutido anteriormente. Nesse sentido, é possível perceber a *virtus* guerreira como valor basilar no papel de Eneias como mito fundador.

Após a *katábasis*, Eneias finalmente chega às terras a ele prometidas, porém, apesar de já ser o mito fundador, pois estabelece as primeiras fundações da cidade que por ele será erigida (**Eneida**, VII, 135-147), terá que provar sua *virtus* a fim de merecê-las. A função de Eneias como fundador também está refletida no episódio em que ele faz o passeio com o árcade Evandro, seu aliado na guerra contra os latinos, pelas plagas da futura Roma (**Eneida**, VIII, 306-369). Esse episódio é concomitante à feitura das armas divinas por Vulcano, e anterior a *aristeia* de Eneias, o que confirma o mito fundador e prenuncia o herói coletivo, o Eneias romano, que irá vestir as armas em prol da defesa dos seus e do cumprimento da missão a ele conferida pelo destino:

nec veni, nisi fata locum sedemque dedissent,
nec bellum cum gente gero; rex nostra reliquit
hospitia et Turni potius se credidit armis.
(**Eneida**, XI, 112-114)

Nem teria vindo, se os destinos não tivessem entregado a sede e o lugar, nem com a gente faço guerra; o rei abandonou nossa aliança e creditou-se, de preferência, às armas de Turno.

Os versos acima estão inseridos no episódio em que os latinos pedem trégua a Eneias a fim de enterrar seus mortos. Ele, então, responde que gostaria de ofertar a paz também aos vivos, mas a recusa dos latinos em aceitar sua amizade levou-os a tal guerra. O trecho evidencia bem os motivos que levaram Eneias a vestir as armas e a provar sua *virtus* no campo de batalha. Primeiramente, foi o destino que lhe atribuiu a missão de fundar as bases de um grande império. Foi ele também que estabeleceu onde esse império deveria ser

edificado. Além disso, a quebra da aliança estabelecida pelo rei Latino logo que o herói chegou ao Lácio, tudo isso conduziu Eneias a vestir as armas, ato aqui escido pelos deuses, e lutar contra os povos latinos. É neste momento que Eneias vivencia a sua *aristeia*. Secundado por Vênus, ele promove grande carnificina, tanto que é comparado a Sírrio, que traz aos mortais a sede e as doenças:

talía per campos edebat funera ductor
Dardanius torrentis aquae vel turbinis atri
more furens.
(**Eneida**, X, 602-604)

Tais mortes o comandante Dardânio produzia pelos campos, loucamente furioso conforme o costume de água torrente ou negro turbilhão.

Diante da ameaça troiana, os latinos dirigem-se ao reino de Diomedes a fim de pedir-lhe reforços para a guerra contra Eneias. Diomedes nega o pedido e diz ter todos os gregos que lutaram em Troia expiado seus crimes com suplícios abomináveis. Ele mesmo, que ousou, insensato, atacar com o ferro o corpo celestial e violar, ferindo a sua mão, a deusa Vênus (Ilíada, V, 336), em consequência do seu ato, era perseguido por prodígios horríveis. Seus companheiros, transformados em aves, vagueavam pelos rios. Diomedes, então, diz não querer mais lutar contra os troianos, e os presentes a ele levados, que os latinos oferecessem a Eneias. Lutara com ele, corpo a corpo, nas plagas troianas, e sabia quão grande era ele ao erguer o escudo e quão ferozmente brandia a lança:

quidquid apud durae cessatum est moenia Troiae,
Hectoris Aeneaeque manu victoria Graium
haesit et in decimum vestigia rettulit annum.
ambo animis, ambo insignes praestantibus armis,
hic pietate prior. coeant in foedera dextrae,
qua datur; ast armis concurrant arma cavete.
(**Eneida**, XI, 288-293)

Quanto se demorou junto às muralhas da dura Troia, a vitória dos Gregos tardou pela mão de Heitor e de Eneias e retrocedeu os passos para o décimo ano. Ambos nos ânimos, ambos nas armas prestantes, insignes, este o primeiro em piedade. As destros unam-se em aliança pelo meio que é dado; mas evitai as armas concorrerem com armas.

É interessante observar a oposta visão dada pelo poeta da **Eneida** daquela que é dada por Homero sobre o embate entre Diomedes e Eneias, ocorrido no episódio da ἀριστεία do filho

de Tideu (Ilíada, V, 297-310). Neste, ao ferir o troiano, e em seguida Vênus quando buscava proteger o filho, Diomedes tem a sua excelência guerreira enaltecida, e apesar de ser mostrada a força e a intrepidez de Eneias naquela circunstância, ele sai do recontro derrotado. No entanto, no contexto da **Eneida**, isto parece não ter importância, pois o que é colocado em evidência é a *virtus* guerreira de Eneias. Na realidade, a aparente derrota momentânea do troiano serviu para enaltecê-lo como exímio guerreiro, conforme afirma Diomedes – 'experto credite quantus in clipeum adsurgat, quo turbine torqueat hastam' (**Eneida**, XI, 283-284): 'sendo (eu) experto, crede quão grande ele eleva o escudo, e com que voragem vibra a hasta'. Aquilo que foi motivo de vanglória para o Troiano no momento do embate entre os dois heróis, passa a ser causa de grande infortúnio no presente contexto. Ir contra Eneias significou ir contra os deuses, e não pode haver ato mais ímpio cujas consequências são devastadoras.

O trecho acima reitera o porquê de Eneias ter sido o escolhido para dar continuidade à raça troiana. Ele sobrepuja em piedade, o que reforça a ideia de que a escolha se deu por conta da mácula existente no ramo de Heitor, que apesar de querido a Zeus por também ser piedoso, tem em seus ancestrais, Laomedonte e Príamo, a marca da impiedade. O primeiro ameaçou Apolo e Posidão depois que estes construíram a muralha de Troia e foram reivindicar o pagamento pela obra realizada. O segundo acolheu o próprio filho, Páris, após este ter quebrado os laços sagrados da hospitalidade junto ao rei de Esparta, Menelau, raptando, na sua ausência, sua esposa Helena. É importante frisar que Heitor, na Ilíada, é mostrado como sendo o baluarte dos troianos, no que diz respeito à força física e à coragem. Nesse sentido, Eneias é colocado no mesmo patamar – 'ambo animis, ambo insignes praestantibus armis' – mas, porém, por seu inigualável caráter piedoso, encontra-se em uma posição superior.

Informado acerca da recusa de Diomedes em auxiliar os latinos na guerra contra os troianos, o rei Latino sucumbe a grande dor. Reconhece que Eneias, manifestamente, é conduzido pelo poder divino, pois a ira dos deuses e as inúmeras mortes o advertem. O rei, finalmente, admite ter quebrado a aliança estabelecida com o herói no instante da sua chegada ao Lácio. Levado pelas lágrimas da esposa e pela ternura que sentia por Turno, ele violou os laços da religião e impôs armas ímpias.

A guerra continua. Em meio a luta, Eneias é ferido por Turno, mas Vênus, comovida com a dor do filho, cura seu ferimento. Recuperado, o herói se arma para a guerra novamente. Antes de voltar ao prélio, abraça Ascânio e dirige ao filho as seguintes palavras:

«disce, puer, virtutem ex me verumque laborem,
 fortunam ex aliis. nunc te mea dextera bello
 defensum dabit et magna inter praemia ducet.
 tu facito, mox cum matura adoleverit aetas,
 sis memor et te animo repetentem exempla tuorum
 et pater Aeneas et avunculus excitet Hector.»
 (**Eneida**, XII, 435-440)

«aprende de mim, filho, a virtude e o verdadeiro labor, de outros, a fortuna. Agora a minha destra te dará defesa na guerra e conduzirá entre grandes recompensas. Tu faze, logo quando a idade madura tiver brotado; e lembra os exemplos dos teus, tanto o pai Eneias quanto o tio materno Heitor te inflame repetindo no ânimo ».

Eneias deixa ao filho – que na realidade representa a sua descendência, aquela que irá dar existência a Roma – através do seu exemplo, o valor da *virtus* e do verdadeiro labor, que trarão ao império, cujas bases serão por ele edificadas, a soberania e a glória perenes. Ao aconselhá-lo a tomar como modelo não apenas ele, mas também o seu tio Heitor, Eneias confere à posteridade o valor da coletividade, refletido na defesa da pátria e no cumprimento das leis.

Após o retorno à guerra, ocorre o combate singular entre Eneias e Turno. Os dois heróis se enfrentam em luta acirrada, mas Eneias vence, e Turno morre sob o golpe fatal da sua espada.

Assim, seguindo a trajetória das ações do herói principal da **Eneida** no decurso da narrativa, podemos comprovar a sua excelência guerreira, como comprovamos anteriormente a excelência de Zeus, o primeiro herói. A excelência guerreira de Eneias tem, antes da sua 'bela morte' simbólica, um valor individual, na busca da glória pessoal, mas após o rito de passagem do filho de Anquises, exprime um sentido coletivo, haja vista ele vestir as armas em prol da defesa e para o bem do grupo e da futura civilização cujas bases foram por ele edificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A **Eneida** é um poema de exaltação a Roma, e conforme dissemos na introdução do presente trabalho, o texto é fonte inexaurível de pesquisa. Certamente, há muito mais a ser dito acerca desse universo abrangente e ao mesmo tempo específico que o poema aborda, entretanto, em relação à proposta apresentada, cremos haver cumprido a nossa tarefa.

A proposta do presente trabalho foi um estudo sobre a excelência guerreira do herói clássico. Delimitamos a **Eneida** como o *corpus* da nossa tese e tomamos como cerne da pesquisa a formação guerreira de Eneias. No entanto, para melhor compreender a trajetória percorrida pelo herói, fizemos uma análise acerca da formação de outros personagens, buscando mostrar as etapas constitutivas dessa formação, de modo a comprovar as ideias desenvolvidas acerca do protagonista da **Eneida**.

No primeiro capítulo, intitulado *O herói clássico*, traçamos o perfil do herói clássico, as características que o delineiam e o seu processo de formação, cujo fim é fazer que ele adquira a têmpera necessária para desempenhar a missão a qual está destinado. Os atributos do herói são basicamente a filiação divina, a força física, o tamanho descomunal e a intrepidez. Ele busca a imortalização através da realização de grandes feitos, de modo a servir de exemplo às gerações vindouras. Demos especial atenção ao estudo da *areté* grega e da *virtus* romana, haja vista representarem a essência do guerreiro. Ambos os vocábulos expressam a excelência guerreira do herói, entretanto, partem de uma origem diferente em se tratando do seu sentido etimológico. Vimos o papel decisivo desse valor na obtenção da 'bela morte', garantia de imortalidade para o herói. Mostramos como esse valor se caracteriza quando diz respeito ao herói individual, que veste as armas em busca da glória pessoal, e quando está relacionado ao herói coletivo, cujas armas são levantadas em defesa do grupo e da cidade. Vimos o que é a 'bela morte', como ela se caracteriza e o porquê dos heróis a procurarem. Morrer jovem, no campo de batalha, lutando com um adversário tão ou mais valoroso que ele próprio, e a ele ser conferidas as honras fúnebres, esse é o ideal do guerreiro, pois desse modo conquistará a imortalidade.

No segundo capítulo, *As armas do herói*, tratamos do valor das armas na vida do guerreiro. O ato ritualístico de vesti-las, garantem-lhe os atributos necessários para o enfrentamento do inimigo, tornando-se ele uno com elas. Elemento que fortalece a nossa argumentação são as armas sustentadas por ele, símbolo da sua excelência, que coaduna em si

valores como *kratos* (κράτος), *kudos* (κῦδος), *kleos* (κλέος), *time* (τιμη) e *areté* (ἀρετή), que põem em evidência a sua belicosidade e a sua virilidade, levando-os à conquista da glória imperecível. Dentre as armas está o escudo, peça mais importante da indumentária do guerreiro, visto que denota equilíbrio na batalha para aquele que a sustém. A partir da análise dessas características, demonstramos que Zeus é o herói divino, Heraclés, o herói divinizado, e Aquiles, o herói individual. Começamos a discussão transcorrendo sobre a fabricação do primeiro herói, Zeus, cuja *aristeia* é narrada na **Teogonia**, de Hesíodo. Trata-se, na realidade, de um canto às façanhas guerreiras do deus. Conseguimos comprovar essa ideia, encontrando no texto literário subsídios que sustentassem nossa argumentação. Zeus, ao nascer, sofre o rito iniciático de ser afastado do seio familiar. Depois ele é nutrido e cuidado a fim de ser preparado para o cumprimento da missão para a qual está destinado, fazer valer a justiça. Na Titanomaquia, guerra que acontece entre os Titãs e os Olímpios, Zeus tem a sua *aristeia*, momento áureo do guerreiro no campo de batalha, demonstrando ter a força, a intrepidez e a destreza próprias de um herói. Após provar ser excelente, Zeus obtém a consagração, sendo eleito pelas outras deidades pai dos deuses e dos homens. Assim como Zeus, outros grandes heróis também passaram por essas etapas, a saber, Heraclés e Aquiles. Desse modo, estabelecemos uma comparação entre esses personagens e Zeus, demonstrando que, de fato, ele é o primeiro herói.

No terceiro capítulo, *Eneias e a Eneida*, delineamos a trajetória de Eneias, comprovando ser ele o herói completo, pois coaduna em si todos os elementos necessários a essa condição, além de ser detentor da qualidade imprescindível ao guerreiro, a *virtus*. Ele, no entanto, é reverente aos deuses, pois sempre aquiesce à sua vontade, prova disso é a sua descida aos Infernos, ápice da *pietas* do herói. Vimos que Eneias é também o empreendedor, pois, lapidado pelos labores a ele imputados durante os dez anos de errância até chegar ao Lácio, tornou-se o mito fundador das bases de uma grande civilização, Roma. Leal à missão a ele conferida pelo destino, Eneias se mostrou detentor da *fides*, da fidelidade à justiça. Assim como os grandes heróis, ele também sofreu a 'bela morte', conquistando a imortalidade, prenuncio da perene glória e soberania de Roma.

Mostramos que a excelência guerreira do herói clássico, exprimido no mundo grego pela *areté*, e no mundo latino, pela *virtus*, está presente na figura de Eneias, e tem, dentro da narrativa da **Eneida**, um valor estrutural. Assim, concluímos nosso trabalho, tendo

comprovado a pertinência da *virtus* do herói na estrutura e no conteúdo do *corpus* proposto para a análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARNAOUTOGLU, Ilias. **Ancient greek laws**. London: Routledge, 1998.
- ARISTOTELE. **Poetica**. Introduzione di Franco Montanari. Milano: Oscar Mondadori, 2009.
- AUSTIN, R. G. **P. Vergil Marronis Aeneidos liber primus**. Oxford: Claredon Press, 1971.
- _____. **P. Vergili Maronis Aeneidos liber secundus**. Oxford: Claredon Press, 1964.
- _____. **P. Vergili Maronis Aeneidos liber quartus**. Oxford: Claredon Press, 1955.
- _____. **P. Vergili Maronis Aeneidos Liber Sextus**. Oxford: Claredon Press, 1977.
- BAILLY, Anatole. **Le grand Bailly: dictionnaire grec-français**. Paris: Hachette, 2000.
- BAUZÁ, Hugo Francisco. **Virgilio y su tiempo**. Madri: akai, 2008.
- BENVENISTE, Émile. **Le vocabulaire des institutions indo-européennes** (2. Pouvoir, droit, religion). Paris: Les Éditions de Minuit, 1969.
- BENARDETE, Seth. **Achilles and Hector, the homeric hero**. Indiana: St. Augustine's Press, 2005.
- BOAS, Henriette. Aeneas' arrival in Latium, observations on legends, history, religion, topography and related subjects in Vergil, Aeneid VII, 1-135. Amsterdam, 1938.
- BOYANCÉ, Pierre. **La religion de Virgile**. Paris: Presses University de France, 1963.
- CALLIMAQUE. "Hymne a Zeus". In: **Les origines - réponses aux telchines - élégies - épigrammes - iambes et pièces lyriques - hécélé - hymnes**. Paris: Les belles lettres, 2002.
- CÂNFORA, Luciano. **Júlio César: o ditador democrático**. Tradução Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CARANDINI, Andrea. **Roma: il primo giorno**. Milano: Editori Laterza, 2006.
- CARPONI, Jérôme. **Virgile et les origines d'Ostie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.
- CHAMPEAUX, Jacqueline. **La religione dei romani**. Traduzione di Graziella Zattoni Nesi. Bologna: Universale Paperbacks, 2002.
- CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots**. Paris: Klincksieck, 1999.
- CHRISTIE, John D. **P. Vergili Maronis Aeneidos Libri VII-VIII**. Glasgow : Oxford University Press, 1977.

- CLAUSEN, Wendell. **Virgil's Aeneid and the tradition of hellenistic poetry**. London: University of California Press, 1987.
- COULANGES, Fustel. **A cidade antiga**. Tradução Fernando de Aquias. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CUNLIFFE, Richard John. **A lexicon of the homeric dialect**. Norman: University of Oklahoma Press, 1963.
- DÉTIENNE, Marcel e VERNANT, Jean-Pierre. **Métis, as astúcias da inteligência**. Tradução Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus, 2008.
- DREW, D. L. **The allegory of the Aeneid**. Oxford: Basil Blackwell, 1927.
- DUMÉZIL, Georges. **Mythes et dieux des indo-européens**. Paris: Flammarion, 1992.
- ECK, Werner. **Augusto e il suo tempo**. Traduzione di Carla Salvaterra. Bologna: Universale Paperbacks, 2003.
- ERNOUT, Alfred & MEILLET, Alfred. **Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots**. Paris: Klincksieck, 2001.
- ESIOD. **Teogonia**. A cura di Graziano Arrighetti. Milano: RCS Libri, 2010.
- EVANS, Nancy. **Civic Rites: democracy and religion in ancient Athens**. Berkeley: University of California Press, 2010.
- GAFFIOT, Félix. **Le grand Gaffiot: dictionnaire latin-français**. Paris: Hachette, 2000.
- GLARE, P. G. W. **Oxford latin dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 2003.
- GRANSDEN, K. W. **Virgil's Iliad, an essay on epic narrative**. London: Cambridge University Press, 1984.
- _____ **Virgil: Aeneid Book VIII**. London: Cambridge University Press, 1976.
- GRIMAL, Pierre. **Virgile ou la seconde naissance de Rome**. Paris: Flammarion, 1985.
- _____ **A civilização romana**. Tradução de Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1988.
- _____ **A alma romana**. tradução Telma Costa. Lisboa: teorema, 1997.
- _____ **O século de Augusto**. Tradução Rui Miguel Oliveira Duarte. Lisboa: edições 70, 1992.
- _____ **O império romano**. Tradução Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: edições 70, 1993.

- _____. **Dicionário de mitologia grega e romana.** Tradução Victor Jabouille. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- GERNET, Louis. **Droit et institutions em Grèce antique.** Flammarion: Paris, 1982.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da Grécia.** 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1968.
- _____. **História de Roma.** 16 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1968.
- HARDIE, Philip. **Virgil's Aeneid: cosmos and imperium.** Oxford: Claredon Press, 2003.
- HARRISON, S. J. **Oxford Readings in Vergil's Aeneid.** Oxford: Oxford University Press, 1990.
- HARVEY, Paul. **Dicionário oxford de literatura clássica grega e latina.** Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- HESIOD. **Shield of Heracles.** In: Homeric Hymns Epic Cycle Homeric. Translated by Hugh G. Evelyn-White. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses.** Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- HOMER. **Iliad.** Translated by A. T. Murray. London: Harvard University Press, 2003.
- _____. **Odyssey.** Translated by A. T. Murray. London: Harvard University Press, 2002.
- HOMÈRE. **Hymnes;** texte établi et traduit par Jean Humbert. Paris : Les Belles Lettres, 1936.
- HOMERO. **Ilíada.** Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- _____. **Odisseia.** Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- HORNBLOWER, Simon and SPAWFORTH, Antony (orgs.): **The Oxford classical dictionary.** New York: Oxford University Press, 2003.
- HYGIN. **L'astronomie.** Texte établi et traduit par André Le Boeuffle. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- LYNE, R. O. A. M. **Further voices in Vergil's Aeneid.** Oxford: Claredon Press, 1987.
- JAEGER, Werner. **Paidéia, a formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LÍVIO, Tito. **História de Roma - livro I, a monarquia.** Tradução Mônica Costa Vitorino; introdução e notas Júlio Cesar Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.
- MACKAIL, J. E. **Virgil.** London: British Academy, 1931.
- MARQUES JR., Milton. **Honra, Glória, Destino e Piedade: introdução à Épica clássica.** In: Graphos, Revista da pós-graduação em Letras – UFPB, Vol. 9, Nº 2, 2007.
- MORKOT, Robert. **The Penguin historical Atlas of ancient Greece.** England: Penguin, 1996.

MOSSÉ, Claude. **O cidadão na Grécia antiga**. Lisboa: edições 70, 1993.

_____ **La Grèce ancienne**. Paris: Éditions du Seuil, 1986.

_____ **Péricles, o inventor da democracia**. Tradução]ao Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____ **Atenas: a história de uma democracia**. Tradução João Batista da Costa. 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

_____ **Dicionário da civilização grega**. Tradução Carlos Ramallete. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

NAGY, Gregory. **The best of the Achaeans: concepts of the hero in archaic greek poetry**. London: The Johns Hopkins University Press, 1999.

NAZARI, O. **Dialetto omerico: grammatica e vocabolario**. Torino: Loescher Editore, 2001.

OMERO. **Iliade**. Prefazione di Fausto Codino; versione di Rosa Calzecchi Onesti. Torino: Giulio Einaudi editore, 1990.

OTIS, Michael Ayrtton Brooks et alii. **Virgil**. Edited by D. R. Dudley. London: Routledge & Kegan Paul, 1960.

PEREIRA, Maria Helena Rocha. **Estudos de história da cultura clássica: cultura romana**. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

_____ **Estudos de história da cultura clássica: cultura grega**. 10 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

PERRET, Jacques. **Virgile, conaissance des lettres**. Paris: Hatier: 1965.

POSTIGLIONE, Anacleto. **Della bella morte, tra eroismo, onore, dignità: la libertà di morire nel mondo antico**. Milano: pillole BUR, 2008.

PRESCOTT, Henry W. **The development of Virgil's art**. New York: Russell & Russel, 1963.

PUTNAM, Michael C. J. **The poetry of the Aeneid, four studies in imaginative unity and design**. Cambridge: Harvard University Press, 1965.

_____ and FARRELL, Joseph. **A companion to Vergil's Aeneid and its tradition**. United Kingdom: Wiley-Blackwell: 2010.

_____ **Virgil's Aeneid interpretation and influence**. London: The University of North Carolina Press, 1995.

_____ **Virgil's Epic Designs, ekprasis in the Aeneid**. London: Yale University Press, 1998.

- RAND, Edward Kennard. **The magical art of Virgil**. Cambridge: Harvard University Press, 1931.
- REED, J. D. **Virgil's Gaze**. Oxford: Princeton University Press, 2007.
- ROUX, Patrick Le. **Império romano**. Tradução William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- SCARRE, Chris. **The penguin historical atlas of ancient Rome**. England: Penguin, 1995.
- SCOTT, R. and LIDDELL, H. G. **Greek-english lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- STARR, Chester G. **The ancient greeks**. New York: Oxford University Press, 1971.
- _____ **The ancient romans**. New York: Oxford University Press, 1971.
- _____ **The origins of greek civilization 1100-650 B.C.** London: W. W. Norton & Company, 1991.
- _____ **O nascimento da democracia ateniense: a assembléia no século V a. C.** São Paulo: Odysseus, 2005.
- STRAZZULLA, Maria José. **Il principato di Apollo: mito e propaganda nelle lastre "Campana" dal tempio di Apollo Palatino**. Roma: 'L'ERMA' di Bretschneider, 1990.
- VASCONCELOS, Paulo Sérgio de. **Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio**. São Paulo: Fapesp, 2001.
- VERNANT, Jean Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____ **Mito e sociedade na Grécia antiga**. Tradução Myriam Campello. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- _____ **As origens do pensamento grego**. Tradução Ísis Borges B. da Fonseca. 14 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- _____ **Mortals and immortals: collected essays**. Editor Froma I. Zeitlin. New Jersey, 1992.
- _____ e VIDAL-NAQUET, Pierre. **La Grèce ancienne: l'espace et le temps**. Paris: Éditions du Seuil, 1992.
- _____ **La Grèce ancienne: rites de passage et transgressions**. Paris: Éditions du Seuil, 1992.
- _____ **L'individu, la mort, l'amour**. Cambridge: Éditions Gallimard, 1989.
- _____ **Entre mito e política**. Tradução Cristina Murachco. 2 ed. São Paulo: edusp, 2002.

VERDENIUS, W. J. **Homer, the educator of the greeks**. London: North-Holland Publishing Company, 1970.

VIRGILE. **Énéide**. Édition bilingue, traduction du latin de André Bellessort, texte établi par Henri Goelzer. 7e. éd. Paris: Les Belles Lettres, 1952 (2 v.).

VIRGILE. **Énéide**. Tome I, II, III. Texte établi et traduit par Jacques Perret. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

VIRGÍLIO. **Eneida**; tradução de Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 2002.

WILLIAMS, Gordon. **Technique and Ideas in the Aeneid**. London: Yale University Press, 1983.

WILLIAMS, R. D. **Virgil**. Oxford: Claredon Press, 1967.

_____ **P. Vergili Maronis Aeneidos liber tertius**. Oxford: Claredon Press, 1962.

_____ **P. Vergili Maronis Aeneidos liber quintus**. Oxford: Claredon Press, 1960.